

Ela pensava não ter mais salvação.
E ele a resgataria da escuridão.

Capitu

U M R O M A N C E D E

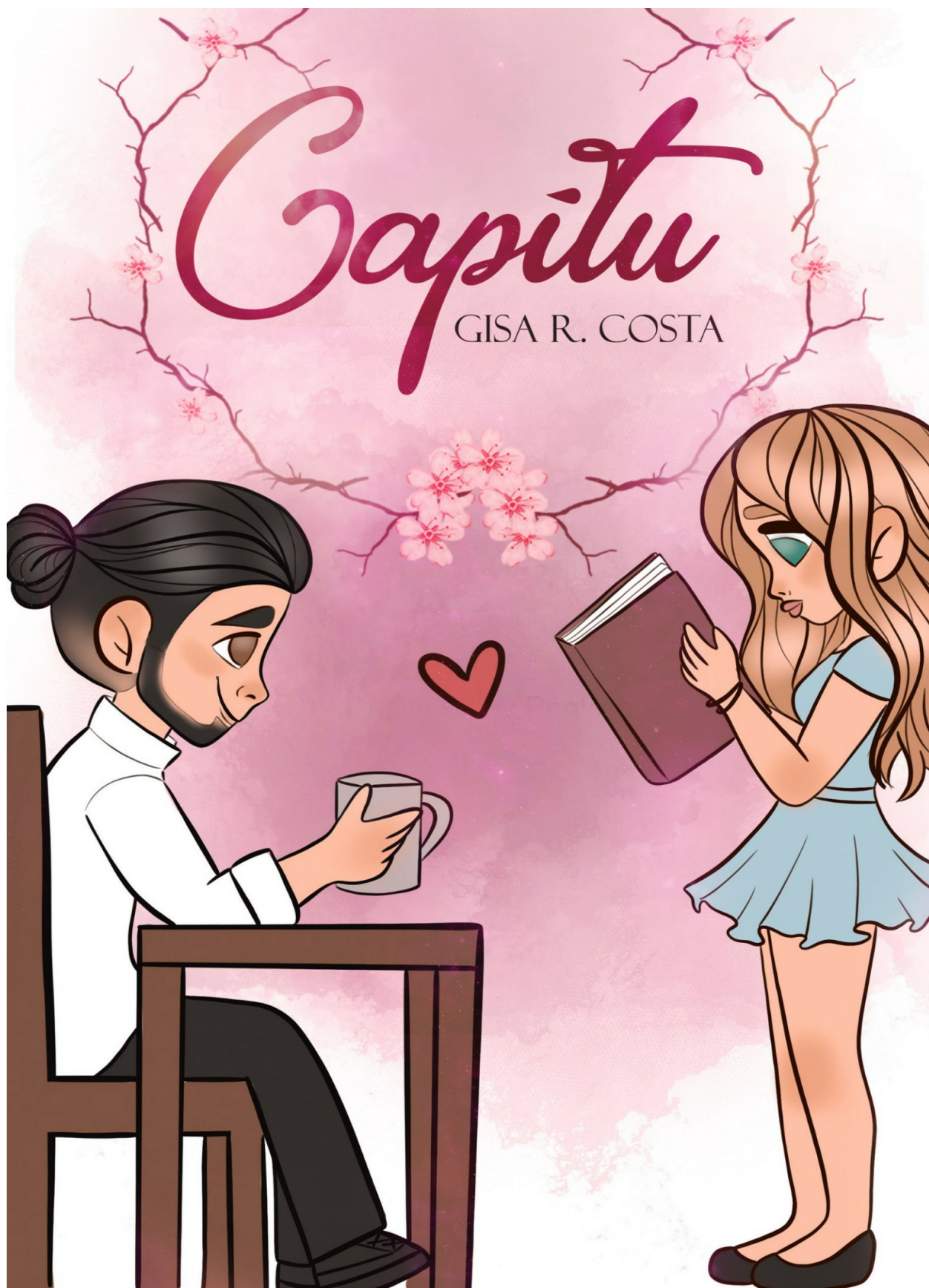
GISA R. COSTA





PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sinopse

Uma mente confusa, no corpo de uma jovem mulher de feições gentis e sorriso doce, que esconde em seu íntimo uma dor profunda. Romântica, Capitu procura um amor igual ao das páginas dos romances que devora, mas falha em sua busca.

Abandonada em um momento difícil e infeliz, ela não vê mais solução para sua vida e toma uma atitude drástica que mudará seu destino para PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre.

Tiberius é um homem de várias facetas, um leitor de romances inveterado, que tem a vida bem arquitetada e minuciosamente planejada. Médico dedicado, vai precisar pôr todo o seu conhecimento à prova para ajudar Capitu, a mulher que serpenteava seus sonhos, morava em seus pensamentos.

Dois caminhos diferentes, que se cruzam por acaso. Duas almas quebradas, mas que juntas encontram um no outro a sua redenção...

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019. Gisa R. Costa

Capa: Jéssica Macedo

Revisão: Wânia Araújo & Daniela Vazzoler

Diagramação Digital: April Kroes

Todos os direitos reservados.

A reprodução, transmissão ou distribuição não autorizada de qualquer parte deste trabalho protegido por direitos autorais é ilegal. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, sem a permissão dos detentores dos copyrights.

Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo

PERIGOSAS NACIONAIS

Ortográfico.

Produzido no Brasil.

PERIGOSAS ACHERON

Sumário

[Introdução](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Epílogo](#)

[Playlist](#)

[Agradecimentos](#)

[Próximo Livro](#)

[Sobre a Autora](#)

Dedicatória

Dedico a você, mãe e amiga, esta conquista. Sem a senhora, nada seria possível. És meu exemplo de força e índole, foi a senhora quem me forjou a ferro e fogo, às vezes com paciência, outras nem tanto, mas sempre com muito amor. Eu a amo, e nunca me cansarei de recitar esse amor, que é o que há de mais puro em mim. Obrigada por tudo mãe... meu grande amor.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Introdução

Essa foi uma história criada para ajudar a iniciativa setembro amarelo, com a intenção de lembrar você, leitor, que este não é um tema para ser refletido apenas em setembro, e sim em todos os dias do ano. Também foi escrita com o intuito de auxiliar, nem que seja um pouquinho, milhares de pessoas e famílias que sofrem com a dor de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

doenças silenciosas, autodestrutivas e as perdas incomensuráveis que o suicídio nos traz.

Essa triste realidade vem arrebatando mais de 11 mil pessoas por ano, seja por querer fugir desse mundo em decadência, seja por desilusões, ou doenças emocionais e psíquicas. Tudo isso pode levar o indivíduo a tentar ceifar a própria vida, na ilusão de acabar com todo o sofrimento que se torna insuportável a cada novo dia, a cada novo alvorecer.

Pensando nisso, me vi desenvolvendo uma ideia que foi crescendo cada vez mais e mais, tomando conta de mim. Por isso, decidi fazer um romance em alusão ao setembro amarelo para que possamos trazê-lo para o nosso cotidiano e enxergar a dor do ser humano ao nosso lado.

A história que vai se desenvolver se trata de uma mulher que se vê presa em uma redoma de sentimentos, traição e abandono e que se descobre refém do Transtorno de Personalidade Limítrofe, também conhecida como Síndrome de Borderline. É a partir daí que vamos acompanhar todo o sofrimento, confusão e desespero da nossa personagem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Teremos aqui cenas fortes que podem causar desconfortos, deixando claro esse não é o intuito do livro. O principal objetivo é mostrar que sempre temos de lutar por uma saída, buscar a luz, a fé e a esperança de dias melhores, de um mundo melhor. Portanto, aconselho que abra seu coração e se livre de dogmas para que possa entender a complexidade do que aqui será relatado e que tenha, acima de tudo, empatia com a personagem. Pois se seu coração não estiver aberto a entender, compreender e ajudar, aconselho que não o leia.

Enfim, espero que acompanhem a história e seu desenrolar, assim como espero que gostem, pois, aqui, iremos desenvolver uma história de superação, recomeço e claro, um lindo e único romance...

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

“Abandono... para alguns pode não fazer um estrago tão monumental, mas para outros, pode de fato criar uma espécie de buraco negro no coração do indivíduo, levando-o a uma vida de inseguranças, medos e aflições...”

— Mamãe! — A menina franzina chamou a atenção da mulher de pele clara e olhos tão verdes quanto os seus, enquanto a matriarca fingiu não ouvir e pegou algumas peças no guarda-roupa, enfiando-as na mala sobre a cama. — Mamãe, aonde vamos?

Não, a menina não sabia, mas não iria a lugar algum, não naquele dia ou em outro próximo. Darla continuou o que estava fazendo, ignorando a garotinha de olhos grandes que a assistia ainda próximo à porta do quarto do casal, segurando um urso velho preto em suas mãos.

Capitu se aproximou da cama, vendo a mãe colocar roupas dentro de uma mala vermelha apressadamente, mal notando a criança de sete anos ao seu lado.

— Não mexa em nada, garota! — ralhou, ao ver a menina alisar uma peça de cetim dentro da mala.

— É pra eu arrumar as minhas coisas, mamãe? Vamos viajar? — A voz infantil se fez ouvir mais uma vez, porém, com certa hesitação.

— Não, Capitu, não é pra arrumar nada!

— Mas a senhora...

Darla perdeu a paciência com a filha e segurou o pequeno braço de Capitu, aproximando seu rosto da criança. O grande hematoma no olho esquerdo da mulher ficou evidente e a menina notou o machucado, arregalando ainda mais os olhos no rosto magro.

— Para de falar, só para, tá legal? — disse, com a voz alterada e sentiu os dedos leves da filha percorrerem sua face direita, que permanecia intacta.

— Ele fez de novo, mamãe?

A voz doce, chorosa pelo que a mãe vinha sofrendo, chegou aos ouvidos de Darla, mas não a comoveu.

— Vá brincar, Capitu — disse, ríspida, largando o braço da menina.

Capitu não entendia bem, mas sabia o que seu pai fazia com sua mãe quando achava que ela estava dormindo. Chegou a presenciar algumas vezes tal ato abominável, que a fazia se encolher em um canto e chorar por causa de todas aquelas

PERIGOSAS ACHERON

atrocidades. Ela amava aquela mulher, mesmo sendo uma mãe omissa, sem carinho ou amor pela pequena criatura de olhos esmeralda.

De alguma forma deturpada, Darla culpava a filha por estar naquela situação, presa àquele casamento, afinal, foi por conta da gravidez que se casara com Adriano, pai de Capitu. Uma pena, a menina nada mais era do que uma vítima de toda aquela situação, de toda a violência e descaso humano.

Obedecendo, a menina saiu do quarto e foi ligar a TV. Sentou-se no sofá, vestindo apenas um baby-doll dos *Bananas de Pijamas*, desenho que ela amava e se entreteve com o *Pica-Pau*. Pouco tempo depois, viu a mãe sair do quarto com pressa em seu andar e ficou apreensiva.

Darla não esperava que Capitu acordasse cedo naquele dia, por isso acreditava que sairia sem ser vista por ninguém. Para sua infelicidade, isso não aconteceu e agora se encontrava em apuros. Aproximou-se da menina, agachou-se à sua frente, segurando o rosto da criança.

— Preste atenção no que direi, Capitu — disse, vendo os olhos da menina se encherem de

PERIGOSAS ACHERON

lágrimas, de alguma forma já prevendo o que viria. Algo estava muito errado naquela manhã. — Estou saindo, e quando seu pai chegar e perguntar por mim, diga que não sabe, que quando acordou, eu já tinha ido.

— Mas... a senhora não vai me levar?

Darla negou, sentindo, por um breve momento, remorso em seu duro coração e a menina insistiu:

— Mamãe, quem vai cuidar de mim?

— Preste atenção garota, e não faça drama. Você já é grande o suficiente para entender. Quando Adriano perguntar por mim, você dirá que, quando acordou, eu já não estava em casa e que não sabe pra onde fui.

— Vai me deixar aqui com ele? — A essa altura as lágrimas já começavam a descer em abundância pelo rosto infantil. — Não me deixa aqui, mamãe, por favor, não me deixa aqui com ele. Eu prometo me comportar, mamãe, por favor me leva. —

Mas súplicas nada adiantaram e Darla se levantou sem se despedir, sem um beijo ou uma

palavra de afeto para a filha. Sem doar nada para aquele pequeno ser que ela mesma havia gerado e, por duas vezes, tentado abortar durante os longos meses de gestação. A menina viu com terror a mãe pegar a mala e ir em direção à porta. O desespero a tomou e ela se levantou do sofá, jogando o urso ao chão e atirando-se aos pés de sua mãe. A menina abraçou suas pernas da mulher, tentando impedi-la de ir adiante.

— Por favor, mamãe, por favor me leva. Eu não quero ficar com ele, por favor, mamãe. O papai não gosta de mim, me leva, mamãe, me leva! — disse, entre soluços desesperados, de dar pena em qualquer ser humano com um pingo de amor possível no coração.

Darla soltou a bolsa e se agachou, arrancando a garota grudada em suas pernas com brutalidade e deixando-a sentada no chão.

— Me solta, Capitu! Droga. Você foi a pior coisa que me aconteceu, a culpa disso tudo é sua, só sua, garota! Não a quero comigo, não quero nada que me lembre dessa vida.

Dizendo isso, a mulher saiu pela porta com rapidez, enquanto ouvia gritos desesperados

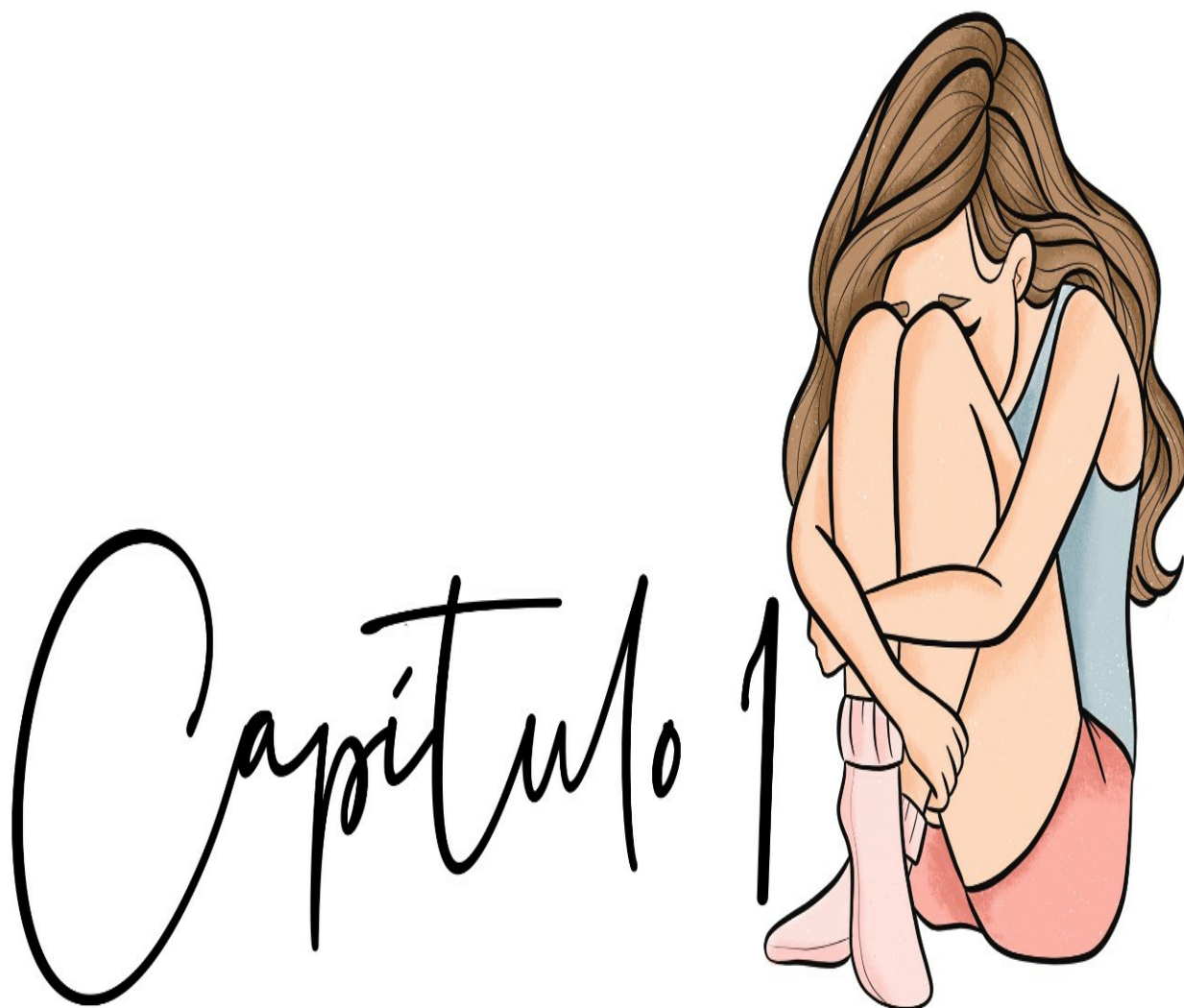
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chamando-a, e mãos pequenas batendo na madeira, tentando inutilmente abrir a porta. O choro infantil ecoou por todos os lugares enquanto uma grossa chuva começava a cair, mas Darla não parou, apenas seguiu seu caminho sem olhar para trás.

Incrivelmente, se sentia feliz por, enfim, se livrar de pai e filha...

PERIGOSAS ACHERON



*“Emoções... Qual sentir primeiro? Qual
deixar aflorar?
Qual controlar? Talvez o indivíduo em questão
não consiga diferir
uma da outra. Nesse caso, tal ser humano tende a*

PERIGOSAS ACHERON

*deixar todas
as emoções virem à tona, sendo levado a um poço
sem fundo, escuro e sem saída...”*

Assim foi para Capitu. Não a Capitu do nosso querido Bentinho, não essa. Mas a nossa Capitu esperta e amável que, até então, se considerava uma pessoa comum, invisível aos olhos dos outros. Se bem que de certa forma ela era. Neste mundo decadente em que vivemos, todos acabam sendo invisíveis de alguma forma, em algum momento, certo?

Em tempos de crise, essa invisibilidade era de grande valia, mas em outros momentos, isso era o inferno na Terra, em vida. Ah, se ela soubesse o que a esperava... ah, se ela soubesse o quanto sofreria. Talvez não tivesse entregado seu coração, seu amor e sua alma. Pois guardem o que irei lhes dizer: pessoas vazias não merecem seu coração, porque elas mesmas não possuem um.

Pessoas sem alma não merecem ser amadas, não merecem paixão. Afinal, não retribuirão e como poderiam? Eles não sabem o que é amar e,
PERIGOSAS ACHERON

consequentemente, acabam magoando, contaminando quem se propôs a lhes dar, afeto e carinho. Não há redenção para quem não sabe o que é esse sentimento único, raro, arrebatador. Não há salvação para quem não quer amar e nunca haverá, pois precisariam de um coração para tal façanha...



Capitu se encontrava na sala, abraçando seu corpo magro, em meio a pensamentos distintos. Perguntava onde Lucas, seu noivo, estaria às três horas da madrugada. A preocupação já tomava conta dela por causa da falta de contato. Aquela angústia já conhecida, uma inquietação sem tamanho, uma solidão descabida martelando em seu peito.

Tudo para Capitu girava em torno de sensações. Às vezes, chegava a se perguntar o porquê de todos os seus sentimentos serem vividos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com tanta violência, com tanta intensidade. E sempre abandonava esse pensamento, tentando se convencer de que era apenas um destes seres humanos intensos, plenos. Mas, no fundo, sabia que havia algo errado consigo.

Nesse momento, ela ouviu, no pequeno apartamento onde o casal morava, a chave rodar na fechadura. Um homem de estatura média, corpo esguio, cabelos e olhos escuros, vestindo um paletó amassado, entrou no apartamento com passos desordenados, completamente desalinhado. A mulher, ao vê-lo, correu e se jogou em seus braços, sentindo o alívio tomar seu corpo desde o mindinho do pé até a pontas dos cabelos. Ele estava ali, Lucas tinha voltado para casa são e salvo e aquilo lhe bastava.

Mas, logo que essa constatação veio, Capitu sentiu um cheiro diferente invadir suas narinas, um odor adocicado. Cheiro esse que não era o perfume extremamente masculino do homem à sua frente. Capitu se afastou dele, já sentindo a raiva invadir seu corpo centímetro por centímetro, camada por camada. Pois era assim que se sentia, feita de camadas.

PERIGOSAS ACHERON

Os pensamentos iam se tornando nublados, os nervos saltavam conforme seus neurônios começavam a trabalhar, formando conjecturas e imagens perturbadoras, o ciúme controlando-a. Aquilo não era justo, não podia estar acontecendo, não com Capitu.

— Onde estava, Lucas? — indagou, mas o noivo não parecia interessado no que a mulher tinha a falar.

Ele a deixou onde estava, próximo à porta, e caminhou lentamente, dando passadas tortas pelo meio da sala, em direção ao quarto.

— Estava em um *happy hour*, Cá. Amanhã conversamos melhor, vá dormir e me deixe dormir também. — Mesmo com a voz arrastada, era possível perceber a sua determinação em fugir de qualquer conversa.

Porém, ela não estranhou a falta de atenção de Lucas, mesmo após chegar bêbado e tarde da noite em casa, nem o perfume adocicado, que já tinha sentido em suas roupas outras vezes. A parte esquisita foi o homem se dirigir ao quarto de hóspedes para dormir e não ao quarto do casal, como era esperado. E, antes que ela pudesse tomar

PERIGOSAS ACHERON

satisfação com o noivo, ele fechou a porta do quarto, deixando-a parada no mesmo lugar, sem saber o que fazer, pensar ou mesmo sentir.

A pobre mulher sentiu um turbilhão dentro de si que não conseguia explicar. Era sempre assim, uma confusão, um emaranhado de sensações e emoções desconhecidas, inexplicáveis. Levou as mãos à cabeça, a fim de controlar os pensamentos que a perturbavam, como se o ato pudesse ajudá-la a colocá-los no lugar. Naquele dia em especial, ela tinha amanhecido bem, como há muito não acontecia. Tinha levantado de bom humor, bem-disposta, alegre, satisfeita e agora se sentia nublada, na mais repleta escuridão.

Ela não queria chorar, mas seu esforço foi em vão. As lágrimas banhavam seu rosto com tamanha abundância que a surpreendiam, querendo expor o desespero que crescia sem controle em seu interior. Se fosse honesta consigo mesma, Capitu já teria admitido o que estava acontecendo, teria aceitado que não era normal um homem chegar tarde da noite, quase todos os dias da semana, fedendo a álcool e mulher. E diria também que esse homem já não lhe pertencia. O problema é que ela não tinha

coragem e o medo de um possível abandono desabou em cheio sobre sua cabeça, já cheia de pensamentos errôneos.

Abandono. Palavra que lhe trazia calafrios e lembranças nada boas, além de sentimentos pouco ortodoxos.

Abandono. Palavra que a arremetia ainda mais na escuridão, no passado.

Naquele momento ela só queria dormir, se esquecer de tudo, se esconder da realidade que a assolava. Mas sabia que não conseguiria. Deste modo, recorreu mais uma vez aos remédios para que conseguisse relaxar e descansar. Remédios que, em momento algum, foram receitados por um médico e como poderiam? A mulher simplesmente tinha trauma de médicos e hospitais. Esse trauma estava ligado às lembranças de quando o pai alcoólatra chegava em casa e, ainda vestindo a roupa branca, lhe batia. E se lembrar disso era difícil para Capitu, ainda mais naquele momento em especial.

Sem mais opções e com os nervos à flor da pele, Capitu se trancou em seu quarto, não demorando dez minutos sequer para apagar de vez,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda em meio ao choro. Ela queria ser uma daquelas mulheres fortes, que ia tirar satisfações e acabava colocando tudo em pratos limpos. Mas não era, não mesmo...



No dia seguinte, ao se levantar, Lucas bateu na porta do quarto do casal e nem ao menos foi ouvido. Não pensem que o interesse dele era conversar com a, até então, sua noiva. Longe disso. Ele só queria pegar seu terno, mas ficava difícil com a porta do quarto trancada e Capitu apagada. Pensou por um momento e se lembrou de que ela sempre guardava as roupas que julgava velhas no quarto que ele havia dormido. Assim, depois que tomou banho, foi até o cômodo e achou uma roupa que serviria. Logo depois, Lucas saiu do apartamento mordendo uma maçã, enquanto se deliciava com os pensamentos da aventura de noite de ontem, acompanhado de uma colega de trabalho.

PERIGOSAS ACHERON

O tolo chegou a sorrir sozinho, descendo as escadas do prédio, sorrateiro, sem se abalar, sem remorsos.

Enquanto isso, no apartamento silencioso, Capitu levantou-se de um salto e correu para o quarto de hóspedes em busca de seu futuro marido. Mas nada encontrou, se não a cama bagunçada, com a toalha molhada em cima do colchão e roupas espalhadas pelo quarto. Ah, como ela se odiou naquele momento. Poderia ter diminuído a dose do remédio para, assim, conseguir acordar mais cedo que Lucas e então conversar com ele.

Recriminando-se, ela foi até as roupas jogadas no canto do quarto e pegou o paletó. Era muita loucura e humilhação, mas não se segurou e levou a roupa ao nariz, cheirando-a. Sentiu náuseas de imediato, nojo e uma raiva cega misturando-se dentro de si devido ao ciúme.

Voltou ao seu quarto, sentindo o peito apertado e tomou banho, o tempo todo com os pensamentos em Lucas. Iria conversar com ele, perguntar o que vinha acontecendo, dar a chance de ele se redimir para voltarem a ser como antes. Sim, estava decidida do que faria e tudo daria certo, eles ficariam bem. Tentou se convencer desse

PERIGOSAS NACIONAIS

pensamento e acalmar seu coração e mente, como se fosse possível.

Preparou-se então, como sempre, para fazer seu ritual matinal. Nunca foi de sair muito de casa, mas gostava de tomar um bom café na *Fumaça na Xicara*, a cafeteria em frente ao parque, que pertencia à sua prima, a quem considerava como irmã. Gostava de saborear seu café, enquanto lia um de seus inúmeros romances de época e olhava as pessoas passearem de lá para cá nas calçadas. Umas andando apressadas para o trabalho, outras fazendo uma caminhada e até mesmo as mães, dando um banho de sol em seus pequeninos. Embora se sentisse um caco de pessoa, ela iria mesmo assim, pois aquilo a acalmava de alguma forma.

Já havia chamado Lucas inúmeras vezes para acompanhá-la, quem sabe uma caminhada a dois pela manhã, mas ele sempre dizia a mesma coisa: *que não tinha paciência para aquele tipo de passatempo, que era perda de tempo*. Aquilo a machucava, mas, com o tempo aprendeu a não mais tocar no assunto e, assim, evitar se magoar por causa da falta de interesse do noivo.

PERIGOSAS ACHERON

Por um pequeno momento que nem soube o porquê, se lembrou de sua visita à psicóloga. Foi quando vinha tendo insônias há algum tempo e andava ansiosa demais, por isso achou que conversar sobre seus anseios e pensamentos mais secretos a acalmaria. Assim o fez em uma manhã de sábado chuvoso. Chegando ao consultório, a psicóloga em questão fez algumas perguntas, observando-a por tempo demais e anotando tudo o que era dito.

Aquilo começou a incomodá-la, e no fim do encontro, a psicóloga cismou em encaminhá-la para uma consulta com um psiquiatra e Capitu recusou de imediato, alegando não ser louca, pois mantinha a crença de que psiquiatras eram médicos de malucos. Ilusão, disse todos sabemos. Tudo só resultou em uma ira mal contida e 250 reais jogados no lixo, segundo a própria Capitu. Foi aí que decidiu se automedicar e conseguiu dormir como uma pedra, livrando-se de alguns demônios durante a noite.

Após um bom banho, Capitu saiu do banheiro e procurou uma roupa confortável para vestir. Decidiu-se por uma calça de montaria preta, com

uma camiseta rosa de mangas curtas e sapatilhas. Passou apenas seu creme hidratante favorito de macadâmia, pegou seu livro no criado mudo, sua bolsa e saiu de casa rumo ao café. Era apenas uma pequena caminhada de dez minutos, nada demais.

Antes de chegar, já notou que o lugar estava lotado e avistou Carolina, sua prima, na porta da frente do local. Carol sorriu como sempre fazia e notou as olheiras profundas no rosto da pequena mulher quando ela se aproximou o suficiente. E Capitu viu o sorriso da prima morrer aos poucos, dando lugar à preocupação costumeira.

— Cá! Estou guardando um lugar para ti, criatura. Hoje você demorou, estou reservando a única mesa vazia até o momento — falou, abraçando-a apertado.

Carolina parecia uma modelo de capa de revista. Alta, magra, de pele perfeitamente bronzeada e, ainda por cima, loira. Capitu sempre se perguntou por que a genética não foi tão boa com ela quanto foi com a prima, já que se achava comum, sem sal, como já dizia sua tia. Ao contrário da prima, a pequena mulher tinha a pele bem alva, cabelos castanho-claros abaixo dos ombros e sofreu

bastante com o sobrepeso quando jovem, ainda mais por ser baixinha.

— Me desculpa, Carolzita, é que dormi demais.

— Se dormiu tanto, por que essas olheiras aí, hein? O que o traste do Lucas aprontou dessa vez?

Capitu rolou os olhos, em uma expressão de desdém diante do comentário da prima, sem querer compartilhar todas as suas desconfianças e aflições.

— Só perdi o sono e por isso dormi demais essa manhã. Cadê minha mesa?

— É a mesma de sempre, pode ir que já peço pra Jane levar seu pedido.

Capitu ia seguindo em direção à mesa, quando se lembrou de algo e parou.

— Hoje vou mudar. Quero um bom chocolate quente, Carol. Está um pouco frio.

Ela viu Carolina lhe sorrir e voltou a caminhar em direção à mesa. O local era delicioso, aberto, com uma estrutura predominantemente de madeira e bem arejado. A decoração era feminina, com mesinhas de madeira branca dispostas no deck, à

frente do local. O sonho de Carolina realizado, pensou Capitu.

Logo que se sentou à mesa, abriu o livro que trouxera na bolsa, que naquele dia se tratava de *Ligeiramente Perigosos*, de Mary Balogh. Era apaixonada por aquele romance da série em especial, que contava a história de um duque orgulhoso e uma viúva convicta e já era a terceira vez que o lia.

Mas, naquela manhã, nem mesmo o duque de Bewcastle estava conseguindo capitar a atenção de Capitu. Na verdade, achava que nem mesmo Mr. Darcy seria capaz de tal proeza. Seus pensamentos e receios eram todos de Lucas.

— Com licença!

Capitu se assustou com a voz grossa atrás de si e, quando se virou, o susto apenas cresceu.

— Eu cheguei há pouco — o homem continuou. — Não tem mesa vazia no local como pode ver e gostaria de dividir essa com você, se me permitir.

Por um momento, Capitu duvidou daquilo e deu uma rápida olhada no local, dando-se conta de

que o estranho dizia a verdade. Só lhe faltava essa...

O homem, que permanecia em pé, tinha um sorriso de lado singelo no rosto, que o deixava bonito e parecia... nervoso. Um porte alto, um pouco mais forte que Lucas e muito bonito. Ela se deu conta de que já deveria estar a tempo demais encarando o homem e, sem demora, direcionou sua atenção de volta ao livro e se fez ouvir.

— Claro, fique à vontade.

Pensou em se levantar e sair dali, tomar seu café lá dentro, no balcão, mas o estranho foi tão educado, não é mesmo? Então, por que não?

Não o olhou de volta depois desse momento e se forçou a ler. Ela adorava a passagem em questão, era o momento em que o duque, tão desajeitado e cheio de si, tentava demonstrar seus anseios e sentimentos para a viúva de bom coração. Porém, Capitu não conseguia prestar atenção no livro, ainda mais quando se sentia observada daquela forma. Ela, então, desistiu de continuar sua leitura por ora e fitou o estranho, que estava bem despreocupado à sua frente, sentado com uma perna sobre o joelho e os braços cruzados em frente ao peito.

Se fosse sincera, chamá-lo de bonito tinha sido um eufemismo, pois, na verdade, ele era lindo. O homem era alto, de corpo forte, imponente. Um rosto quadrado que lhe conferia um ar de virilidade e masculinidade, os cabelos eram escuros e um pouco compridos. Não saberia dizer o tamanho, pois os fios permaneciam presos em um coque no alto da cabeça. Tinha uma barba ligeiramente comprida, seguindo a moda atual, porém bem aparada, certinha e um olhar penetrante, cativante. Se fosse sincera, diria que aqueles lábios eram desejáveis.

Ela capturou o exato momento em que o homem à sua frente lhe sorriu, mostrando um sorriso sexy e envolvente. Em seguida, ele lhe estendeu a mão, que Capitu logo aceitou, e tratou de se apresentar.

— Me chamo Tiberius e você?

Ela sentiu o forte aperto de mão, notando também seu arquear de sobrancelha.

— Capitu — falou e observou com curiosidade o sorriso dele se ampliar, sem soltar sua mão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lindo nome.

Ela se viu rindo do elogio, retirando enfim, sua mão da dele.

Logo Jane trouxe o pedido de Capitu e junto também trouxe o de Tiberius, um café preto e um croissant. O homem agradeceu e a chamou pelo nome, levando Capitu a entender que ele conhecia a atendente.

— Vem aqui sempre? — Ela não conseguiu segurar a curiosidade ao indagar.

— Quase todas manhãs — respondeu ele, de pronto.

Ela achou um pouco estranho. Nunca tinha prestado muita atenção nas demais pessoas, porém um homem daquela estatura não passaria despercebido — ao menos achava que não.

— Não irei lhe fazer a mesma pergunta, pois sei que vem sempre aqui acompanhada de um bom livro ele disse, com certa descontracção.

Aquilo a deixou realmente surpresa. Seria ele um daqueles maníacos?

— Não se preocupe, não sou nenhum

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

maníaco. Sou apenas observador e não pude deixar de notar uma moça tão bonita.

Ela arregalou os grandes olhos verdes, perguntando-se, por um momento, se havia externado seus pensamentos em voz alta, já que tinha essa mania bastante irritante.

Cada palavra que saia dos lábios do homem a deixava ainda mais desconfortável. Como nunca havia notado aquele estranho? Como nunca pressentiu que era observada? Sim, pois ele deveria observá-la, já que sabia tanto. Aquilo tudo a intrigava, inclusive o fato dos lábios dela parecerem colados um no outro.

Tiberius notou tal desconforto e se arrependeu de suas palavras. Ao que parecia, aquilo não soou muito bem e quem poderia culpá-lo? Apesar de ser um homem de boa aparência, nunca foi hábil com as palavras quando precisava. Então se sentiu obrigado a mudar o rumo da conversa.

— *Ligeiramente Perigosos?* — perguntou, olhando o livro que estava fechado sobre a mesa e ela seguiu seu olhar. — Já leu todos os livros dessa série?

PERIGOSAS ACHERON

Ela o olhou em dúvida, indagando a si mesma se ele conhecia a série em questão.

— Já, mas esse é meu predileto entre os seis.

Ele balançou a cabeça em afirmativa, olhando-a fixamente nos olhos, com um sorriso brincando em seus lábios.

— Gosto desse também, mas entre todos, gosto mais do primeiro: *Ligeiramente Casados*.

Capitu se surpreendeu com aquilo e não conseguiu deixar de perguntar:

— Gosta de romances de época?

O homem lhe deu um sorriso aberto, mostrando-se ainda mais bonito — como se fosse possível.

— Sou viciado, na verdade. No momento, estou preso em *Persuasão* de ...

— Jane Austen! — ela exclamou, em êxtase.
— Eu sou apaixonada por todos os livros dela.

Tiberius sabia disso, mas não quis assustar a moça como já tinha feito. Assim, começaram uma conversa animada sobre romances de época, o que os levou a falar sobre alguns romances atuais

também. Quando Capitu deu por si, já estava quase atrasada para o trabalho. Ela se levantou para ir embora e, ao se despedir, Tiberius segurou sua mão, provocando-lhe reações desconhecidas.

— Nos veremos amanhã?

Ela sorriu, estava até mesmo mais animada.

— Claro que sim, foi ótimo conversar com você! Até amanhã Tiberius, foi um prazer.

Como poderia se negar a encontrá-lo novamente? O homem era a simpatia em pessoa e a conversa que tiveram a animado, fê-la até mesmo esquecer alguns de seus problemas.

— O prazer foi todo meu...

Tiberius voltou a se sentar em sua cadeira, observando a pequena mulher se afastar aos poucos. Capitu não sabia que vinha sendo admirada e agora mais do que nunca, adorada...



*“Momentos, lembranças, desejos, amores,
paixões.
Um dia todos se perdem....”*

Aprenda que na vida os momentos sempre

passam, as lembranças são deixadas para trás em algum momento de nossa vil existência, os desejos são apenas momentâneos, os amores por muitas vezes são vazios, e as paixões... ah, essas são as piores!



Naquele dia em especial, por mais que o coração de Capitu estivesse apertado no peito, ela também se sentia mais leve e um pouco feliz por aquela conversa breve com o estranho do café. Tiberius, um nome diferente, pensou, testando o som em sua boca. Era estranho esse sentimento, já que mal conhecia o homem, mas ele foi tão simpático e educado que a fez se sentir... bem.

E após se despedir de Carolina, ela voltou para casa, a fim de preparar sua aula e ir trabalhar à tarde. Chegando ao apartamento, se deu conta de que tinha se esquecido completamente de Lucas enquanto conversava animadamente com o homem,

PERIGOSAS ACHERON

que adorou conhecer. Foi aí que se lembrou do porquê do aperto em seu coração, tudo que vinha acontecendo com seu relacionamento e, novamente, sensações negativas lhe tomaram o corpo.

Decidiu mergulhar no trabalho e tentar tirar a atenção das inúmeras situações que cruzavam sua mente. Além disso, precisava criar algo que chamasse a atenção dos alunos, sem deixar a aula chata e cansativa. Focou em seu trabalho, pensando em criar uma pequena paródia sobre as regras gramaticais e sorriu, ao imaginar o quanto aquilo poderia ser divertido. Quando se deu conta, já era hora de ir trabalhar e, como estava sozinha em casa, fez apenas um pequeno sanduíche de patê de frango, tomou um banho rápido e saiu de casa com o sanduíche em mãos, levando seu material escolar e sua bolsa.

Sempre ia a pé para o trabalho e sabia que tinha sorte por ter encontrado aquele apartamento perto da escola onde trabalhava e do café onde adorava passar parte de suas manhãs. Lembrou-se do quanto foi difícil convencer Lucas a morar naquele prédio com ela, e de quantas vezes por semana ele reclamava do lugar. Capitu, por sua vez,

fingia não ouvir e nem levava em consideração o que o noivo falava. Por vezes, era apenas mais um jeito de chateá-la e por isso costumava não ouvir as reclamações dele sobre o apartamento.

Quando adentrou a escola e pegou o celular para desligá-lo, sentiu-o vibrando em suas mãos, mostrando que acabara de chegar uma mensagem de Lucas. Há quanto tempo o noivo não lhe enviava uma mensagem? Não saberia dizer, mas estava satisfeita com aquilo. Ainda mais quando leu a mensagem, na qual lhe avisava que chegaria cedo e desejava conversar com ela.

Um tremor ameaçou tomar seu corpo, mas ela o bloqueou, dizendo a si mesma que, enfim, conversariam e Lucas voltaria a chegar cedo, e eles jantariam juntos como faziam antigamente. Seriam um casal feliz novamente, com entrosamento e amor. Decidiu então que quando saísse da aula, iria ao mercado e compraria tudo que precisava para fazer um bom fricassê, prato que Lucas adorava.



Após sair da escola, foi ao mercado como planejado e até comprou o vinho favorito dele — tinha custado uma pequena fortuna, mas ela estava certa de que valeria a pena. Quando chegou em casa, guardou as compras, colocou uma música no celular e se pôs a fazer o jantar animadamente.

Um tempo depois, um apito soou, avisando que o fricassê estava pronto. Deixou a forma no forno desligado para não esfriar e foi tomar para o banheiro. Após o banho, Capitu decidiu colocar o vestido vermelho que sabia que o noivo gostava, por ser colado em seu corpo e realçar suas curvas. A peça a deixava sexy, bonita como ele havia elogiado certa vez. Vestiu-se fez uma leve maquiagem.

Ela estava tirando a travessa do forno quando Lucas chegou. Colocou o fricassê na mesa arrumada com a melhor louça que tinha em casa e o seguiu até o quarto. Ela o encontrou de pé, ao lado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

do guarda-roupa escancarado e estranhou a mala em cima da cama, pois era sempre ela quem organizava as coisas do noivo quando ele precisava viajar.

— Vai viajar? — perguntou, já sentindo um aperto descomunal tomar seu peito.

— Não — disse, ríspido.

— E então pra quê essa mala? Aonde você vai, amor? — indagou, sentindo que, a qualquer momento, seu coração falharia, pararia de bater mediante a resposta que ele poderia lhe dar.

O homem se aproximou dela, mas não encarou seu rosto ou a tocou.

— Lucas, olha pra mim! — pediu em um sussurro, mas foi em vão.

— Capitu, eu estou indo embora, estou te deixando.

As palavras dele abriram um buraco direto em seu coração, desestabilizando-a, tirando o seu chão.

— Nosso relacionamento tá se desgastando. Você não é mais a mesma, nem eu. Acho melhor acabarmos por aqui.

PERIGOSAS ACHERON

Aquilo só podia ser brincadeira de muito mal gosto!

— Eu não entendo... — falou desolada, fitando o chão. — Quando foi que deixou de me amar, Lucas?

— Quando você mudou da água para o vinho, Capitu. Quando você se tornou uma mulher inconstante, estressada, chorosa e sem atrativos.

Aquilo a atingiu em cheio, esmagando seu peito. Sabia de suas limitações, sabia que não era mais aquela garota que vivia em farras e adorava sair de casa. Sabia que tinha mudado, mas achava que era por ter amadurecido, crescido como pessoa. Nunca achou que aquilo acabaria com seu relacionamento. O estresse... bem, quem não era estressado, não é mesmo? Quem, cuidando de trinta adolescentes cheios de hormônios por dia conseguiria se manter sã?

Eram essas as questões que Capitu formulava em sua cabeça, enquanto encarava, sem acreditar, o homem à sua frente.

— Lucas! Para de fazer as malas e vamos conversar. Vamos esclarecer as coisas, podemos

dar um jeito, nós nos amamos querido e...

— Não. — Ele a cortou. — Eu não a amo mais, Capitu. Já faz algum tempo que não tenho mais sentimentos por você.

Capitu, naquele momento, preferia que ele a tivesse batido do que dito aquelas palavras. E a raiva, juntamente com a frustração e medo, tomaram conta dela.

— Você tem outra, não é? É por isso que está me deixando? Pensa que não noto, Lucas? Pensa que não vejo o horário que vem chegando em casa? O cheiro de mulher... — disse enojada, finalmente explodindo.

— Eu não quero briga, Capitu. Só vim pegar minhas coisas e estou indo embora.

— Fala Lucas, eu preciso saber. Você tem outra, é isso? Tenha ao menos um pinga de consideração por mim e diga a verdade!

No fundo, ela não queria saber, pois já conhecia a resposta. Assim, como sabia que não suportaria ouvir a verdade. Aquilo estava acabando com ela.

— Tenho, Capitu, é isso que queria saber?

Sim, tenho alguém e não seria justo com ela se eu continuasse contigo.

Aquelas palavras foram piores do que ela imaginava. Como assim, "*não seria justo com ela*"? E onde ficava a justiça para Capitu?

— E comigo, Lucas? Você não se importa comigo? — As lágrimas já banhavam seu rosto, e a dor perfurava seu coração já cansado de aguentar os maus tratos constantes, de relevar cada decepção.

— Não começa, Capitu. Não me venha com esse sentimentalismo inútil, as mesmas lágrimas novamente. Eu vim pra pegar algumas coisas e conversar, mas parece que você quer complicar tudo — falou, fechando a mala apenas alguns poucos pertences. — Amanhã eu pego o restante. Acabou, Capitu, acabou de vez.

Como doeu, meu Deus!

Capitu sentiu cada palavra como se fossem facas introduzidas em sua pele, sem nenhuma piedade. Sem saber mais o que fazer, e achando que estava perdendo o amor da sua vida, seu alicerce, a mulher não teve vergonha quando se jogou aos pés

do noivo, implorando-lhe para ficar e recomeçar.

— Lucas! Por favor ... Eu vou mudar, prometo que vou mudar e eu te perdoo pela traição, amor, podemos dar um jeito, só não me deixa... — falou, a voz entrecortada pelos soluços de um choro sofrido.

O homem à sua frente não se comoveu com seus apelos. Na verdade, Lucas nunca chegou a amar Capitu. Depois que conheceu Ana, teve certeza de que nunca amou sua noiva, apenas se acostumou com sua companhia, que antes era divertida, mas se tornou entediante com o tempo. Foi pensando nisso que ele afastou a mulher, empurrando-a para longe de si e andou a passos largos em direção à porta, enquanto Capitu se debulhava em lágrimas.

— Eu não estou te pedindo perdão, Capitu, e não se humilhe assim, não piore a situação, não se torne ainda mais patética — falou, deixando o apartamento.

Capitu ainda tentou alcançá-lo, mas era tarde, ele já tinha saído porta a fora.

Dor. Era o que sentia por todo seu corpo.

Acabara de perder o grande amor da sua vida e não via como sobreviver sem ele. Lembrou do conselho de Carolina: "*Não viva em favor da vida de Lucas, Cá, viva pra você, somente para você*". Mas aquilo não entrava em sua cabeça, pois ela o amava, amava como se sua vida dependesse disso.

Sem mais nenhuma opção, a mulher deitou no tapete vermelho da sala, em posição fetal e fez a única coisa de que era capaz diante do que acabara de acontecer: se entregar ao sofrimento e às lágrimas grossas que escorriam por seu belo rosto.



Dizem que a dor é para ser sentida, e sentir era tudo o que Capitu vinha fazendo naqueles dias. No atual momento, não sabia que dia era, as horas e nem mesmo onde estava. Desde que Lucas saíra naquela sexta à noite, dizendo que a estava abandonando, a mulher se entregou à autocomiseração e à dor. Redeu-se aos inúmeros

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentimentos, eram tantos que ela nem conseguia nomear.

Já tinha gritado, chorado, quebrado quase tudo dentro de casa e agora estava com o corpo fraco e anestesiado, jogado sobre a cama. Não sabia se era por não ter comido nada há dois dias, ou se era por causa de tanto sofrimento. Vinha se valendo de drogas farmacêuticas para conseguir dormir e, quem sabe, se esquecer, nem que fosse por algumas horas, de tudo à sua volta.

E foi quando se cortou acidentalmente com um pedaço de vidro na cozinha, que a mulher pôde sentir um pequeno alívio. Aquela dor superficial conseguiu diminuir um pouco sua agonia. Não se importou quando o sangue jorrou do ferimento escorreu entre seus dedos, derramando gotas escarlate no chão. Também não se importou quando se abaixou, pegou um caco de vidro e voltou a se cortar. Dessa vez, fez um corte mais profundo em seu braço, tentando, de um jeito deturpado, se aliviar, não sentir, não lembrar. Notou, em tamanho desespero, que poderia fazer aquilo por vezes a fio e continuou, pois, de alguma forma completamente errada, aquilo a aliviava.

PERIGOSAS ACHERON

Mal sabia nossa querida Capitu que tinha tomado um caminho sem volta... sem saída...sem luz...

Estava confusa com a intensidade dos sentimentos. Mas sempre fora assim, ela sentia tudo em dobro e, por isso, sofria em dobro. Quando odiava, odiava demais e quando amava, amava em demasia, em excessos e foi assim com Lucas. Àquela altura, Capitu conjecturava, procurando o motivo de ele a ter abandonado e chegou a uma conclusão que lhe pareceu óbvia: a culpa era dela.

Tentou lembrar em que momento, exatamente, Lucas deixou de demonstrar seu amor por ela, porém não conseguiu. Capitu só não se dava conta de que nunca existiu amor e, por isso, não teria como haver lembranças de tais momentos. E foi impossível não ligar aquela sensação de abandono ao que passou em sua infância, com a mãe, e a displicência e maus tratos do pai. Lembrava-se com perfeição das palavras dolorosas da tia, de cada insulto, cada tapa, cada gesto de descaso, de tudo.

Perguntou-se o porquê de todos a abandonarem, virarem-lhe as costas, de não conseguir ser amada por ninguém. Era dolorosa tal

constatação, mas não conseguia controlar o rumo de seus sentimentos. Foi nesse momento que o pior lhe passou pela cabeça, arrancando-lhe um arrepio da espinha.

Capitu já tinha perdido todas as esperanças ao ligar para Lucas inúmeras vezes, sem que ele a atendesse. Sua última tentativa terminou de destruí-la, pois quem atendeu foi uma mulher, dizendo-se namorada de seu ex-noivo. O mundo ao seu redor pareceu desmoronar, ruir bem à sua frente.

Não lhe restava mais nada, mais ninguém. Então, por que não? Ninguém sentiria sua falta, não é mesmo? Talvez Carol, mas a prima tinha um marido e uma filhinha para cuidar. Não precisava de alguém como ela. Sabia que o suicídio era o maior pecado que um ser humano poderia cometer, pois era cristã, consciente das leis divinas, mas se entenderia com o criador depois. Ou com o diabo, não sabia. Sua única certeza era que não aguentava mais.

Era muita dor, ela não era capaz de suporta, disso. O desespero a consumia e a bagunça dentro de si só servia para impulsioná-la de vez para o abismo. Ela ouvia uma voz ecoando no fundo da

sua alma, coagindo-a:

"Vá em frente, acabe com seu sofrimento, só você pode dar um fim a tudo isso. Vamos lá, se liberte. Você é fraca, inconstante e ninguém nunca irá amá-la, pois não tem valor. Ande logo, dê um fim a tudo isso. Você nem irá sentir".

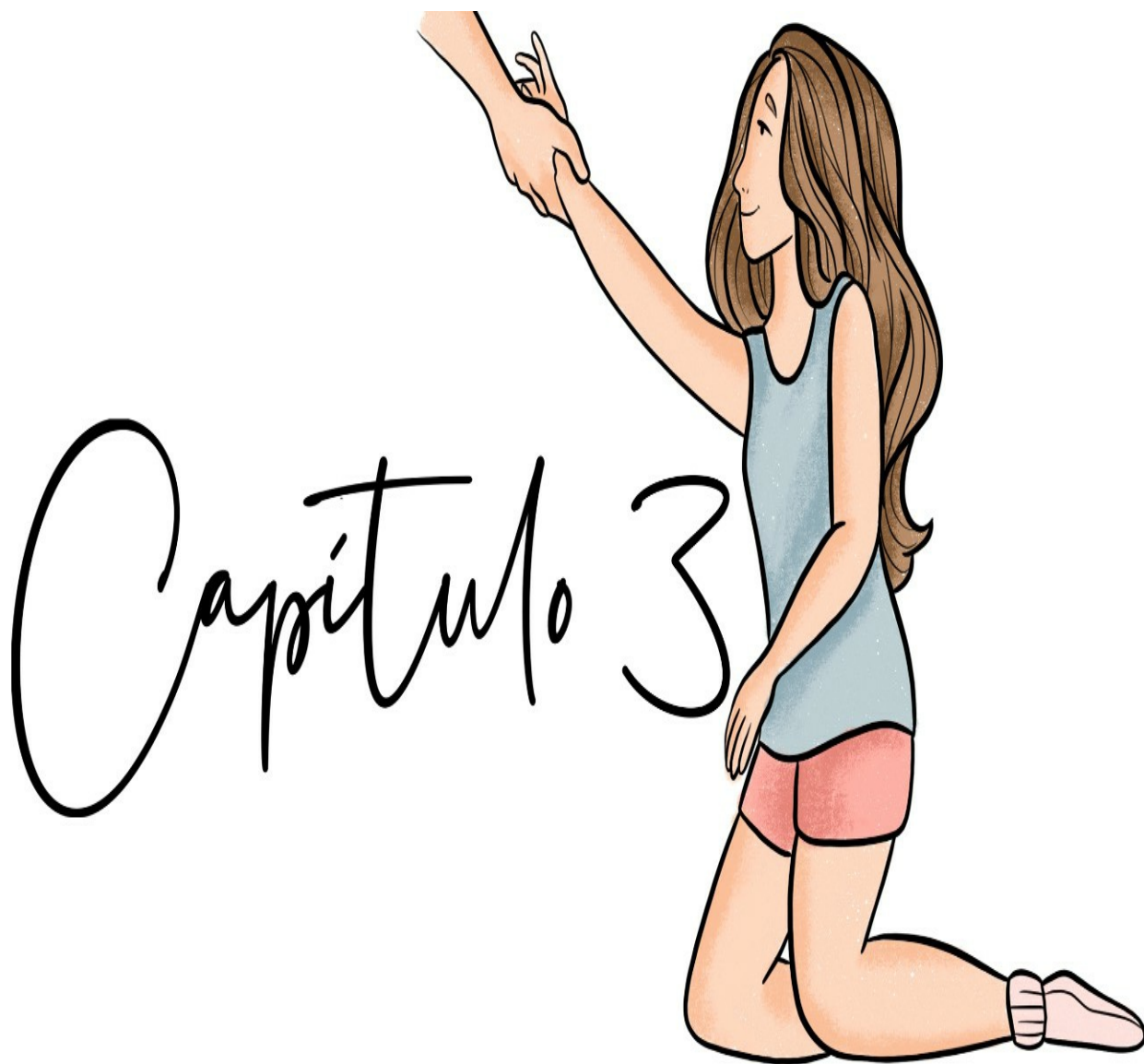
Quando deu por si, ela já estava segurando duas cartelas de comprimidos na mão. Não pensou, não mediu e engoliu todos que conseguiu de uma só vez, tomando o restante em uma segunda tentativa. Bebeu um copo de água e não demorou a se sentir leve, fora de órbita. Sorriu torpe, ao tropeçar em suas próprias pernas e quase cair em meio à sala. Voltou para o quarto sentindo-se aliviada, enfim, achava que todo o tormento e abandono acabariam, ficariam para trás. Tudo ficaria em outra vida.

Não conseguiu nem mesmo chegar até a cama, desabou ainda no chão, em meio aos cacos de vidro de tudo que havia quebrado em seu quarto. E ali, pareceu ter sucesso em sua tentativa de fuga, em seu suicídio. A última coisa que viu, foi uma foto de Lucas no chão, próximo de si enquanto lhe sorria, olhando para a câmera que ela segurava

PERIGOSAS NACIONAIS

naquele dia ensolarado na praia... E tudo apagou de repente, levando-a à mais pura das escuridões...

PERIGOSAS ACHERON



“Às vezes, a espera pode ser torturante...”

Não se pode esperar a vida passar sem aproveitá-la ao máximo e, principalmente, sem desfrutar o amor, sem amar. Ah, o amor, aquele

sentimento inesperado que arromba a porta da frente do seu coração e entra sem permissão, sem convite, sem alardes. E esse sentimento encontra sua forma mais pura quando é verdadeiro e não espera nada em troca. Não há qualquer interesse, apenas pelo simples prazer de amar e se doar para alguém...



Tiberius chegou ao café entusiasmado e ansioso. Ontem, enfim, por obra do acaso, havia tido uma conversa com a mulher de olhos verdes expressivos, que vinha observando já há algum tempo. Meses, um ano? Não se recordava bem, mas sabia que já fazia bastante tempo. Ele sempre vinha ao café no mesmo horário e, após perceber que a moça vinha todos os dias pela manhã, sempre acompanhada de um livro e degustava seu café de forma única, Tiberius passou a admirar cada momento, cada gesto, cada lambe-lábios. Sabia

exatamente o que ela sempre pedia e se perdia todos os dias em pensamentos, enquanto a observava atentamente.

E quem no mundo o culparia? A moça em questão era, de fato, formosa, bela de maneira única. De expressão doce e olhos grandes e verdes, encantava qualquer um que passasse no lugar e ela nem ao menos parecia notar. Tiberius sempre admirou seu jeito calado e tímido, o modo como, despercebida, colocava uma mecha de cabelo atrás da orelha. Como quando apertava a ponta do nariz, apreensiva com a leitura e, às vezes, revirava os olhos rindo sozinha. Ela vinha todos os dias, se sentava, fazia o pedido e conversava com Carol, dona do lugar. Depois, lia um pouco e ia embora. A mesma rotina, os mesmos gostos, todo santo dia, e ele ali, apenas observando-a.

A única coisa o impediu, esse tempo todo, de falar com Capitu, de se aproximar foi a aliança grossa em seu dedo anelar direito, indicando que a mulher em questão era noiva de alguém. Provavelmente de um sortudo do caramba, ele pensara. Porém, o que lhe dava esperanças há algum tempo era o fato de nunca tê-la visto

acompanhada do suposto noivo em nenhuma daquelas ocasiões. Capitu chegava sozinha e saía sozinha, sempre. E para ele, um homem que tem uma mulher como aquela, não se privaria de sua companhia no um café da manhã, não mesmo.

Esses eram os pensamentos de Tiberius naquela manhã de sábado ensolarada, ao tempo em que esperava Capitu chegar ao café.

Depois de muito esperar, percebeu ter sido em vão, pois estava claro que ela não viria. Sentiu-se frustrado, pensou que talvez tivesse assustado a moça, mas logo colocou essa ideia de lado. Afinal, ela pareceu gostar da conversa e até concordou em encontrá-lo no dia seguinte, com bastante animação. Não, não tinha assustado Capitu, talvez ela não tivesse ido por causa de um contratempo, cogitou frustrado.

Decidiu, muito a contragosto, que já era hora de ir embora. Levantou-se e pagou sua conta a Jane — que estava bastante sorridente, por sinal. Na saída, encontrou a dona do café ao sair do local e ela lhe sorriu calorosamente como sempre fazia, cumprimentando-o. Ele quis perguntar se Carolina sabia o porquê da mulher, que vinha permeando

seus sonhos ultimamente, não ter vindo naquela manhã, mas pensou ser loucura incomodá-la com isso. Tiberius, então, saiu do café e se dirigiu de volta para casa, tentando tirar Capitu da cabeça.

Assim se passou o fim de semana. Acordava cedo todos os dias, ia correr e depois de um banho, passava na *Fumaça na Xícara* como de costume, mas não encontrou Capitu em nenhum desses três dias.

Chegou ao trabalho na segunda-feira, já chateado, convencido que, de fato, tinha assustado a moça. Grande garanhão estava se saindo, a única vez que teve a chance de conversar com Capitu, ele a assustou a ponto de que desistisse de ir a seu lugar favorito, como ela lhe confidenciou. É, ele estava realmente chateado. Chateado não, inconformado!

Quando entrou no consultório, Andréia, sua secretária, já percebeu o humor de seu chefe logo de cara. O homem sempre chegava com um sorriso no rosto, um bom dia contagiante e diferente disso, naquela manhã, chegara de cara amarrada e mal abrira a boca para cumprimentá-la. A secretária imaginou como ficaria o seu humor se dissesse a

ele, logo cedo, que tinha um caso de suicídio aguardando-o. Seu chefe sempre lhe pareceu gostar da especialidade que escolheu, mas esses casos em especial, mexiam com ele, o abalavam. Então, respirando fundo, Andréia se levantou da cadeira e bateu na porta onde ele entrara há pouco.

— Entre, Andréia!

Tiberius sabia que tinha soado rude, mas não estava em seu melhor dia e esperava que Andréia, trabalhando com ele há mais de quatro anos, pudesse entender.

— Doutor Pedro mandou chamá-lo na emergência, senhor.

Aquilo já o deixou de sobreaviso. Era psiquiatra e não era comum ser chamado em uma emergência.

— É uma paciente vítima de suicídio. Ainda não tenho o caso, mas parece urgente.

Sentiu um gosto amargo na boca. Sua cabeça queria lhe trair, trazer lembranças que não cabiam naquele momento, pensamentos perturbadores. Atuava na área há 10 longos anos e nunca se acostumou com aqueles casos, apesar de sua

especialidade. Sempre se sentia mexido, ligado intimamente com aquelas vítimas. Queria salvar a todos, mas nem sempre cabia a ele fazer isso.

Tiberius não se demorou nem mais um minuto em frente à secretária, se levantou e, pegando o jaleco sobre o encosto da cadeira, foi em direção à emergência o mais rápido que pôde. Não teve atenção em olhar para os lados, ao passar pela sala de espera, e talvez por isso, não percebeu a mulher loira sentada ali. Porém, ao adentrar a emergência, paralisou, os músculos se retesaram de tensão e seus olhos quase saltarem das órbitas ao fixar sua atenção na maca em que a vítima de suicídio estava deitada, colocada de lado, sendo amparada por enfermeiras.

O homem estava espantado com tamanha coincidência. Era ela, Capitu.

Tiberius olhou pela grande sala, a fim de achar outra pessoa, certificar-se de que ela não era sua paciente difícil, mas foi em vão — só havia Capitu ali. Observou o médico, que era seu amigo, fazer uma lavagem estomacal na moça, com a ajuda de enfermeiros. Finalmente, ele recuperou a voz que achava ter perdido e perguntou:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Qual a situação, Pedro? — Já tinha intimidade suficiente com o homem para dispensar formalidades.

— Ao que parece, a vítima engoliu duas cartelas inteiras de Escitalopram, mas acredito que foram mais. Foi encontrada pela manhã e também tem marcas de autoflagelo pelo corpo.

Foi só então que Tiberius percebeu os cortes e o vestido coberto de sangue, suor e vômito. Por instantes, não teve reação alguma, indagando a si mesmo o que a levou a fazer tal ato de desespero. Ainda não tinha nenhuma resposta, mas estava disposto a descobrir e, principalmente, a ajudá-la!

— Quem a trouxe? E por que é você que está fazendo o atendimento? Ela vai precisar de cirurgia?

— Uma irmã, prima, ou algo assim a trouxe, não sei bem. Vim, pois era o único disponível aqui, hoje está uma bagunça. Se quiser, pode ir falar com a família, ainda vou demorar algum tempo até mandá-la para o quarto.

— Ela ficará bem? — perguntou, sentindo o coração falhar.

PERIGOSAS ACHERON

O médico, um homem alto e moreno, lhe sorriu com confiança, tranquilizando-o.

— Sim, passará uns dias desacordada, mas ficará bem. Ela teve sorte, foi encontrada a tempo.

Tiberius sabia que tinha de sair e falar com o familiar ou amiga que trouxera Capitu, mas não queria deixá-la. Invocando todo o seu controle e ética profissional, deu as costas à equipe médica e foi em direção à recepção. Não foi difícil encontrar quem a trouxe, afinal, Carol estava sentada na recepção, chorando como um bebê e remexendo os pés sem parar, em sinal de puro nervosismo. Primeiro ele a observou atento, querendo perceber qualquer sinal. Depois, sentando ao lado dela, pegou um lenço de papel e lhe entregou, fazendo-se notar.

— Bom dia, Carol! — Soou firme, profissional, vendo-a se esforçar para segurar o choro.

— Bom dia... Tiberius.

Ele viu o esforço de Carolina ruir quando as lágrimas continuaram escorrendo em abundância.

— Ela vai ficar bem, Carolina, o médico que

está cuidando do caso acabou de me garantir isso — tentou consolar a mulher, mesmo ciente de que não poderia fazer tal promessa.

— Foi horrível Tiberius, o pior dia da minha vida. — Fungou ao falar, olhando para cima como se assim pudesse conter o choro. — O corpo de minha prima, jogado de qualquer jeito no chão, enquanto ela se engasgava com o próprio vômito... Foi demais, meu Deus! Você não pode imaginar.

Ah ele podia, queria não ser capaz, mas Tiberius conseguia imaginar com perfeição e até mesmo sentir a dor de Carolina. Já tinha passado por isso e sentido na pele como é terrível perder alguém para o suicídio. Inclusive, foi por causa desse episódio marcante que optou por psiquiatria ao invés de cirurgia geral — como queria desde muito jovem.

— Sou psiquiatra, Carol e irei cuidar do caso de Capitu. Por isso, preciso que se acalme e me conte o que encontrou. Preciso também de algumas informações sobre o temperamento de sua prima, se ela vinha passando por algum momento de dificuldade, traumas...

Carol apenas confirmou com a cabeça.

— Venha, vamos ao consultório. Assim que terminarem o procedimento, irão me avisar e você poderá voltar para acompanhá-la.

Carol concordou e os dois saíram da recepção, com Tiberius amparando a mulher com um braço em suas costas.

Ele já tinha visto de tudo em seus dez anos como psiquiatra, mas não estava preparado para ouvir todo o relato sobre quem realmente era Capitu, a mulher que admirou durante tanto tempo. Após tudo o que ouviu de Carolina, mais do que nunca, sentiu vontade de proteger aquela moça de aparência frágil, calada e tímida. Estava disposto a ajudar a mulher a sair do abismo em que tinha entrado e, por Deus, ele conseguiria. Falhara uma vez, mas não repetiria o mesmo erro de anos atrás, não mesmo...



Capítulo 4

*“A escuridão sempre te levará a um estado
permanente de inércia e ilusão...”*

*A simplicidade da vida nunca deve ser
interpretada a tal ponto que possa te levar a ceifá-*

PERIGOSAS NACIONAIS

la; tenha sempre isso em mente. Nada pode ser maior que sua vontade de viver, de se superar. É difícil? É, sempre será e é isso que te fará um vencedor. É correr atrás e nunca, por mais difícil que seja, nunca se entregar, nunca desistir. Isso é viver, é saber viver. Não basta apenas passar por esse mundo como um telespectador, isso seria ingratidão com o que lhe foi dado. Seja o protagonista da sua vida, do seu mundo. Deixe sua marca, se entregue, seja o que quiser. Livre-se das amarras, jogue fora suas algemas, tire o que lhe faz mal, simplifique o que lhe é impossível, alcance grandes horizontes, alce os maiores voos e simplesmente viva, viva intensamente e faça valer a pena. No fim, você poderá olhar para trás e dizer com orgulho: eu consegui, sou um vencedor, sou o autor do meu destino e protagonista da minha história...



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Capitu já não sabia de nada ao seu redor. Imaginava ter morrido, como o planejado. Ali, onde se encontrava, não sentia dor, desespero e, principalmente, abandono. Sentia apenas... a escuridão ao seu redor e era reconfortante. Ouvia vozes em torno de si, apenas sussurros. Seriam anjos? Demônios? Deus? Lúcifer? Não saberia dizer. Talvez no plano espiritual a que fora levada houvesse sonhos. Quem sabe...

Então ouviu som suave, carinhoso, tinha um quê celestial e parecia falar diretamente com ela. Mais do que falar, aquela voz lhe transmitia... amor.

— *Oi...*

O som tinha um timbre que lhe parecia conhecido, só não se lembrava a quem pertencia. Mas em todo caso, isso importava? Ela não estava morta?

— *Não sei se lembra de mim, ou se pode me escutar.*

O anjo continuava a falar em tom baixo, sucinto e, por mais incrível que pudesse parecer, ela lhe transmitia segurança, algo como paz.

PERIGOSAS ACHERON

— *Em minha vasta experiência, já presenciei e li relatos de pessoas em seu estado que, quando acordavam, diziam ter ouvido tudo ao seu redor. Não sei se é o seu caso, mas se for, eu quero que saiba: estarei aqui te esperando quando acordar. Cuidarei de você, farei o que puder e, quando você estiver recuperada, irei dizer como conquistou minha atenção sem esforço algum, sem sequer notar o homem na mesa ao lado todas as manhãs, se deliciando com sua beleza...*

Espera! Ela não estava morta? Claro que estava. Talvez não fosse um anjo, mas sim uma alma vagando ao seu lado. De repente, toda aquela ternura a voz ressoava a fez sentir algo. Foi o tal remorso, solidão, saudade. Esses sentimentos ela conhecia bem, tinha dias que sentia todos apertarem seu íntimo de uma só vez e, de forma tão assustadora, que despertava terror em suas entranhas.

Tentou se mexer, recobrar a razão e os movimentos, mas não conseguiu. Tentou abrir os olhos, foi inútil. Então sentiu medo, pavor da morte, da solidão, de passar a eternidade mergulhada na mais repleta obscuridade. Seria isso

um castigo?

E aos poucos, aquele fio de lucidez se foi e Capitu voltou ao seu estado de inércia...



Enquanto Capitu estava em coma, Tiberius não saía do hospital — mais precisamente do quarto da moça — permanecendo sentado perto de seu leito. Dizia sempre a quem perguntava que estava ali porque era o responsável pelo caso e, aos olhos dos demais, isso não era estranho. O homem sempre fora muito gentil e prestativo com seus pacientes, nunca, jamais deixou a desejar — ao menos, não em seu trabalho.

Pedro, o médico que a atendeu na emergência, também vinha vê-la, mas logo se retirava. Estava com um caso grave de lúpus, por isso suas visitas eram rápidas — o que Tiberius agradecia. Pedro seria capaz de notar algo errado, pois se conheciam

bem o bastante para isso, já que sempre foram grandes amigos desde a época da faculdade.

Ele, Pedro e mais dois médicos formavam um tipo de quarteto fantástico. Começaram a residência com Antony e Augusto, o resto da trupe, e se deram bem desde o primeiro dia. A amizade vingou apesar de Tiberius viver em uma realidade diferente dos amigos — afinal os três eram ricos, filhos de médicos conceituados, que eram donos de parte do hospital em que trabalhavam. Já Tiberius tinha suado para estar em um dos melhores e mais caros hospitais do país. Não entendam mal, isso não queria dizer que os demais não tinham se esforçado, mas os obstáculos eram menores por causa da assistência paterna.

Tiberius via Carol todos os dias, pois ela acompanhava a prima, permanecendo no hospital por horas a fio. Ela era o único familiar de Capitu, pelo que ele soube. Tinha também o tal noivo que, apesar de ser informado da situação, ainda não tinha dado as caras.

Ele lembrava que a voz de Carol era carregada de mágoa quando falou do rapaz, na breve conversa que tiveram. Quando Tiberius tinha perguntado

mais detalhes sobre o relacionamento, Carol havia dado um bufo do mais puro desdém e sido breve em seu discurso, mostrando impaciência com aquela relação.

Depois, a moça lhe falou que ligou para o tal Lucas para contar o que tinha acontecido com Capitu e o rapaz não se importou, alegando que não tinha mais nada com a mulher que agora era sua ex-noiva.

Mal conhecia o homem e já sentia uma antipatia crescente pelo indivíduo. Para Tiberius, não foi difícil entender a situação, nem imaginar o que levou Capitu a tal destino e por isso sentiu repulsa do noivo dela. Nada ético, ele sabia, mas quem o culparia depois de ver Capitu naquele estado e saber quão difícil foi sua infância? Ou de conhecer o descaso do ex-noivo e de parte da família? Nenhuma alma bondosa, com certeza.

Estava perdido em pensamentos quando uma batida leve na porta o fez se sobressaltar em seu assento.

Um homem moreno, magro, de estatura média estava parado na porta. Tinha boa aparência, vestia um terno cinza bem alinhado e usava os cabelos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

penteados para cima, mantendo um porte imponente, arrogante.

— Boa tarde, senhor. O que deseja? — perguntou Tiberius educadamente.

— Como ela está? — O homem respondeu à pergunta com outra indagação, olhando com indiferença a mulher deitada na cama.

— É parente da paciente?

Não queria fornecer informações a um desconhecido, mas como o homem confirmou com um aceno de cabeça, ele prosseguiu.

— Bom, o estado dela é estável, fizemos uma lavagem estomacal e por pouco não precisou de um procedimento mais agressivo. Agora ela está em coma induzido, mas ficará bem e em breve terá alta.

O homem passou as mãos no cabelo e soltou uma respiração pesada, carregada de alívio.

— Que bom, não queria me sentir culpado. Não que eu seja — ele se apressou em negar. — Não fiz nada a ela. Capitu vem perdendo o juízo faz tempo, vem tendo mudanças de comportamento.... Enfim, está ficando louca.

PERIGOSAS ACHERON

Só aí Tiberius se deu conta de quem estava à sua frente. Buscou a mão direita do homem e, no dedo anelar, ainda havia uma grossa marca branca, provavelmente da aliança de noivado — a mesma que Capitu ainda usava.

Quando ele a chamou de louca, o psiquiatra começou a ver tudo vermelho à sua frente, uma raiva lhe subiu às veias, juntamente com uma vontade insana de proteger a mulher que jazia sobre a cama.

— Ah, e a propósito, sou Lucas, o ex-noivo da suicida aí! — disse o homem com puro descaso.

— Então você é o noivo dela? — perguntou, a incredulidade enchendo sua voz.

Tiberius crispou os punhos ao lado do corpo, tentando se segurar, não se deixar levar por sentimentos e lembranças de anos atrás, que em nada tinham a ver com Capitu.

— Não, como eu disse, já terminamos. Dei sorte em me livrar antes, pra não ter de passar por isso.

Ele acenou com o queixo em direção a Capitu, causando a Tiberius sentimentos inquietantes.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sei o que sabe sobre a mulher que era sua noiva, mas acredito que ela tem uma doença, um distúrbio e...

— Não, nada disso. — Parou a fala de Tiberius, parecendo saber o que o médico ia dizer. — Capitu sempre gostou de chamar a atenção, só isso. Essa tentativa de suicídio não passou de um pretexto para retomarmos o relacionamento. Não era para termos ido tão longe com esse relacionamento, mas continuei apenas por pena. Já não tinha mais amor, não da minha parte. Capitu sempre foi fraca, inconstante e...

Lucas não sabia, mas estava trazendo à mente de Tiberius lembranças do passado, de um caso bem parecido com aquele.

— Acho que o senhor está se excedendo. É melhor sair, por favor. — Tentou usar o máximo de ética profissional e calma, pois tudo o que Lucas lhe disse fez seu sangue ferver.

— Claro, já está mesmo na minha hora, tenho coisa melhor para fazer.

— Como disse?

— Minha namorada está me esperando. Ela é

PERIGOSAS ACHERON

ótima, me dá bem menos trabalho do que essa daí. Tive sorte, na verdade, me liberei a tempo...

Ah, céus! A situação era muito pior do que o psiquiatra vinha imaginando.

Antes que pudesse se segurar, Tiberius suspendeu o crápula à sua frente pelo colarinho da camisa, imprensando-o contra a porta aberta, e baque surdo ecoou pelo pequeno quarto, chamando a atenção de quem por ali passava.

— Seu filho da mãe! Olhe para você, acha mesmo que tem sorte em se livrar dela? — Riu sarcástico, vendo o homem fitá-lo com espanto. — Não, meu caro, só há uma pessoa aqui com sorte e esse alguém não é você. É Capitu que tem que comemorar por se livrar de um verme incapaz de enxergar a mulher maravilhosa que perdeu. Homens como você me enjoam, me dão ânsia — disse, soltando-o e vendo o rosto do homem já vermelho pela falta de ar.

O infeliz ficou sem ação por não entender o que estava acontecendo e, de repente, se pôs a rir.

— Ora, ora... se não temos aqui um homem apaixonado pela suicida. Só tem de saber que o

prato servido por ela é enjoativo...

E essas últimas palavras foram o estopim.

O golpe veio seco, preciso. O barulho de ossos se chocando ecoou pelo lugar quando o punho de Tiberius acertou Lucas no queixo, fazendo-o cambalear e se esparramar na parede atrás de si. Tiberius não ia parar — não queria — não depois do que ouviu e de ter percebido que aquele homem era mais um daqueles covardes, que adoravam se impor a alguém mais frágil, fraco e sem defesas. Agindo como um *poltergeist* sugando a vida de sua vítima e depois partindo sem olhar para trás. Teve pena do verme à sua frente, da vida miserável que se desenhava para ele, que o aguardava.

Ainda tendo a visão nublada pela raiva, vermelha pelas palavras e descaso de Lucas, Tiberius sentiu braços empurrarem-no e alguém se pôs à sua frente, tirando-o com certa dificuldade de perto do homem, que tentava se livrar de suas mãos.

Deus abençoasse a boa alma em questão porque, se não fosse por ela, Tiberius achava não ser capaz de parar sozinho. O que estava dizendo? Não era capaz de parar nem agora, enquanto se

PERIGOSAS ACHERON

debatia para que Pedro, seu colega e amigo, lhe soltasse.

— Pare, Tiberius! Recobre a razão, cacete!

Pedro pedia, segurando-o. Ele estava descontrolado e em total desalinho — o jaleco escorregava pelos ombros, o cabelo estava com alguns fios soltos sobre a face e o rosto suado e vermelho demonstrava seu recente esforço e desgosto.

— Desgraçado! Infeliz! — Lucas esbravejou, enquanto se segurava próximo à parede, levando a mão à face. — Você vai me pagar, seu bosta! Vou te processar por lesão corporal.

Tiberius riu daquela ameaça. Não duvidava, só não tinha medo do outro homem.

— Cala a porra da boca e vai embora, antes que eu o solte outra vez. Quer processar, processe, mas saia daqui — sentenciou Pedro.

Lucas aprumou o corpo um tanto torto, com a roupa agora amassada, a boca escorrendo um filete de sangue e falou:

— O que você é dela? Quer saber, isso pouco me importa, você é só alguém usando as migalhas

PERIGOSAS ACHERON

que deixei. E eu aqui me culpando pelo que aconteceu, enquanto a vagabunda já trepava com outro...

As palavras amargas que deixaram a boca de Lucas, inflamaram os ânimos do psiquiatra e Pedro teve ainda mais trabalho para conter Tiberius, que tinha ganho a força de Golias e queria, a todo custo, avançar para cima do homem engravatado.

Pedro rezou para que alguém levasse o homem dali e a ajuda não demorou a vir. Após dar uma boa vantagem para Lucas se afastar sem maiores danos, ele soltou Tiberius, que arfava como um boi selvagem, preso em um curral pela primeira vez.

Tiberius se sentia incapaz, impotente, andando de um lado para outro no quarto, praticamente rosnando em desespero.

Pedro estava certo em manter uma pequena distância do amigo, não ficaria admirado se, de uma hora para outra, o homem o mordesse. Sentia vontade de rir, não porque era idiota — ele sabia que a situação ali era séria. Sorria consigo mesmo pelas circunstâncias, por ser Tiberius à sua frente naquele estado de ira. Ele não estranharia se fosse Augusto ou Antony, mas Tiberius? Ah, aquilo era o PERIGOSAS ACHERON

suficiente para impressioná-lo.

— Tiberius! — chamou e o outro pareceu não ouvir. — Tiberius!

— Fala.

— Pode não ser o melhor momento, mas o que foi isso?

— Isso é indignação, Pedro, e acontece quando nos colocamos no lugar do outro! — disse por fim, levando a mão à cabeça e tentando recuperar o controle. — Me arrependo por não ter feito ou tentado algo antes.

Pedro achou aquelas palavras sem nenhum sentido, mas decidiu não interferir e deixá-lo falar.

— Eu a via todos os dias, Pedro. Eu só ia naquele maldito café para vê-la. Cheguei a sonhar com ela, olha que loucura! Eu... eu me apaixonei por uma mulher que mal conhecia, que nunca sequer me dirigiu a palavra, caramba! Pedro, sabe quantas vezes pensei em conversa com ela? Ensaiei falar com a moça de sorriso doce e olhar terno um milhão de vezes! Mas não o fiz. O idiota aqui foi cauteloso e respeitoso demais para tentar algo porque ela usava uma aliança, uma maldita aliança

do infeliz que acabou de sair daqui. Me contentei apenas em observá-la, apreciá-la, gravar cada sorriso dado enquanto a via ler seu livro pela manhã. E agora descubro que esse lixo é o homem que, mesmo sem saber, me impediu de falar com ela todo esse tempo. Provavelmente, foi por causa do abandono desse pedaço de merda que ela tentou tirar a própria vida. E é fácil imaginar que em nenhum momento o infeliz tentou ajudá-la, nem lhe passou pela cabeça que Capitu poderia estar sofrendo com algum anseio ou doença emocional. Meu Deus!

Pedro ouviu tudo bestificado. Então era isso? Era por isso que Tiberius não arredava o pé do quarto da moça? O amigo estava apaixonado por ela? Ele nunca imaginaria isso, nem mesmo após ter ouvido a fala de Lucas. Procurou algo para dizer, mas nada lhe veio à mente, então se manteve calado, com as mãos no bolso da calça jeans branca, apenas observando o amigo em sua completa desolação... *Smaug* perderia feio a batalha.

— Não é culpa sua, não tinha como saber de tudo isso, Berão. Não sou perito em casos assim,

mas acho que o importante é que a moça está bem, está aqui. Capitu vai necessitar de todo e qualquer apoio, ela precisa se cercar de pessoas que queiram ajudá-la — disse com calma, vendo o homem à sua frente, enfim, se acalmar. — Já tem um diagnóstico?

— Tenho suspeitas, porém preciso que ela acorde e queira conversar comigo. Só aí, terei o diagnóstico completo em mãos.

— Está disposto a isso? Digo, cuidar dela com todo esse sentimento guardado dentro de você? — disse, e viu Tiberius o fitar, carrancudo. — Não me olha assim, Berão, sei que é o melhor para o caso. Estou perguntando, pois nós dois sabemos que isso é antiético. Se pretende manter uma amizade com a moça, o certo é passar o caso para outro especialista. — Tiberius sabia disso, era só no que pensava nos últimos dois dias. — Seja prudente, Berão, use a mente como sempre fez e aja direito. Se gosta mesmo dela, não espere para mostrar seus sentimentos.

Tiberius parecia contrariado quando respondeu:

— Tem razão. Eu irei atendê-la quando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acordar e darei o caso à Marta. Juntos, encontraremos o diagnóstico e depois me retiro.

— Bom, já fiz minha boa ação do dia, quer dizer, do mês e agora vou pra casa. Se vir Augusto por aí, fuja dele, Tiberius. O cara tá um nojo.

— Se eu tivesse dado bobeira e perdido uma mulher como aquela, também estaria.

Pedro não se segurou e soltou uma gargalhada. O amigo estava de volta.

— Eu vou indo, tenho mais o que fazer do que tomar conta de marmanjo criado e encrenqueiro.

— Deveria aproveitar a deixa e fazer o que me aconselhou, falar do que sente para mulher certa.

O sorriso no rosto do amigo morreu na hora em que as palavras deixaram os lábios de Tiberius.

Pedro sabia bem do que ele falava. Era uma pena não seguir seus próprios conselhos.

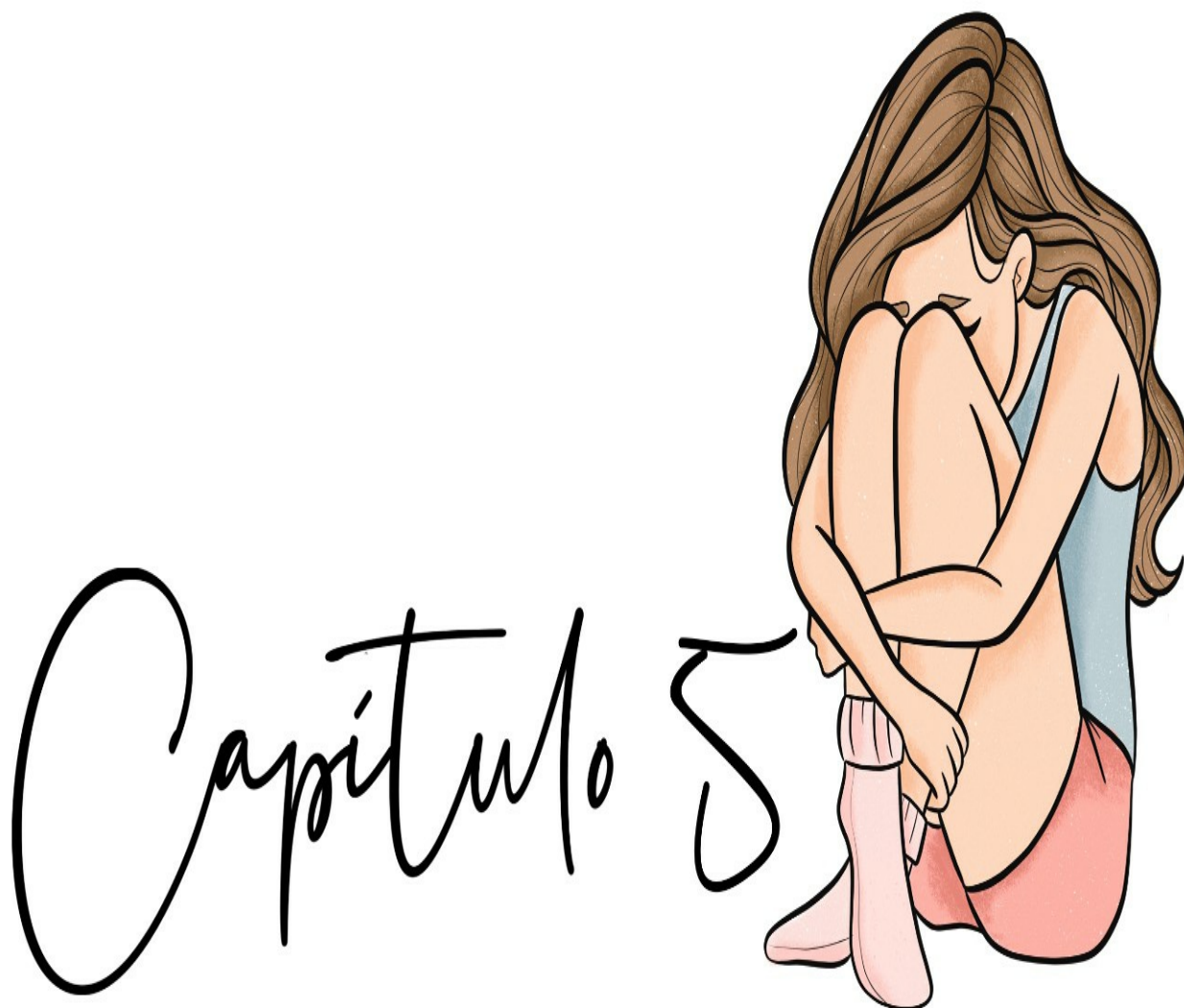
— Meu caso é diferente, Berão, não é a primeira chance. Não é como se eu pudesse voltar no tempo e roubar a noiva do casamento. Meu momento com Alice ficou na adolescência, se é que houve algum momento realmente. Agora preciso ir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sozinho, Tiberius ficou pensando na sua própria situação. Não, ele não deixaria Capitu ir, não precisaria de segundas ou terceiras chances — não se ela lhe desse a primeira. Ah não, não mesmo, ele faria essa primeira chance ser única para o amor dos dois...

PERIGOSAS ACHERON



“No fim, o que nos deixa aliviados, é que sabemos que a bela adormecida sempre acorda no final da história...”

Quando falam de amor, o que vem à sua

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça? O que você imagina? Será que temos mesmo uma imagem formada sobre esse sentimento? Não deveríamos ter, essa é a verdade. O amor não se cria, é moldado de forma diferente por cada ser consciente de seu próprio sentimento e vida. Não deve ser algo planejado, calculado e manipulado, pois se for algo assim... simplesmente não é amor!



—É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro, possuidor de uma boa fortuna, deve estar necessitado de esposa.

Por pouco que os sentimentos ou as opiniões de tal homem sejam conhecidos ao se fixar numa nova localidade, essa verdade se encontra de tal modo impressa nos espíritos das famílias vizinhas que o rapaz é desde logo considerado a propriedade legítima de uma das suas filhas.

PERIGOSAS ACHERON

— *Caro Mr. Bennet — disse-lhe um dia a sua esposa —, já ouviu dizer que Netherfield Park foi alugado afinal?...*

Capitu ouvia a voz do anjo lhe falar, como se lesse uma história... Ei! Isso era Jane Austen? Perguntou-se, por um momento, tentando abrir os olhos ou emitir algum som, um sinal de que estava ouvindo. Não conseguiu e ele continuou a leitura ainda por bastante tempo.

Ela se deliciou não apenas com as palavras da sua escritora favorita, mas também com a paz que aquela voz lhe despertava.

Antes que o anjo pudesse terminar o segundo capítulo de seu livro tão amado, *Orgulho e Preconceito*, Capitu voltou ao seu estado comum de inconsciência e completa escuridão.



Nos três dias em que permaneceu ao lado de Capitu, Tiberius fez de tudo, até mesmo serviu de conselheiro amoroso para Augusto, e Deus sabe que tinha sido um péssimo mentor. Mas também como conseguiria ajudar os outros, se não resolvia a própria vida? Era um psiquiatra, um muito bom por sinal, porém não se sentia apto a auxiliar ninguém ali, pois estava com a cabeça cheia de preocupação.

Carolina esteve ali mais cedo, permanecendo horas com ele e Capitu. Pedro também continuava a fazer visitas rápidas, mas sem perguntas, o que ele agradecia. Como esperado, o tal Lucas não veio novamente, porém prestou queixa ao hospital, mas não à polícia — não ainda, pelo menos.

Sentado na poltrona ao lado do leito, pôde refletir sobre suas ações e soube que tinha ido longe demais. Corria o risco de perder sua licença e até mesmo de ser preso, caso o ex-noivo da mulher ao seu lado fizesse realmente uma queixa.

Tinha perdido a cabeça e isso começava a ferver seus miolos. O que havia dado nele afinal? Que direito tinha de partir para cima de Lucas daquela forma? Não sabia nada sobre Capitu,

apenas parte de sua história — a parte que a prima lhe permitiu saber —, mas ainda assim, não era suficiente para tanto, mesmo que em seu peito ardesse um sentimento verdadeiro por ela.

Agora, com a mente no lugar, percebeu o tamanho do estrago causado. Olhou-a imóvel ao seu lado, fechou o livro em suas mãos e se pôs a pensar.

Até mesmo para ele, tudo parecia confuso. Mal conhecia Capitu, mas sentia em seu íntimo que era capaz de tudo por ela e se perguntava como alguém poderia gostar, se apaixonar por uma mulher que mal conhecia. Era loucura, tinha se convencido disso.

Tiberius levou a mão ao cabelo, bagunçando alguns fios e admirou a moça. Ela era realmente linda. Cada pequeno detalhe em seu rosto contribuía para sua perfeição, até a pintinha marrom pequenininha perto de seus lábios era um detalhe interessante para ele.

Seus olhos então foram para os antebraços de Capitu, cobertos por ataduras que escondiam as marcas recentes de autoflagelo. Aquilo lhe doía. Quando vieram trocar os curativos, notou que os

PERIGOSAS ACHERON

cortes não foram feitos com uma gilete ou algo parecido, pois eram incertos, como se tivessem sido rasgados.

Ao pensar nos cortes, seus pensamentos imediatamente voltaram anos atrás, quando ainda fazia faculdade e estava eufórico para começar a residência, já com a certeza de qual especialidade seguir. Com pesar, Tiberius se lembrou de um momento específico, em meio aos dias difíceis do seu passado.

Tiberius tinha feito planos para ir até a cidade vizinha ver sua mãe, assim que deixasse a faculdade naquele dia, e passar o final de semana com ela e sua irmã. Já fazia dias que não tirava um tempo para passar com as duas, perdido entre livros e estudos de medicina.

Porém, para seu desespero, não foi preciso esperar muito. Uma ligação foi o suficiente para fazê-lo se angustiar e sair no meio da aula, sentindo o coração afundar dentro do peito.

Seus colegas estranharam seu comportamento, a pressa em sair sem ao menos um aviso e não demoraram a ir ao seu encontro no pátio. Acharam-no em desespero, dando voltas em

PERIGOSAS ACHERON

si próprio, sem saber o que fazer. Estava desnorteado e não respondia nada que lhe perguntavam. Tiberius não sabia ao certo o que deveria falar e era claro que estava em choque. Ele só conseguia dizer: minha irmã, tenho de ver minha irmã.

Tiberius não era assim, não se deixava levar pelo desespero desnecessário, e vendo a situação em que ele se encontrava, Augusto não demorou a se prontificar para levá-lo até a cidade vizinha e Pedro também os acompanhou, sem precisar de maiores explicações.

Já no carro, após se acalmar, o rapaz conseguiu dizer aos amigos que sua irmã tinha tentado se suicidar. Uma tia havia ligado desesperada, dizendo-lhe para ir ao encontro de sua mãe, pois ela estava passando muito mal. Seus amigos se sobressaltaram com a informação, ao pé que Tiberius nem mesmo conseguia acreditar no que ouvira.

A viagem foi silenciosa, ninguém sabia ao certo o que comentar, pois também não sabiam o que realmente havia acontecido. A tia que ligou não dizia coisa com coisa e nem ao menos

esclareceu se a jovem havia sido bem-sucedida em sua tentativa.

Chegaram à cidade de Tiberius uma hora depois e, quando foram à casa do rapaz, o desespero no local era aterrador.

Foram informados que Aparecida, mãe de Tiberius, estava internada no hospital público da cidade. A senhora já de idade não suportou o baque de encontrar a filha morta.

Sim, Letícia estava morta. Tinha se enforcado em seu próprio quarto e, pelo o que disseram, isso ocorreu à noite, porém a mãe só a encontrou pela manhã, em uma situação realmente incomum, e a visão foi demais para a pobre mulher.

Tudo aquilo, aos olhos impressionados do recém-chegado, parecia mentira. Como assim sua irmã tinha se matado? Não, Letícia não faria isso. A jovem garota de dezenove anos não agiria assim. Era uma pessoa alegre, vivia rindo e fazendo piada de tudo.

Ele não conseguia acreditar no que ouvia, e foi inevitável se perguntar como não percebeu os sinais, ou como não notou nada de errado, como

não viu. Mas, também, como perceberia estando a quilômetros de distância?

Ele não pôde deixar de se culpar pela tragédia familiar — talvez se estivesse ali com as duas, isso não teria acontecido. Sentiu que as tinha abandonado, esquecido e a culpa era sentida até mesmo nos seus ossos.

Depois de tentar entender o que aconteceu e fracassar, Tiberius foi ao hospital ver a mãe, que teve de ser sedada por não conseguir controlar suas ações.

Em seguida, ele insistiu para ver o corpo da irmã, antes de levarem para a funerária, porque, mesmo tentando, o pobre rapaz não conseguia acreditar em tudo aquilo. Ele precisava ver para crer no que estava realmente acontecendo e assim fez.

Mas Tiberius se arrependeu de imediato de ter ido ao necrotério. A imagem o assustou profundamente, tudo lhe doía a alma e era feito para machucá-lo, rasgá-lo.

O corpo da sua irmã estava coberto por hematomas e marcas de cortes feitos com uma

gilete, alguns recentes, outros antigos. Aquilo era um sinal óbvio de algum distúrbio, e se ele estivesse lá, poderia ter ajudado sua única irmã. Deus, o que tinha acontecido para fazer com que aquela jovem tão cheia de vida se matasse?

Sentiu uma mão em seu ombro a fim de lhe passar algum conforto e viu que era Pedro. Mesmo dizendo para os amigos irem embora, eles não o deixaram sozinho e logo Augusto se pôs em sua frente, tapando sua visão embaçada por lágrimas e amparando-o em direção à saída. Era demais e isso, eles reconheciam. Foi desolador.

Um pouco antes do enterro, Tiberius foi à sua casa e entrou no quarto que antes dividia com a irmã caçula. A saudade o invadiu e ele passou os olhos por cada canto, cada objeto que pertencia a Letícia, tentando evocar a memória dela.

Foi então que percebeu o pedaço de papel rosa, enrolado como um pequeno cigarro, escondido entre as dobras da janela. Pegou-o e, ao abrir, viu linhas preenchidas com o desabafo de Letícia, em que ela punha para fora todo o desespero que se escondia dentro dela. Lendo aquelas linhas, descobriu que a irmã tinha um

namorado e que a dor do término, o mundo e a incompreensão foram os gatilhos para aquele ato de desespero, juntamente com uma traição.

As lágrimas que segurou até aquele momento escorreram de seus olhos como se uma torneira tivesse sido aberta e Tiberius se sentiu perdido ao ver tanto sofrimento em poucas linhas.

Ele balançou a cabeça, como se saísse de um transe, voltando ao momento atual. Tinha viajado em pensamentos e lembranças dolorosas. Podia sentir os mesmos sentimentos, a vontade de chorar rondando-o, nublando sua visão com lágrimas não derramadas.

Foi só então que percebeu a semelhança. Sua raiva ao ver Lucas e a forma debochada com que se referiu a Capitu o levou inconscientemente de volta a anos atrás, até a morte de sua irmã.

Começou a entender e até achar aceitável sua reação e comportamento. Sim, tivera um motivo — um muito bom por sinal. Ele não pôde ajudar Letícia, dar o apoio que ela precisava e isso lhe deu uma certeza; não falharia com Capitu. Não, ele a defenderia com sua vida e afastaria o mar de escuridão que a cercava. Faria por ela o que não

PERIGOSAS ACHERON

conseguiu fazer por sua irmã.

Continuou sentado, observando-a e se lembrou também de sua mãe — era impossível não lembrar. A pobre senhora faleceu um ano depois da morte da filha, provavelmente de tristeza. Tiberius a havia levado para morar com ele, mas mesmo assim Aparecida entrou em uma depressão profunda, da qual ele não conseguiu tirá-la e acabou morrendo. Perder sua única família em um período de um ano foi aterrador, destrutivo. Chegou a se perguntar se conseguiria aguentar tanta dor, tantas perdas.

Foi por isso que, quando chegou a hora de escolher sua especialidade, Tiberius optou pela psiquiatria. Queria ajudar as pessoas para que ninguém viesse a passar pelo que sua família viveu, pelo menos não sem apoio.

Tiberius foi tirado da sua nuvem de pensamentos, quando foi chamado à sala de Lauro, ficando um tanto apreensivo. Deixou Capitu sob os cuidados de Amélia, uma enfermeira e se dirigiu até a sala do chefe.

Suspirou, se sentia cansado e receoso com que o que o esperava na sala do diretor. Sabia que suas ações, mais cedo ou mais tarde, trariam

PERIGOSAS ACHERON

consequências, mas essa certeza não diminuía o constrangimento. Nunca fora nem chamado à sala do diretor na época da escola e agora... bom agora, estava batendo na porta da sala de seu chefe, um dos médicos mais respeitados do país, para receber uma bela bronca, ou até mesmo sua demissão.

— Entre, Tiberius!

Tiberius obedeceu, encontrando o homem na casa dos cinquenta anos, sentado atrás de sua mesa de vidro fumê, com um charuto entre os dedos.

— Doutor. — Cumprimentou com um aceno, sentando-se onde Lauro lhe indicava com a mão.

— Como vai, Tiberius?

— Bem, e o senhor? — perguntou, educado, sentindo a vergonha tomar sua face.

— Com alguns problemas e um deles veio de você, como bem sabe.

Lauro o fitava sério, parecia realmente decepcionado e quem poderia culpá-lo afinal? O próprio Tiberius se sentia desapontado com as próprias atitudes.

— Doutor, eu sinto muito, não foi minha ...

— O que deu em vocês? — O homem não se segurou e esbravejou ao levantar da cadeira. — Estamos em um dos melhores hospitais do país e, de repente, três dos meus melhores médicos resolveram enlouquecer. Um começa a trazer animais para o hospital, o outro me opera uma coluna no lugar do cérebro e agora você. Como pôde sair na porrada dentro do meu hospital? O que deu em você, rapaz?

Tiberius não entendeu bem o negócio da coluna, mas a história do animal sim. Acreditava que se o médico em questão, que por sinal era Augusto, não se tratasse de um excelente cirurgião e não fosse filho de um dos acionistas do hospital, ele já estaria no olho da rua. Mas o desgraçado era realmente bom no que fazia e ninguém o acusaria se, de uma hora para outra, ele trouxesse um gatinho para uma garotinha internada no hospital.

— Vamos direto ao ponto, doutor. Serei demitido? — Resolveu ser direto e acabar com aquela agonia. Já não tinha idade, muito menos paciência, para levar sermão, apesar de saber que merecia.

— Não vamos ser tão radicais assim, garoto.

Vou aproveitar esse episódio e lhe dar suas férias, que já estavam atrasadas — Lauro respondeu a contragosto, fazendo Tiberius franzir a testa.

— Férias?

— Sim. Para você, serão férias e para o conselho, uma medida disciplinar.

Caramba! Em 10 anos de profissão, sempre teve um currículo impecável, nunca levou uma reclamação e agora... Bom, agora tinha sido suspenso para averiguação, o que podia considerar uma vitória, já que ainda continuava com seu emprego apesar do que fez. Meu Deus, em que grande confusão se metera!

Por sorte, não precisou falar o que o levou a atacar um homem no hospital. Seria pior contar a verdade, afinal, não podia dizer que a moça era sua paixão platônica. Quão ridículo isso seria?

— Certo, será como achar melhor, doutor.

Ele se levantou e estava realmente chateado com a situação, principalmente, consigo mesmo. Deveria ter se controlado.

Não, não deveria. Lucas teve o que mereceu e Tiberius não se arrependia disso. Não mesmo.

— Até mais, rapaz.

Mas antes de sair, algo lhe ocorreu.

— Lauro e a paciente?

— Convenhamos que seu envolvimento com a paciente te impossibilita de ser o psiquiatra dela. — Ah claro, o crápula do noivo da mulher tinha dito em sua queixa que eles tinham um caso e agora todos estavam fofocando sobre isso. — Pode acompanhá-la como parente, só informe à Marta sobre o caso.

Não era o que ele queria, mas reconhecia que Marta era uma excelente profissional e os seus sentimentos por Capitu poderiam prejudicar o seu tratamento.

— Certo, boa tarde, Lauro.

— E Tiberius?

Ele parou, ainda com a mão na maçaneta da porta, ao ser chamado e se virou na direção do diretor do hospital.

— Agradeça a Pedro por não ter sido preso. Foi ele quem convenceu o rapaz a não dar queixa à polícia. Esse parece ser o único médico de minha

equipe que ainda tem a cabeça no lugar. Agora vá.

Saiu, sentindo-se aliviado por saber que Lucas não daria queixa à polícia. Por outro lado, agora tinha um novo problema em suas mãos. Claro que ele passaria o caso para de Marta de qualquer jeito, mas Tiberius gostaria de ser a primeira pessoa que Capitu visse, ao acordar do coma, e queria lhe dar o diagnóstico.

Voltou ao quarto dela arrasado, jogando-se no pequeno sofá que ficava no fundo do cômodo, pensando em qual seria seu próximo passo.

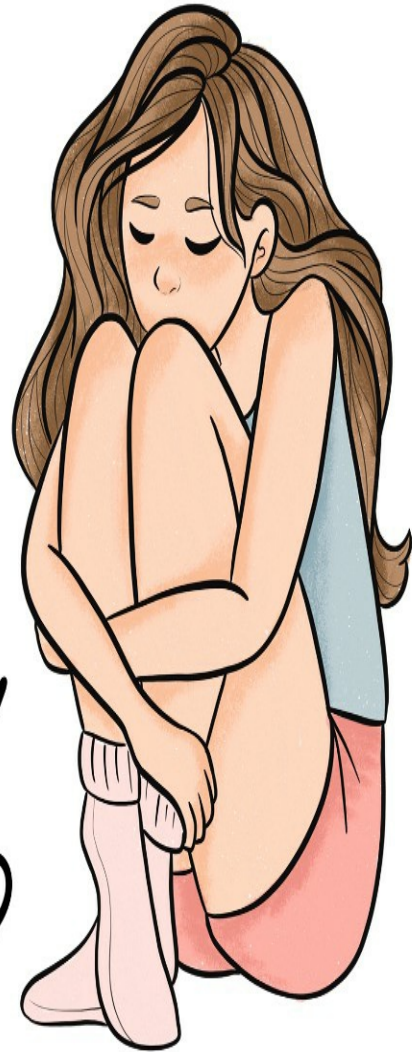
De repente, algo lhe chamou a atenção, algo como... Ele olhou em direção à cama e paralisou. Capitu tinha os olhos abertos, focados especificamente nele, uma íris verde luminosa, observando-o atentamente.

Parecia confusa, com medo e então ele soube o exato momento em que as lembranças a tomaram como uma avalanche. Viu os olhos da moça inundarem-se de lágrimas, derramando, assim, toda sua decepção com o mundo — e talvez até com ela mesma por não ter conseguido seu objetivo: a morte.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6



***“A loucura está em nós ou no mundo que
nos cerca?”***

*Você pode dizer a si mesmo que tentou e até
se convencer disso. Mas será que foi o suficiente?*

PERIGOSAS NACIONAIS

Será que não vale a pena tentar mais uma vez, ao invés de desistir? Vale, claro que vale! Estamos falando da sua vida, de tudo o que construiu, do mundo que criou para si, de tudo o que fez até aqui. Se a você, nesse momento, parece que o mundo perdeu a cor, o sentido e os caminhos, refaça tudo. Atravesse suas barreiras, faça como Moisés e abra o mar de sangue à sua frente e, no fim, você descobrirá que só precisava levantar e andar...



De repente, Capitu começou a sentir tudo ao seu redor e uma estranheza sem tamanho a invadiu. Tentou se mexer, antes mesmo de abrir os olhos, sentindo o colchão duro às suas costas, os músculos sem movimentos, as pálpebras pesadas, a boca seca e principalmente, o cheiro. Ah, aquele cheiro lhe trazia tantas lembranças dolorosas. Só então ouviu passos, resmungos que não pareciam nada

PERIGOSAS ACHERON

agradáveis aos seus ouvidos. Esforçou-se para abrir os olhos e se movimentar, mas a dor invadiu seu corpo.

Soltou um pequeno suspiro e bastou isso para conseguir o impulso final de abrir os olhos. A luz a incomodou em um primeiro momento e a claridade a fez piscar várias vezes, inundando seus olhos de lágrimas. Mas nada a perturbou mais que o desconforto que a assaltou. Gemeu ao tentar falar, pois a voz não saía, parecia engasgada, a garganta arranhando. Focou a atenção no teto de gesso branco, tentando inutilmente se situar enquanto ouvia um bip que não lhe era estranho. Olhou em volta... ela estava em um hospital? O que...

Foi aí que as lembranças vieram. Cenas de dor, horror e abandono.

Lucas.

A traição.

Os cortes.

Os remédios.

Deus do céu, queria morrer, por que não conseguiu? Ela não aguentava mais aquela dor, a confusão dentro de si, não se organizar. Seus olhos

PERIGOSAS ACHERON

agora não lacrimejavam mais por causa da luz, mas sim por tudo que havia acontecido, do que haviam feito com ela. Tentou levar a mão ao rosto, se mover, levantar, mas foi em vão, tinha perdido o controle do próprio corpo.

Então, um movimento lhe chamou a atenção. Olhou com certo pavor para o canto do quarto e viu alguém vestido de branco ao fundo, sentado em um sofá. Percebeu a surpresa nas feições do homem, antes das lágrimas embaçassem de vez a sua visão.

Só queria chorar, sumir, sair correndo dali para um lugar que ninguém seria capaz de salvá-la. Tentou mais uma vez se mover, sentindo os movimentos desordenados, estranhos, os músculos doloridos, a boca adormecida parcialmente e a garganta doendo demasiadamente.

— Calma, Capitu, não tente se levantar. Você ainda está com a sonda. — A voz dele tinha um timbre grave, mas ele falava suavemente. Aquela voz... — Beba um pouco de água, vai se sentir melhor.

Ela não queria nada, muito menos calma. O que desejava mesmo, ela não conseguiu. Morrer parecia tão fácil — as pessoas partiam todos os

PERIGOSAS ACHERON

dias, gente que queria desesperadamente viver, mas tinha seu fôlego apagado em um segundo — e ela conseguia falhar até nisso. Com o fracasso amargando sua boca, Capitu só queria se esconder, deitar em sua cama em posição fetal e pôr para fora toda dor e angústia. Estava tudo sobre ela novamente, toda confusão e plenitude de sentimentos, esmagando-a com força.

Tiberius não sabia o que fazer e pedia para que Capitu tivesse calma, enquanto a observava chorar e inutilmente tentar se levantar da cama. Ele havia se preparado para incidentes como esse a vida toda, mas, naquele momento, não conseguia agir como médico — nem de longe conseguiria tal proeza.

Queria apenas acalmá-la e impedi-la de se machucar mais, ao tempo que Capitu, com movimentos desconexos, tentava esfregar a própria pele com os braços e unhas, ignorando os pedidos de calma de Tiberius. Ele tentou contê-la e Capitu se desesperou porque não era capaz nem de gritar para que o homem tirasse as mãos de cima dela.

Ele tinha chamado a equipe médica assim que ela acordou e, quando eles chegaram, não teve mais

tempo de fazer nada, pois eles pediram para que se afastasse. Tiberius não queria sair de perto de Capitu, mas do jeito que estava, não poderia ajudar muito. Sentia-se nervoso, inseguro e o melhor a fazer era deixar a equipe trabalhar e tentar colocar a cabeça no lugar para agir com alguma coerência. Só assim poderia de fato auxiliá-la.

Saiu do quarto enquanto a psiquiatra tentava acalmar Capitu. Se ela continuasse como estava, teria de ser sedada e ele não queria isso. Droga! Quem era ele afinal para querer qualquer coisa em relação a ela? Olhou de esguelha para o quarto e notou que Capitu não tentava mais se machucar, apenas encarava Marta com aquele olhar ferido.

Um enfermeiro aferia a pressão da moça e Tiberius achou melhor avisar Carolina do que estava acontecendo. Havia pegado o número dela da última vez que estiveram juntos no hospital, prometendo ligar assim que Capitu acordasse. Tirou o celular do bolso do jaleco e fez a chamada. Não foi preciso muito tempo, três toques depois e a voz um tanto histérica de Carol invadiu seus ouvidos.

— Tiberius? O que aconteceu? Capitu..., ela

está bem? — ela o bombardeou com perguntas, quase gritando em seus ouvidos.

— Calma, Carol, está tudo bem. Liguei para pedir que venha ao hospital, Capitu acabou de acordar.

— E como ela está?

— Fisicamente está se recuperando, mas acordou um pouco desnorteada, o que é normal. Venha o mais rápido que puder, ela se sentirá melhor se vir alguém da família por perto.

— Claro, já estou pegando um táxi e em minutos estarei aí.

Tiberius assentiu, ele gostava disso, da preocupação que a mulher mostrava por Capitu.

— Cuida dela até eu chegar aí, Tiberius.

Ele apenas concordou, pois achou que não era o melhor momento para dizer a Carolina que não estava mais no caso. Após se despedir, notou que a movimentação no quarto estava menor e se pôs ao lado da porta, observando tudo.

Enquanto isso, Capitu tentava fazer o que disseram: se acalmar. Sabia o que tinha acontecido,

se lembrava de ter atentado contra a própria vida, mas não entendia como ainda estava ali e, menos ainda, como tinha chegado ao hospital. Tinha feito tudo certo, tomado a quantidade de pílulas que derrubaria até mesmo um elefante.

— Está sentindo dor? — a médica, que antes lhe pedia calma, perguntou baixinho, como se falasse com uma criança.

Capitu apenas negou com a cabeça, mesmo sentindo o contrário.

— É normal sentir dor, Capitu, principalmente em seus músculos, mas isso não quer dizer que ficará assim por muito tempo. Ainda estamos avaliando o seu caso. — Marta falava devagar, baixo. — Você foi trazida para o hospital há três dias, depois de ter sido encontrada em seu apartamento por sua prima. Segundo o que ela nos relatou, você vomitou muito após ingerir a droga, por isso conseguimos te salvar.

Finalmente, a mulher na faixa dos quarenta anos, de cabelos curtos e feição serena tinha esclarecido o mistério que perturbava a mente de Capitu.

Ela fechou os olhos e, por um minuto, sentiu arrependimento pelo que fez. Não por si, mas pela prima. Deve ter sido horrível para Carol vê-la naquele estado e a prima não merecia aquilo. Sentiu um toque suave em sua mão e voltou a abrir os olhos, vendo a médica à sua frente segurar um copo descartável com água e um canudo branco à altura de sua boca. Bebeu a água percebendo, só naquele instante, o quanto estava sedenta. A água fria lhe desceu pela garganta causando alívio imediato, e sentiu até de vontade de gemer, em puro deleite.

— Beba devagar, Capitu. Você pode se engasgar.

Não sabia dizer com precisão o que estava em sua cabeça, os sentimentos que digladiavam dentro de si. Deixou de tomar a água e virou o rosto em direção à parede, sentindo uma lágrima escorrer por sua face, sem que pudesse controlá-la. Voltou sua atenção para a porta, franzindo levemente as sobrancelhas ao ver um homem parado ali, observando-a. Ele tinha o semblante preocupado, olhos castanhos vermelhos, com olheiras escuras ao redor e braços cruzados em frente ao corpo.

Antes que pudesse observá-lo melhor, um

furacão alto e loiro surgiu, empurrando o homem que bloqueava parcialmente a passagem, trazendo-o um pouco mais para dentro do quarto.

Assim que Carol viu a prima, fitando-a com um misto de medo e vergonha, correu em sua direção e se jogou sobre Capitu, sem se importar com mais nada. Queria apenas sentir o alívio que lhe atravessava a alma naquele instante. Estava muito chateada com ela — Deus como estava chateada com Capitu —, mas deixaria isso para depois. No momento, ia apenas se regozijar com aquele milagre.

— Não faz mais isso, Capitu, por favor. Nunca mais faça isso comigo. Eu passei por um inferno esses dias! Você me fez sentir uma dor que jamais vou esquecer — falou, ao ouvido de Capitu, entre soluços penosos.

Capitu sentiu a mulher estremecer em seus braços e agarrou a prima como podia, derramando-se no conforto daquele abraço e despejando toda sua dor e frustração. Doía tanto que achou que sufocaria.

— Eu irei deixá-la com sua prima, Capitu — a doutora falou, recolhendo a prancheta que, só

PERIGOSAS ACHERON

agora, percebeu que ela usava. — Precisa descansar e se situar. Aos poucos, seus músculos irão reagir como antes e logo terá alta. O médico que a atendeu quando você deu entrada logo virá aqui, e eu volto amanhã para conversarmos mais um pouco.

A última frase da médica chamou atenção de Carol.

— Não é ele quem irá cuidar do caso? — A moça perguntou, soltando Capitu e limpando as lágrimas dos olhos, apontando para Tiberius.

Ele sentiu seus músculos se retesarem ao ouvir aquela pergunta e a culpa o invadiu. Se não tivesse perdido a cabeça, não estaria naquela situação.

— Não, Carol. Cuidei nos primeiros dias, mas agora o caso irá para as mãos de Marta. Não se preocupe, ela é uma profissional excepcional.

— Mas achei que seria você, eu estava confiando em você.

Pronto, em que saia justa estava se metendo. Não podia falar o que tinha acontecido. Iria dizer o quê? Que havia espancado o crápula que Capitu chamava de noivo? Ele escolheu as palavras para se

PERIGOSAS NACIONAIS

explicar, mas Carolina se adiantou e falou:

— Mas tudo bem, se me diz que podemos confiar na doutora...

— Marta — a mulher falou com convicção estendendo a mão para Carol.

— Então tudo bem— disse, aceitando o cumprimento da médica.

Tiberius quase deixou um suspiro audível de alívio irromper seu peito, satisfeito com o desenrolar da situação.

Capitu assistia àquela interação, já sentindo o sono lhe pesar as pálpebras. Olhou com cansaço quando a médica saiu do quarto e o homem, que a seguir. Sozinha com Carol, deu graças a Deus por não poder falar, pois assim não teria de encarar as consequências de seus atos tão cedo. Sabia o que tinha feito, sabia que enfrentaria problemas, mas não tinha forças para isso agora. Tudo o que queria era voltar a ouvir a voz do anjo...

PERIGOSAS ACHERON



Naquela noite, Tiberius não sabia mais como se comportar. Dizia a si mesmo que deveria estar em casa e não ali no hospital, ocupando um dos quartos de descanso, tentando inutilmente dormir. Sentia-se impotente, e aquele sentimento era irracional porque sabia que não tinha nada o que pudesse fazer. Ele tentou interferir uma vez e o resultado foi desastroso. Deus do céu, ele quase quebrara o nariz do homem.

Mais do que qualquer pessoa, ele entendia que, naquele caso, não havia culpados, pois não podemos atribuir aos outros a responsabilidade da nossa felicidade, isso só cabia a nós mesmos. Por mais que entendesse o quão doloroso foi o término do noivado para Capitu, Lucas não tinha culpa de, no fim, a moça ter atentado contra a própria vida. Ninguém tinha, muito menos ela. Na verdade, Capitu era a maior vítima de toda aquela situação. E mesmo sabendo de tudo isso, ele não conseguia

acalmar seu coração.

É, de fato estava em uma situação complicada e sabia que Lauro tinha feito o certo ao afastá-lo do caso e do hospital. Ele não vinha agindo normalmente desde que Capitu foi internada. Não era o Tiberius, renomado psiquiatra, calmo e concentrado. Ali, era só o homem comum, o Tiberius que tinha raiva e excessos de violência.

Violência. Riu ao lembrar do ocorrido com Lucas, da forma como se portou e de como o deixou. Ainda não acreditava no que havia feito e nem que tinha se livrado de um futuro processo. Tinha muito o que agradecer a Pedro.

A verdade é que, por mais que quisesse ter mantido o controle, se sentia incrivelmente bem com o que havia feito a Lucas — não podia negar esse prazer. Mais ainda, sentiu que vingou a mulher deitada naquele leito. Pronto, lá estava ele de novo, entrando ainda mais na merda, com esse tipo de pensamento. Agora tinha se transformado em um protetor? Pois então estava se saindo uma grande porcaria!

Àquela altura da madrugada, era óbvio que não conseguiria mais dormir e aproveitou para ir

PERIGOSAS ACHERON

para casa, tomar banho e trocar de roupa. Talvez assim tirasse um pouco da tensão acumulada naquele dia.

Tiberius se levantou e saiu do pequeno quarto, passando em frente ao leito de Capitu para vê-la. Ficou aliviado ao encontrar a moça dormindo tranquila, acompanhada da prima deitada um pouco desajeitada no pequeno sofá.

Saiu do hospital pouco tempo depois, entrou em seu carro e foi direto para casa — o cansaço começava a cobrar seu preço.

Não morava muito distante do hospital, sua casa ficava a poucas quadras dali, em um bairro residencial. Tiberius teve de economizar por um bom tempo para comprar a residência, mas isso não o desmotivou, porque aquele era um sonho antigo. Desde muito cedo, ele desejou comprar uma casa pequena que abrigasse sua família. Nem sua mãe ou Letícia tiveram tempo de ver esse sonho se realizar, mas ele seguiu em frente por elas.

Guardou o carro na garagem e logo entrou em casa pela porta lateral. Não demorou para Tita se agarrar às suas pernas, ronronando dengosa com o rabo levantado. Parecia que ele tinha um sininho

PERIGOSAS ACHERON

invisível — era só chegar que a gata logo aparecia para lhe dar boas-vindas. Deixou a pasta em cima do sofá marrom de canto e pegou o bichano em seu colo, indo em direção à cozinha.

— Parece que alguém aqui está com fome, ou será só falta de carinho, Tita? — falou, afagando a cabeça da gata preta, que fechou os olhinhos verdes, gostando do carinho.

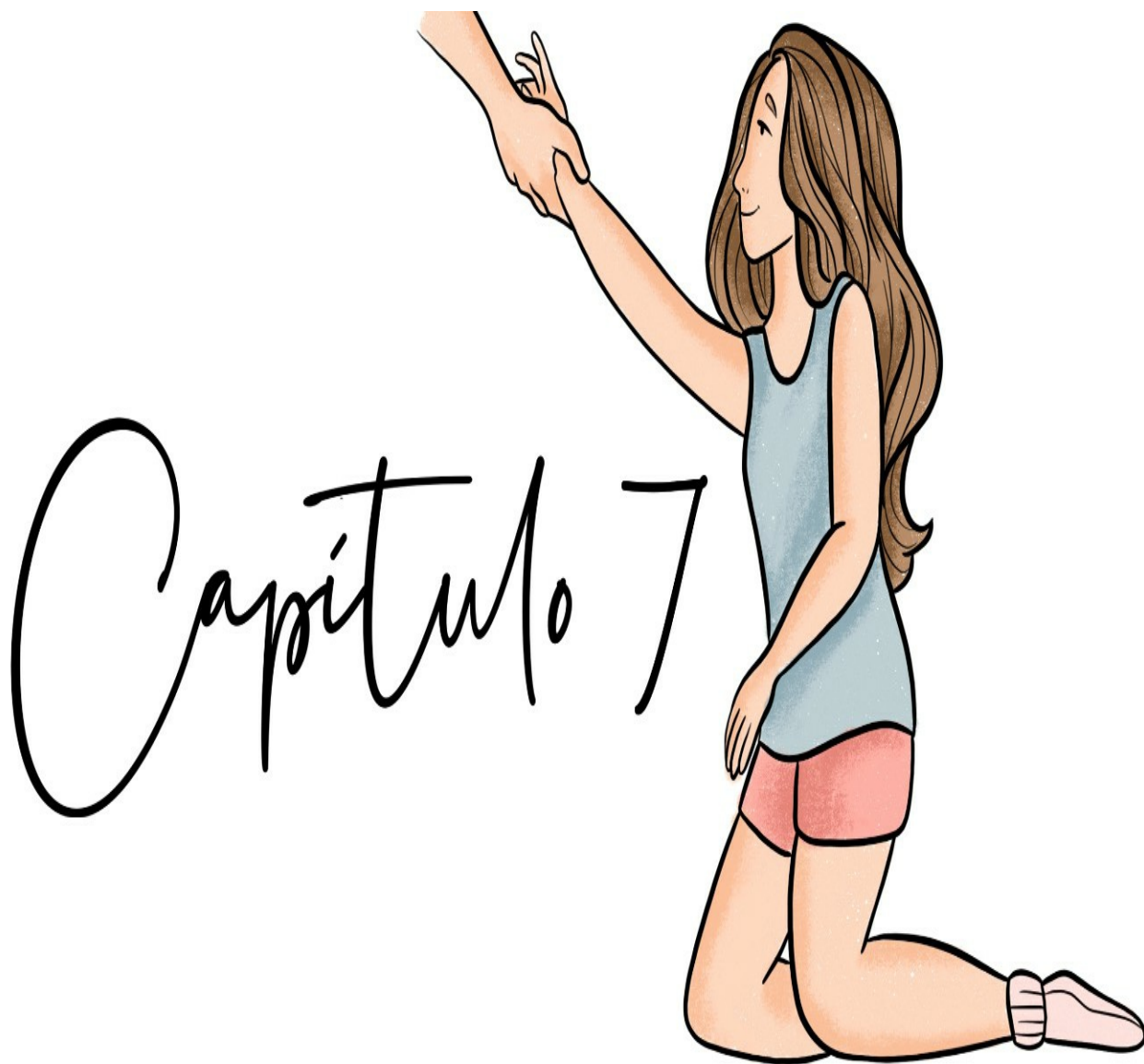
Fazia pouco tempo que o filhotinho havia sido abandonado em sua porta. Ele o encontrou em uma manhã quando saía para o trabalho e não foi capaz de dar as costas ao bichinho magricela. Desde aquele dia, tinha ganhado uma boa companhia para tudo, até mesmo para ler. A gata parecia achar que, assim que ele pegava um livro na biblioteca, estava convidando-a para se deitar em suas pernas e lhe fazer companhia.

Ele sorriu, reabasteceu o pote de ração, colocando-a próximo do recipiente, e logo constatou que se tratava mesmo de fome. Depois de alimentar Tita, Tiberius foi para o quarto, precisava de uma ducha. Após tirar a roupa, entrou no chuveiro e tomou um longo banho relaxante. Iria cair na cama e tentar ter uma boa noite de sono

PERIGOSAS NACIONAIS

porque precisava estar bem para o dia seguinte,
Precisava estar bem para Capitu.

PERIGOSAS ACHERON



*“Algo de bom pode surgir de um temporal,
afinal, após uma grande tempestade, sempre vem
a calmaria...”*

O amor escolhe quem, onde ou quando amar?

Não, não escolhe. Ele apenas se mostra a nós e nos leva a acreditar na felicidade, na euforia, achando que iremos encontrar aquele pote de ouro no final do arco íris. O problema é que, às vezes, o bendito pote estará realmente abarrotado de ouro, mas, em outros momentos, estará vazio ou guardando o ouro de outro.



Na manhã seguinte, Capitu acordou atordoada com o pesadelo que a assaltou naquela madrugada — um dos inúmeros sonhos ruins que tinha com o pai. Eles nunca iam embora, sempre a rondavam, esperando o momento certo para deixá-la vulnerável, mostrar quem era a verdadeira Capitu.

Carol estava com ela e parecia preocupada com o seu estado. A loira vinha cercando-a, conversando e evitando falar de Lucas ou do o que Capitu tinha feito. Depois do que disse ao entrar no quarto, ela não tocou mais no assunto. A verdade é

PERIGOSAS ACHERON

que Carolina não sabia o que dizer e tinha medo de piorar ainda mais a situação.

Capitu queria saber de Lucas, se ele tinha voltado para casa ou ido visitá-la, mas não tinha coragem suficiente para perguntar a Carol. Sabia que a prima a mataria caso o fizesse.

Lembrava e relembrava o que tinha acontecido com angústia, as palavras do ex-noivo rondando sua cabeça. Cinco anos vivendo em função dele, para ele. Tentava repetidamente encontrar o momento em que tudo começou a mudar e ela deixou de ser suficiente. Aquela velha sensação de sufocamento a ameaçou e ela quis voltar no tempo para impedir a partida de Lucas e fazer mais pelo homem que amava.

Sentiu os olhos arderem, mas não tinha mais lágrimas — as tinha secado naquela madrugada. Só se manteve ali, calada, o olhar perdido em algum lugar do quarto.

Pelo menos havia começado a ter o controle de seu corpo. Mais cedo, uma enfermeira veio retirar a sonda vesical e Capitu se sentiu aliviada por se livrar do aparelho desconfortável. Com a ajuda da mulher, tomou banho e se sentia bem

PERIGOSAS ACHERON

melhor. Também soube que os dois médicos que estiveram no quarto ontem eram psiquiatras, apesar de não conseguir se lembrar de nenhum com clareza.

Quando ficaram sozinhas novamente, Carol perdeu alguns minutos observando a prima, sentada aos pés da cama e disse:

— Acho que daqui a pouco a doutora Marta vem te ver. Gostei dela, apesar de preferir o outro psiquiatra que te atendeu quando você deu entrada na emergência. Acho que pode confiar nela — disse, com a mesma delicadeza que usava para falar com sua filha de cinco anos.

Capitu fingiu não ouvir, olhos fixos no teto. Ela não iria se submeter aquilo de forma alguma.

— Sabe, Cá, falar pode te ajudar a entender o que está acontecendo e porque...

— Para! Só para! — começou, usando de um esforço sobre-humano para falar, sentindo a língua embolada e a garganta dolorida. — Eu sei por que fiz aquilo, a dor no meu peito não me deixa esquecer. Não quero um médico, não quero nada. Quero ir pra casa e por favor pare de me convencer

de que sou louca. EU NÃO SOU LOUCA!

Tinha tentado tirar a vida sim, mas aquilo não era loucura, era desespero, falta de um sentido, abandono. Isso não queria dizer que precisava ir parar em um manicômio. Carol fez que não escutou, alegando que a voz da prima estava um tanto embolada, impossível de ser entendida, mas Capitu conhecia a loira e sabia bem qual era o seu jogo.

— Bom dia!

Uma voz alegre a alcançou e, logo depois, a médica — que agora esquecera o nome — estava à sua frente, mostrando um sorriso afável, quase fraternal e Capitu teve vontade de bufar de desgosto e impotência.

— Bom dia, doutora, como vai? — Carol a cumprimentou com alegria, enquanto Capitu se mantinha muda.

— Bem e vocês? Como passaram a noite?

— Muito bem, mas a Cá teve alguns pesadelos de madrugada. — Capitu olhou feio para a prima, que não se intimidou e continuou: — Vou deixar vocês conversarem e aproveitar pra tomar um café.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não houve tempo de Capitu negar, pois quando terminou de falar, Carol já estava com um pé fora do quarto, saindo em disparada.

Por que não entendiam que ela não queria falar? Ia falar o quê? Que não conseguia definir as emoções que experimentava? Que se sentia como um bolo de camadas, temendo qual parte estaria no topo ao acordar? Não tinha nenhum distúrbio a ser tratado, nem queria abrir parte de sua vida para outra pessoa, ou deixar alguém entrar na sua escuridão.

— Como se sente, Capitu? — Marta perguntou ao pegar uma cadeira e se sentar próximo à cama.

— Bem. — A voz saiu fraca, rouca, mas se fez entender.

— Fico feliz em saber — A médica disse e apenas a observou, segurando a prancheta em uma mão e a caneta na outra.

Capitu sentia os olhos avaliativos da mulher em cima de si, estudando-a. Sentiu-se invadida, sem jeito e passeava o olhar pelo quarto, evitando a mulher ao seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Entendo que isso pareça estranho e que não queira falar comigo. Eu entendo mesmo, Capitu. No início, é difícil para todos, mas quero que saiba que estou aqui para te ajudar. Não quero te obrigar a dizer nada, esperarei o seu tempo chegar. Quero que se sinta à vontade para falar comigo.

Aquela voz calma, singela parecia dizer a verdade, mas o medo falou mais alto. Capitu, então, olhou para a médica e se esforçou para dizer:

— Eu não estou louca!

Aquilo saiu estranho até para seus ouvidos e a médica continuou a fitá-la.

— Eu sei disso. Tenho certeza de que você não é louca e não estou aqui para lhe dar rótulos. Quero te ajudar a se entender melhor, Capitu. Se não se sentir bem em falar, ok, eu compreendo. Temos o tempo necessário pra que confie em mim. Pode conversar comigo quando se sentir à vontade, estou aqui para você. Falar às vezes pode ser libertador!

Ninguém nunca esteve ali para ela, nunca. Claro, tinha Carol, mas ela não entenderia a confusão que reinava em sua mente, coração e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alma. Ela queria gritar. Ah, ela queria tantas coisas que pareciam impossíveis naquele momento... Mas acima de tudo, Capitu queria ser amada, como qualquer pessoa merecia ser.

Nunca tivera amor e essa constatação lhe trouxe sua família à mente — o pai, a mãe, a tia, Lucas — e o vazio a atingiu com força. Levada por esse sentimento, derramou as lágrimas que achou terem secado. Acreditou que a mulher à sua frente queria mesmo ajudá-la e apenas chorou, pôs para fora anos de decepção.



Tiberius acordou sobressaltado naquela manhã, sentindo algo roçar sua perna por baixo do cobertor. Sorriu ao constatar que, mais uma vez, a gata tinha invadido seu espaço

Passou a mão no rosto, tentando acordar de vez e sentou na cama. Olhou para o lado e gemeu,

PERIGOSAS ACHERON

havia perdido a hora e agora precisava correr para chegar ao hospital. É verdade que ele não tinha obrigação de chegar cedo — na verdade, nem deveria ir —, mas queria ficar perto de Capitu.

Sem perder tempo, correu para o banheiro e, quando saiu, pegou a primeira roupa que encontrou — uma calça jeans escura rasgada no joelho e uma camisa simples na mesma cor. Calçou as botas, prendeu o cabelo e foi em direção à cozinha, preparar uma refeição rápida.

Como já era tarde para tomar café da manhã, ele preparou um frango grelhado com alguns legumes cozidos à vapor e comeu rápido, os pensamentos em Capitu.

Depois de comer, arrumou a cozinha e juntou seus pertences para sair. Já estava quase no carro quando uma ideia lhe veio à mente e voltou para a biblioteca. Ele mesmo tinha planejado esse cômodo — que também servia como escritório. Sempre foi apaixonado por livros e por isso quis ter um lugar bem espaçoso, que pudesse cobrir de estantes do chão ao teto, com obras dos seus autores favoritos.

Sem demora, ele entrou no seu santuário particular, pegou o livro preferido de Capitu — ele

PERIGOSAS ACHERON

lembrava de cada palavra que os dois trocaram naquele dia na cafeteria — e voltou correndo para o carro, dirigindo até o hospital.

Assim que estacionou, se dirigiu apressado para dentro do hospital.

Ele ficou parado no corredor, após sair do elevador. Olhando ao redor, com receio de parecer patético, perguntou-se o que diria quando a visse. Era uma boa questão, afinal, que desculpa daria para ter ido ao hospital, quando estava de férias? Tentou enumerar os motivos que o fariam entrar ali, mas não achou nenhum. Claro, podia dizer que estava prestando solidariedade à Carol, já que tinha mais intimidade com a moça do que com Capitu — sem falar que ela não pareceu se lembrar dele. Mas então, ela poderia achar que Tiberius estava com algum interesse na prima e ele não queria isso, afinal Capitu era seu único objetivo há muito tempo.

Desde que a viu pela primeira vez, a moça o encantou. Sabia que seria loucura se aproximar dela, já que era comprometida, por isso se manteve distante, mas agora não havia mais qualquer empecilho.

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto a admirava de longe, teve outros relacionamentos, claro, mas nada que o fizesse esquecê-la. Era loucura, ele sabia, mas não podia evitar.

— Ei amigo! Te liguei mais cedo.

Tiberius se sobressaltou ao ouvir a voz de Pedro.

— Desculpa, eu não vi. Estava com Capitu?
— perguntou com interesse, antes mesmo de cumprimentá-lo.

Pedro riu da pergunta ansiosa — o amigo tinha o péssimo hábito de achar graça de momentos assim.

— Estava sim e Marta também já foi falar com ela.

— Ela falou? Digo, Capitu conversou com Marta?

— Pelo o que soube, ela não se abriu muito. Está frágil, mas não mostrou resistência a continuar a conversa depois.

— Isso é bom.

— Veio vê-la?

PERIGOSAS ACHERON

— Vim para isso, mas agora não tenho tanta certeza. — Pedro o olhou com seriedade e ele prosseguiu: — Não temos muita intimidade, entende? Ao contrário do que todos andam falando nos corredores do hospital, não tenho nada com ela.

O homem entendia e sorriu, irritando Tiberius.

— Para de rir, Pedro. O assunto é sério.

— Eu sei disso — falou, tentando se controlar. — Mas olha o teu tamanho Tiberius, sem falar na idade! Pelo amor de Deus, homem, vai lá. Você estava com o caso da moça e, como um bom médico atencioso, veio vê-la, só isso. Agora pare de ser um maricas e vá logo. Mexa essas pernas!

Falando assim, até fazer sentido, Tiberius pensou, enchendo-se de coragem.

Dando uma tapinha no ombro do amigo, Pedro falou:

— Agora, eu tenho mais o que fazer agora. Boa sorte!

Ignorando a risada do amigo, Tiberius viu que não teria saída e foi em direção à porta, parando ainda no batente e observando o quarto. Capitu estava recostada em alguns travesseiros, enquanto a

PERIGOSAS ACHERON

loira à sua frente tentava, contra a vontade dela, pentear seus cabelos.

— Para, Carol. Que coisa chata!

Ela falava com a voz um pouco arrastada, como se a língua estivesse presa — com certeza, efeito colateral da droga que tinha tomado.

— Cala a boca, Capitu! Você precisa pentear essa bucha. Vai que é aqui o lugar onde você encontrará seu príncipe encantado! Viu aquele pedaço de mal caminho que acabou de sair daqui?

Capitu bufou diante daquela perspectiva absurda. Aquele pensamento era ridículo. A prima tinha inventado aquela história depois que o médico — que mais parecia um daqueles modelos de revistas masculinas — entrou no quarto, com um sorriso aberto na direção de Capitu. Depois de toda aquela simpatia, Carol cismou que ali era o lugar perfeito para arrumar um príncipe encantado. A loira mal disfarçou sua admiração pelo homem, sem falar que ainda o comparou com o ator que interpretou o *Superman* no cinema, Henry Cavill — havia realmente uma leve semelhança, mas Capitu não diria a ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por Deus, Carol, par... — Estancou antes de terminar a frase assim que levantou a cabeça e deu de cara com os olhos cor de chocolate que a fitavam.

Ela percebeu que era o mesmo homem alto de ontem. Ele estava parado na porta do quarto, e quando viu que tinha sido flagrado, o rapaz sorriu sem jeito. Olhou-o com mais atenção, e o achou bonito, com um estilo simples, mas muito atraente.

Ela o achou familiar e vasculhou em suas lembranças até chegar ao homem gentil do café, aquele que adorava romances de época.

— Tiberius! — exclamou, sentindo a garganta arder e a boca levemente dormente. O nome era tão incomum que ela se lembraria mesmo que se passassem anos.

Mas junto com o reconhecimento, Capitu sentiu o rosto esquentar. A vergonha lhe banhou a face e desejou um buraco para se esconder. Quando o conheceu, quis encontrá-lo de novo, pois tinha gostado da sua companhia, mas aquele não foi o cenário que imaginou. Não queria que ele a visse daquela forma, que soubesse o que tinha feito.

PERIGOSAS ACHERON

Já Tiberius sentiu o peito aquecer por Capitu se lembrar dele e um sorriso gentil e verdadeiro lhe tomou a face.

— Se lembrou, então? — Adentrou o quarto, ganhando também a atenção de Carol.

— Claro que sim — respondeu sem jeito, afinal não tinha se lembrado dele na noite passada. — Me desculpe por ontem — disse, ganhando uma sutil cotovelada da prima.

— Não se desculpe. Você era minha paciente até ontem à noite.

— Por falar nisso — Carol o interrompeu —, eu gostei muito da doutora Marta, mas queria saber por que você não está no caso.

Tiberius a olhou e usou a desculpa mais óbvia em que conseguiu pensar.

— Estou de férias.

— Ah, então é por isso? Está perdoado! — Riu, demonstrando intimidade suficiente para brincadeiras. — Tiberius é um excelente médico, Cá e também cliente assíduo do café. Desde que abrimos, temos sua presença ilustre todas as manhãs.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não me lembro de te ver por lá antes do ...
— Capitu parou, não ousando terminar.

— Sou um tanto reservado, fico sempre em uma mesa mais afastada.

Isso era verdade e se não tivesse se atrasado naquele dia e o lugar não estivesse tão cheio, eles nunca teriam conversado.

Capitu apenas assentiu, concordando.

— O que é isso Tiberius? É um livro?

Carol o deixou sem jeito mais uma vez com a pergunta. Ele mal se lembrava do livro e também não tinha certeza se o entregaria.

— Emma? — Capitu perguntou, reconhecendo a capa.

— Sim, bem... Eu lembrei que era um dos seus livros favoritos e que tinha perdido seu exemplar ao emprestá-lo. Resolvi trazer pra te ajudar a passar o tempo. Se não quiser esse, posso trazer outro.

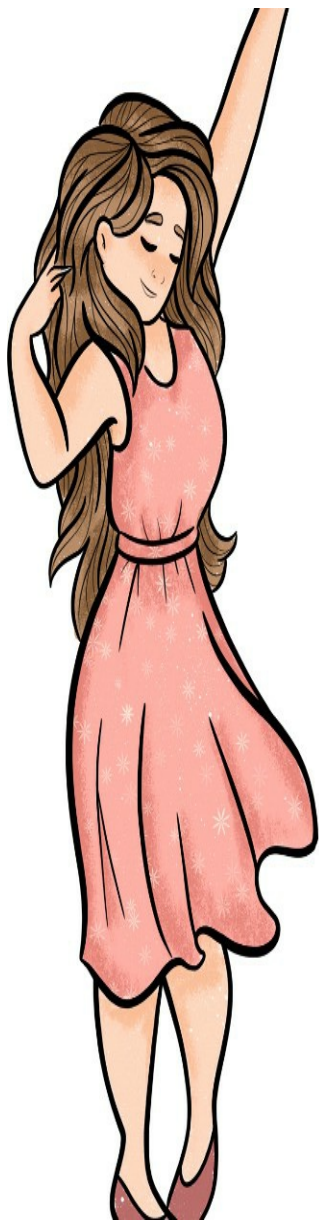
Muito atencioso, Capitu pensou.

Carol teve a mesma impressão e que começava a ver aquela interação com outros olhos. Será? Não, ela estava viajando. Tiberius era

PERIGOSAS ACHERON

atencioso com todo mundo, ele tratava todos do café com cordialidade. Sabia bem que algumas das suas funcionárias esperavam ansiosas pela chegada dele todos os dias. Mas a atenção dedicada a Capitu não parecia normal. Será que ele fazia isso com todos os pacientes? Será que passava dias e noites no hospital, esperando que eles acordassem e lhes trazia livros para passarem o tempo?

Ela duvidava disso...



Capítulo 8

“A confusão de sentimentos pode levar o indivíduo a construir um refúgio dentro de si próprio e, consequentemente, anular parte do mundo ao seu redor.”

Nenhuma escuridão tem o poder de tomar uma alma, não sem permissão. Quando você estiver prestes a ser engolido pelas trevas, fuja, grite, peça ajuda, use a luz. Ela sempre te trará de volta e te levará a um lugar feliz.



Capitu não entendia o carinho que tinha desenvolvido por Tiberius, nem o quanto se sentia bem ao ouvir sua voz — isso era o que mais a agradava no rapaz. A voz dele era levemente rouca, mas com um toque suave e sua presença lhe trazia tranquilidade.

Ela não conseguia explicar o porquê, mas quando ele se levantou para ir embora naquela tarde, teve a súbita vontade de pedir para que ficasse mais. Tiberius não falava muito, talvez por não eles se conheciam bem, mas quando o assunto era livros, ele conversava animado e sempre queria saber a opinião dela. O rapaz até sorria, de uma

PERIGOSAS ACHERON

forma bonita e verdadeira.

— Eu tenho de ir agora.

Na verdade, ele não tinha, mas já monopolizara a atenção dela demais e sabia que a moça precisava descansar.

— Mas já? — Saiu sem querer, no impulso, e ela sentiu o rosto esquentar.

— A senhorita tem que descansar.

O tom de brincadeira e o *senhorita* a fizeram sorrir abertamente.

— Confesso que estou com um pouco de sono, mas ainda s nossa conversa estava ótima. Por favor, venha quando quiser.

— Voltarei amanhã no horário de visita. Esteja certa disso. — Ele sorriu e se virou para Carol. — Até mais, Carolina.

Quando ele saiu, Capitu olhou o livro em suas mãos e o abriu na primeira página, levando-o à altura do rosto. O objeto tinha o delicioso cheiro de *livro novo* e ela o apreciou, antes de fechá-lo e observar a capa. Não tinha arranhões, nem amassados. Tiberius tinha comprado aquele livro

antes de vir vê-la? Estranhou e decidiu tirar essa ideia da cabeça, voltando a abrir o livro.

Mas não conseguiu se concentrar na leitura porque a pergunta que a incomodava há dias se fez presente. Ela olhou para a prima que estava sentada no sofá, conferindo o celular e a chamou, receosa:

— Carol — Sentia-se envergonhada, mas precisava perguntar. — Ele veio?

Carol suspirou, odiava que ela ainda quisesse saber de Lucas. Não sabia o que tinha acontecido ao certo, mas pelo estado do apartamento e a ausência das roupas dele, não foi difícil presumir o fim do relacionamento. Na verdade, ela já esperava aquela separação há muito tempo porque Lucas não amava Capitu. Nunca se importou com ela e só faltava sua prima enxergar isso.

— Não, ele não veio.

Capitu mudou o foco de sua visão e fechou os olhos. Ele não viera, pior, devia ter achado que ela fez aquilo para chamar sua atenção.

Vendo a aflição da prima, Carol falou:

— Cá, por favor, tente superar. Você é uma pessoa maravilhosa e merece mais do que um
PERIGOSAS ACHERON

homem mesquinho que só olha para o próprio pau.

Capitu não respondeu. Para os outros, falar era fácil, eles não sabiam a extensão dos seus sentimentos e julgar era sempre mais cômodo. Ela o amava, o amava com toda a sua alma.

Talvez Capitu fosse mesmo culpada pela traição dele. Um homem gosta de certas coisas — coisas que ela não fazia — e aquela necessidade o fez procurar outras companhias. Ah, como ela era idiota!

Capitu se sentia diferente às vezes, ouvia as amigas e colegas de trabalho falarem sobre sexo, do que faziam com os parceiros e, por mais que tentasse e quisesse, não conseguia ser como as outras. Não tinha aversão ao sexo, mas suas experiências não eram como as das outras pessoas, pois as sensações que lhe relatavam, eram diferentes das que ela sentia.

Quando se entregava a Lucas — seu único homem até então — não alcançava o ápice do prazer e nunca tivera um orgasmo enquanto ele a possuía. Sim, claro, já teve orgasmos, mas não com penetração e esses poucos orgasmos ocorreram graças ao sexo oral, logo no começo do

PERIGOSAS ACHERON

relacionamento quando os momentos eram mais intensos e satisfatórios. Com o tempo, sentiu que seu parceiro não gostava de fazer o ato e começou a sentir vergonha, preferindo abdicar daquele prazer, tentando se satisfazer apenas com o sexo comum.

Não se sentia à vontade para falar sobre o assunto e Lucas também não lhe dava abertura, por isso Capitu sempre achou que era ela a errada, acreditando quando ele lhe dizia que era fria.

Soltou um suspiro com aquela lembrança. Ele sempre a acusou de tantas coisas e Capitu tentava mudar por causa do noivo, buscando se reinventar todos os dias e parecer mais com a mulher que ele desejava e precisava. Com isso, acabou deixando partes essenciais de si mesma para trás.

Tentou esquecer aqueles pensamentos e voltar a atenção para o livro, mas não conseguiu. Seus olhos migraram então para o braço e viu os curativos recém-trocados. O que fizera consigo? Ela tinha buscado alívio do jeito errado e quase pagara um preço alto demais.



Enquanto estive no hospital, Capitu recebeu a visita da doutora Marta regularmente. Não conseguiu dizer muito, mas foi capaz de externar um pouco da avalanche que guardava dentro de si. Contou o quanto era difícil separar os sentimentos e como eles se misturavam com uma facilidade assustadora. Falou também que às vezes tinha acessos de impaciência ou de raiva repentinos e que seu humor oscilava de uma hora para outra. Não conseguiu falar tudo o que realmente sentia, ainda não estava totalmente segura quanto a isso, mas já era um progresso

Estava sendo difícil lidar com a perda que a assolava e a constatação de que não tinha conseguido o seu intuito. Teria que lidar com o seu fracasso e com cada consequência que a sobressaltava. Talvez tivesse ido longe demais, mas só queria parar aquela tortura, toda dor e o furacão que desnorteava. Só queria ser livre. Livre

principalmente de si mesma. Ah, pobre Capitu, sua batalha seria árdua.

Pedro também fizera rápidas visitas, apesar do caso dela não ser sua especialidade. Não deveria tê-la atendido, porém, quando Capitu deu entrada na emergência, o médico responsável estava com problemas e ele acabou assumindo. Depois disso, ele continuou com o acompanhamento e sempre tentava fazê-la se sentir melhor em suas breves visitas.

Tiberius também viera todos os dias. Ficava algumas horas com ela e depois ia embora, fazendo o apreço que Capitu tinha por ele aumentar a cada visita. Ele até a fizera rir em vários momentos e esquecer parte de seus problemas. Mesmo conhecendo-o pouco, sabia que ele a fazia bem.

Nesse meio tempo, tinha outra preocupação além da saúde: seus alunos. Só se tranquilizou quando Carol disse que cuidou de tudo e entregou seu atestado médico à escola, sem de fato dizer o que havia acontecido. Deus sabe qual seria a reação da escola e onde pararia sua reputação, caso o que aconteceu fosse espalhado em seu trabalho. Já havia trocado de emprego duas vezes no último

ano, não poderia fazer isso outra vez. Poderia imaginar a reação de todos, já que até ali no hospital tinha presenciado uma conversa entre as enfermeiras, criticando a sua atitude, perguntando-se como ela queria morrer, quando tantas pessoas tentavam desesperadamente se agarrar à vida.

Além da preocupação com o emprego, havia a dor de ter perdido Lucas. Ele não veio, ou ligou para saber dela — nem mesmo um *oi* — e aquela indiferença a estava consumindo. Quando ele partiu, deixando-a sozinha no apartamento, Capitu tinha esperança de que ele voltaria e, quando se deu conta de que isso não aconteceria, acabou tomando aquela atitude drástica. Não saberia lidar com outro abandono e por isso agiu tão desesperadamente.

Pegou-se comparando essa situação com a de anos atrás, quando a mãe a abandonou. Não se lembrava ao certo por quanto tempo alimentou a esperança de que a mãe voltaria um dia. Darla nunca retornou e Capitu teve que convencer seu coração a esquecê-la.

Pensar na mãe a abalava, por isso tentou focar no presente e na expectativa da sua alta, que aconteceria naquela tarde. Estava ansiosa para ir

para casa, mas uma parte sua lamentava o fim das visitas de Tiberius. Estava se perguntando se teria oportunidade de se despedir dele, quando a doutora Marta entrou no quarto pela segunda vez naquele dia, com um sorriso afável no rosto e alguns papéis na mão.

— Boa tarde! Como está se sentindo, Capitu?

Engasgou com a pergunta por algum tempo e colocou a máscara de sempre. Era mestre em se disfarçar, camuflar suas emoções e receios mais profundos.

— Estou me sentindo bem.

— Isso é bom Capitu. Esse estado de ânimo vai ser importante hoje, pois vou lhe apresentar seu diagnóstico. Tive a ajuda do doutor Tiberius para chegar a uma conclusão, as anotações que ele fez logo no começo, quando ainda era responsável pelo caso, foram muito úteis, mas as nossas conversas também foram essenciais.

Capitu estava estática. Como assim diagnóstico? Ela estava doente?

— Antes de mais nada, quero que saiba que o diagnóstico irá interferir em sua vida, mas também

irá te ajudar a entender e tentar diariamente controlar tudo o que sente. Como você relatou, seu comportamento não é normal e chegamos à conclusão que você tem Transtorno de Personalidade Limítrofe, Capitu. Ou Borderline, como o problema é mais conhecido.

— O que é isso? Eu...

— Fique calma, vou explicar tudo, só mantenha a calma — a médica pediu, com a voz tranquila. — A síndrome de limítrofe é caracterizada pelas mudanças súbitas de humor, Capitu. O portador também teme muitas coisas, principalmente, o abandono, que seja por familiares, amigos ou *affair*. Também apresenta comportamentos impulsivos, como gastar dinheiro ou comer descontroladamente, por exemplo. Geralmente, as pessoas Borderline têm momentos de estabilidade, quando estão completamente no controle de suas emoções. Mas esses períodos estáveis se alternam com surtos psicóticos, manifestações de comportamentos descontrolados, desencadeados por sentimentos como ciúmes, ira, medo.

Capitu ouvia tudo com os olhos arregalados,

tentando processar aquelas informações.

— Com isso, é importante saber que um paciente com Bordeline tem a facilidade de mudar de humor, ir de um extremo ao outro em instantes. Também vivencia os sentimentos à flor da pele, sentindo tudo intensamente e precisa conviver com várias emoções que se apresentam ao mesmo tempo, de uma maneira incontrolável. Esses sintomas podem começar a se manifestar na adolescência e se tornam mais frequentes no início da vida adulta. No seu caso, o trauma que passou na infância contribuiu, e muito, para essa condição.

A doutora foi didática em sua explicação, Capitu chegou até mesmo a se reconhecer em algumas descrições. Ela sentiu tudo aquilo, mas não podia aceitar aquele diagnóstico.

Quando era jovem, se perguntava se havia algo errado consigo e uma vez pesquisou sobre bipolaridade. Chegou a achar que se encaixava no perfil, mas nunca se importando ou buscou qualquer tipo de ajuda, preferindo ignorar o problema.

Mas as pessoas viam que ela não era normal e até a prima já tinha lhe perguntado se era bipolar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Essa pergunta era feita em um tom brincalhão, sempre que Capitu mudava drasticamente de humor, indo do sul ao norte em milésimos de segundos. Mas agora ela não via graça alguma e começou a se preocupar, achando que tinha um fundo de verdade naquilo tudo.

— E isso tem cura? — perguntou, quase em um sussurro, sentindo a cabeça girar em confusão.

— Não, Capitu. O Bordilne é um estado permanente, mas controlável com tratamento e acompanhamento médico. Também há medicações e tratamentos alternativos...

Marta continuou falando, mas Capitu não estava mais ali. Sua mente se sentia aliviada por saber finalmente o que acontecia, mas também se angustiava com tudo o que ouviu. Era chocante, mas ao menos agora sabia que não era fria ou louca e essa certeza lhe deu esperanças.

— ... é preciso também acompanhamento semanal com um psicólogo de sua confiança e um mensal comigo. Seus medicamentos só podem ser comprados com receita médica, por isso é importante comparecer a todas as consultas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E eu não irei sentir mais tudo isso usando a medicação?

— Não, não é bem assim. A medicação não será capaz de controlar tudo o que se passa dentro de você, mas ajudará com a ansiedade, a depressão e outros sintomas. Faremos de tudo para que seus sentimentos se mostrem com menos intensidade, Capitu. Usaremos várias terapias como a comportamental e a de esquemas, tentando encontrar o método que será melhor para você. Estaremos aqui para te ajudar, entende?

Não respondeu de imediato, ainda digerindo o que acabara de ouvir.

— Sim, eu entendo...

— Acredito que Tiberius pode ir tirando dúvidas suas, e sempre que quiser, pode me ligar.

Capitu não entendeu bem porque Tiberius tiraria suas dúvidas, pois achava que dificilmente o veria de novo.

— É isso minha querida — a médica continuou. — Já falei com o doutor Pedro e concordamos em lhe dar alta, então pode ir para casa. Aqui está sua receita e também a indicação de

PERIGOSAS ACHERON

uma boa psicóloga e os pormenores que possam lhe causar dúvidas. Agora tenho que ir, mas antes, quero saber se entendeu e se está conseguindo digerir o que acabei de dizer.

— Acho que sim...

Marta confirmou com um aceno, segurando a mão de Capitu na sua.

— Estamos aqui para tudo o que precisar. Juntas, iremos entender e tentar te livrar de todo esse peso emocional, Capitu.

Ela queria mesmo acreditar naquilo e notou que Marta realmente era boa no que fazia, além de atenciosa. Depois de lhe passar mais confiança, a médica deixou claro como proceder e como tomar os remédios receitados. Também lhe indicou exercícios como yoga e pilates, dizendo que poderia ajudá-la.

Assim que a médica saiu, Carol começou a arrumar as coisas de Capitu, mantendo-se estranhamente calada. Após terminar, pegou um vestido de alças finas — solto, na cor azul — e foi até a prima ajudá-la a se vestir.

Enquanto se vestia, sentia-se estranha, aérea,

PERIGOSAS NACIONAIS

sem saber como proceder, mas tinha uma certeza. Iria falar com Lucas e lhe contaria tudo o que aconteceu. Diria a ele que não tinha culpa de ser como era e, com a ajuda da medicação e acompanhamento médico, voltaria a ser a *Cá* de antes. Aquela que um dia ele amou.

Aquele plano a encheu de esperança outra vez e prometeu a si mesma que tentaria controlar seus sentimentos para que tivesse chances de reatar o relacionamento.

— Boa tarde!

Ouviu o cumprimento após duas batidas leves na porta e se virou em direção ao som. Reconheceria aquela voz em qualquer lugar. Era Tiberius.

— Vejo que já teve alta — falou, entrando no quarto com um buquê de lindas flores em tom rosa claro.

— Sim.

Tiberius estendeu as flores em sua direção e disse, com um sorriso receptivo:

— São pra você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela nunca havia ganhado flores. Já tinha suspirado muitas vezes por elas, quando lia alguma passagem nos livros, mas nunca teve o prazer de ganhá-las.

O sorriso sincero que ela abriu ao receber o buquê foi involuntário e, para Tiberius, foi o sorriso mais lindo que já presenciou e o simples fato de ser o causador daquele gesto o encheu de felicidade.

Ele havia chegado há bastante tempo no hospital e tinha falado com Marta. Àquela altura, já sabia o diagnóstico que fora dado, ele mesmo já desconfiava. Não queria que fosse verdade, mas infelizmente era. Tinha pacientes com a síndrome e sabia o quão difícil era não ter o controle das próprias emoções e como isso podia ser mortal.

— Obrigada Tiberius, são lindas — disse, olhando para as rosas com admiração. — Não precisava se incomodar.

Ah, ele achou que precisava sim e, se fosse para ver aquele sorriso mais vezes, ele se *incomodaria* todos os dias.

— Não foi nada.

Capitu voltou a cheirar as flores e ele

PERIGOSAS ACHERON

perguntou:

— Já tem com quem ir para casa? Digo, vão de táxi ou...

— Íamos com Márcio, mas o café está um pouco lotado e agora vamos de táxi — respondeu Carol.

Tiberius notou que ela estava diferente, mas não comentou nada. Ela devia ter ficado impressionada com o diagnóstico de Capitu e precisava de tempo para digerir a informação.

— Não precisa, eu levo vocês.

— Não, de forma alguma te daremos esse trabalho — falou Capitu rápido, meio envergonhada.

— Eu insisto. Você me disse que morava perto do café e minha casa também fica por ali, então não será incômodo algum.

Capitu ia negar mais uma vez, mas Carol foi mais rápida.

— Aceitamos sim, Tiberius. Será um prazer.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9



***“Fuja para as montanhas.
Busque a luz do sol. Siga pela estrada mais longa
e estreita se
preciso for, mas se liberte dos caminhos
espinhosos...”***

Você pode não ver, mas seu gatilho está ali, pronto para ser puxado. É aí que aparece aquele pequeno botão de escape, um botão vermelho luminoso, chamativo, sedutor, que esconde dentro si um falso consolo. Não o puxe, cubra esse botão e jamais se entregue ao desespero ou medo. Todos nós temos nossa própria escuridão particular e, às vezes, só ela parece capaz de transmitir consolo. Não se engane, não se entregue, busque sempre a luz, chame sempre por ela, essa sim será o seu refúgio, sua fortaleza em momentos difíceis...



Capitu estava constrangida por ter aceitado a carona de Tiberius. Não queria dar todo aquele trabalho a ele, as duas poderiam facilmente ter pegado um táxi, mas Carol parecia decidida a alugá-lo.

A viagem foi bem tranquila e o tempo todo ele tentou puxar conversa — tanto com ela, como com PERIGOSAS ACHERON

Carol —, mas Capitu não prestava atenção, os pensamentos focados na conversa que tivera com Marta.

Quando Tiberius parou o carro em frente ao prédio, ele a ajudou a sair do veículo e até mesmo se ofereceu para carregá-la no colo, mas ela negou terminantemente, enquanto Carol apenas sorria da situação. Ele então lhe ofereceu apoio para subir as escadas, soltando-a apenas quando ela estava acomodada no sofá do apartamento.

Era meio constrangedor tê-lo ali. Capitu não sabia explicar, era sentia como se um estranho invadissem seu espaço — seu e de Lucas.

E ao contrário do que Capitu imaginou, Tiberius não demorou a ir embora. Depois de devidamente deixá-la no pequeno sofá cor creme de sua sala, ele se despediu, deixando seu número para o caso de ela precisar de alguma coisa.

— Você deveria ligar para ele — Carol disparou, assim que as duas ficaram sozinhas.

— É melhor não — respondeu, sem muita segurança.

Ela gostava de Tiberius e reconhecia que a

companhia a agradava — mais do que isso, lhe fazia muito bem —, mas agora precisava focar no seu tratamento para poder reconquistar Lucas.



Já fazia uma semana que ela tinha saído do hospital e havia recuperado quase todos os movimentos — apenas o lado esquerdo de seu corpo estava um pouco mais pesado que o direito, por isso mancava levemente.

Carol tinha dormido com Capitu durante todo esse tempo, mas já tinha voltado à sua rotina, agora que a prima estava fisicamente bem.

Apesar dessa melhora, Capitu ainda não tinha saído de casa, a não ser para ir à psicóloga e foi preciso que Carol praticamente a arrastasse até o local.

Ela queria dizer que a consulta a ajudou de alguma forma, mas seria mentira. Não que a

psicóloga não tenha tentado, mas Capitu, não falou nada além do seu nome e algumas informações básicas. Não se sentia bem diante daquele olhar, achava que estava sendo invadida, que estavam entrando dentro dela. Sentia-se exposta como nunca tivera antes e aquilo era desconfortante. Ainda não tinha confiança na profissional, por isso não se sentia confortável para falar — não ainda.

Depois de quase uma hora de silêncio de sua parte, saiu do consultório e viu Carol marcar outra consulta para a semana seguinte. Ela voltaria? Ainda não sabia...

Em contrapartida, Lucas não entrou em contato e ela sentia o coração doer por causa do seu silêncio. Tinha tentado entrar em contato com ele várias vezes, porém, em todas as tentativas não chegou a completar a chamada, caindo direto para caixa postal. Capitu já estava se perguntando se havia acontecido algo com ele, esquecendo até mesmo a tal namorada que a atendera dias atrás.

Mais do que nunca queria estar fisicamente bem para conversar com o ex-noivo, ir até ele, mas ainda não estava pronta, apesar de ter todos os dias a vontade de sair, mancando atrás dele. Tentava se

PERIGOSAS NACIONAIS

convencer de que Lucas não sabia o que tinha acontecido e por isso não tinha ligado ou vindo vê-la. No fundo, esperava que aquele rompante e até mesmo a traição, fosse algo de momento. Ela o amava demais e se apegava a essa vã esperança para se levantar da cama todos os dias.

A solidão começou a incomodá-la e acabou decidindo ir ao café — talvez sair lhe fizesse bem.

Vestiu um vestido florido, soltinho e rodado, calçou suas sapatilhas e após pegar a bolsa, saiu de casa. Andou alguns metros até avistar o lugar, que já estava cheio — pessoas entravam e saíam, a confusão de sempre. Entrou e já foi procurando o rosto de Tiberius entre os clientes sentados às mesas.

Nesses dias, tinha recebido algumas mensagens dele. Coisa pouca como:

Como você está?

Como foi o seu dia?

Precisa de alguma coisa?

Sempre demonstrando preocupação e respeito, o que só aumentava o carinho que Capitu sentia por ele.

PERIGOSAS ACHERON

Certo dia, tinha comentado com Tiberius que estava procurando o livro *Pamela*, mas não conseguia encontrá-lo de jeito nenhum e ele disse que o tinha. Ele falou que lhe emprestaria, mas Capitu recusou — não queria incomodá-lo. Mesmo assim, ele foi ao seu apartamento levar o livro, um exemplar de edição especial.

Quando apareceu em sua porta, estava claro que Tiberius não pretendia se demorar, mas Carol o obrigou a entrar e tomar um café. Ele tinha ficado envergonhado com a insistência da loira e Capitu percebeu o quanto era tímido, ficando surpresa com essa constatação, afinal o homem era muito atraente e Capitu tinha presumido que Tiberius estava acostumado a ser o centro das atenções.

Olhou ao redor e não demorou a avistá-lo, constatando que ele realmente gostava de se esconder. Estava sentado em uma mesa um pouco afastada, escondida por uma pequena árvore. Capitu parou por instantes e o observou. Ele parecia tranquilo, o semblante estava relaxado enquanto lia algo no celular. Viu quando Jane se aproximou e lhe entregou uma fatia de bolo e um café. Ele sorriu em cumprimento e disse algo à

moça, que também lhe dirigiu um sorriso aberto.

Capitu voltou a andar e se aproximou das costas dele. Assim que chegou perto o suficiente, colocou as duas mãos sobre os olhos de Tiberius, perguntando:

— Adivinha quem é?

Tiberius não precisava adivinhar. Reconheceria aquele perfume onde quer que ela estivesse e sentiu a frustração dos últimos dias deixar seu corpo pouco a pouco. Estava indo ao café todos os dias perguntar a Carol se Capitu estava mesmo bem, como costumava dizer em suas mensagens, e como estava lidando com a volta para casa. Preocupava-se tanto com ela que estava com medo de parecer um *stalker* maluco, mas não podia ficar sem notícias de Capitu.

— Hum... uma moça bonita que costuma tomar café aqui quase todos os dias, na companhia de um bom livro. Acertei? — falou, risonho.

— Sem graça, assim não vale. — Tirou as mãos do rosto dele e se pôs à sua frente. — Como está, Tiberius?

— Bem e você?

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela sorriu sem jeito, não sabia ao certo se estava bem.

— Bem! — optou por mentir, ou melhor, omitir.

— Sente comigo, vamos aproveitar para conversar um pouco.

Ela aceitou o convite e Tiberius gostou quando Capitu escolheu sentar ao seu lado, ao invés de se acomodar na cadeira à sua frente.

— Como tem sido suas férias? Viajou? — perguntou, curiosa.

— Boas. — Era uma meia verdade. Não ia dizer que tinha passado os dias preocupado e pensando nela porque seria muito estranho. — Mas não viajei e nem pretendo — disse, despreocupado enquanto levava a xícara de café à boca.

— Não? Por que?

— Não tinha programado nada, vou aproveitar o tempo livre e estudar alguns manuscritos que não tive tempo de ler ainda. — Não era mentira, tinha mesmo folheado algumas páginas, mas, se perguntassem a ele o que havia nelas, Tiberius não saberia dizer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hum... entendi. E sua família, mora aqui?

— Não tenho família.

A moça o olhou, surpresa e ele emendou:

— Quer dizer, venho de uma família pequena e os perdi há alguns anos.

Capitu se arrependeu da pergunta.

— Sinto muito Tiberius, eu não quis...

— Sem problemas, não me incomodo em falar do ocorrido. — E não se incomodava mesmo. Apesar da tristeza e da saudade, conhecia bem a lei da vida. Cedo ou tarde, todos partiriam, era inevitável.

— Hum, esse bolo parece delicioso, acho que vou pedir um pra mim — falou, tentando mudar de assunto.

Ele olhou o bolo de chocolate ainda intocado à sua frente e ofereceu:

— Pode experimentar.

— Ah não, não precisa. Vou pedir um pra mim, obrigada.

— Deixe de bobagem e prove, Capitu. Assim

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

terei uma desculpa pra provar o seu quando chegar.

Capitu sempre adorou aquilo. Por vezes, quando saia com Carol, elas pediam comidas diferentes e compartilhavam, era um costume das duas. Porém, quando começou o relacionamento com Lucas, perdera esse hábito, pois ele não gostava. Na verdade, ele odiava que Capitu experimentasse de seu prato, dizia sempre que era uma das piores manias que ela tinha.

— É você quem está insistindo, depois não me culpe.

Ele sorriu.

— Eu não vou.

Capitu então pegou o talher que ele ofereceu e experimentou a massa que se desmanchou em sua boca, fazendo-a gemer. Aquilo estava mesmo bom!

— Aprovado?

— Mais que isso, está divino!

Tiberius então provou um pedaço e teve de se controlar para não gemer em contentamento como ela fez.

— Concordo com você, está mesmo perfeito.

PERIGOSAS ACHERON

Nesse momento, Jane voltou à mesa, trazendo uma fatia de torta de maçã e um *capuccino* para Capitu.

— Olá, Capitu! Carol mandou pra você experimentar a mais nova receita de Márcio.

Jane colocou o prato à frente dela, que logo vasculhou o café com o olhar, procurando a prima.

— Obrigada, Jane. Diga a eles que irei começar a cobrar para ser a cobaia de Márcio.

— Márcio estava sentindo sua falta. Segundo ele, Carol não tem o mesmo paladar que você.

Capitu riu.

Márcio, marido de Carol, era um chef e confeiteiro de mão cheia e ela, em contrapartida, adorava comer, então eles juntavam o útil ao agradável.

Assim que a atendente saiu, ela provou a torta. Estava uma delícia, mas, infelizmente, ela não gostava muito de maçã.

— Vamos, agora prove o meu, estou te devendo.

Tiberius não recusou, adorando aquela

intimidade há pouco conquistada.

— Está mesmo me devendo, moça. — Ele comeu um pedaço da torta e a achou perfeita. — Hum... está ótimo! Terei de pedir uma pra mim.

— Fique com a minha, só não diga nada ao Márcio porque ele não sabe que não sou fã de maçã.

Trocaram a refeição e se puseram a comer, entre uma conversa e outra.

— Sabe, eu tenho uma pergunta pra você — ela disse.

Ele a olhou divertido, após terminar de comer.

— Então pergunte.

— Já deve ter ouvido muito essa pergunta, mas sou curiosa e farei assim mesmo. — Deu de ombros. — Seu nome...

Tiberius riu com gosto da curiosidade dela — gargalhou na verdade — e sim, realmente já tinham lhe perguntado isso muitas vezes e ele reconhecia que seu nome não era muito comum.

— Você vai rir se eu contar.

Ela já estava rindo.

— Juro que não vou. — Tentou se controlar, esperando por uma boa explicação.

— Já assistiu *Jornada nas Estrelas*? — perguntou, divertido e nem precisou terminar a frase para que a moça à sua frente explodisse em sorrisos, levando a mão ao estômago. — Disse que não ia rir, Capitu! — exclamou, fingindo indignação.

— Desculpa, desculpa, é que... —

Capitu nem conseguia falar e ele se sentiu contagiado pelo sorriso bonito que tomava seus lábios.

Já estava acostumado com aquela reação quando falava a origem do seu nome. Geralmente esperavam que ele contasse algum floreio sobre um parente antigo muito querido ou um herói de guerra, algo assim. Mas, na verdade era bem simples.

— Meu pai era fã da franquia e achou que seria interessante e diferente me dar o nome do Capitão Kirk. — Ele fez uma careta ao falar, o que provocou mais um ataque de riso em Capitu.

— Eu não acredito que é isso! Eu nunca

poderia supor, Tiberius, desculpa. — Tentava a todo custo controlar a vontade de rir, mas estava difícil com ele a olhando daquela forma. — E você não gosta? — perguntou, fitando-o.

— Pelo contrário, gosto muito do meu nome. Acho diferente e se não fosse por pessoas maldosas que riem da minha cara quando lhes digo qual foi a inspiração para ele, poderia gostar muito mais — disse, num tom jocoso, apenas para vê-la rir ainda mais.

Ela ficava linda assim, despreocupada e vermelha. Se pudesse, lhe provocaria alegrias por uma vida.

Após se recompor, voltaram a falar de trabalho, família e amigos. Conversaram sobre quase tudo, menos relacionamentos. Capitu sentiu que ele teve o cuidado de não ir por esse caminho e deu graças a Deus por isso.

Quando Tiberius se lembrou de olhar as horas, teve de se despedir. Tinha que pegar Tita no veterinário e já estava atrasado.

— Tenho que ir, Capitu! — disse, não muito satisfeito. — Foi ótimo vê-la! Você vem amanhã?

PERIGOSAS NACIONAIS

— perguntou, meio sem jeito.

Ela achou sua timidez encantadora.

— Acho que venho sim.

— Então até amanhã! — sentenciou e se aproximou dela, abaixando-se e deixando-lhe um beijo no rosto.

Ela o viu sair, sentindo o lugar que os lábios dele tocaram esquentar. Sem pensar, levou a mão ao rosto e suspirou.

Assim que Tiberius deixou o café, Carol apareceu e sentou onde o rapaz estava, olhando Capitu de forma interrogativa.

— E aí?

— E aí o quê, Carolina?

— Ah, pelo amor de Deus, Capitu, olha pra aquele homem. — Ela se virou na direção da rua a tempo de vê-lo entrar no *Jetta* branco estacionado na frente do café. — E aí, Capitu?

— Meu Deus, Carol, quer eu diga o quê? Eu nem o conheço direito. Que coisa! — falou, sentindo-se incomodada com aquela intromissão. O que Carol esperava, afinal?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pelo amor de Deus digo eu, Cá. Ele é solteiro, lindo, médico e tá te dando bola, criatura.

— Não viaja, Carolina! E eu não estou disponível.

— Como assim não está disponível, Capitu? Você surtou?

— Carol, eu tive um relacionamento de cinco anos e amo Lucas. Eu sei que não estamos em um bom momento, quer dizer, não estamos em momento algum, mas agora que sei o que tenho, quero e vou reconquistar o homem que amo.

Carol não podia acreditar no que estava ouvindo. Aquilo parecia loucura!

— Você só pode tá de brincadeira, Capitu. Não é possível que esteja falando sério! Eu me recuso a acreditar nisso. Você tentou cometer suicídio, Capitu, e foi por causa dele. E mesmo assim você ainda o quer de volta?

Carol não queria ter falado daquela forma, mas era quase impossível se segurar. Como Capitu não enxergava o que estava à sua frente? Aquele relacionamento lhe fazia mal, era tóxico! Como ela ainda podia amá-lo com tanta intensidade e

PERIGOSAS ACHERON

projetava sua felicidade em um ser tão desprezível?

— Você não entenderia, Carol, ninguém entenderia...— disse, com tristeza.

— Eu não queria falar isso, Capitu, desculpa. Você tá certa, eu não entendo e por isso sou tão cética, mas quero entender. Quero que saiba que pode me dizer qualquer coisa, qualquer coisa mesmo.

Capitu sabia, mas não queria ser julgada, não conseguiria. Aquele olhar...

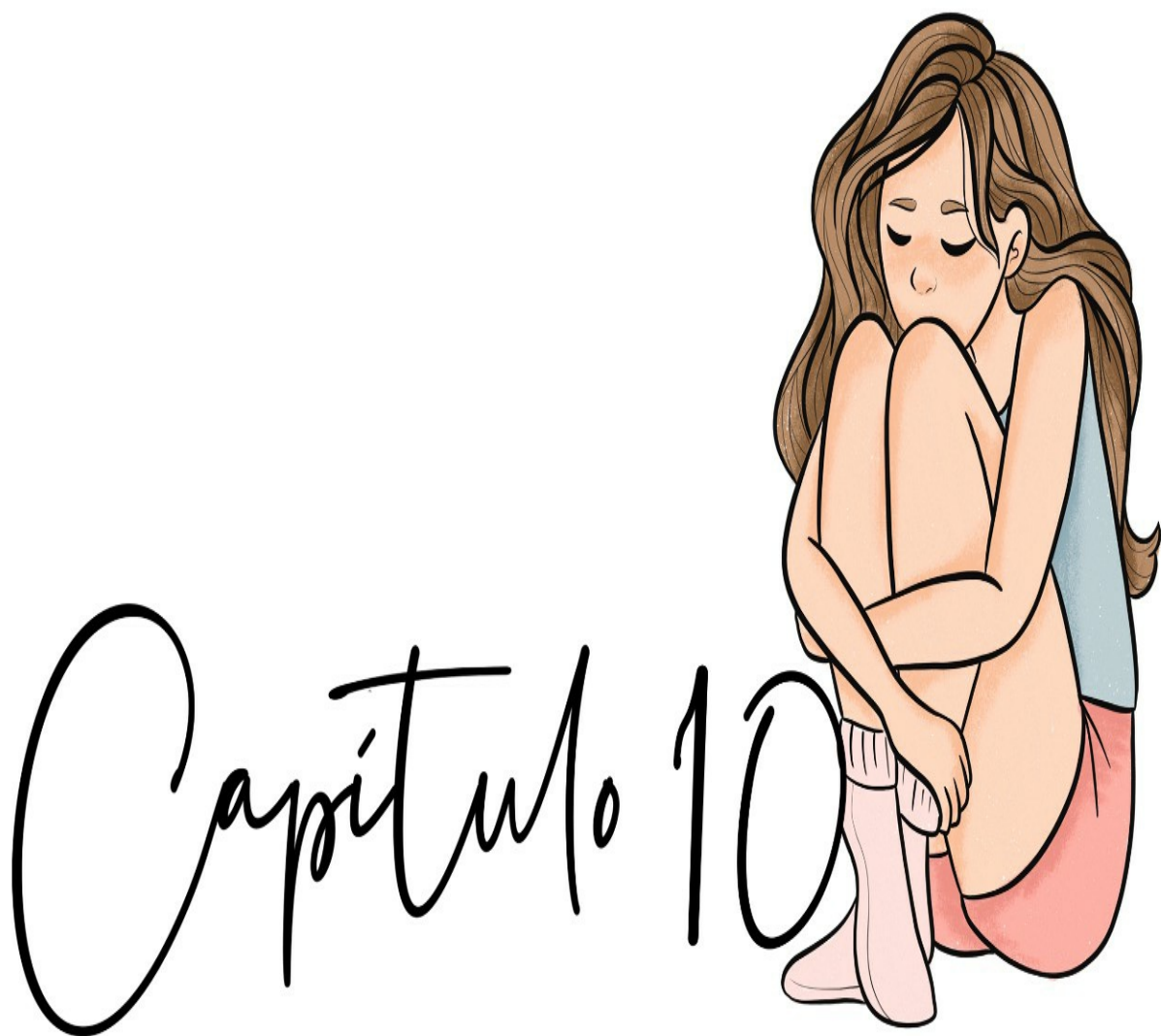
— Eu sei, Carol, obrigada. — Tentou sorrir, mas não teve muito sucesso.

— Mas pensa no que eu falei. O dr. Delícia é um partidão. — Elas riram do modo com que ela se referiu a Tiberius. Uma boa descrição, aliás. — Agora vamos lá pra dentro. Talvez você consiga me ajudar a controlar a compulsão de Márcio. Ele não para de criar novos pratos.

— Quanto a isso, não posso fazer nada, pois adoro comer esses experimentos.

Ela se levantou e Carol passou o braço por seus ombros, puxando-a para si.

Sabia de muita coisa, mas aquele não era o momento para contar a Capitu, não ainda. A prima estava frágil e Carol ainda não sabia como deveria se portar ao lado dela. Sentia que vivia pisando em ovos, temia que a prima perdesse o controle outra vez e atentasse contra a própria vida. Ela não merecia aquilo. Lucas não era digno de todo aquele amor e dedicação e Carol achava que Capitu não aguentaria outra decepção. Mas, de qualquer forma, tinha a certeza de que estaria ali para o que desse e viesse e faria tudo pela prima, sem exceções.



***“Máscaras... as pessoas não as veem, mas
elas estão sobre seu rosto, escondendo sua
verdadeira face!”***

Quando guardamos dentro de nós, tudo o que

PERIGOSAS NACIONAIS

nos faz mal, isso nos transforma em um vulcão. Um vulcão que, a qualquer momento, pode entrar em erupção e nos explodir, nos queimar, sufocar pouco a pouco com sentimentos estarrecedores.

Não guarde toda essa carga dentro de você. Nós, reles seres humanos, não temos estrutura para suportar tanto peso. Precisamos de ajuda, precisamos falar, expor o que nos faz mal, pôr para fora a lava que insiste em explodir e conseguir o alívio que tanto queremos e, quem sabe, a salvação que nossa alma tanto almeja.



Para evitar que Capitu fosse atrás de Lucas, Carol passou a visitá-la todos os dias, depois que ela chegava da escola. A professora tinha dito que aquilo não era necessário e que ela já tinha ficado ao seu lado por tempo demais, mas Carol continuou com as visitas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ansiando por algum conselho, Carol tinha contado à sua mãe, tia de Capitu, o que havia acontecido, falando que a moça sofria com uma doença séria e que precisava de tratamento. Como sempre, Joana não deu atenção, dizendo que Capitu estava inventando tudo aquilo para conseguir atenção, como sempre tinha feito na infância e adolescência. Disse, ainda, que a garota não tinha Deus no seu coração e por isso vivia daquela forma.

Toda aquela conversa causou uma discussão entre mãe e filha, e Carol, por fim, desistiu de convencer a mãe de que o que Capitu tinha era uma doença. Agora ela sabia que, se Joana tivesse prestado mais atenção aos sinais de comportamento da sobrinha e tentando ajudá-la, as coisas não estariam assim.

Carol não se deu ao trabalho de contar a Capitu sobre a conversa que tivera com a mãe. Não precisava empurrar mais essa decepção para prima, lidaria com Dona Joana depois.

Agora ela precisava se concentrar em ajudar Capitu e protegê-la de si mesma.

PERIGOSAS ACHERON



Naquela manhã, Capitu estava sentada à mesa, sorrindo de algo que Tiberius lhe dizia. Já o considerava um grande amigo, o homem estava mostrando que era alguém em quem confiar, uma pessoa realmente especial, sensível. Nunca conheceu alguém como ele, nunca teve tanta afinidade com uma pessoa. Adora conversar com ele porque Tiberius parecia mesmo ouvi-la e se importar com sua opinião.

O carinho que nutria por ele era tanto que chegou até mesmo a sonhar certa noite que o homem lia um livro apenas para ela e Capitu ficava fascinada com o timbre da sua voz.

— O que vai fazer hoje à noite, Capitu? — Tiberius perguntou, esperançoso, fitando os lindos olhos verdes luminosos à sua frente.

— Hum... não sei. Acho que nada. Carol irá dormir na casa dela hoje e, até agora, não tenho

nada pra fazer.

Aquela resposta foi música para os ouvidos do homem, pois tinha planos.

— O que acha de ir ao cinema comigo? Saiu um filme há pouco tempo e estou pensando em ir vê-lo hoje à noite.

— Qual filme?

— *Baseado em Fatos Reais*. Vi a crítica, dizem que é bom.

— Ah, aquele com a Eva Green?

— Sim, esse mesmo.

— Outro dia mesmo, estava falando com Lu...

— Ela parou de súbito, sentindo o peito apertar com a lembrança.

Tiberius não queria, mas foi impossível não sentir uma pontinha de descontentamento pela forma como sua postura mudou ao quase citar o ex-noivo. Aquilo começava a preocupá-lo, pois não podia esconder dela a discussão que tivera com Lucas.

— Podemos ir sim, eu estava mesmo querendo assistir — ela falou.

Apesar de seu ânimo não estar dos melhores, seria bom sair de casa e aproveitar a companhia dele.

Tiberius se sentiu feliz por ela aceitar o convite e, olhando no relógio de pulso, percebeu que era hora de ir.

— Às sete, então? O filme começará às oito e dará tempo de comprarmos pipoca ou algo para comer, caso queira.

— Com certeza. Ir ao cinema e não comer pipoca, é como não ir, Tiberius.

Ele sorriu e se levantou.

— Eu tenho de ir agora. Até mais tarde, Capitu.

E como sempre vinha fazendo naqueles dias, se aproximou dela, deixando um beijo suave na bochecha da moça e fazendo-a se arrepiar, ao sentir a barba bem aparada roçar sua pele.

— Estarei à sua espera — disse por fim, observando-o ir embora.

Assim que ele se foi, Capitu se levantou e entrou na cafeteria, em busca de Carol. Foi

informada que a prima estava no pequeno escritório, nos fundos do lugar, e se dirigiu até lá. Bateu na porta e entrou em seguida, encontrando a prima sentada atrás da pequena mesa branca do escritório, de olho na tela do computador.

— Oi, Cá! Tiberius já foi? — perguntou, enquanto observava Capitu se aproximar e sentar à sua frente.

— Já sim.

Sentia-se meio melancólica naquele momento, era incrível a rapidez com que o seu humor se alterava. Ficava assim, sempre que se lembrava de Lucas.

— O que foi, Cá? Algum problema?

— Tiberius me convidou pra ir assistir a um filme e eu aceitei, mas agora...

— Agora?

— Não sei se é uma boa ideia.

Carol se surpreendeu com aquilo.

— E por que não seria, Capitu?

— Ah, Carol... — disse, levando as mãos ao rosto e tampando a face. Sentia-se tão confusa...

— É por causa de Lucas?

— Eu tentei ligar pra ele — disse, por fim. Tinha de falar com alguém sobre o que estava apertando seu coração e bagunçando sua mente. — Mas não consegui falar com ele. Queria contar o que aconteceu, queria pedir pra conversarmos, Carol. Eu queria...

— Não, pelo amor de Deus, Capitu! Eu entendo que ainda sinta algo por ele, a gente não manda no coração, mas daí a querer implorar...

— Não é implorar, Carol, é contar o que aconteceu, o que eu tenho. Ele não sabe e...

— Para! Eu me recuso a ouvir isso, me recuso a acreditar no que está me dizendo. Esse amor é doentio, Capitu e tá te fazendo mal. Quem ama de verdade não trai, não maltrata e não fica duas semanas sem procurar a mulher que ama. A mulher que estava no hospital, tentando sobreviver.

— Talvez ele não saiba, Carol.

— Ele sabe, Capitu! — esbravejou, incapaz de controlar a raiva que sentia por Lucas. — Eu mesma liguei pra ele e contei.

Carol não queria contar. Preferiu esconder,
PERIGOSAS ACHERON

omitir aquela informação, porque achava que, depois de tudo, Capitu cairia na real e se daria conta de que estava melhor sem ele. Mas Capitu achava que Lucas ainda sentia algo por ela e que poderia reconquistá-lo. Mas ela não podia, porque nunca o teve de fato.

— Ele sabe? — pronunciou, quase sem voz.

— Sabe, Cá. Por favor, pense em si, no seu bem-estar. Você precisa de alguém que cuide de você, se importe contigo, que te ame, Capitu e não de alguém como Lucas. Por favor, Cá, eu tô te pedindo, não vá atrás dele. Lucas não te merece. Tá na hora de aceitar que ele tem outra e que não te ama. Nunca amou, na verdade.

— Mas...

Sentiu o coração afundar dentro do peito, a dor beirando ao insuportável. Viu-se tão pequena, tão insignificante.

Carol se levantou e foi até ela, sentou-se na mesa e segurou as mãos de Capitu entre as suas.

— Eu não queria contar, Capitu, pois sabia que isso iria quebrar seu coração. Eu sinto muito, Cá, mas quero que confie em mim. Vai ficar tudo

bem, eu estou aqui pra te ajudar no que precisar. Irmãs por opção, lembra?

Não, não ia ficar tudo bem, pois o pingo de esperança que havia guardado, tinha acabado de se esvair. Era tão ruim assim a ponto de não merecer ser amada por ele? Havia dado tanto de si...

Aquela voz, a mesma que sempre lhe dizia o que havia de mais obscuro em sua mente a assaltou, lembrando-a o quanto era insignificante e pequena. Como aquilo doía, como a traição queimava e lhe descia amarga, como fel.

Levantou-se, sentindo as pernas moles, anestesiada pelo que acabara de ouvir, pela desilusão.

— Para onde vai, Capitu?

— Pra casa. Preciso ficar sozinha.

— Capitu não fique assim, por favor...

— Eu vou ficar bem — disse com firmeza, mas, por dentro, não carregava a mesma convicção.

Capitu saiu, dando-lhe as costas e Carol e se arrependeu no mesmo instante de ter contado a verdade, mas o que poderia ter feito? Deixar que

ela se enganasse por mais tempo?

Não sabia como agir, mas teve de dizer a verdade. Era melhor que ela contasse tudo, ao invés de Lucas. Ele não seria clemente. Ainda se lembrava do deboche com que o homem a tratou quando o procurou. Carol tinha quase pulado no pescoço do homem e o estrangulado, naquele momento, por tratar a prima como lixo.

Deixou o seu pequeno escritório e foi atrás de Capitu, mas não a encontrou. Não podia deixar a prima sozinha, porém, sabia que ela não iria aceitar sua companhia. Restava-lhe apenas ligar para a prima e orar para que qualquer ser superior olhasse pela mulher que considerava e amava como irmã.



Eu vou trabalhar até tarde e não volto para o jantar, Capitu!

Não, amor, tenho muito trabalho hoje e, por

mais que seja domingo, tenho de ir para o escritório.

Vou viajar a trabalho, princesa, por isso não posso te levar.

Trabalho, trabalho, trabalho... era sempre o trabalho. O pior foi que ela acreditou nisso, mesmo, no fundo, sabendo que era uma grande mentira. Luca, não estava arrependido e, claro, não voltaria. Deu-se conta de que, provavelmente, o que ele tivera não foi um caso sem sentido, como quis acreditar.

— Sim, tenho alguém e não seria justo com ela se eu continuasse contigo.

Lembrou com amargor o que ele havia lhe dito antes de ir embora.

Sejamos sinceros, um homem que diz isso à mulher com quem teve um relacionamento durante cinco anos, não a ama e nunca sequer a amou. O difícil era Capitu aceitar essa realidade.

Ela se deu conta disso. Ali, parada em frente à janela, chegou à conclusão de que gostava de se enganar, se iludir. Naquele momento, lembrou-se de quantas vezes Lucas usou a mesma desculpa, de

PERIGOSAS NACIONAIS

quantas vezes ele a deixou de lado, mentindo e, provavelmente, foi atrás de outra — ou outras. Ela fora deixada para trás mais uma vez, como sempre havia sido em sua vida.

Aquele bom humor matinal já tinha ido embora há tempos, desde que Carol lhe disse a verdade. Não, desde que se lembrou dele mais cedo, ainda conversando com Tiberius. Quis gritar, chorar, esbravejar e mostrar sua revolta com o mundo, com o ser superior. Mas não o fez, preferindo apenas se esconder.

Os sentimentos comprimiam seu peito, fazendo-o arder. Aquele velho bolo se formou em sua garganta e lágrimas presas queriam ganhar sua face.

Olhou uma última vez pela janela e saiu dali, voltando ao quarto para pegar suas coisas. Há horas tinha tomado banho e ficado ali, próximo à janela, parada, fingindo ver o mundo lá fora, permitindo que a dor levasse o restinho de esperança que tinha. E chegara o momento novamente de vestir uma máscara, colocar um sorriso no rosto e fingir para todos que estava tudo bem, que ela era uma pessoa normal.

PERIGOSAS ACHERON

Riu com sarcasmo. Ela era tudo, menos normal.

Agora que entendia um pouco de si e de tudo que vinha passando nos últimos anos, percebeu que sempre se escondeu. Sempre usou máscaras para fugir do escrutínio de pessoas que não a entendiam, que a julgavam e que, em momento algum, se dispuseram a lhe dar apoio, um abraço ou compreensão. Ela escolheu usá-las para se manter atrás dos holofotes da vida e continuaria se escondendo atrás delas para evitar mais decepções.

Capitu saiu, levando sua bolsa com alguns materiais, tudo o que iria precisar para aquela tarde. Apesar do dia quente, ela havia colocado uma blusa de mangas compridas, contrastando com a calça jeans escura. Ainda tinha marcas em seus braços e tentava escondê-las como podia.

Será que era uma má pessoa por não se arrepender do que tinha tentado fazer? Sentia pesar apenas pelo que Carol passou com ela, a prima realmente sofreu, mas ainda assim, não se lamentava e, naquele momento, queria ter conseguido seu objetivo. Para ela, teria sido mais fácil que tentar controlar os demônios que queriam

sair de dentro de si!

Entrou na escola com um sorriso no rosto. Ninguém ali sabia, mas aquele sorriso, nunca foi verdadeiro. Ela chegou a se perguntar, naquelas últimas horas, se alguma coisa que viveu chegou a ser verdadeira, pois constatou que tudo parecia uma grande mentira. Por que era tão difícil ser amada? Capitu não saberia dizer, pois para ela, amar era fácil.

Amou a mãe e o pai, independente do que sempre fizeram com ela. Amou a tia, mesmo que ela nunca a tivesse considerando parte da família e sim um estorvo, amou os primos, em especial, Carol. Amava seus alunos, seu trabalho e não entendia porque era tão difícil ter esse amor retribuído. Sempre fora abandonada, trocada por quem mais amava, essa é a verdade. Pessoas que deveriam cuidar dela, a menosprezavam e a deixavam de lado.

E, mesmo em meio a esse torvelinho de pensamentos, continuou ali na sala de aula, fingindo estar bem.

Esse fingimento era alimentado pelo temor do que aconteceria se alguém ali soubesse o que ela

PERIGOSAS ACHERON

realmente guardava dentro de si. A maioria das pessoas não entendiam, ou não queriam entender. Sabia que, se a verdade viesse à tona, todos ali a olhariam como aquelas enfermeiras no hospital, achando que ela tinha agido motivada por algum tipo de capricho. Ou então pensariam que tudo não passava de um plano para chamar atenção, como a tia sempre a acusava de fazer.

Ao final da aula, se despediu de todos e foi para casa, andando pela pequena calçada. Pegou o celular, vendo que havia dez chamadas de Carol e uma mensagem de Tiberius:

Como foi a aula?

Sua preocupação era genuína, ela tinha que admitir. Se o tivesse conhecido no hospital, ela diria que toda aquela atenção era pena, mas ele já era gentil antes do que ela tinha feito. Podia ser pela profissão, mas se existisse no mundo alguém capaz de entendê-la, essa pessoa seria ele...

Respondeu à mensagem sem muita empolgação, dizendo apenas que a aula foi produtiva e, em seguida, mandou uma mensagem para Carol, falando que estava bem e que ela não precisava se preocupar. Queria ficar sozinha, por

PERIGOSAS ACHERON

isso precisava tranquilizar Carolina, para que ela não fosse ao seu apartamento.

Chegou em casa logo e, como sempre fazia ao voltar da aula, foi direto tomar banho, demorando-se embaixo do chuveiro, tentando limpar tudo o que sentia, mas foi em vão.

Após sair do banheiro, colocou um conjunto confortável de dormir e, quando o tecido suave lhe tocou a pele, sentiu-se abraçada, tamanha era sua carência.

Saiu do quarto, sentindo os olhos inchados de tanto chorar no banho. Havia aproveitado aquele momento para isso, pois assim podia disfarçar as lágrimas com a água morna do chuveiro.

Foi até a cozinha, despejou leite em uma xícara e se sentou na poltrona próximo a janela. Gostava de observar a cidade, as pessoas passando lá fora. Algumas vezes tentava imaginar a vida delas, se eram felizes, casadas, se tinham filhos... Uma bobagem para alguns, um passatempo para Capitu.

Bebeu o leite devagar, sentindo-se letárgica, como se o mundo tivesse parado, estático, sem cor.

Sentia que a vida tinha perdido o sentido e não era só porque o homem que amava havia ido embora. Era tudo, as mentiras, enganações e traições. Aquilo doía tanto que ela achava que não suportaria.

Olhou o celular em sua perna e sentiu o impulso de pegá-lo e ligar para Lucas, de confrontá-lo. Queria saber o porquê de Lucas ter brincado com ela e com seus sentimentos e, se em algum momento, ele chegou a amá-la. Reprimiu o desejo, já tinha ligado vezes demais e nunca fora atendida. Já tinha até mesmo passado horas a fio, *stalkeando* às redes sociais dele, mas não conseguia descobrir nada.

Olhou ao redor, vendo ali tantas fotos, tantas recordações... Era doloroso, o lugar inteiro estava repleto de lembranças do casal, dos últimos cinco anos que passaram juntos.

Olhou a xícara vazia em sua mão e seus olhos pousaram nos pequenos cortes em seus braços, que estavam cicatrizados. Ela fechou os olhos e, por alguns momentos, se lembrou da sensação que aquilo lhe causou. De como, por alguns instantes, sua agonia e seus sentimentos foram substituídas

PERIGOSAS NACIONAIS

por dor física e... alívio.

Levantou-se, deixando a xícara vazia no balcão da cozinha, dando-se conta de que a noite já havia chegado. Foi até o banheiro com passos duros e parou em frente à pia. Abriu a gaveta e ficou olhando a pequena caixa branca no fundo dela. Depois de observá-la por alguns instantes, pegou-a, abrindo e retirando a lâmina de dentro do pequeno envelope.

Aquilo era tão convidativo...

Tão chamativo...

Posicionou a lâmina na parte acima do pulso, no antebraço, e parou.

Não faz mal.

Ouviu novamente aquela voz e tentou se enganar, dizendo que seria só uma vez. Era uma forma simples de escape, de fugir do inferno que a consumia. Seria seu botão vermelho e teria de servir.

Antes que pudesse afundar a lâmina em sua carne, um barulho a sobressaltou e deixou a gilete cair no chão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Merda! — proferiu e, por um momento, ficou estática, sem saber o que fazer.

Ela poderia ignorar o visitante, mas com certeza era Carol. A prima tinha ligado depois de receber a mensagem, mas Capitu a tinha ignorado. Com certeza, era ela querendo conferir se estava tudo bem.

Capitu guardou a caixinha na gaveta rapidamente e saiu do banheiro, indo em direção à porta. Não se preocupou em conferir o olho mágico, afinal, se o porteiro tinha deixado o visitante subir sem consultá-la antes, então era Carol ou Lucas e esse último tinha a chave, não precisava bater.

— Não precisava vir até aqui Carol, eu estou...
— Não conseguiu completar a frase quando abriu a porta.

Ali, bem à sua frente, estava Tiberius, com um sorriso bonito no rosto. Capitu ficou paralisada e corou ao lembrar que usava apenas a roupa de dormir. Olhou-o com atenção, percebendo que ele estava bem arrumado, vestindo calça jeans clara e camisa polo vermelha.

PERIGOSAS ACHERON

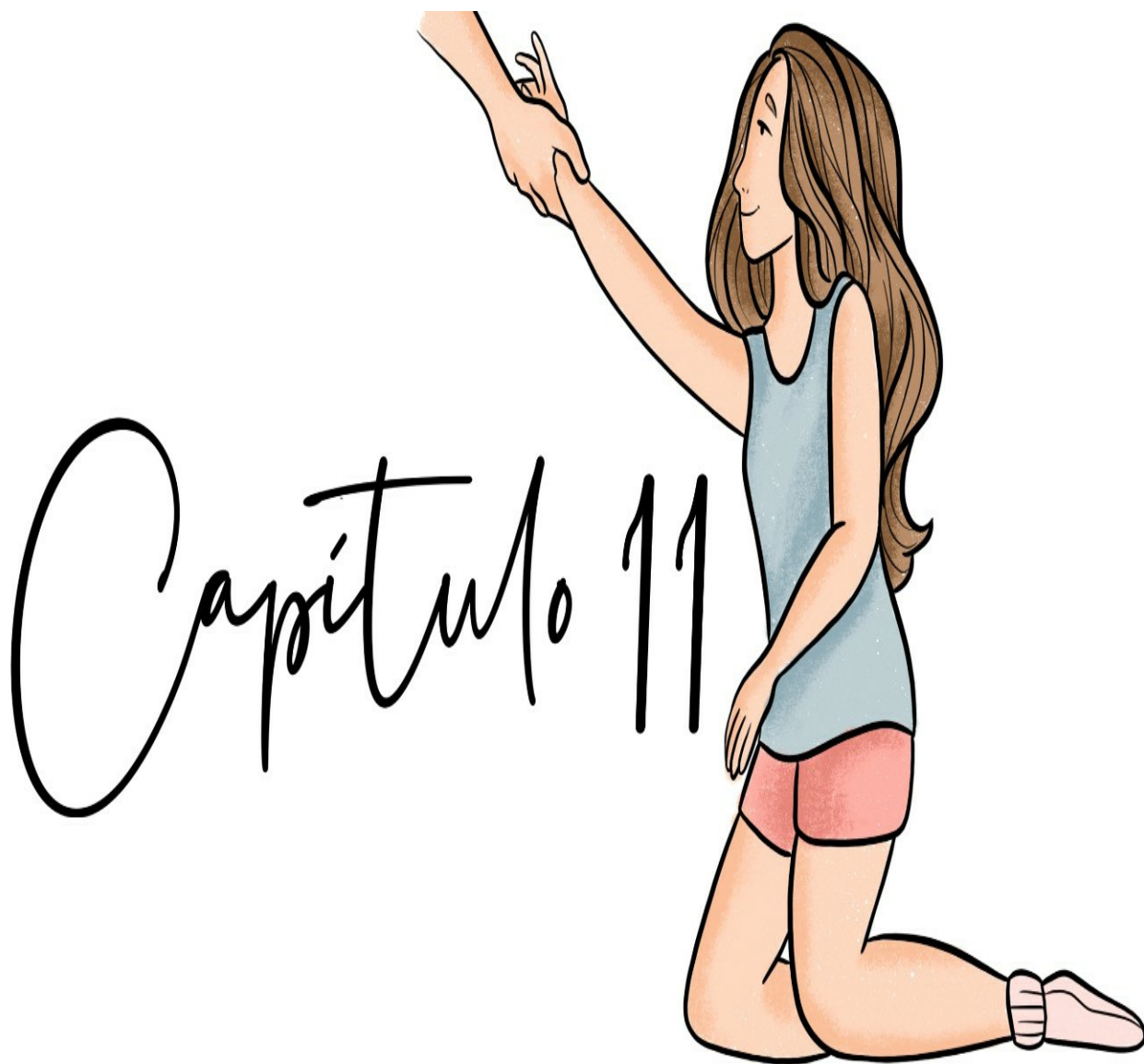
PERIGOSAS NACIONAIS

Só então ela se lembrou.

O cinema!

Tinha esquecido completamente...

PERIGOSAS ACHERON



“O silêncio, por vezes, pode parecer sufocante, desesperador...”

Falar sempre se mostrará uma fuga melhor do que qualquer outra coisa. Pode até mesmo

PERIGOSAS NACIONAIS

substituir aquele botão vermelho, luminoso e atrativo, e ser o seu escape. De início, pode não parecer tão promissor, mas no fim, aquele peso que sentia sobre suas costas será retirado pelo simples ato de abrir a boca e deixar escapar tudo que lhe faz mal, a avalanche presa dentro de você. Não é fácil, ninguém disse que seria, mas será sua melhor saída...



— Ainda não se arrumou? Acho que cheguei um pouco mais cedo do que combinamos. Peço desculpas por isso.

— Me desculpe, Tiberius. Acabei me esquecendo, estava com coisas demais na cabeça... Meu Deus, me desculpa...

A fala saiu rápido, atropelada, e Tiberius pôs as mãos em seus ombros com delicadeza, a fim de que ela parasse e o encarasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei, está tudo bem, isso acontece. Podemos ir outro dia, não se preocupe.

— Você deve estar zangado comigo, mas eu realmente não lembrei, me desculpa.

— Vamos combinar uma coisa. Você para de pedir desculpas e fica tudo certo entre nós. O que acha?

Ela sorriu sem ter muito o que fazer, sentindo-se subitamente envergonhada e estúpida.

— Entre. Não vou deixar você dar viagem perdida, seria muita falta de educação de minha parte. O que acha de pedirmos uma pizza e assistirmos alguma coisa na *Netflix*? Quer dizer, — ponderou por um instante, arrependendo-se do convite, pois companhia era o que ela menos queria naquele momento — isso se você não for ao cinema...

Ele a olhou com atenção, notando seus olhos levemente inchados, vermelhos. Era fácil saber que estivera chorando, o nariz dela mais parecia uma pimenta de tão vermelho. A preocupação o tomou no mesmo instante, algo tinha acontecido e ele estava decidido a saber o que era. O cinema que se

PERIGOSAS ACHERON

danasse...

— Por mim, tudo bem. Uma pizza me parece ótimo.

Capitu lhe deu espaço e ele entrou, parando próximo ao sofá.

— Fique à vontade, Tiberius. Vou só trocar de roupa e, enquanto isso, você pode ir escolhendo o sabor da pizza.

Ele concordou, enquanto a observou sair da sala. Ficou aliviado por ela ter ido trocar de roupa, aquele pequeno pedaço de pano não o ajudava a manter a atenção no rosto da moça.

Enquanto estava parado em meio a sala, tentou não prestar atenção no lugar, mas foi inevitável e notou que, com certeza, a mulher gostava de flores e fotografias.

Uma dessas fotos em especial lhe chamou atenção. Capitu estava com Lucas e os dois riam para a câmera, passando uma imagem feliz. Sentiu repulsa pelo homem. Não entendia como Lucas podia tê-la magoado.

Olhou em outra direção, vendo mais fotos do casal espalhadas por todo o apartamento. Além das

PERIGOSAS ACHERON

fotos com o noivo, havia duas com Carol e uma criança pequena.

Logo ele ouviu um pequeno barulho e a viu surgir. Ela parecia um pouco desconfiada e usava um vestido de tecido fino, solto, na cor rosa.

— Eu não sabia qual era o seu sabor favorito, então decidi esperar que voltasse para escolhermos — disse, um tanto sem jeito por ser pego bisbilhotando o local.

— Gosto de portuguesa. Peça dois sabores, assim pedimos portuguesa e também uma que você goste.

Ele concordou, mas se perguntou se tinha agido certo ao aceitar o convite. Sentia-se invadindo a privacidade dela e aquela sensação o deixava sem palavras.

— Peço algo para beber? — Forçou-se a perguntar, tentando afastar aquele constrangimento.

— Tenho suco de Maracujá aqui, mas se você quiser refrigerante, pode pedir.

— Suco está ótimo — respondeu e pegou o celular.

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto Tiberius fazia o pedido, Capitu se sentou no sofá. Tinha errado ao aceitar o convite para o cinema e feito pior ao esquecer o bendito compromisso. Sem saber como agir direito, ligou a tevê, tentando achar algo para assistirem.

— Pronto, Capitu.

Ouviu-o dizer às suas costas, logo depois ele sentou ao seu lado no sofá.

— Podemos escolher algum filme.

— Pode ser. Me disseram que leva uma média de cinquenta minutos para nossa pizza chegar.

— Desculpe mais uma vez, Tiberius. Não sei o que me deu!

— Está tudo bem, Capitu, não me peça desculpas por isso, não precisa.

As palavras dele não adiantavam porque ela se sentia profundamente constrangida.

— Tem preferência por algum gênero de filme? — perguntou, tentou mudar de assunto e engrenar uma conversa que a ajudasse a tirar o foco do homem ao seu lado.

— Nenhum, assisto de tudo. Pode escolher.

PERIGOSAS ACHERON

Não estava passando nada de muito interessante, então ela colocou *O Leitor*, um filme inspirado em um livro que amava e incrivelmente era uma excelente adaptação.

— Como foi a aula hoje? — perguntou, prestativo.

Ela logo narrou um pouco de sua tarde, dos alunos e de seu dia, omitindo algumas informações importantes.

Depois de pouca conversa, a pizza chegou antes do previsto e começaram a comer, enquanto assistiam ao filme escolhido. Tiberius não estava prestando atenção à história que se desenrolava na tela, seus pensamentos e preocupações eram outras. Observou-a levar a fatia de pizza à boca e morder um pedaço. Nesse instante, ela o olhou e sorriu, mas o sorriso não alcançou seus olhos. Tiberius fez como ela e se pôs a comer, mas, vez ou outra, a observava de esguelha. Após comerem em um silêncio confortável, ele se levantou, chamando sua atenção.

— Posso usar o banheiro?

— Claro, é logo ali. Ou melhor, pode entrar na

primeira porta e usar o meu banheiro porque esse outro está interditado — disse, vendo-o se dirigir até lá. — Ah merda! — praguejou baixinho, tentando lembrar se havia guardado a lâmina ou não.

Tiberius entrou no quarto da moça que permanecia com a luz acesa, tentando não reparar nos detalhes do cômodo. Achou o pequeno banheiro e lavou as mãos, sujas de *ketchup*. Quando foi usar o sanitário, algo brilhando, refletindo a luz da lâmpada lhe chamou a atenção e abaixou-se, pegando a pequena lâmina entre seus dedos. Fechou os olhos, imaginando o motivo da lâmina estar ali e suspirou pesadamente, pedindo discernimento. Pegou um pedaço de papel higiênico ao lado e enrolou o objeto, pondo-o no lixo em seguida. Logo depois, lavou as mãos novamente e saiu, colocando um sorriso forçado no rosto.

Mais que nunca, tinha certeza de que havia algo errado.

Capitu o olhou com desconfiança e medo. Tinha quase certeza de que a lâmina tinha caído no chão e não tivera tempo de guardá-la. Pensou que

ele fosse comentar algo, mas Tiberius parecia normal. Talvez estivesse enganada ou ele não tinha reparado na gilete.

— Sabe, — ela chamou a atenção de Tiberius — fiquei curiosa com uma coisa.

— Pode falar.

— Você é sempre tão gentil assim com quem te dá bolos?

Ele sorriu.

— Tento apenas entender a situação. Acontece. — Deu de ombros e a olhou, decidindo optar pela sinceridade e objetividade. — Como você está, Capitu?

Foi direto ao ponto, pois acreditava que, nesse pouco tempo de convívio, ela já tinha confiança o suficiente para lhe dizer o que a afligia.

— É sempre tão direto? — perguntou, com certo humor, tentando esconder o que sentia.

— Quase sempre. Gosto de ser objetivo e sincero — respondeu.

Ela suspirou.

— Estou bem... — tentou mentir, mas parou.

Do que aquilo adiantaria? Mentir sempre foi a sua saída preferida e que não mais estava adiantando. — Não, eu não estou bem. Deus! Eu não estou nada bem! — ela despejou, levando a mão à boca, impedindo que as outras palavras saíssem.

Por que tinha aberto a maldita boca?

Tiberius a fitou sereno, tentando não se abalar com a confirmação do que já desconfiava.

— Desculpa, Tiberius, desculpa. Eu não quis derramar em você os meus problemas. Eu só tô tão... cansada. É como se eu estivesse em mar aberto, nadando contra a correnteza, entende? — perguntou e o olhou, negando em seguida. — É claro que não entende...

— Entendo, Capitu, eu te entendo, de verdade. — Sua fala era convicta, livre de qualquer indiferença ou julgamento, a fim apenas de lhe passar confiança. — Converse comigo, se abra. Mas não pense que está falando com o médico, nada disso, me veja apenas como seu amigo.

Capitu ouviu aquilo, muda, sem saber se deveria mesmo colocar toda sua confusão para fora. Ela queria falar? Era claro que queria, estava se

sentindo sufocada, presa, sem saída.

Capitu suspirou e se acomodou mais no encosto do sofá, olhando a TV ligada, mas sem assimilar qualquer imagem. De repente, o filme de que tanto gostava tinha perdido o encanto.

— Meu noivo tem outra — disse, em um fio de voz, como se falasse para si mesma e em seguida riu, completando: — Meu ex-noivo, na verdade.

Tiberius ouviu aquilo e fechou os punhos, imaginando que suas mãos envolviam a garganta de Lucas.

— Carol me disse hoje. Contou que ele sabia de tudo e não foi no hospital para ver como eu estava. — Ela suspirou e parou de falar por um instante. — Eu ia atrás dele, Tiberius.

Aquilo o sobressaltou e ele precisou fazer um esforço descomunal para não dizer o que pensava.

— Eu ia pedir uma segunda chance. — Uma lágrima escorreu contra sua vontade. — Mas acho que não há o que fazer, não é?

Ele viu a dor nos olhos de Capitu e desejou ser capaz de arrancar todo aquele sofrimento.

Obviamente era uma pergunta retórica, e Tiberius se manteve calado, apenas observando-a e perguntando-se o que ela diria se soubesse que Lucas esteve lá, e que ele tinha socado o noivo dela. Seria terrível, mas ele não mentiria ou esconderia isso dela. Tinha certeza de que um dia ela saberia e era melhor que fosse por ele.

— Só que eu o amo, sabe? — Falou em seguida, não deixando que ele dissesse o que pretendia. — Quando cometi aquele ato desesperado, foi por causa da dor de ter sido trocada. Era muita decepção, um sentimento que tomava todo o meu fôlego e eu só queria que tudo aquilo parasse.

Tiberius viu Capitu começar a esfregar os braços com força e segurou uma de suas mãos, alisando a pele em seguida, querendo confortá-la.

— Eu não aguentei e hoje está sendo tão difícil. Eu fui abandonada pela terceira vez e agora foi por alguém que amo tanto, Tiberius. Tudo o que eu mais queria era não sentir nada.

Não sentir parecia uma boa saída, mas não era uma opção válida, por isso Capitu escolheu a morte. Ela sabia que aquele era o único meio de

PERIGOSAS ACHERON

acabar com a dor.

De tudo que ela havia acabado de falar, algo em especial chamou a atenção do homem ao seu lado.

— Por que pela terceira vez, Capitu? — Perguntou, segurando a mão dela, querendo dizer com aquele gesto que estava à sua inteira disposição.

Capitu não o olhou, não sabia se enfim falaria sobre tudo que guardava em seu coração. Mas já tinha ido até ali e agora parecia que tinha aberto uma torneira que não conseguiria fechar.

— Primeiro foi minha mãe, ela me deixou com meu pai quando eu só tinha sete anos — disse, respirando fundo. — Eu a amava, apesar de nunca ter recebido nenhum carinho dela. Amei aquela mulher como um filho ama a mãe mais amorosa do mundo e tentava ser amada, mas nada do que eu fazia era suficiente.

Aquelas lembranças eram dolorosas, mas precisava falar ou elas a consumiriam.

— Meu pai era alcoólatra, e depois que ela foi embora, tudo piorou. Ele não podia mais puni-la

por sua vida miserável, então eu passei a ser seu alvo favorito. Ele dizia que eu me parecia com ela e por isso merecia sofrer.

Tiberius ouvia tudo com verdadeiro horror.

— Ele era médico, um bom anestesiologista, mas era um péssimo pai, só lembrava de mim quando queria me infligir dor. Uma vez ele me espancou tanto que fui parar no hospital. Ele estava transtornado, fora de si, porque tinha falhado ao tentar encontrá-la. Eu era apenas uma criança, Tiberius, só uma criança...

Tiberius não entendia como sua opinião sobre a violência tinha se alterado tanto. Sempre fora pacífico, mas, naquele momento, queria punir o homem e a mulher que quebraram aquela criança. Porque ali, na sua frente, Capitu parecia a criança de dezessete anos atrás, vítima dos abusos dos pais.

— Meu pai morreu cinco anos depois e eu me odiei por sentir alívio com a sua morte, Tiberius. Senti-me uma pessoa tão ruim. — Chorou, pois àquela altura, não era mais capaz de segurar as lágrimas. — Próximo de sua morte ele já não me batia com tanta frequência, mas tinha mudado de um jeito estranho, ruim. Sempre falando o quanto

PERIGOSAS ACHERON

me parecia com ela e me alisando e eu... Deus, eu senti tanto alívio quando ele se foi.

Tudo aquilo doía, a sufocava e não sabia mais como tinha sido capaz de guardar aquilo por tanto tempo. Se parasse por um instante, ainda podia sentir o medo infantil, o cheiro de álcool saindo dos poros de seu pai, o desespero que sentia todos os dias por não saber como o pai chegaria em casa, por não conseguir prever o que faria com ela, se iria ao seu quarto à noite.

— Depois disso, a mãe de Carol se tornou minha tutora. Tentei não dar trabalho, mas ela não tinha muita paciência comigo... Bom, ela me deu um lar e só tenho a agradecer por isso.

Tiberius não sabia o que dizer. Não era de se estranhar que a moça fosse daquele jeito, não depois de uma tão infância terrível — e desconfiava que a adolescência não tinha sido melhor.

— Chegou a contar para alguém sobre seu pai?

Ela riu sem humor com aquela pergunta.

— Apenas uma vez, mas minha tia disse que

eu queria acabar com a imagem de meu pai, que eu era a cópia da minha mãe, mentirosa e traiçoeira, e por isso apanhava tanto. Foi a última vez que falei sobre isso com alguém, que pedi por ajuda. Ninguém nunca interferiu, apesar dos gritos, nunca quiseram notar as marcas em mim e nem viam o meu medo.

Tiberius apenas ficou ao seu lado, segurando sua mão. Queria perguntar muitas coisas, mas talvez não fosse o momento. Por enquanto, ouviria apenas o que ela quisesse lhe contar. Em um impulso, passou o braço pelos ombros da moça, trazendo-a para junto de si. Capitu se deixou ir, sem resistência, encostando a cabeça no ombro dele, enquanto sentia o movimento de vai e vem da mão grande na extensão de seu braço.

— Não tenho raiva da mulher que me pôs no mundo, não por ela ter ido embora. Qualquer pessoa no lugar dela teria ido. Eu só não entendo como uma mãe pode abandonar um filho. Nunca aceitei o modo como ela seguiu e reconstruiu sua vida, deixando para trás uma parte dela. Era isso o que eu era...

Ela parou de falar, não querendo pensar na

PERIGOSAS NACIONAIS

mãe e respirou fundo. De repente, todo o ar ali, naquela sala, não era suficiente e tornou a falar:

— Eu ia me cortar hoje — Capitu disse, fazendo os pelos do braço de Tiberius se arrepiarem. — Antes de você chegar... me lembrei do dia em que me cortei pela primeira vez, aqui na minha cozinha e foi tão... reconfortante. Aquela dor superficial tirou um pouco da agonia que eu sentia aqui — falou, tocando o peito. — Foi um tipo de refúgio e eu queria aquilo de novo. Queria sentir alívio, mas aí... você chegou.

Ambos ficaram em silêncio. Capitu sem pensar em nada, e Tiberius pensando somente em Capitu.

— Sabe que não tem culpa do que aconteceu com seu pai, não é? Sabe que não foi você que o incitou a nada, certo?

Ela não o olhou, limpando lágrimas com o dorso das mãos.

— Hoje eu sei, mas, na época, achei que tinha mesmo culpa e o ódio ainda mais por isso. Eu o odeio porque o amei, porque, dentre todas as pessoas, ele deveria me proteger... Sabe lá Deus o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que seria de mim, caso ele estivesse vivo quando meu corpo começou a mudar, quando me tornei uma mocinha, cada dia mais parecida com ela.

— O que aconteceu quando o seu pai se foi?
— quis saber, ter mais detalhes.

— Eu morei com minha tia, como disse. Estudei, prestei vestibular, passei. No mesmo período, arrumei um emprego, entrei pra faculdade e conheci Lucas. Ele estava no último ano de direito e me apaixonei por ele no primeiro momento. Bonito, inteligente, atencioso, sabia como conversar com uma garota e eu logo estava inebriada... Agora, bom, nem tudo dura pra sempre. Nem mesmo o amor. — Ah, quanta amargura deixou escarpar naquela frase.

— Não devia dizer isso, moça — Tiberius disse, com convicção. — Pela quantidade de romances que lê, não devia pensar que o amor não existe ou que não dura.

— Ah, Tiberius, nós sabemos que o amor puro, aquele verdadeiro, só existe naquelas páginas, feitas exatamente para isso: arrancar suspiros.

— Nem todos. Temos exemplos por aí,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Capitu, basta olhar com atenção.

Ela tentou sorrir em meio às lágrimas.

— O que quero dizer, Capitu, é que no mundo em que vivemos encontramos de tudo, do mais belo ao mais feio. Existem pessoas que talvez não saibam amar, ou não queiram amar, mas também existe o lado bonito. Pessoas que merecem ser amadas e que sabem reconhecer tal sentimento. Sempre existirá dois lados da moeda, esteja certa disso, moça.

— Então acho que sou péssima em discernir.

Ele não respondeu e Capitu suspirou.

— Obrigada por ter vindo — disse, escorregando no sofá e encostando-se ainda mais em Tiberius.

Ele quase paralisou com o contato inesperado e sorriu.

— Me desculpe por dizer tudo isso, nem sei porque falei. Acho que confio em você. Você é um bom amigo, Tiberius.

Ele gostou de saber que tinha a confiança dela, mas não ficou muito feliz com o título de amigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Era óbvio que ele queria ser mais que isso, mas, por enquanto, a amizade bastava.

— Não agradeça, não é necessário, Capitu. Pode falar o que quiser comigo sempre e quero que me prometa uma coisa.

Capitu levantou o rosto para fitá-lo.

Ah, ela estava tão perto...

— Quero que prometa que sempre quando sentir medo, desespero ou qualquer sentimento ruim, você irá parar, respirar e me ligar. Se não quiser falar comigo, converse com alguém de sua confiança, até mesmo com sua psicóloga. Coloque para fora o que estiver em seu peito, grite caso queira, só não se machuque. Esse alívio não funciona, é apenas um engano, algo passageiro que deixará marcas profundas depois e não serão apenas na sua pele. Será uma luta diária, mas poderá vencer, Capitu e eu estarei aqui, caso precise. Conte sempre comigo.

Não era uma repreensão ou julgamento, ela sentiu em sua voz. Era apenas... cuidado. Voltou a colocar a cabeça em seu ombro e ficou calada por algum tempo.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu prometo.

Na hora, lhe pareceu uma boa ideia prometer. Toda aquela conversa tinha lhe feito bem. Tinha, enfim, posto para fora coisas que guardava há muito tempo, que nunca falou com ninguém — nem mesmo Lucas.

Ficaram calados, apreciando o silêncio confortável. Estavam tão próximos que Tiberius podia até mesmo sentir o cheiro adocicado do shampoo dela. Algo cítrico, doce e delicioso. Encostou a cabeça sutilmente na dela, respirando o cheiro da moça que lhe parecia o melhor dos aromas. Estava feliz por, de algum jeito, tê-la feito se sentir melhor, sem falar no fato de ter chegado na hora certa. Não sabia o que poderia ter acontecido, caso tivesse demorado mais alguns minutos.

Sentiu Capitu relaxar aos poucos ao seu lado e logo começou a ouvir um leve ressonar. Ela estava dormindo. Olhou para os lados à procura do que fazer e viu que já era bem tarde. Bom, poderia acordá-la, mas então provavelmente passaria a noite insone, ansioso por notícias dela. Também não poderia dormir ali. Decidiu espera-la acordar,

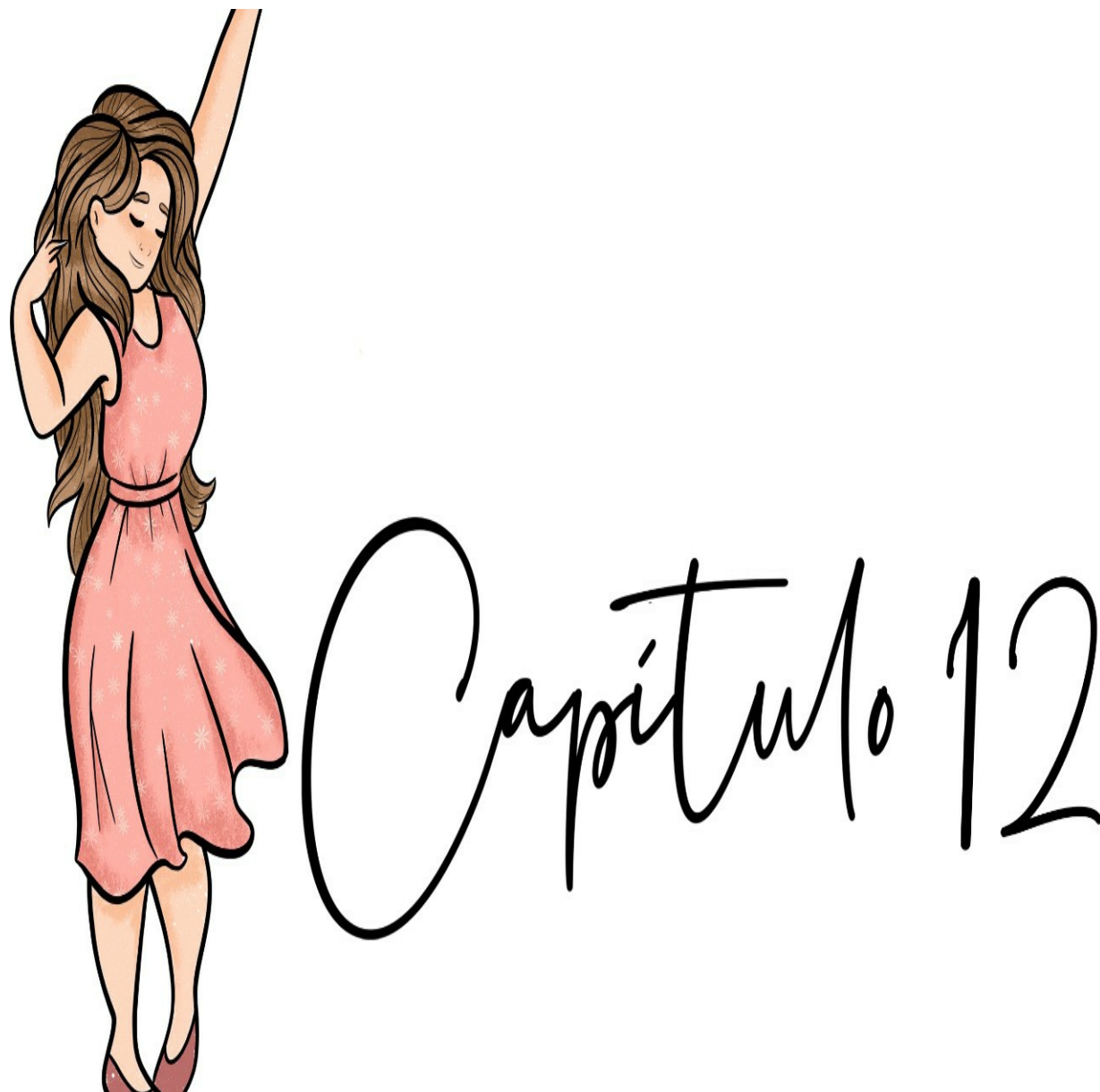
PERIGOSAS NACIONAIS

para ver se ela estava melhor, e só então, ir embora. Sairia com o coração na mão, mas partiria.

Voltou a encostar a cabeça no alto da cabeça da moça e relaxou ao seu lado, numa posição um pouco desconfortável.

Tiberius só não contava que também pegaria no sono. Maldito suco de maracujá!

PERIGOSAS ACHERON



“Um dia, acabaremos descobrindo que a ignorância sobre alguns fatos é melhor do que a verdade nua e crua!”

Uma pergunta recorrente quando o assunto é

suicídio é se o indivíduo que o comete não se ama ou não ama sua família. Se a vida dele, não é mesmo melhor que a morte. Bem, não podemos afirmar nada sobre isso, afinal, não estamos no lugar do próximo.

O que posso afirmar aqui é que, se não sentimos a dor de tal indivíduo, se não sabemos o que se passa, então, não temos a dimensão de seus conflitos e por isso, não podemos julgar alguém por um ato tão desesperado.

Devemos sempre ajudar, deixar de lado nossa lógica um instante e apenas se pôr no lugar do outro, na sua pele. Lembre-se sempre de que seu apoio incondicional, pode sim, salvar uma vida...

Tenham em mente indiscutivelmente valerá a pena salvar essa vida, lutar por ela, cortar a corda que puxa aquele ser para o abismo. Faça o que estiver ao seu alcance para tirá-lo da redoma em que se encontra e, acima de tudo, acredite, tenha fé...



Capitu acordou naquela manhã e se assuntou ao sentir um braço em sua cintura. Pensou em gritar, mas logo relaxou ao ver que era Tiberius que dormia ao seu lado no sofá.

Lembrou da noite passada, de como tinha se aberto para ele, confiado lembranças que nunca contara a ninguém. Suspirou, percebendo que sentia alívio depois de pôr toda aquela mágoa para fora.

E Tiberius era a causa daquela paz. Ela tinha ouvido e aconselhado com aquela voz levemente rouca e suave, que parecia a de um anjo. Ela sorriu com o pensamento. Nunca ouviu um anjo, por isso a comparação era um tanto ilógica, mas pela paz que ele lhe transmitia, imaginava que, se existissem anjos, seriam como Tiberius. Eles seriam calmos e amorosos, como ele tinha sido na noite passada, ouvindo-a sem julgamentos, rótulos ou expectativas...

PERIGOSAS NACIONAIS

Levantou-se com cuidado para não o acordar, tirando o braço dele da sua cintura com delicadeza e foi até o banheiro. Seu corpo doía por causa da posição em que tinha dormido e seu cabelo, com certeza, estava todo desgrenhado.

Procurou saber qual era o seu humor naquele momento, depois de um dia tão nublado como o que tivera anteriormente. Ainda se sentia decepcionada, subjugada, mas havia uma leveza em seu peito. O peso de passar anos guardando o abandono, desprezo e raiva tinha se esvaído.

Saiu do banheiro após escovar os dentes e prender o cabelo em um rabo de cavalo, voltando para a sala e indo em direção à cozinha. Tiberius permanecia na mesma posição e parecia dormir tranquilamente, com a boca levemente aberta, ressonando baixinho.

Decidiu preparar o café da manhã para os dois e, depois de ligar a cafeteira, saiu de fininho, indo até a padaria.

Abriu um pequeno sorriso ao descer as escadas. Aquela manhã era atípica, na verdade, desde a noite anterior, tudo estava sendo atípico...

PERIGOSAS ACHERON



Tiberius primeiro sentiu uma dor fina em sua lombar, ao tentar se esticar na cama e só então se deu conta de que não estava em uma casa, e menos ainda em sua cama. Ele abriu os olhos rapidamente, espantado com a luz do sol que banhava toda a pequena sala, confirmando que tinha dormido no sofá de Capitu. Praguejou, ainda sem acreditar que tinha feito isso e perguntou-se onde Capitu estaria.

— Bom dia, dorminhoco.

A voz doce de que Tiberius tanto aprendeu a gostar soou atrás dele, fazendo-o virar para encontrá-la com um lindo sorriso estampado em seu rosto.

— Bom dia, Capitu! — disse, levantando-se rápido, batendo a perna na mesinha de centro e arrancando um pequeno sorriso dela. — Sinto muito por ter apagado dessa forma.

Ela fez um gesto de desdém com a mão,

PERIGOSAS NACIONAIS

tentando controlar o riso pela careta de dor mal disfarçada de Tiberius.

— Não se preocupe, acabei usando seu ombro de travesseiro, esqueceu?

Tiberius se sobressaltou. Ela também tinha dormido ali, com ele?

— Hoje fiz questão de preparar o nosso café — ela continuou. — Não é o melhor que tomará na vida, mas dá para o gasto. Vem!

Notando que Capitu parecia melhor naquela manhã, Tiberius pediu licença para usar o banheiro e voltou pouco tempo depois, encontrando-a sentada próximo ao balcão da cozinha.

Ao vê-lo, ela encheu uma xícara com café e lhe entregou, oferecendo também uma fatia generosa de bolo de milho e Tiberius se sentou ao lado dela, provando o líquido fumegante, que estava delicioso.

— Como se sente? — Queria saber como Capitu estava após o desabafo da noite anterior.

— Estou... aliviada — ela falou, devagar. — Isso, me sinto mais leve.

PERIGOSAS ACHERON

Ele acenou e ambos ficaram em um silêncio confortável, enquanto comiam seu jejum.

— Segunda-feira, tenho minha segunda consulta com a psicóloga, Tiberius e talvez me sintam mais confiante para falar com ela, depois do que conversamos ontem.

Ele a encarou, com curiosidade no olhar.

— Quem Marta indicou?

— Daniele Mendonça.

Ele confirmou com um aceno, conhecia aquela psicóloga.

— Você irá gostar, é uma excelente profissional. O importante é que você não encare como uma obrigação, Capitu. É uma questão de confiança, fale o que tiver segurança naquele momento, apenas isso. Aos poucos você ficará cada vez mais à vontade e criará um vínculo e, quando mesmo perceber, será mais se abrir com ela.

Capitu não falou nada, apenas pensando no que ele acabara de dizer.

— Obrigada, Tiberius! — Achava que devia muito a ele naquele momento.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você sabe que, a partir de agora, sempre pode contar comigo.

Eles voltaram a comer e Tiberius reparou numa bicicleta pendurada na área de serviço. Pensou em chamá-la para pedalar um dia e, quem sabe, fazer um piquenique no parque.

— O que acha de darmos uma volta de bicicleta amanhã?

Ela seguiu o olhar dele e respondeu:

— Ah, eu não sei pedalar. Essa bicicleta é de Lucas...

A menção do nome do homem fez Capitu murchar um pouco e Tiberius se lembrar do segredo que guardava.

Ele precisava contar o que tinha acontecido no hospital e precisava fazer isso agora, antes que aquilo virasse uma bola de neve e a distanciasse dele.

— Capitu, eu queria falar algo com você.

Ela olhou com expectativa o homem corrigir sua postura, virando-se para ela.

— É sobre o seu ex-noivo. Eu o conheci.

PERIGOSAS ACHERON

Capitu sentiu um arrepio percorrer sua espinha ao ouvir aquilo, e Tiberius percebeu a mudança da moça, notando a pequena distância que seu corpo tomou do dele.

Capitu não entendeu o que Tiberius queria dizer. Como assim ele tinha conhecido Lucas?

— No segundo dia em que você estava internada, seu ex-noivo foi ao hospital...

Espera um pouco, Lucas tinha ido vê-la?

— Mas Carol disse que...

— Ela não sabia — ele respondeu, apreensivo, não a deixando terminar de falar e atropelando as próprias palavras em seguida. — Eu estava com você no quarto quando ele apareceu e se apresentou como seu ex-noivo. Você estava ali tão frágil e ele foi tão indiferente que nós acabamos brigando, Capitu. Eu perdi a cabeça e...

Ela o interrompeu.

— Como você pôde?

— Capitu, entenda que...

— Você não tinha o direito de me esconder isso! — exclamou, levantando-se, tomada pela

raiva, sentindo o sangue ferver. — Eu me abri pra você, confiei e você... Como foi capaz de me esconder que Lucas foi me ver, que se preocupou comigo? Tiberius, você me viu chorar ontem e fingiu me apoiar todos esses dias, enquanto eu sofria por achar que ele não se importava comigo!

— Ele não se importa com você! — ele exclamou. — Me deixe apenas explicar...

— Não, você não vai falar mais nada.

— Eu só queria te proteger.

— Eu não preciso da sua proteção! E você não tinha o direito de se meter na minha vida e nem de piorar a situação do meu relacionamento. Você mentiu pra mim e isso não tem perdão!

— Eu não menti, Capitu... — ele tentou mais uma vez.

Queria dizer a ela porque agiu daquele jeito e porque não contou nada. Contar que, em momento algum, Lucas se preocupou com ela, pelo contrário, ele queria espezinhá-la, tratando-a com puro descaso.

— Mentiu sim! — ela disse, em um rosnado, indo até a porta e abrindo-a em seguida. — Acho
PERIGOSAS ACHERON

melhor você sair. Obrigada por ontem e pelo estrago que fez!

Aquelas palavras doeram fundo no peito de Tiberius, foi como se levasse um soco. O pobre homem sabia que tinha errado, mas não imaginava que a reação dela seria tão tempestuosa ao ponto de não o ouvir. Esperava que ela o deixasse explicar, contar seus motivos, mas se enganou.

Mas tudo dera errado e agora Capitu estava expulsando-o de sua casa e, em decorrência, de sua vida. Aquilo apertou seu coração de tal forma, que se sentiu paralisado, enquanto observava o rosto dela se tingir de um tom vermelho e suas narinas dilatarem, os olhos arregalados em puro ódio. Não queria ser o responsável por causar tais sentimentos, mas agora era tarde.

Tinha acabado de entrar em sua vida e já estava saindo, ou melhor, sendo arrancado. Havia sido ingênuo ao imaginar que ela o ouviria. Capitu amava Lucas e achava que a visita dele ao hospital queria dizer algo. Aquilo não significava nada, ele sabia, mas não tinha o que fazer, pois ela não queria escutá-lo.

Tinha passado anos em uma faculdade, mas
PERIGOSAS ACHERON

isso não o ajudava quando se tratava de Capitu. Quando o assunto era ela, suas emoções não deixavam que agisse como alguém que conhecia sua condição. Não, ali era apenas um homem apaixonado, tentando colocá-la em um tipo de bote salva-vidas.

Apaixonado...

Levantou-se e com uma vergonha que lhe doía os ossos, se dirigiu até a porta, após pegar a chave do carro em cima da mesinha ao lado do sofá. Parou ainda no batente e a olhou. Como queria voltar no tempo... Teria feito tudo diferente.

— Me desculpe, não foi minha intenção. Talvez se me ouvisse, pudesse entender o que aconteceu, como ele te tratou...

— Eu não quero ouvir — ela o cortou, quase gritando ao ser tomada por um impulso incontrollável. — Não quero ouvir nada mais de você.

Ele não iria insistir, nunca colocaria sua vontade acima da dela. Se Capitu o queria fora de sua casa, ele partiria.

Tiberius saiu devagar, como se seus músculos

PERIGOSAS NACIONAIS

pesassem toneladas. Foi bom enquanto durou, pena que foi tão pouco. Tinha se apaixonado quando ela ainda era de outro, desde quando a viu pela primeira vez naquele vestido esvoaçante, florido, saindo do café com um sorriso singelo no rosto e um livro nas mãos.

Esse sentimento o cegou e por isso ele agiu daquele jeito, esquecendo-se até mesmo dos deveres da profissão. Ele nem ao menos se reconhecia e sentiu o arrependimento invadi-lo.

Não havia mais nada que pudesse fazer. Tinha mesmo estragado tudo.



Capitu não acreditava no que estava acontecendo. Como Tiberius pôde brigar com Lucas? Será que foi por isso que o ex-noivo não quis atender seus telefonemas?

Não sabia mais em quem podia confiar.

PERIGOSAS ACHERON

Ontem à noite, tinha aberto seu coração, se exposto de uma forma que nunca havia feito antes e agora descobria que Tiberius não passava de um traidor. Tinha se desnudado para alguém ser seu amigo, para um homem que ela julgava diferente de todos que tinha conhecido. Mas ele não era uma exceção, era como qualquer outro no fim das contas. Aquela paz que ele lhe transmitia nunca existiu. Era tudo uma farsa.

Olhou o celular, conferindo as horas. Ainda era cedo para fazer o que acabara de planejar, mas era o tempo de chegar ao seu recente destino. Correu para o quarto, vestiu uma calça jeans com uma blusa azul de mangas compridas — não queria que ele visse as marcas em seu braço — e fez uma maquiagem rápida no rosto, a fim de esconder suas olheiras.

Capitu chamou um *Uber* depois que terminou de se aprontar e o momento de espera pareceu durar uma eternidade. Assim que o carro chegou, ela entrou depressa, partindo para o seu destino.

Era sábado, geralmente o trânsito ficava mais calmo naquele horário e ela agradeceu por isso. Assim que o Uber parou em frente ao luxuoso

prédio de advocacia onde Lucas trabalhava, Capitu desceu e entrou na recepção.

O lugar estava vazio, a não ser por alguns seguranças e Capitu torcia para que ele estivesse lá, já que tinha o costume de ir ao escritório aos sábados pela manhã. Lucas era dedicado ao trabalho — ou ela pensava assim porque ele sempre saía de casa com a desculpa de que precisava trabalhar. Sempre havia um caso que precisava de sua atenção.

Capitu não teve problemas em passar pela portaria, já que era conhecida. Subiu direto para a sala de Lucas e bateu com suavidade na porta, abrindo-a em seguida.

A mulher sentiu o corpo paralisar, o choro lhe subir a garganta e o frio percorrer todo o seu corpo pouco a pouco. Ali, à sua frente, estava Lucas, sentado sobre a mesa do escritório, mantendo entre suas pernas uma mulher de estatura média, morena, de cabelos longos, vestida elegantemente. Os dois a olharam sobressaltados, separando-se pelo susto de serem pegos.

Capitu se lembrava daquela mulher. Era Ana, advogada e filha de um dos sócios da empresa.

Fora apresentada àquela moça, certa vez, em uma confraternização da empresa, e lembrava que a mulher tinha sido extremamente gentil e simpática.

Capitu sentia os olhos arderem com lágrimas não derramadas, a boca aberta em O. Como pôde, por um momento sequer, acreditar que aquilo era apenas um caso sem importância?

A mulher entre os braços de Lucas tentava alinhar o vestido preto levemente erguido em suas coxas bem delineadas, ao mesmo tempo em que ele se levantava e parecia sem ação. Não que se sentisse culpado pela cena, ao contrário, sentia raiva com a visita da ex-noiva.

— O que faz aqui, Capitu? — perguntou áspero, passando a mão na testa, em sinal de nervosismo.

— Eu... eu queria falar com você, mas vejo não adianta mais — praticamente sussurrou.

A mulher, que há pouco estava aos beijos com o ex de Capitu, assistia à cena e, percebendo que estava sobrando naquela conversa, mexeu-se para sair do aperto de Lucas, mas ele não permitiu.

— Não há o que conversar, Capitu. Falamos

tudo o que precisávamos antes que eu saísse de casa. Não temos mais nada a dizer.

A mulher, ainda agarrada à porta, se sentiu humilhada, pequena com as palavras dele.

— Você foi ao hospital...— sussurrou, arrependendo-se de ter vindo à sua procura.

— Fui pra conferir se sua tentativa de chamar a atenção tinha sido bem-sucedida. Não queria me sentir culpado no fim das contas.

Aquilo doeu. Doeu muito, era como se ele estivesse enfiando uma faca bem afiada em seu coração.

Tinha feito papel de idiota, estava se humilhando para alguém que não se importava com ela, agora era perceptível. Os cinco anos juntos não significaram nada para o homem à sua frente. Agora ela entendia, e isso a machucava demais... Tudo sempre esteve à sua frente. Os sinais, a distância, a falta de interesse. Sempre foi ela que fez de tudo para manter o relacionamento, sempre foi ela quem lutou pelos dois, sempre foi ela...

Lucas nunca a amou e, só naquele momento, Capitu entendeu que nunca teve alguém ao seu lado

— não por completo. O homem estava com ela apenas porque a situação era cômoda. Tinha tudo em casa, literalmente, e fora dela, poderia ter qualquer mulher. Tudo estava tão claro agora, o véu tinha se rasgado, trazendo uma verdade dolorosa que ela tentou tanto esconder. Precisou disso tudo para ela enxergar o quanto o mundo ao seu redor e o relacionamento que alimentou por anos eram vazios, desprovidos de cor e emoção.

Os olhos transbordavam e lágrimas lhe queimavam a visão, quando ela perguntou:

— Foi um engano, não foi? Todo esse tempo que passamos juntos foi apenas uma farsa... Eu me entreguei sozinha para aquele relacionamento. Você nunca esteve ao meu lado, não de verdade. — Sentia dor e transmitia esse sentimento em cada palavra dita. — Quem foi antes dela, Lucas? Quantas foram nesses cinco anos? Deus, como fui burra! — A amargura lhe doía a garganta, lhe ardia os olhos. — Espero do fundo do meu coração que você seja feliz, Lucas, que esse ser mesquinho aí dentro de você evolua e que seja uma pessoa melhor para ela. Melhor do que você foi comigo.

Capitu não esperou resposta e deu as costas

aos dois telespectadores, saindo apressada em direção ao elevador.

Viu o quanto se iludiu e se arrependeu de muitas coisas, principalmente, de ter se contentado com tão pouco. Chamou um táxi e, já dentro do automóvel, deixou a primeira lágrima cair — a primeira de muitas... Era demais aguentar tudo aquilo. Ela queria fugir, se esconder de todos aqueles sentimentos.

Sentiu-se ainda pior ao notar o olhar de pena do taxista pelo retrovisor do carro e contou os minutos para chegar ao apartamento. Assim que o veículo parou, pagou a corrida e subiu as escadas correndo, sentindo o cansaço invadi-la. Ah, e como queria que aquele cansaço fosse apenas físico, mas era puramente emocional. Estava farta de lutar, viver e respirar. Por que não conseguiu o que queria dias atrás? Seria tão mais fácil se tivesse morrido...

Lembrava-se da decepção ao acordar no hospital, de como se odiou e odiou quem a socorreu naquele dia, da vergonha que cobriu sua face quando encontrou Carol, de como quis gritar de pura agonia e desolação.

Entrou com rapidez no apartamento que um dia tinha amado tanto. Olhou em volta e foi como se tudo tivesse perdido a importância. Aproximou-se do retrato ao lado da tevê, pegando-o com as mãos trêmulas. Tudo ali lhe trazia tantas lembranças, que hoje, só remetiam à traição. Soltando um grito de desespero, Capitu arremessou o objeto na parede, vendo-o se espatifar e cair no chão. Pegou outros que estava ao seu alcance e fez o mesmo, enquanto sentia lágrimas pesadas de frustração lhe banharem a face. Tudo doía, fora feito para machucá-la e ela se perguntava porque merecia tudo aquilo...

Não, ela não merecia.

A realidade lhe assolou a alma, batendo à sua porta com força. Foi até o quarto com passos apressados, sentindo-se sufocada, sem saída. Tirou a roupa, ficando apenas com a *lingerie* e foi até o banheiro. Olhou seu rosto no espelho, vendo a pouca maquiagem borrada e os lábios sem batom. Não conseguia se reconhecer — nunca conseguiu, na verdade — e se sentia uma fraude por isso. Sentia que tinha rompido todas as suas camadas e despido suas máscaras. Estava nua, era uma

bagunça irreconhecível a si mesma.

Lucas estava certo, ela não era o bastante, nunca fora suficiente nem para si.

Um soluço doloroso saiu de seus lábios, em um choro agonizante de pura dor. O que viera fazer no mundo, afinal? Não sabia, era um erro, sempre fora. Era assim que a mãe a chamava quando jovem: um acidente de percurso culpado pela união dos pais.

Sentou sobre a tampa do sanitário e ficou ali, com o olhar perdido no azulejo branco, os pensamentos em redemoinho. Aos seus vinte e quatro anos não tinha feito nada de sua vida, sua existência era vazia.

Não conseguia evitar esses pensamentos autodestrutivos, aquela vozinha não deixava. Ficava ali rondando, lembrando seus fracassos e sua insignificância. Não conseguia controlar as emoções estava afundando em um mar de decepção e não sabia se queria vir à superfície. Queria apenas alívio.

Ainda sentada, abriu a pequena gaveta abaixo da pia e visualizou o seu meio de fuga, seu botão

vermelho. Estava ali dentro da caixinha e parecia esperar por ela, ou melhor, chamá-la. Ah, ela achava que precisava daquilo, que a pequena peça a livraria da dor, mesmo que por alguns segundos. Pensava que o ato lhe traria alívio. Ledo engano...

Pegou a gilete e, com as mãos trêmulas, levou-a até a lateral da perna direita, posicionando o metal frio em sua pele. Suspirou com o contato e não pensou — não deixou sua mente lembrá-la das palavras de Tiberius ou de sua própria promessa —, apenas afundou a lâmina em sua pele, fazendo um corte reto, superficial, e viu o sangue brotar em gotículas do ferimento.

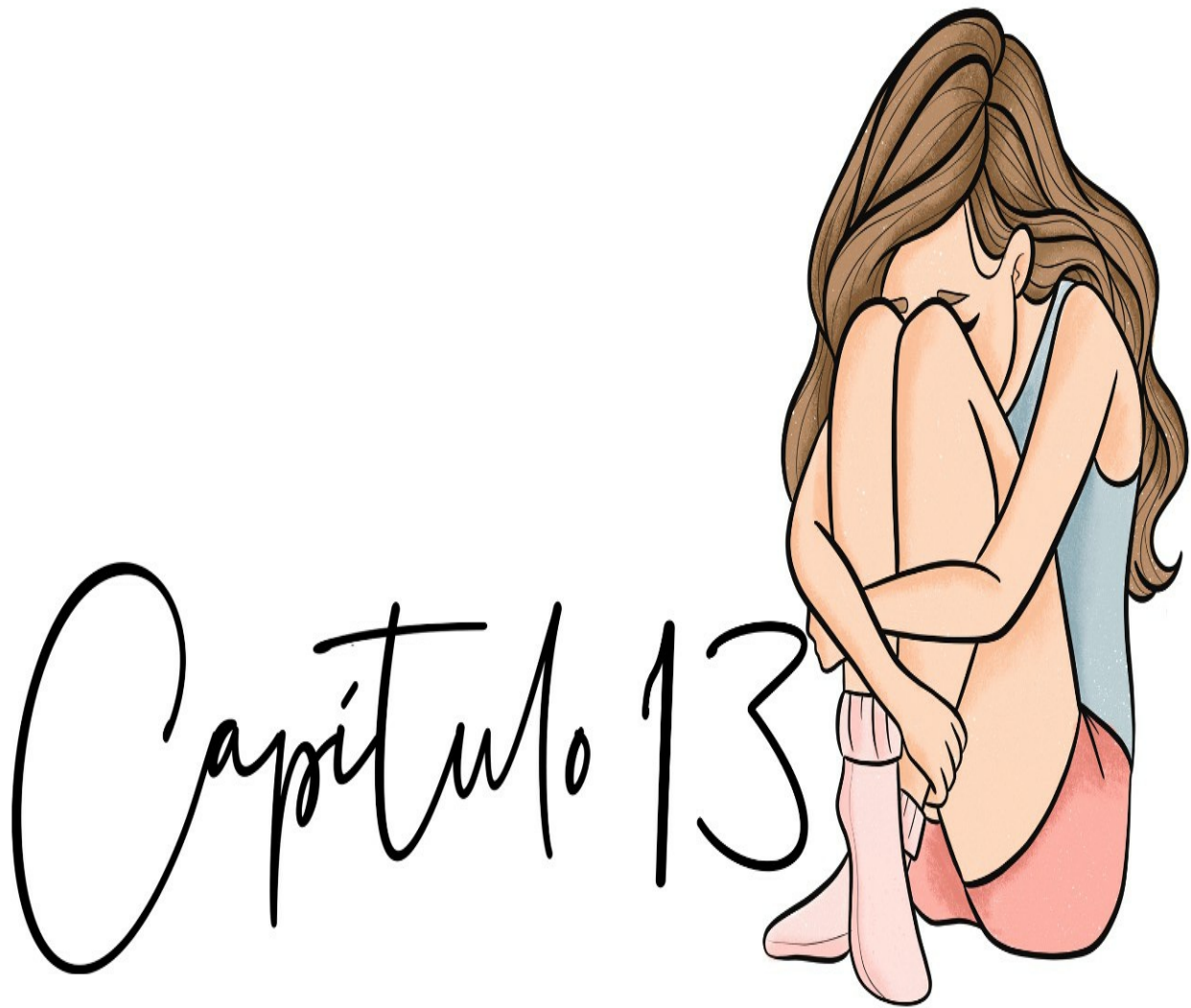
A dor que sentiu ao se ferir, foi ínfima se comparada ao que tinha em seu coração e ela continuou a fazer mais cortes, buscando a liberdade que não tinha. E a dor? Ah, ela parecia escoar junto com o sangue...

Ela sabia que era uma ilusão e que mais tarde aquilo lhe traria consequências. Estava presa em um tipo de roda gigante que sempre girava na mesma direção e a derrubava do ponto mais alto, esmagando seus ossos. Sempre se machucava e, a cada vez que isso acontecia, perdia um pedaço

PERIGOSAS NACIONAIS

importante de si e não aguentava mais tantas derrotas.

PERIGOSAS ACHERON



***“Distância... nada parece mais difícil
de aceitar do que a distância!”***

É, caro leitor... o mundo não é fácil, não é bonito e, em sua grande maioria, não é gentil. E

PERIGOSAS NACIONAIS

quando falo do mundo, não me refiro à grande bola gigante movida pela força gravitacional, que fique claro. Falo exclusivamente das pessoas que nele habitam, que esquecem com facilidade o que é amar o próximo e que, em sua maioria, passa a não se importar com o quê ou quem está à sua volta...



Tiberius não conseguiu ir para sua casa depois que saiu do apartamento de Capitu. Ficou ali, em frente ao prédio, imaginando a confusão que tinha causado na mente dela e como a mulher reagiria ao que havia dito.

Deixou a cabeça ceder para a frente, encostando-a no volante e se perdeu no tempo, perguntando-se quando foi que tudo desandou. Depois de minutos na mesma posição, levantou a cabeça, decidido a sair dali e, enfim, ir para casa.

PERIGOSAS ACHERON

Um movimento na saída do prédio lhe chamou a atenção. Olhou a tempo de vê-la entrar apressada em um carro, saindo em seguida. Desconfiava, com tristeza, que ela estava indo atrás de Lucas.

Socou o volante, frustrado, sentindo a dor irradiar por sua mão e praguejou com o ato. Por mais que desejasse, não iria interferir. Seus atos o tinham metido numa grande confusão e arrastado Capitu para o meio dela. Sentiu vontade de seguir o carro, mas não se prestaria a esse papel, por mais desesperado que estivesse.

Decidiu fazer o que Capitu lhe pediu e ir para casa, mesmo sabendo que o que tinha dito havia perturbado a moça. Naquele momento, estava se perguntando se existia alguma possibilidade de reconciliação entre o casal e se ela o odiaria ainda mais depois de falar com Lucas, já que o homem achava que ele e Capitu tinham um relacionamento.

Suspirou pesadamente, antes de estacionar o carro em sua garagem e entrar em casa, não dando atenção nem mesmo para Tita, que se enrolava em suas pernas.

Não tinha muito o que fazer ali em sua casa. Ele não havia planejado aquelas férias, nem

PERIGOSAS ACHERON

organizado nenhuma viagem como sempre fazia e agora tudo parecia sem sentido.

Sua mãe tinha um ditado que dizia: mente parada, oficina do tihoso! Naquele instante, ele constatou que era mesmo verdade, pois parecia disposto a se punir por tudo que havia causado a Capitu.

Subiu para o quarto e foi direto para o banho, talvez a água fria o ajudasse a colocar a cabeça no lugar. Perdeu-se no tempo enquanto a água escorria por seu corpo e pensou em quão ridícula era aquela situação. Era um leitor de romances e já tinha perdido a conta de quantas vezes viu dois corações se apaixonarem à primeira vista. Naquelas páginas, isso não parecia errado, mas, na sua realidade, era loucura.

Estava passando dos limites e tinha de parar com aquilo. A moça não tinha interesse por ele. Até pouco tempo ela tinha um relacionamento estável e agora lutava para controlar uma doença sem cura. Ele precisava ser sensato e agora, mais que nunca, manter o controle. Já tinha ido longe demais — mais do que se deixou ir em todos os seus 33 anos. Era um homem feito, não tinha mais cabeça ou

idade para paixonites.

Pensou que talvez devesse viajar. Com certeza, uma mudança de ares lhe faria bem. Estava decidido, farias as malas e tiraria um tempo para descansar longe dali.

Vestiu uma calça jeans surrada e desceu para a biblioteca com o peito nu, pronto para organizar a viagem. Ligou o computador e começou a buscar por alguns lugares. Talvez sair do país? Seria interessante, mas estava meio em cima da hora para uma viagem internacional. Um cruzeiro? Não, um cruzeiro não. Não se dava muito bem em alto-mar e não passaria dias a base de remédios. Talvez fosse melhor tentar o Brasil mesmo, tinha lugares que fazia tempo que queria conhecer. Poderia ir para o nordeste — praia, sol, mar, cultura e comidas diferentes... Não, melhor não.

Suspirou, não tinha muito o que fazer no fim das contas. A viagem nem lhe pareceu mais tão atraente depois de alguns instantes.

O celular tocou, indicando que acabara de receber uma mensagem. Era Pedro, convidando-o para o bar que costumavam ir aos sábados, próximo ao hospital. Tiberius logo mandou mensagem de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

volta, confirmando sua presença e voltou o olhar para tela do computador, mas sem prestar atenção em nada.

Pensou se não era melhor falar a Carol que Lucas tinha ido ao hospital e que ele tinha contato isso a Capitu. Era o melhor a fazer, não podia deixar Capitu sozinha. Ela precisava de amparo, de alguém de sua confiança e, se não fosse ele, seria a prima dela.

Feito isso, ficou mais tranquilo, sabia que caso algo acontecesse, Carol ligaria — pelo menos desejava que ela o fizesse. Não sabia ao certo porque esperava isso, já que tinha prometido a si mesmo que manteria distância, mas era o que gritava seu coração.

A distância, naquele momento, não fazia mais tanto sentido. Estava perdido...



PERIGOSAS ACHERON

— O que foi? Por que a cara de bunda?

Tiberius achava que aquele adjetivo lhe caia bem. Seu humor estava péssimo e já tinha se arrependido de estar ali, na companhia de Pedro. Não prestava atenção no que o amigo lhe dizia e o local que tanto gostava de frequentar por ser um ambiente aconchegante e íntimo, não lhe parecia nada agradável naquele dia.

— contei a ela que o babaca esteve no hospital. Pior, contei que briguei com ele.

Tiberius esperava uma repreensão, algo como: *ficou louco?* Mas Pedro apenas lhe deu um olhar compreensivo.

— Fez certo, Berão — disse Pedro, tomando um gole do chope à sua frente. — Tinha de contar para ela. Capitu tinha o direito de saber, mesmo o cara sendo um fodido do caralho.

— Eu sei que fiz o certo. O problema foi que ela não entendeu, ou melhor, não me deixou falar. Me expulsou do apartamento dela hoje cedo.

— Hoje cedo? — Pedro levantou uma sobrancelha, interrogando-o.

— Não aconteceu nada, Pedro. Estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tentando dar a ela algum consolo, oferecer minha amizade, só isso.

— Hum... Esse é o preço da sinceridade, meu amigo. Mas eis aqui o que aprendi com a vida: o que tiver de ser seu, será, simples assim. Mover céus e terra para isso, não vai adiantar.

Pedro entendia do assunto, Tiberius sabia disso e também achava que o amigo já estava um tanto alterado.

— Aprendeu isso com quem? Com Alice? — Seu humor estava mesmo ruim, percebeu. Pedro não tinha culpa de ele estar naquela situação, não tinha o direito de tocar naquele assunto.

— Com ela, com minha mãe, com Sofia, com a vida.

Tiberius só confirmou e nada disse. Arrependeu-se de tocar no nome de Alice e tentou mudar de assunto.

— E Augusto?

Pedro riu enquanto levava o copo de cerveja aos lábios e Tiberius o acompanhou. A situação de Augusto era ainda pior.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aquele lá tá suando a camisa pra ter a mulher de volta e com razão. — Ambos riram, imaginando o que o amigo em comum vinha passando.

A conversa fluiu mais leve depois desse momento. Conversaram sobre o hospital e os últimos acontecimentos, deixando de lado a vida pessoal dos dois. Tiberius aproveitou para dizer a ele sobre a viagem que faria — tinha voltado a cogitar a ideia. Talvez partisse em três dias, tempo necessário para deixar tudo pronto...

— Tem certeza?

— É o melhor a fazer. Não acho que Capitu queira me ver outra vez. Preciso me afastar, Pedro. Minha presença não vai adiantar de nada, se eu não conseguir controlar meus sentimentos — disse, com convicção.

— Ela não precisa de você como um psiquiatra, Berão, mas de alguém que a ajude a achar uma direção, um amigo. Não se culpe por isso, errar é humano, cara, e você também está sujeito ao erro. — Aquilo parecia fazer sentido...

— Já erraram demais com ela, Pedro, e eu não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quero ser mais um.

— Então não seja. Acha mesmo que, saindo da vida dela sem contar de fato o que aconteceu, você a está ajudando?

Não saberia dizer e não queria pensar nisso naquele momento. Levantou-se, era hora de ir embora.

— Eu vou indo, nos falamos depois.

— Quando quiser — respondeu, vendo o amigo lhe virar as costas. — Berão! — chamou e Tiberius o olhou. — Pense no que eu falei, não pode forçar as coisas a acontecerem, mas, se esconder, não vai ajudar em nada.

Tiberius não disse nada, apenas se virou e saiu do bar.

Fugir? Era a última coisa que queria fazer. Entrou no carro e antes que pudesse sair, sentiu o celular vibrar no bolso da calça. Pegou o aparelho e sentiu o corpo estremecer ao ver o nome de Carol na tela.

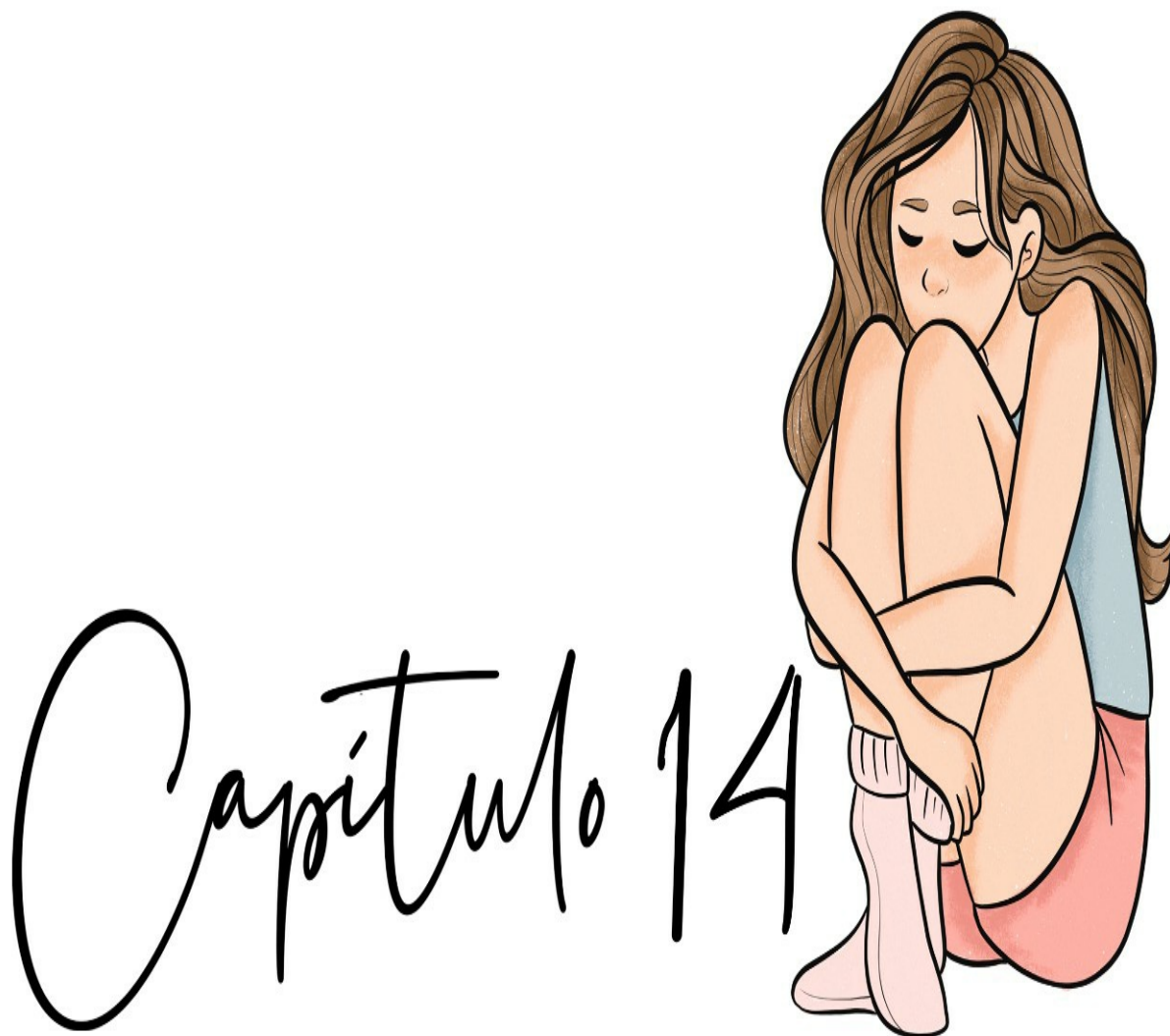
— Carol? Aconteceu alguma coisa? — disparou, antes mesmo de cumprimentá-la

PERIGOSAS ACHERON

Ouviu a moça fungar do outro lado da linha, antes de pedir:

— Pode vir pra cá? Para o apartamento da Cá?"

E foi ali, naquele momento, que Tiberius percebeu que a distância nunca tinha sido uma opção.



“A verdade é uma faca de dois gumes. Ela pode te afundar ou ser seu bote salva-vidas!”

Você se sente sufocado. Sente que a vida não faz mais sentido, que não tem mais saída... Aquela

voz depreciativa vive repetindo isso em sua mente, e você acaba acreditando nela. Não faça isso, jamais se deixe levar. Busque dentro de si o que há de melhor, és uma dádiva, sua vida é mais que importante, é valorosa de várias formas e nunca, jamais deve ser subjugada, principalmente por ti. Sempre haverá uma luz ao fim do túnel, mesmo que você não a veja. Sempre haverá redenção, mesmo que não a sinta e sempre, sempre haverá um refúgio.



Após Carol receber uma ligação de Tiberius, dizendo-lhe o que tinha feito quando Capitu ainda estava no hospital e que havia contado isso para a prima dela, a mulher sentiu o peito se apertar, apreensivo. Sabia exatamente qual seria o efeito que aquela informação causaria em Capitu. No mesmo instante, ela iria atrás de Lucas.

Carol achava que Tiberius não deveria ter
PERIGOSAS ACHERON

falado a verdade para Capitu, ele deveria ter guardado seu ato heroico para si mesmo. A loira havia gostado da atitude do homem, pois acreditava que ele se importava tanto com Capitu, que a tinha colocado acima de seu trabalho. Sentia-se feliz pelo que Tiberius fizera porque ela mesma queria dar uns bons socos em Lucas.

A loira deixou o café assim que recebeu a ligação do homem e entrou no carro, partindo direto para o apartamento de Capitu. Não perdeu tempo batendo na porta ou tocando a campainha e usou a chave que Capitu havia lhe dado após ter alta do hospital. Entrou e, ao ver alguns destroços pelo caminho, sentiu-se em uma espécie de *déjà-vu* do momento em que tinha encontrado Capitu caída ao chão, engasgando-se com o próprio vômito. Um arrepio tomou sua espinha e lágrimas se formaram em seus olhos. Não queria viver aquilo de novo, não queria que a prima passasse por tanto sofrimento, Capitu não merecia.

Adentrou mais o lugar e ouviu o som de água corrente. Seguiu em direção ao barulho, abandonando a bolsa no chão, em algum lugar do apartamento. Entrou no quarto a passos rápidos e,

ao chegar na porta do banheiro, paralisou, assistindo à cena, por alguns segundos, estática.

Capitu estava ali, sentada ao chão embaixo do jato forte do chuveiro, apenas vestindo uma *lingerie* de tom vinho. Estudou a prima com atenção, a moça tinha os olhos fixos no azulejo à sua frente, em um algum tipo de transe.

Só então, Carol percebeu os cortes na perna da prima e o sangue sendo levado pela água, em direção ao ralo. Os dedos dos pés de Capitu já estavam enrugados, brancos e os olhos, vermelhos como brasas vivas.

A mulher se aproximou com cautela, pegando uma toalha que estava pendurada no banheiro e desligou o chuveiro. Agachou-se em frente à prima, que tinha o queixo trêmulo e os dentes chocando-se um contra o outro. Logo, os olhos de Capitu pousaram sobre ela e Carol teve pena do que viu. Foi tanta dor que o desespero ecoou no peito da loira.

Enrolou Capitu com a toalha azul escura e pegou os ombros da prima, puxando-a com força em sua direção. Sentou-se no chão molhado e a acomodou entre seus braços.

Nada disse, apenas afagou as costas da mulher que continuava a tremer e, como se um vulcão tivesse entrado em erupção, Capitu rompeu em soluços, num choro desesperado, digno de pena e empatia.

Ficaram caladas, enquanto Capitu colocava sua mágoa para fora. Era demais para qualquer ser humano suportar.

A infância conturbada, a falta de afeto, a culpa que a mãe jogara sobre seus ombros ainda tão pequena, o pai alcoólatra, a tia negligente... Tudo aquilo criou um buraco negro dentro moça e Lucas foi apenas o detonador para que aquela bomba explodisse

Sabia que Capitu sempre se achou diferente e sua família a tinha tratado como se ela fosse um ET, uma pessoa de que se deve manter distância. Sempre foi assim e ali, sentada no chão do banheiro, dando apoio a Capitu, Carol se deu conta de como a subjugaram e do quanto contribuíram para aquela situação. Não era algo imediato, não, todo aquele sofrimento a assombrava há muito tempo.

Quando sentiu os espasmos do choro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cessarem, depois de horas sentada no chão, abraçada a Capitu, percebeu que era hora de tirá-la dali e ajudá-la a se recompor.

Carol se levantou, estendendo a mão para a mulher, que não se moveu. Então, se abaixou e puxou a prima pelos braços, levantando-a sem dizer absolutamente nada. Queria apenas deixá-la em segurança.

Carol percebeu, assim que ajudou Capitu a se levantar, a lâmina suja de sangue no canto da parede e fechou os olhos, imaginando a dor que a moça havia infligido a si própria. Com cuidado, a conduziu para fora do banheiro e a deixou sentada na cama, ainda com o corpo trêmulo. Buscou uma camisola confortável no guarda roupa e ajudou Capitu a se livrar das peças íntimas molhadas.

Voltou ao banheiro, notando então o sangue próximo ao sanitário e, sem querer olhar com medo do pavor dominá-la, pegou o kit primeiros socorros, saindo rapidamente do pequeno cômodo. Voltou para Capitu e começou a limpar os cortes na coxa direita da prima com cuidado, enquanto Capitu mantinha a cabeça baixa, os olhos o tempo todo no chão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Capitu sentia que a vergonha a tomava, junto com o arrependimento e a dor. Começava, enfim, a voltar a si, ter a dimensão do que havia feito e sentir a dor física e psicológica. Tinha ido longe demais outra vez, se ferido e machucado Carol.

Uma lágrima escorreu, essa não foi por Lucas, foi por si mesma, por tudo que passara e o que não podia controlar. Chorou pelos sentimentos que se misturavam a tal ponto que era impossível distingui-los.

Por que tinha que doer tanto?

Capitu se acomodou melhor, sentada no meio da cama após Carol terminar o curativo e abraçou os joelhos junto aos seios, levando a cabeça até eles. Carol se juntou a ela após tirar as próprias roupas molhadas, usando um vestido de Capitu e ficou ao seu lado, esperando-a falar.

— Ele tentou me avisar... Acho que era isso o que ele queria dizer... parecia se importar tanto...

A dor transparecia em sua voz, mas a prima não estava entendendo o que ela queria dizer.

— Eu não sei o que pensar... — Chorou, desconsolada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não entendo do que está falando, Cá. Por favor, seja mais específica.

— Eu fui atrás de Lucas, cedi ao que eu sentia, depois que Tiberius, me contou que ele tinha ido ao hospital. Eu não pensei. Deus... eu o expulsei... e... eu não sei o que aconteceu comigo. Quando vi, eu já estava entrando na sala de Lucas. — Ela parou de falar, as lembranças ainda frescas atacando sua mente em agonia. — E eu vi, não precisei que me dissessem, eu vi... Estava bem à minha frente e foi tão difícil, tão cruel.

O choro voltou, um pouco contido, mas ainda estava ali, inundando sua face.

Nada foi dito, mas Carol não pôde deixar de pensar que talvez aquilo tivesse servido para o próprio bem de Capitu. Para ela ver e ter certeza do que sempre lhe dizia: Lucas não a merecia.

Carol se levantou da cama e foi em busca de sua bolsa, voltou para o quarto minutos depois, trazendo um copo com água e um comprimido.

— Toma, Cá, vá dormir e eu irei orar pra que quando acordar, se sinta melhor — disse, entregando o copo e o comprimido à prima.

PERIGOSAS ACHERON

Capitu não negou e se sentou, sentindo a perna arder. Tomou o pequeno comprimido e voltou a se deitar, com Carol ao seu lado, afagando seus cabelos.

Ela não demorou a adormecer e Carol percebeu que já era noite. Levantou-se, saiu do quarto e procurou o celular, limpando algumas lágrimas que teimaram em cair. Era inevitável não se compadecer, não sofrer com a mulher que considerava sua irmã. Não queria perder a prima e tinha medo de que Capitu tentasse se suicidar novamente. Caminhou pela sala pouco iluminada, olhando os cacos de vidro espalhados pelo chão. Precisava falar com Tiberius, precisa pedir, se necessário, implorar por sua ajuda, pois não conseguiu falar com a doutora Marta, tampouco com a psicóloga.

Ligou e foi atendida imediatamente. Não precisou implorar, na verdade, mal teve tempo de explicar a situação e ele já respondeu que estava a caminho. Voltou para a cozinha, pegou uma vassoura, uma pá e passou a juntar os cacos de vidro, guardando as fotografias que estavam no chão em sua bolsa. Assim que terminou de jogar o

lixo fora, a campainha tocou e Carol chegou a pensar que era outra pessoa, pois havia sido rápido demais.

Ao abrir a porta, encontrou um homem angustiado e culpado. Ouviu-o suspirar ao vê-la e ele não esperou um convite para adentrar o apartamento.

— Onde ela está? — perguntou, temendo a resposta, olhando para os lados em busca da mulher que vinha bagunçando todos os seus pensamentos. Tinha praticamente voado até o apartamento, furando todos os sinais vermelhos.

— Capitu já está dormindo. Dei um remedinho e ela apagou — disse, fungando e limpando o nariz com o dorso da mão.

— O que aconteceu, Carol?

O desespero era presente na voz dele, ao mesmo tempo que encarava, com expectativa, a loira à sua frente.

— Ela foi atrás dele, Tiberius. Eu não sei ao certo o que aconteceu, mas parece que ela o viu com outra mulher.

Tiberius fechou os olhos, imaginando a

PERIGOSAS ACHERON

situação.

— Eu a encontrei sentada no chão do banheiro, embaixo do jato de água, em uma espécie de choque. Ela não disse muito quando a trouxe para o quarto, mas vi que ela voltou a se cortar, Tiberius e eu tenho medo que...

Não conseguiu falar, o choro vencendo-a e ela cobriu o rosto com as mãos. Logo sentiu braços forte envolvendo-a em um abraço bem-vindo.

— Não fique assim, Carolina, faremos tudo que estiver ao nosso alcance para ajudá-la. Ela precisa do nosso apoio para entender o que sente. Nós estaremos aqui, mas só depende dela se reerguer e enfrentar seus próprios demônios...

Carol se afastou, encarando-o, os olhos vermelhos, rasos de água.

— Gosta dela. — Era para ser uma pergunta, mas soou como uma afirmação.

Viu o homem desviar os olhos dos seus, procurando uma resposta.

— Você sabe que sua prima é uma pessoa maravilhosa, Carolina. É claro que tenho grande carinho por ela.

— Sabe que não foi isso que perguntei, mas por hora serve... — disse com convicção, interrompendo a conversa para atender o celular, que acabara de tocar.

Tiberius continuou no mesmo lugar, esperando que ela voltasse e, por Deus, que esquecesse a maldita pergunta.

Minutos depois a moça retornou da área de serviço um tanto pálida.

— É minha filha. Ela está com muita febre.

Tiberius não precisou de mais explicações.

— Vá, pode ir. Eu fico aqui com Capitu.

— Tem certeza? — Estava insegura do que fazer, mas precisava ir para casa.

— Ela está dormindo e provavelmente permanecerá assim por toda a noite. Ficarei com ela e lhe darei notícias, não se preocupe.

O gesto tocou o coração de Carolina, que se aproximou e pôs a mão em seu ombro.

— Obrigada... E não precisa mais me responder, acabou de fazer isso.

Aproximou-se e, ficando nas pontas dos pés,
PERIGOSAS ACHERON

beijou sua face direita, deixando-o envergonhado com a constatação da moça. Queria negar, mas como poderia?

— Capitu está deitada no quarto dela. Pode ficar lá com ela ou no quarto de hóspedes, que fica à direita, depois do banheiro. Qualquer coisa, me avise por favor.

Ele apenas confirmou e a viu sumir, saindo às pressas.

Olhou para o pequeno corredor, encarando as três portas, decidindo-se para onde iria. Ah, para inferno com as dúvidas! Jamais ficaria ali e se manteria longe dela. Estaria ao lado da moça, velando seu sono, pronto para o que ela precisasse. Pensou que a reação dela ao acordar e vê-lo ao seu lado poderia não ser a melhor, mas não mudou de ideia.

Caminhou a passos lentos até o quarto de Capitu e abriu a porta devagar, com cuidado para não a acordar. O quarto permanecia escuro, iluminado apenas pela fraca luz do abajur, que ficava sobre uma mesinha. Sentia-se estranho por estar em um lugar íntimo demais, só dela. Bloqueou aquele pensamento, dizendo a si mesmo

PERIGOSAS ACHERON

que suas intenções eram as melhores possíveis. Só queria que ela estivesse bem.

De boas intenções o inferno está cheio, meu filho!

Ouviu a voz da sua mãe, dizendo-lhe essas mesmas palavras, quando algo não dava certo e torceu para o ditado que não se encaixasse naquela situação. Caminhou até a poltrona próxima à mesinha com abajur e se sentou, fitando a moça deitada na cama. Ela estava de lado, o corpo virado para o mesmo lado da poltrona, dormindo com expressão serena e ressonando baixinho. Parecia um pequeno anjo dormindo, um anjo frágil. Olhou ao redor do quarto, um cômodo aconchegante e bastante feminino, e o livro na mesinha ao lado do abajur chamou sua atenção.

Era *Ema*, o livro com que ele a havia presenteado, quando a visitou no hospital. Pegou-o e o abriu. Se ia passar a noite em claro, que fosse lendo alguma coisa.

Passou parte da noite lendo o livro e passando informações sobre Capitu à Carol, que também estava acordada por causa da filha. Em um dado momento, se recostou na poltrona e acabou tirando

PERIGOSAS ACHERON

um pequeno cochilo. Acordou um tanto desnortado, olhando ao redor e vendo que a moça continuava dormindo tranquilamente. Tinha apenas mudado de posição, estando agora de costas para Tiberius, evidenciando a perna enfaixada.

Ele se levantou com cuidado, olhando as horas no relógio de pulso, e vendo que o dia já tinha clareado lá fora. Deixou o livro onde o tinha encontrado e foi em direção ao banheiro, que ficava do lado direito do quarto. Ao entrar, se assustou com o que viu.

— Caramba! — praguejou, olhando ao redor e vendo o sangue, já coagulado no chão, próximo ao sanitário.

Capitu não podia ver aquilo ali, não faria bem a ela. Voltou a sair do quarto, indo até a cozinha em busca de algum material de limpeza e encontrando tudo o que precisava na pequena área de serviço. Colocou um pouco de sabão em pó em um balde pequeno, água sanitária, desinfetante, pegou uma escova de mão e voltou para o quarto, indo direto para o banheiro.

A imagem do lugar lhe trazia desespero por imaginar o que ela havia feito ali, sozinha, o que

PERIGOSAS ACHERON

havia sentido e se pôs a limpar, tentando ser o mais silencioso possível.

Após terminar, usou a ducha e tirou todo o sabão espalhado pelo lugar. Finalizou e jogou fora a lâmina que havia encontrado, juntamente com as outras que estavam largadas dentro da pia. Nunca mais permitiria que ela se ferisse, faria tudo para que isso não acontecesse.

Após sair do banheiro, voltou para a cozinha, a fim de preparar algo para comerem. Estava pensando no que fazer, quando tocaram a campainha. Tiberius foi abrir a porta, achando que era Carol, mas encontrou um rapaz parado na soleira, com uma pequena sacola em uma mão e quatro copos em uma bandeja na outra.

— Bom dia, senhor. Carolina pediu pra que eu viesse trazer seu café da manhã.

Carol tinha um bom time, percebeu Tiberius.

— Obrigada rapaz. Quanto foi? — Pegou a sacolas e a bandeja com copos, fazendo menção de tirar a carteira do bolso.

— Nada, senhor. Tenha um bom dia.

O rapaz foi embora e Tiberius fechou a porta,
PERIGOSAS ACHERON

depositou o café da manhã sobre a pequena mesa de dois lugares no meio da cozinha. Não tinha fome, andava longe disso. Pegou apenas o copo com leite caramelado, e foi em direção à grande janela da sala.

Seus pensamentos foram para o dia anterior, quando disse a Capitu que Lucas havia ido ao hospital e que tinha brigado com o homem. Lembrava-se com exatidão de como o corpo dela se retesou ao lado do seu, de como se afastou e do olhar de raiva e decepção direcionado a ele.

Nunca, jamais queria ser o causador daquele olhar outra vez. Balançou a cabeça, escorando-a no vidro da janela e fechou os olhos. Em suas mãos, permanecia o conteúdo do copo ainda intacto.

Ouviu um pequeno ranger de madeira e soube o exato momento em que Capitu entrou na sala. Percebia sua presença e, como um viciado, sentia seu cheiro. Virou-se e a fitou. Viu a moça parada próximo à porta do quarto, torcendo as mãos na frente ao corpo, olhando-o. Ela abaixou a cabeça assim que ele fitou seus olhos lacrimosos, encarando os próprios pés.

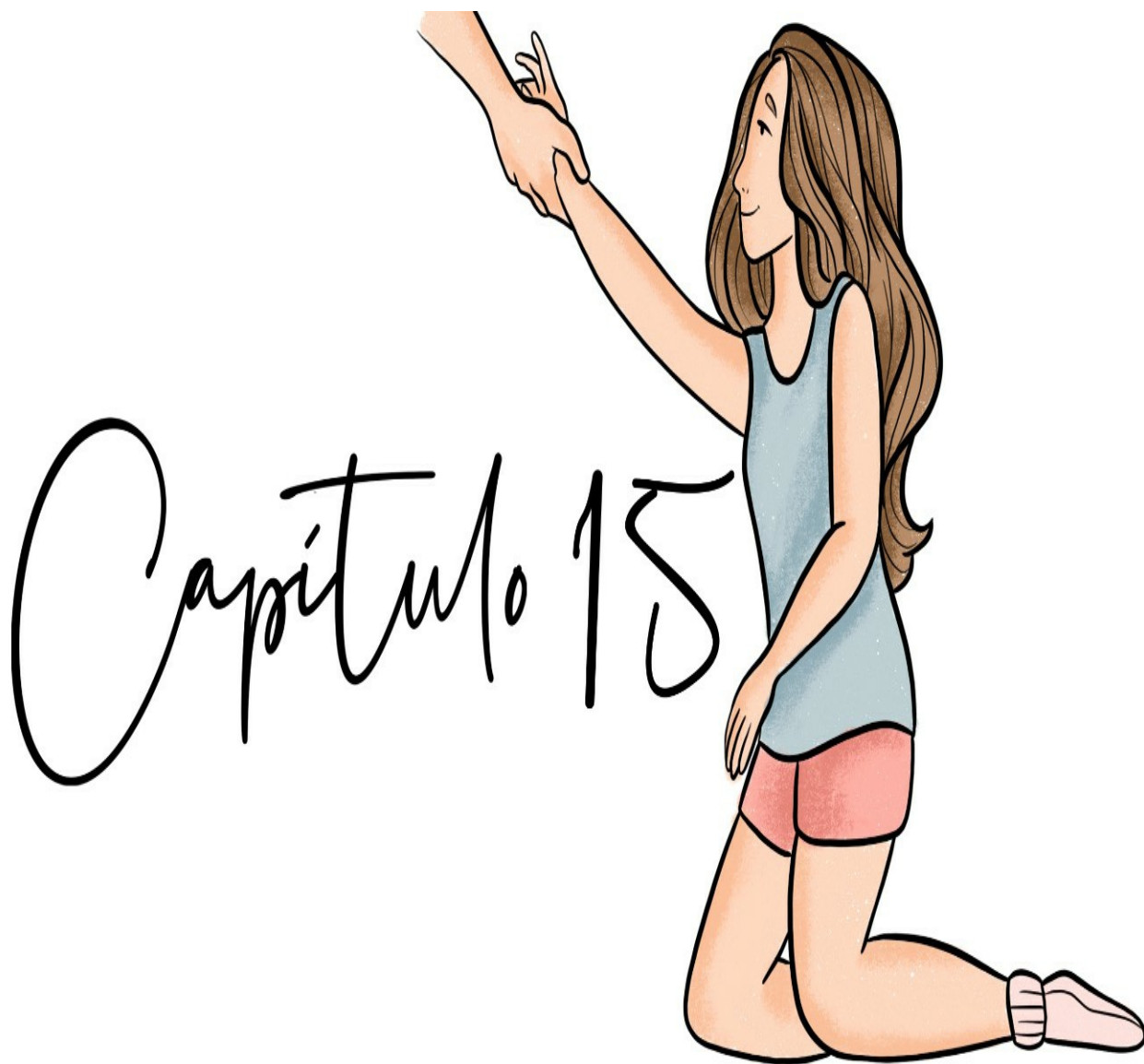
A vontade que sentiu foi de correr e tomá-la

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em seus braços, prometendo, mesmo sem ter certeza alguma disso, que tudo ficaria bem. Mas não fez nada que seu corpo gritava para que o fizesse, permaneceu parado, esperando um sinal, até mesmo um grito dela de descontentamento. Estava disposto a aguentar qualquer coisa, pois dessa vez, ela iria escutá-lo.

PERIGOSAS ACHERON



“Dizem que o tempo cura todas as feridas, todos os ressentimentos e rancores. Mas há cura para tais sentimentos? Talvez sim, mas o esquecimento... Ah, caro leitor, esse não chegará jamais. “

PERIGOSAS NACIONAIS

A vida é feita de escolhas e você precisa decidir que rumo irá seguir. Direita ou esquerda? Certo ou errado? Bom ou ruim? Mas o que é errado? O que é certo?

Entenda, nesse mundo, não há certo ou errado, bom ou ruim e tudo sempre dependerá unicamente de você e de suas escolhas. O que tem de decidir, enfim, é se irá se acomodar em sua cadeira confortável e esperar a vida passar pelos seus olhos, ou se irá transformá-la com suas escolhas.



Capitu acordou naquela manhã sem lembrar o que havia acontecido. Passou a mão no rosto, sentindo-o inchado e se sentou na cama. Um ardor se espalhou pela lateral da perna e as lembranças do dia anterior voltaram.

Olhou ao redor, esperando ver Carol, mas

PERIGOSAS ACHERON

estava sozinha no quarto. Um bolo se formou em sua garganta, medo e vergonha tomaram conta da sua mente. Levantou-se, foi até o banheiro, esperando ver os rastros do que fizera ontem, do momento em que tinha perdido o controle. Mas não havia nada, nenhum vestígio do que tinha feito.

Achava que os cortes iriam ajudá-la, mas agora o peso nos seus ombros parecia maior e a dor que tinha tentando exterminar ainda estava ali.

Lavou o rosto, e se olhou no espelho, notando o inchaço da face e as bolsas arroxeadas ao redor dos olhos. Saiu do banheiro, indo em direção à sala e estancou ao ver as costas de um homem, bloqueando a claridade que entrava pela janela lateral. Era Tiberius ali — alto e imponente.

Não sabia o que sentia ao vê-lo e nem como agir, até que ele se virou e a olhou diretamente nos olhos. Ao contrário do que imaginava, não recebeu dele aquele olhar de pena e repreensão. Havia uma emoção diferente em seus olhos, mas Capitu não conseguia rotular. Tirou os olhos dos seus, e fitou os próprios pés, torcendo as mãos em um ato de puro nervosismo.

Tiberius não sabia ao certo como proceder,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seus sentimentos atrapalhavam sua racionalidade. Aproximou-se de Capitu com cautela, colocando o copo ainda cheio sobre a mesa e ficando em frente a ela, que ainda fitava o chão.

Tiberius gentilmente levou a mão ao queixo dela e a fez erguer a cabeça. O que enxergou naquelas duas esmeraldas reluzentes cortou seu coração. As lágrimas que escorriam pelo rosto de Capitu fizeram seu peito apertar, a garganta querer se fechar e um bolo da mais pura empatia e amor transpassar seu corpo.

Assustou-se quando, em um ímpeto, ela se jogou em seus braços, enlaçando sua nuca. A moça ficou nas pontas dos pés e escondendo o rosto na curva de seu pescoço, abraçou com força.

— Desculpa — disse, entre um soluço e outro.

Tiberius envolveu sua cintura, apertando-a contra seu corpo e pôde sentir o cheiro único dela.

— Não me peça desculpas, não faça isso, por favor — pediu ele, com certa amargura.

Entendia seu comportamento e não queria que ela se sentisse mal por ele, não queria ser o motivo de mais sentimentos ruins e confusos para ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estou aqui por você, Capitu e em momento algum irei querer suas desculpas, pois não tem o que desculpar. Fui eu que errei primeiro.

Ela permaneceu calada, molhando a camisa dele com suas lágrimas e aproveitando um pouco do consolo daqueles braços. Enfim, ela fungou e se afastou, olhando-o nos olhos.

— Como pode dizer isso? Você deve se lembrar muito bem de como o tratei — disse, envergonhada.

— Eu não deveria ter interferido, Capitu, mesmo depois do que ele falou. Como seu médico, eu deveria ter me segurado, me acalmado e esperado que ele fosse embora. Em hipótese alguma, eu deveria agredi-lo.

Ela arregalou os olhos e ficou calada por segundos, a constatação do realmente tinha acontecido desenhando-se na sua mente.

— Meu Deus! Você não está de férias... — Agora entendia o que realmente tinha acontecido. Não imaginava que ele tinha chegado a tanto!

— Não, não estou. — Foi sincero com ela, sempre seria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você foi demitido? — Tinha medo de ouvir a confirmação.

— Não, isso não. Fique tranquila. — Levou o polegar ao rosto dela, limpando uma lágrima que escorria por sua bochecha. — Para o hospital foi uma medida disciplinar, para mim e Lauro: férias. Elas estavam mesmo atrasadas.

A forma desapaixonada como Tiberius falou, não diminuiu em nada a apreensão que ela sentia.

— Ah, Tiberius... — Não sabia o que dizer, mas queria entender o que aconteceu.

— Venha, sua prima foi gentil e nos mandou o café da manhã. Vamos comer — pediu, segurando a mão dela e levando-a até a mesa onde havia deixado o café da manhã.

— O que foi que aconteceu quando eu estava lá, Tiberius? O que Lucas disse para que... Você sabe... — Gesticulou com as mãos no ar, desviando os olhos dos dele.

— Não acho que eu precise falar o que foi dito por ele, Capitu. Não a machucaria a esse ponto. Basta saber que ele chegou ao hospital e seu comportamento me trouxe lembranças ruins, ruins a

PERIGOSAS ACHERON

ponto de me tirarem do sério

Ela o fitou, perguntando-se quais seriam essas lembranças?

— Eu não entendo, por que lembranças? Você o conhecia? — perguntou, com receio da resposta. Não queria saber de Lucas, mas precisava saber que lembranças eram aquelas que causavam tanta dor a Tiberius.

— Eu tive uma irmã. Uma moça linda, gentil, cheia de vida e sonhos. Quando vim estudar aqui no Rio, não pude estar presente com frequência e acabei não vendo os sinais.

Ele suspirou e inconscientemente, Capitu pôs a mão sobre a dele, preocupada demais com o que dizia e com a tristeza que transparecia em sua voz.

— Nunca passou por minha cabeça me especializar em psiquiatria. — Ele voltou a falar e a surpreendeu com a nova informação. — Queria ser cirurgião como o meu pai. Foi por ela, por Letícia, que mudei de ideia... Minha irmã cometeu suicídio aos dezoito anos, Capitu.

A voz dele ficou mais rouca naquele momento, entrecortada e Capitu sentiu o corpo

paralisado ao ouvir aquilo.

— Depois, eu descobri que ela deixou uma carta, explicando o porquê de ter feito aquilo.

Ela o ouvia sem ação alguma e o viu engolir em seco. Tiberius queria se explicar, contar tudo a ela, mas as lembranças lhe doíam o coração.

— Ah Tiberius... — foi tudo o que conseguiu dizer, enquanto via a dor transformar o rosto do homem ao seu lado.

— Ela fez aquilo por causa de um relacionamento mal-acabado, por se sentir sozinha, triste e incompreendida. Aquilo acabou comigo. Eu sempre a via feliz, eufórica e nunca me passou pela cabeça que um dia receberia uma ligação com uma notícia como aquela.

— Eu sinto muito Tiberius...

Só percebeu estar chorando, quando Tiberius gentilmente, limpou suas lágrimas com o polegar.

— Conheci o rapaz no dia do velório. Ele estava lá, chorando sobre o caixão. Apesar de saber que a culpa não era dele, eu o odiei. Letícia provavelmente estava enfrentando uma depressão silenciosa e nem eu, nem ninguém percebeu. Não

havia um culpado e sim, uma doença. — Olhou-a profundamente, antes voltar a falar. — Estou contando isso para que entenda o porquê de ter eu partido pra cima de Lucas naquele dia, o que me fez perder o controle. Eu já havia conversado com Carol, como médico, e ela tinha me contado que o seu noivado não ia bem... — declarou, e por alguns instantes, nada foi dito.

— Continue — ela disse, encorajando-o.

— Ele começou a falar e você estava lá, na cama do hospital, tão indefesa... Aí, eu não vi mais nada e o associei a Matheus. Eu deveria ter te contado, claro, contado ainda no hospital, mas você estava frágil, precisando de cuidados e não de preocupações. Eu agi mal por não ter dito logo, mas minha intenção não era esconder algo ou feri-la.

Capitu apertou a mão dele sobre a mesa, como se pudesse acalmá-lo.

— Eu sei, agora sei e se eu tivesse ouvido... — Ela parou. Relembrar doía e falar parecia lhe arrancar parte do corpo. — Eu fui tão idiota...

Ela cobriu a face com as mãos e sentiu quando ele se levantou e a puxou para um abraço

carinhoso, aconchegante.

Ela se abriu para ele mais uma vez, chorando em meio à sala, enquanto o apertava e sentia a mão dele afagar seu cabelo. Depois de muito tempo, sentiu-se segura como se, naquele momento, nada no mundo a pudesse atingir. Era essa a confiança que ele lhe passava e com isso, seu corpo e seu choro foram se acalmando.

Tiberius deu o tempo que ela precisava. Queria que Capitu desabafasse e colocasse para fora toda a angústia que rondava sua alma. Queria curá-la, pegar aquela dor para si, se fosse possível.

— Quero que se lembre da promessa que me fez, moça. Quero que saiba que tem com quem contar e que você é valiosa demais para quem te ama de verdade.

As palavras entraram em sua mente como um mantra bem-vindo e ela o olhou, vendo o quanto Tiberius se importava com ela. Percebeu que agora tinha alguém ali por ela, além de Carol, e a sensação foi mágica...

Capitu confirmou com um aceno e um pequeno sorriso, afastando-se parcialmente do

corpo dele.

— Obrigada, Tiberius. De verdade, muito obrigada.

— Quer mesmo me agradecer, moça? — perguntou e ela confirmou. — Então coma e coma tudo — disse risonho, deixando de lado a melancolia das lembranças e contagiando-a com cada ato de gentileza.

Ela não tinha fome, mas Tiberius estava disposto a fazê-la comer.

— O que fará hoje, moça?

Ela adorava quando a chamava assim. Poderia parecer bobo, mas ele usava um tom amoroso, com o toque de adoração que tornava aquela palavra única em seus lábios.

— Pensei que poderíamos fazer algo — ele continuou.

— Não quero sair Tiberius. Não desejo ver ninguém. — Era isso mesmo, não queria ver absolutamente ninguém. Naquele momento, não queria nem mesmo encarar a prima.

— Hum, certo. Então que tal irmos para a

minha casa. Lá não tem ninguém.

— Sua casa? — ela repetiu, querendo saber quais eram as intenções dele.

— Sim, quero passar o dia em sua companhia e para isso, precisamos comer e não tem nada na sua casa além de macarrão instantâneo.

Ela corou.

— Meu Deus!

— Isso mesmo e preciso lembrá-la de precisava se alimentar bem.

Era verdade. Desde que Lucas saiu de casa e com os acontecimentos conturbados, ela não teve disposição de fazer compras e, menos ainda, de cozinhar apenas para si. Comia um sanduíche ou sopa instantânea quando tinha fome.

— Eu não gosto de cozinhar só para mim. — Tentou se explicar. Na verdade, cozinhar tinha perdido a graça.

— Então tenho de dizer que não gosto de sopa instantânea — disse, fazendo uma careta e ela sorriu. — Por isso, vamos para minha casa e farei uma refeição para nós.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quer dizer que cozinha? — A voz soou até mesmo alegre, incrédula com as habilidades do homem.

— E muito bem, fique a senhorita sabendo.

— Quanta modéstia, senhor Tiberius, nunca pensei...

— E para te convencer a ir comigo, deixe-me contar que tenho uma biblioteca em casa, pronta para você explorar.

Isso sim a fez abrir um grande sorriso e se levantar com rapidez:

— Eu vou me trocar!



Os dois tinham chegado à casa de Tiberius há cerca de dez minutos e ele já tinha feito um pequeno tour com Capitu pelo térreo da casa de dois andares e agora mostrava a biblioteca. Tiberius

PERIGOSAS ACHERON

se manteve em pé próximo à porta, enquanto observava Capitu olhar cada livro de suas prateleiras bem arrumadas. Vez ou outra, a via passar as mãos pelos exemplares, pegar alguns, abrir e cheirar, recolocando no mesmo lugar. Como sua mãe dizia, a garota parecia um pinto no lixo de tanta felicidade.

— Esse lugar é um pequeno paraíso, sabia?

Ele sorriu, tinha orgulho daquele cômodo em especial.

— Na casa, é o meu lugar favorito.

— Saiba que, a partir de agora, é o meu também.

Aquilo, mesmo sem querer, aqueceu seu coração. Antes que pudesse entrar no cômodo e se aproximar dela, Tita miou e se enroscou em suas pernas, querendo atenção.

— Aí Tiberius, não me diz que é sua! — falou, encantada e surpresa.

— Eu a encontrei ainda filhote abandonada aqui em frente, tive pena e a adotei — disse, pegando a gatinha em sua mão, que se aconchegou a ele, ronronando. — Essa é Tita, Capitu.

Capitu se aproximou e fez carinho na cabeça da gatinha, que adorou toda aquela atenção.

— Vou tomar um banho e ver o que farei para nós. Enquanto isso, fique à vontade.

Ah, com certeza, ela ficaria!

Tiberius deixou Tita fazendo companhia a Capitu na biblioteca e foi para o quarto. Tomou um banho rápido e desceu para a cozinha, tentando decidir o que faria para o almoço. Queria algo rápido, mas gostoso. Pegou camarões, mais alguns ingredientes na geladeira e colocou o macarrão para cozinhar. Nada mais simples e saboroso que uma boa macarronada ao molho branco, com camarões.

Depois de algum tempo, sentiu a presença dela e olhou sobre o ombro, vendo-a escorada à porta.

— Espero que não esteja brincando sobre saber cozinhar, Tiberius, pois estou com fome — disse, aproximando-se, pondo uma mão na cintura do rapaz e espiando o que ele estava fazendo. — Hum... Parece ótimo!

— E já está quase pronto — disse, ao depositar um beijo no alto da cabeça dela e se afastar, indo até a pia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tê-la tão perto de si estava mexendo com ele. Aquilo começava a parecer natural demais e o assustava.

— Precisa de alguma ajuda?

— Não, estou quase terminando, mas se quiser colocar a mesa, está tudo no armário à esquerda.

Ela procurou o que precisava e assim que terminou de arrumar os pratos e os talheres, Tiberius já estava colocando a travessa com a macarronada sobre a mesa.

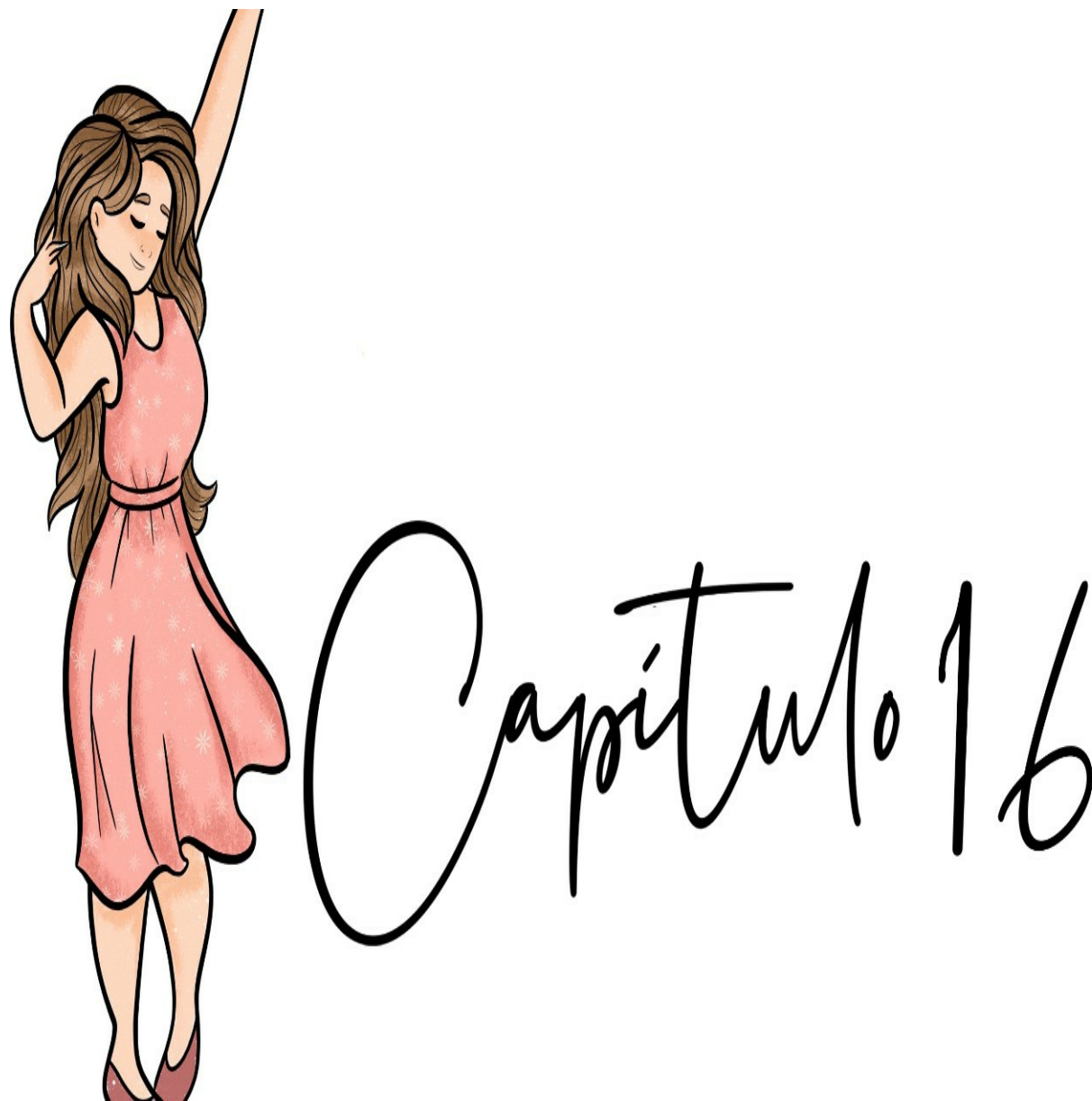
Tinha de admitir, mesmo inflando o ego dele, que a comida estava deliciosa e se viu comendo com vontade. O almoço correu bem, em meio às conversas aleatórias e elogios sobre os dotes culinários do homem. Após terminarem, Capitu começou a lavar a louça, sob constantes protestos de seu anfitrião, e Tiberius se rendeu à teimosia e ficou ao seu lado, enxugado o que era lavado.

Tiberius não conseguia disfarçar o olhar de adoração e começava a fantasiar como seria tê-la sempre ali, ao seu lado. Era apenas um sonho, mas ele não conseguia segurar seu coração.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



*“Algumas vezes, só precisamos de um ombro
amigo
que nos ajude a sair do fundo do poço...”*

Pode ser difícil de acreditar, mas ainda há

sentimentos puros no mundo. Há esperança, amizade, amor, companheirismo, que são importantes para a humanidade. Só é uma lástima estarmos perdendo esses valores pouco a pouco e esquecendo que podemos ser melhores.



— Eu não sei se foi uma boa ideia, Carol — disse Capitu para a prima, que estava sentada na cama, fitando-a, séria.

— Por que não?

— Eu disse que sim, mas sabia que não deveria aceitar e agora estou sem graça de recusar. Não quero sair.

— Ah, pelo amor de Deus, Capitu! Quanto tempo faz que você não sai de casa para se divertir? E é com Tiberius, Capitu. Que mulher sã recusaria um jantar com Tiberius?

Ela sentiu o coração aquecer com a menção do
PERIGOSAS ACHERON

nome dele.

Sim, tinha aceitado um convite para jantar com ele e, na hora, achara que seria uma boa ideia, mas agora pensava que não seria uma boa companhia para ele.

Capitu tinha tentado sair de casa, mas continuava sentindo falta de algo — ou melhor de alguém. Ela não queria, não queria mesmo, mas não conseguia parar de pensar em Lucas, mesmo depois do que tinha acontecido. Ela era uma viciada e Lucas se tornou sua droga.

A última semana havia sido especialmente dolorosa porque eles fariam quatro anos de noivado e pretendiam marcar a data do casamento. As lembranças eram dolorosas e os sonhos que a visitavam durante a noite, não a deixavam dormir.

Chegou a ponto de ligar para Tiberius apenas para conversar e cumprir a promessa que lhe fizera dias atrás. Acabara por adormecer no meio da conversa, e o único sonho que teve naquela noite foi com um anjo lendo um livro para ela...

Ela queria parar de sonhar e de pensar em Lucas, então precisava fazer algo para que isso

acontecesse. E sair com Tiberius seria um ótimo primeiro passo.

— Sim, tem razão. Pode esconder essas olheiras para mim? — perguntou à prima, que lhe sorriu e foi em sua direção, saltitante.



Àquela altura, Tiberius já tinha voltado a trabalhar e agora seus dias começavam mais felizes, pois passara a tomar café da manhã com Capitu na *Fumaça na Xícara*. Mesmo sabendo que o coração de Capitu estava magoado — e talvez ainda estivesse ocupado por Lucas —, a paixão dele só crescia.

Agora estava na frente do espelho de seu quarto, abotoando a camisa social de cor azul marinho e se sentia incrivelmente contente por ela ter aceitado seu convite. Faria de tudo para que ela se divertisse naquela noite, para que aquela sombra

de tristeza deixasse seus lindos olhos verdes e ela voltasse a sorrir. Tinha notado que ela parecia mais abalada que o normal e Tiberius queria que aquela noite fosse especial.

O restaurante em que iria levá-la fora aberto há pouco tempo e vivia lotado com uma clientela bem seleta. A fila de espera era gigantesca, mas Tiberius conhecia o dono — era seu paciente — e por isso tinha conseguido uma reserva.

Terminou de se arrumar e deixou o quarto. Desceu as escadas e encontrou Tita deitada no sofá, próximo ao seu celular. Pegou o aparelho, afagando a cabeça da gata e disse:

— Me deseje sorte, Tita. Vou precisar.

Sorriu e deixou a casa, tentando ignorar o nervosismo.

Não demorou para chegar e, assim que estacionou, mandou uma mensagem para ela, avisando-a que já estava na frente do prédio. Ela não demorou a visualizar e responder que já ia descer. Só então respirou livremente, pois, até aquele momento, achava que a moça ia desistir.

Saiu do carro e a esperou, encostado na lateral

do veículo. Estava despercebido, assistindo à interação de uma mãe, que tentava arrastar o filho pela mão na calçada, quando Capitu apareceu. Ele perdeu o fôlego ao ver como a moça estava linda, vestindo um macacão verde musgo, que era justo na parte superior e esvoaçante nas pernas. Ela usava sandálias pretas de salto alto e um batom vermelho, marcando a boca bem delineada. Ela estava perfeita aos olhos admirado do homem!

— Pontual! — disse ela, sem graça ao perceber o olhar de admiração do rapaz.

— Você está linda, Capitu! — Não queria parecer ansioso, mas fracassou e a viu corar brevemente.

— Obrigada, você também está bonito.

Bonito não era um adjetivo capaz de descrevê-lo. O homem estava lindo naquela noite. A camisa social azul com a calça jeans escura, agarrava-se ao seu corpo, não deixando espaço para a imaginação.

— Vamos?

— Claro, mas aonde iremos jantar?

— Muito esperta, mas não vai funcionar. Será surpresa! — disse, abrindo a porta do carro para

PERIGOSAS ACHERON

ela, que logo sentou no banco do carona.

Assim que fechou a porta, Tiberius sentou atrás do volante e ligou o carro, levando-os para a via movimentada. *Índios*, de Legião Urbana, ecoou pelo interior do carro, fazendo-a suspirar — adorava aquela música. Era uma das suas favoritas e permitiu-se relaxar, enquanto ouvia a canção, aproveitando a noite.



Capitu quase não acreditou quando ele parou em frente aquele restaurante em específico. Tinha ouvido falar do lugar e sabia o quanto o chef do local era renomado. Antes da inauguração, tinha chamado Lucas para ir com ela ao restaurante, queria um jantar romântico, quem sabe esquentar o relacionamento, mas ele disse que não.

Quando Tiberius pediu que ela esperasse e gentilmente abriu a porta do carona, Capitu segurou

PERIGOSAS NACIONAIS

em sua mão com um sorriso lindo e alegre no rosto, apesar de ter sentido um aperto no peito por lembrar de Lucas. Ainda assim, se permitiu ficar feliz por estar ali e provavelmente ter uma noite alegre e normal ao lado de Tiberius. Era sempre assim que se sentia ao lado dele: feliz, ele sempre a contagiava.

Seguiram até a entrada iluminada e elegante do lugar, sendo recepcionados por uma bonita moça, usando um terninho preto, bem moldado em seu corpo. Ela os guiou até uma mesa no canto esquerdo do restaurante, deixando-os sozinhos em seguida.

O ambiente era bonito, com um ar sofisticado e ao mesmo tempo, aconchegante. Tiberius mais uma vez a surpreendeu, ao puxar a cadeira para que ela sentasse, acomodando-se à sua frente logo depois.

— Obrigada, Tiberius, o lugar é lindo. — Capitu sorriu e ele se sentiu orgulhoso de ser o causador daquele sorriso.

— Como conseguiu a reserva tão rápido? Fiquei sabendo que a fila de espera é gigante.

PERIGOSAS ACHERON

— Conheço o chef, falei com ele — disse, dando de ombros. — Já tinha me convidado uma vez, só faltava aceitar.

— Hum... Tiberius e seus superpoderes. — O ar brincalhão estava presente em seu tom.

— Com o tempo verá que não há poder algum e que sou apenas um ser humano enfadonho.

Ela riu outra vez.

— Eu duvido. Você tem se mostrado um ótimo amigo e uma pessoa maravilhosa.

Ele a observou e não teve tempo de responder, pois o *maître* chegou, entregando-lhes o cardápio e a carta de vinhos.

Depois de um tempinho, fizeram o pedido, aceitando a recomendação do chefe. Tiberius dispensou o vinho, pois sabia que Capitu tinha começado a tomar a medicação.

— Não bebe, Tiberius? — perguntou, curiosa.

— Apenas vinho, não gosto de outro tipo de bebida.

Ela se recostou na cadeira, fitando-o.

— Você é uma caixinha de surpresas,
PERIGOSAS ACHERON

Tiberius.

— E você? Gosta de beber o quê?

— Não bebo, nada mesmo. — Riu. — Tentei uma vez, porque...

— Porque? — instigou-a a falar.

— Eu era muito chata sóbria, ao menos era isso o que diziam. — Diziam não, Lucas dizia. Ela poderia até mesmo ouvi-lo naquele momento. *Não seja chata, Cá, todos estão bebendo, não custa nada se enturmar.* E ela tentou, mas realmente não gostava de bebida. — Eu até tentei, mas nunca consegui gostar. Depois de uma vez inundar meu apartamento de vômito, desisti de vez.

— Sei como é. Ou você gosta ou não, isso não entra em discussão e o vinho é o que me agrada.

Ela confirmou com um aceno, lembranças amargas vindo em sua mente.

Naquele instante, Tiberius percebeu o quanto ela se anulou, o quanto tentou mudar por pessoas que viviam à sua volta e se perguntou por que era tão difícil o ser humano aceitar o diferente, respeitar a vontade e opinião do próximo. Podia parecer loucura, ou algo banal como beber, mas ele

PERIGOSAS ACHERON

sabia que não tinha ficado por aí. Desconfiava que a mulher à sua frente tentou muitas e muitas vezes se encaixar e não tinha conseguido.

A comida não demorou a chegar e acabou interrompendo a troca de olhares entre o casal. A conversa seguiu amena, eles queriam se conhecer e perguntavam os gostos e opiniões um do outro.

Tiberius estava adorando a forma como a conversa fluía, como conseguia olhar no fundo daqueles olhos esmeraldas e desvendar o mundo. Era assim que se sentia e gostava daquilo, da sensação, da amizade que tinham desenvolvido, do carinho e da intimidade que só crescia a cada dia.

— Tem uma coisa que tenho vontade de perguntar, Tiberius. E vou fazer isso, se me disser que não ficará sem jeito comigo — ela disse, enquanto provava a sobremesa, que estava divina.

— Fique à vontade, moça, sou um livro aberto — respondeu com divertimento.

— Como alguém como você não tem ninguém? Digo, não tem namorada ou uma esposa. Quer dizer, eu acho que não tem, já que está aqui comigo em pleno domingo, sem falar que não vi

nenhum indício, quando fui à sua casa...

Ele sorriu abertamente.

— Você acertou. Não tenho namorada muito menos uma esposa para esquentar meus pés à noite.

— Ela quase gargalhou com o que ele disse. — Mas, em minha defesa, digo que não encontrei a pessoa certa, apenas isso.

O tom dele era divertido, mas algo nas suas palavras chamou a atenção de Capitu.

— Você é gay? — Ela mesma se assustou com a pergunta leviana, levando as mãos a boca para tampá-la. Céus, que indiscrição e ela nem ao menos tinha bebido!

Dessa vez, quem gargalhou foi ele. O som reverberou nos ouvidos dela, deixando-a com mais vergonha ainda, se possível.

— Por que acha isso, Cá?

Ah, ela ficava linda corada e sem jeito! Ele se aproveitaria daquele momento.

— Bem, é que, não sei... Olha pra você!

— O que tem eu? — Ele não facilitaria.

— Tiberius, você é tipo aqueles homens de
PERIGOSAS ACHERON

comportamento e aparência perfeitos, limpo e perfumado demais e, sensível, você é sensível, Tiberius. Quando entramos aqui hoje, cabeças femininas e até masculinas se viraram em sua direção, não é possível que não tenha ninguém. E você disse que não achou a pessoa certa, e não que não achou a mulher certa.

Ele se segurou para não gargalhar outra vez, mas seu sorriso estava ali, enfeitando seu rosto. Não tinha percebido nenhum olhar em sua direção. Também pudera, só tinha olhos para ela.

— Respondendo à sua pergunta... — Ele fez uma pausa teatral. — Não, eu não sou homossexual e não, não tenho ninguém. Já tive alguns casos, mas não chegou a nada muito sério.

— Hum... não é um daqueles homens com gostos estranhos para o sexo, é? — E ali estava a próxima besteira que deixava escapar, parecia ter esquecido o filtro em casa!

Dessa vez, o viu tossir, engasgando-se com a água que estava bebendo, ao ter um novo ataque de risos.

— Ah, Tiberius, me desculpa se fui invasiva,

PERIGOSAS NACIONAIS

saiu sem querer.

Seu rosto já estava carmesim, enquanto ele tentava parar de tossir.

— Sem nenhum problema... — disse com a voz falha, limpando a garganta em seguida. — E também não tenho gostos inusitados para sexo, apesar de apreciar muito o ato.

— Ai, meu Deus, que vergonha.

Capitu cobriu o rosto com as mãos, que ele logo tirou. Não perderia de vê-la daquele jeito.

— Se quero conhecê-la melhor, nada mais justo que queira me conhecer também.

Ele era perfeito demais, atencioso demais... Tinha de ter um defeito.

— Você não é um daqueles *serial killers*? Corro risco de sair daqui direto pra um cativeiro em seu porão?

Ela era mesmo divertida, Tiberius pensou.

— Não que eu saiba... — Fez um bico, movendo a cabeça de um lado para o outro. — Não pretendo prendê-la no meu porão para fazê-la minha. Não dessa forma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seu tom era sugestivo e Capitu corou levemente, perguntando-se, por um minuto, se eles ainda estavam brincando.

— Está vendo? Você é perfeito demais para ser real — falou, tentando voltar para o clima divertido. — Onde você se escondeu esse tempo todo?

— Eu sempre estive aqui, Capitu.

Te esperando, ele teve vontade de completar, mas freou as palavras a tempo. Já tinha falado demais e tinha sensação de que suas palavras não tinham caído em solo estéril.



— Pronto moça, está entregue — Tiberius disse, enquanto estacionava o carro em frente ao prédio onde Capitu morava.

— Obrigada, Tiberius! A noite foi ótima. Você é ótimo!

PERIGOSAS ACHERON

— Foi incrível, mas o mérito não é meu.

Ela sorriu e se aproximou, deixando um beijo demorado na bochecha dele.

— Boa noite. Nos vemos amanhã?

— Claro que sim. Estarei lá à sua espera. — Tiberius estaria sim, suas manhãs não eram mais as mesmas sem ela. — Boa noite, Capitu.

Ela saiu, acenou após bater à porta do carro, indo em direção à entrada do prédio.

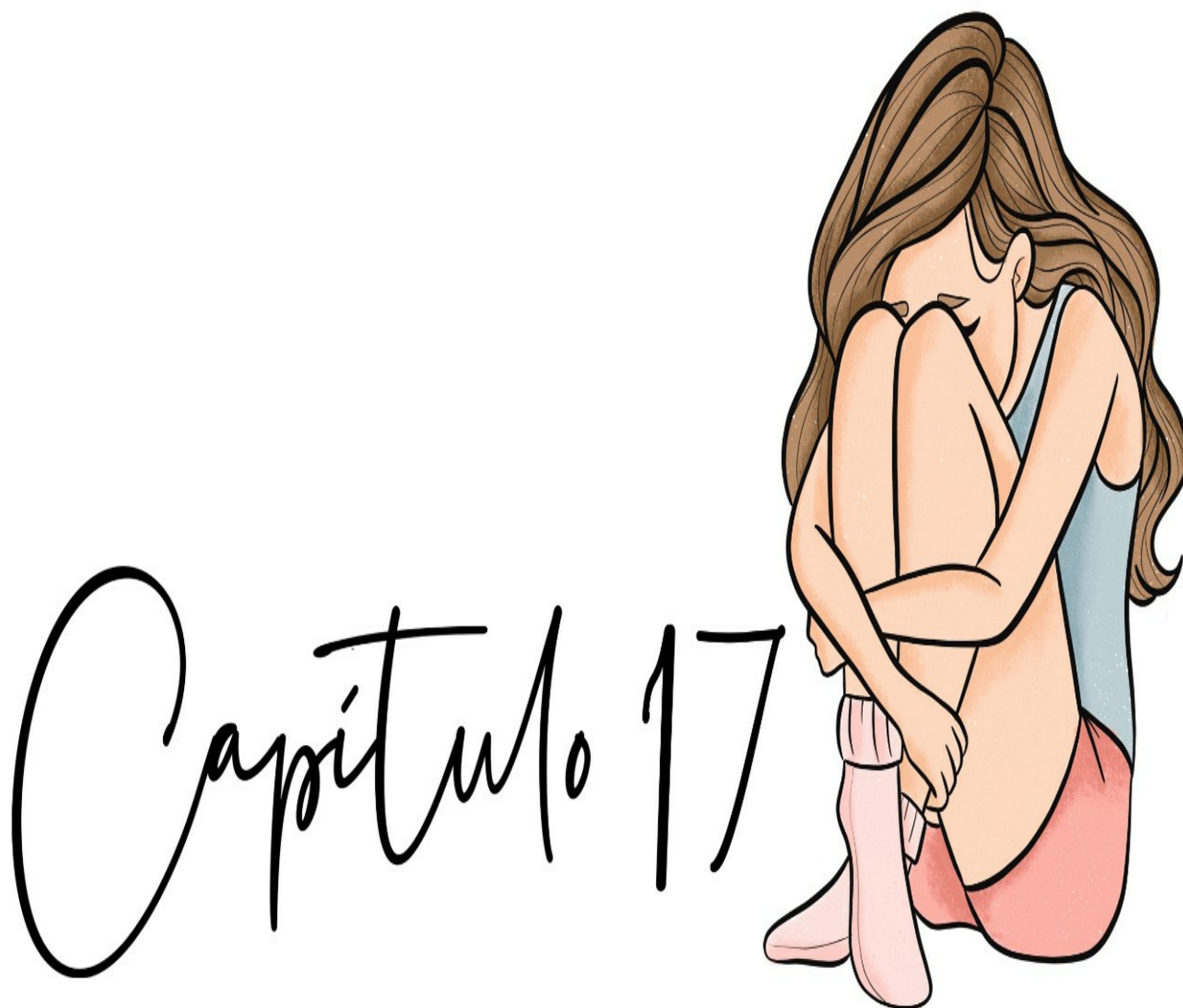
Capitu subiu as escadas, cantarolando. Estava se sentindo leve, feliz até. Carol tinha razão, sair com Tiberius fez muito bem a ela...

Entrou em casa, jogou a pequena bolsa sobre a mesinha de centro, acendendo a luz em seguida. A alegria não durou pouco e a mulher soltou um grito de horror no mesmo instante, levando a mão à boca, olhando estática em direção à sua poltrona favorita ao lado da janela.

— Lucas!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



***“O silêncio pode nos mostrar o quão
sozinhos estamos, mesmo quando nos
encontramos em meio a uma multidão.”***

Momentos. Tudo se resume a isso. Horas, dias, meses, anos. Pode ser, por exemplo, que em questão de horas, você descubra amar alguém. Em outros momentos, só precisará de alguns meses para sentir o amor aflorando em seu coração. E depois de anos, poder olhar para o lado e descobrir que o amor da sua vida, esteve sempre bem ali, assim como, em milésimos de segundos, você pode descobrir que não era amor, que nunca foi e jamais será...

— Lucas! — disse Capitu em um sussurro, quase sem voz.

Sentiu as pernas tremerem vendo o homem à sua frente, que se levantou ao vê-la, vindo em sua direção devagar, olhando-a com algo oculto em sua íris, que ela não saberia decifrar.

Estava como antes, com aquele sorriso que sempre era dado a ela, no início de tudo. O homem de estatura mediana usava uma camisa preta de mangas compridas e calça *sport* fino branca, que delineava o corpo bem cuidado.

— Oi, Cá. Tudo bem? — disse, com a voz aveludada

PERIGOSAS NACIONAIS

Capitu sentiu um arrepio passar por sua espinha, evidenciando a expectativa daquele momento.

— Como entrou aqui, Lucas? — Foi o que ela conseguiu perguntar, sentindo a bile subir à sua garganta e o coração forçar saída em sua caixa torácica.

— Tenho a chave ainda, Cá, esqueceu?

Não, ela não tinha esquecido, só não imaginava que ele voltaria ali novamente e nem que falaria com ela como se nada tivesse acontecido, como se nada houvesse mudado.

— Acho que não fiz a pergunta certa — disse ela, com uma dose de rancor na voz. — O que você quer aqui? Veio buscar alguma coisa? Se foi isso, perdeu seu tempo, Lucas, pois não ficou nada aqui. Mande tudo para o seu escritório — disse de uma vez, querendo parecer forte e imune à presença dele, mas não estava.

Ela viu, com o coração aos saltos, o homem se aproximar aos poucos, quase colando seu corpo ao dela. Ele levou a mão ao rosto de Capitu, fazendo um pequeno carinho e o gesto foi o suficiente para

PERIGOSAS ACHERON

desarmá-la. O toque da mão máscula a fez fechar os olhos para absorver aquele contato.

— Não vim buscar nada, vim te ver. Senti saudades.

Ela abriu os olhos e o fitou, as dúvidas crescendo, enquanto ele permanecia com um sorriso gentil.

— Você tá bonita, Capitu! — disse com delicadeza e levou os lábios à bochecha da moça, deixando um beijo carinhoso ali. Em seguida, desceu a boca trilhou a lateral do pescoço dela, aspirando o doce cheiro cítrico de Capitu.

A mulher não queria, não queria mesmo... Mas o homem com quem vinha sonhando nas últimas noites, por quem vinha sofrendo o mais puro dos desesperos estava à sua frente, parecendo tão... seu. Melhor, ele parecia o mesmo que ela imaginou e idealizou ter conhecido no passado. O seu Lucas, aquele que ela amou nos últimos anos e que ainda amava. Foi impossível permanecer imune às sensações que ele lhe despertava.

— Eu senti saudades suas, do seu corpo, Capitu... e a quero.

Aquela frase mexeu com ela, com seu coração e corpo. Algo gritava que deveria acordar, trazer sua raiva à tona, se lembrar do que ele a fez sofrer, mas não conseguia. Não conseguia porque agora ele estava em seus braços e a queria.

E quando Lucas tomou seus lábios com devassidão, Capitu se entregou, querendo que não fosse um sonho, um delírio. Inspirou o cheiro dele, já tão conhecido e amado, sorrindo. Ele estava de volta e, naquele pequeno instante, foi tudo o que lhe importou.

Ainda com os lábios nos seus, Lucas a apertou contra seu corpo e foi levando a mulher aos poucos em direção ao quarto, enquanto sua mão passeava pelo corpo dela com volúpia e desejo. Ela deveria parar, deveria voltar a si e empurrá-lo para longe, dizer o quanto ele a fez sofrer naqueles dias, transformando sua vida num inferno. Enfim, dizer o quanto o odiava, mas não foi isso o que fez...

Capitu levou as mãos aos cabelos dele, puxando-os, querendo provar para si mesma que não era nenhum delírio, que ele estava mesmo ali. Ela queria se sentir amada, desejada, única ao menos uma vez...

Mas o momento não foi como em seus sonhos. Não teve olhares, não teve carinhos excessivos... não teve amor! Foi algo vazio como sempre havia sido em todos aqueles anos. Apenas um ato carnal, rápido, desprovido de emoções e cuidados, feito só para saciá-lo.

Nada mudou para Capitu.

Era apenas, Lucas, o homem frio e sem amor...

Era o que repetia em sua mente. Foi como sempre fora e, dessa vez, não chegou a sentir prazer em momento algum. Ele apenas usou seu corpo, a possuiu sem se preocupar com o que ela sentia, com suas necessidades e, dessa vez, aquilo reduziu seu coração a pó e os pedacinhos de si que vinha juntando nos últimos dias, com muita dificuldade, se partiram, se despedaçaram após o sexo...

E quando ele se despejou e saiu de dentro dela, sem se importar, o homem se virou para o lado e a deixou ali, olhando o teto branco do quarto, como se nada tivesse acontecido, como se não a tivesse deixado, como se não a tivesse violado. Não, ele não violou seu corpo, mas sim, sua alma e seu coração. O homem tinha se graduado em fazê-la sofrer, e o pior? Ela mesma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha deixado isso acontecer mais uma vez.

Sentiu nojo, não dele, mas de si mesma! Repulsa pelo que acabara de fazer... Ouviu o homem roncar ao seu lado e revirou os olhos, derramando uma lágrima, sentindo-se usada de todas as formas.

Naquele instante, Tiberius veio em seus pensamentos. O riso fácil, o rosto amável, o toque gentil e, por minutos de loucura, quis que fosse ele ao seu lado, que tivesse sido ele a tocá-la.

Mas não era, e sentiu o peito se apertar, diminuir ao tamanho de um grão de arroz. Teve vontade de gritar, chorar, extravasar..., mas nada fez. Levantou, se limpou e foi até a sala, deixando Lucas dormindo seu sono tranquilo, enquanto sua mente fervilhava.

Ficou parada em frente à janela, vendo a movimentação lá fora, pessoas passando para lá e para cá. Lembrou de como sua noite fora boa. Boa não, maravilhosa. E se perguntou como deixou acabar assim... Por que não foi forte? Era aquilo que queria para sua vida de novo?

Sentou-se na poltrona e fitou o nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pensamentos e sentimentos duelando friamente dentro de si. Levou as mãos à cabeça, sentindo um bolo se formar em sua garganta, a confusão tomando-a e apenas chorou. Precisava pôr para fora aquela angústia.

Derramou sua decepção consigo mesma, com as circunstâncias, com o homem dormindo agora em sua cama. Chorou por ter se deixado usar, não apenas naquela noite, mas em toda a sua vida e não só por Lucas. Agora ela via, enxergava o quanto aquela necessidade que sentia dele era descabida e infundada.

Sempre estivera sozinha, mesmo quando estava em meio a muitas pessoas. Sentiu raiva e se odiou por ter se entregado, por não ter dado um basta antes, por não ter percebido que o que sentia não era amor... nunca fora. Não entendia o que era, mas aquilo que fazia seu coração sangrar tanto, que quase a levou à morte uma vez, não poderia ser amor.

Amor curava, fazia bem, deixava a pessoa leve, levava ao céu e não o contrário. Bastou milésimos de segundos para se dar conta do que não tinha visto em cinco anos.

PERIGOSAS ACHERON

A ira a tomou e se viu levantar e marchar em direção ao quarto. Sem nenhuma cerimônia, acendeu a luz, ouvindo-o resmungar e tampar o rosto. Aproximou-se da cama, batendo no ombro do homem esparramado de bruços no colchão, decidida a pôr um ponto final naquilo.

— Acorda, Lucas e saia daqui! — bradou ela, deixando o ódio pingar em cada palavra.

— Vá dormir, Cá e apague essa luz.

Não, ela não ia dormir e não o queria perto de si nem mais um minuto sequer.

— Ficou surdo? Anda, Lucas, levante e vai embora. — Dessa vez ela teve a atenção do homem deitado na cama. — Vamos, vai embora! — disse mais uma vez, catando as roupas dele pelo quarto e jogando sobre a cama.

Capitu voltou a sair do quarto e se pôs a andar de um lado para o outro em sua sala, à espera de que ele saísse. Apesar do que sentia, ela, enfim, parecia ter aberto os olhos e enxergado o mundo como realmente era. Anos e anos entregando-se para o homem errado, para a vida errada, tentando ser o que ela não era. Amando alguém que não

PERIGOSAS NACIONAIS

sabia amar e nem o que era amor. Nesse minuto, a porta do quarto se abriu, e ela viu Lucas sair, arrumando a roupa amarrotada.

— Qual o seu problema, Capitu? O que te deu?

Ela sorriu em meio às lágrimas que nem percebeu que estavam descendo por seu rosto.

— Eu apenas acordei, Lucas! Abri os olhos pra enxergar o tipo de homem que você é! Eu achei que te amava, que você me fazia bem... Você não faz, nunca fez e nunca se importou comigo, não de verdade. — Ela sorriu novamente, um sorriso triste, sem vida. — A quem quero enganar? Você não é capaz de amar ninguém além de você mesmo!

— Olha, Capitu, não sei o que te deu, ou porque está assim. A noite foi ótima, de verdade, mas eu não prometi nada a você. Foi casual — disse sem nenhum remorso, como se ela esperasse mais dele.

— Claro que foi. Saia, Lucas. Foi uma pena que só depois dessa noite eu pude ver que não te amo, não como achei amar.

Ele sorriu com cinismo.

PERIGOSAS ACHERON

— O que foi, Capitu? Se arrependeu de trair o doutorzinho? Está com ele não está? Vi quando ele te deixou aqui em frente.

Era isso? Ego ferido?

— Isso não te interessa e não toque no nome dele novamente. Você não tem esse direito, não é metade do que ele é. Volte pra sua vidinha de merda, Lucas, para o mundo que você acha girar ao seu redor e pra sua nova namorada.

Ela o viu arregalar os olhos e o gesto a fez rir com sarcasmo, sentindo nojo do homem à sua frente e de si mesma.

— Ainda está com ela, não é? — Ele ia responder, mas ela o parou, levantando uma mão. — Não precisa falar nada, isso já não me interessa. O importante é que hoje eu, enfim, exorcizei você da minha vida! — disse, caminhando a passos largos e abrindo a porta para que ele saísse.

— Quando a vi descer daquele carro tão alegre e bonita, achei que tinha mudado, não que isso me interesse mais... — disse ele, parando ao lado dela, antes de sair. — Mas não, você continua a mesma.

Não esperou mais nada, passou pela porta,

ouvindo Capitu batê-la com força atrás dele e não se abalou com nada.

Para ele, podia parecer que Capitu era a mesma, mas não era... não mais.

A mulher soltou um grito de dor quando se viu sozinha. Estava desnorteada, sentindo-se perdida como se tivesse se livrado da corda que a segurava na direção certa e achava que agora não seria capaz de encontrar o caminho sozinha. Sim, era confuso, mas ela mesma não entendia o que estava dentro de si naquele momento, corroendo cada fragmento seu.

Correu para o banho e ficou embaixo do chuveiro, tentando se livrar do toque de Lucas, dos seus beijos, do seu cheiro e até das lembranças, mesmo sabendo que era impossível se livrar das recordações. Não importava o quanto se lavasse, ou esfregasse a bucha em sua pele, ou ensaboasse o cabelo quase com violência, as lembranças não a deixariam.

Passou horas embaixo do jato de água, perdida em lembranças, pensamentos e confusão. Saiu tempos depois, enrolando-se em uma toalha, ainda sentindo lágrimas descerem por seu rosto.

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhou para a cama bagunçada, pegou os lençóis, o edredom e foi para área de serviço. Precisava se livrar daquilo tudo, precisava sentir paz. Pegou uma bacia de alumínio, pôs tudo dentro e ateou fogo, ficando ali próximo, vendo tudo queimar.

Capitu se sentou ao chão, tentando sentir a paz que tanto queria, e nada veio. Suspirou, estava verdadeiramente cansada. Exausta de sentir sempre aquela confusão, rompantes e dores, cansada de si, das lembranças, da doença.

Horas se passaram, enquanto assistia tudo queimar à sua frente até virar cinzas e a noite passou a ser dia. Queria se mover, se levantar dali, mas não tinha forças nem para isso. Era mais uma crise... não a queria, mas não podia impedir que ela a assolasse. Seu corpo doía pela posição, sua pele e até mesmo o couro cabeludo ardia pela violência que usou ao tentar se limpar do toque de Lucas.

Levantou e foi para o quarto, deixando-se cair sobre o colchão desnudo. Logo o sono a tomou, levando-a dessa vez para um lugar feliz. Lá, o anjo leu uma história para ela e desta vez ele tinha rosto e nome...

PERIGOSAS ACHERON

Tiberius.



Capitu acordou horas depois com clareza em seu rosto, sentindo o corpo dolorido e a cabeça latejar. Sentou-se na cama e sentiu que não estava sozinha no quarto. Olhou para o lado direito, vendo Carol sentada próximo à cabeceira, enquanto olhava a tela do celular.

— Carol! O que... — começou a perguntar, mas parou ao ver o olhar da prima.

— Eu te liguei mais cedo. Queria saber como foi a noite, como não me atendeu, achei que poderia estar com Tiberius, ter passado a noite com ele e tal, mas não foi isso, foi?

Capitu apenas negou e a prima continuou:

— Tiberius foi ao café, ficou te esperando por horas lá, sozinho com cara de bobo e você não apareceu... Estranhei, sabe? E ele também se

PERIGOSAS ACHERON

importa com você e ficou preocupado. Por isso decidi vir saber o que aconteceu e não negue, sei que houve alguma coisa. O que ele fez?

Ela não se referia a Lucas, mas sim a Tiberius, afinal, para todos os efeitos foi com ele que a prima saiu e, apesar do homem ter lhe garantido que tudo foi maravilhoso, ela sabia que tinha algo errado.

Capitu achou que choraria ante aquele escrutínio, ante a prima que tanto lhe dava apoio, mas não chorou. Talvez as lágrimas tivessem secado.

— Cá, fala alguma coisa.

E Carol ouviu, com pavor e raiva, o relato da prima que parecia não ter emoções ao falar. Capitu contou tudo o que aconteceu, até mesmo de como o jantar com Tiberius tinha sido perfeito.

— Eu sabia que não devia ceder, algo dizia que eu não devia. Mas era ele aqui, Carol e estava tão... diferente que eu me doeí sem ao menos perguntar...

— Ah, Cá...

— Eu me senti tão suja quando ele simplesmente se virou e dormiu ao meu lado... Meu

PERIGOSAS ACHERON

Deus, ainda me sinto suja, Carol, me sinto podre.

Carol a abraçou, queria dar uns cascudos na prima, mas o amor que sentia não lhe permitiu gritar com Capitu. Não naquele momento, talvez depois.

— E agora, Cá?

Carol viu a mulher à sua frente suspirar, parecendo cansada.

— Eu não sei...

— Já tínhamos falado em você se mudar, Cá. Não vai poder arcar sozinha com o apartamento e acho que o momento chegou. Está na hora de se livrar de tantas memórias. A gente acha um lugar, com uma janela para a rua, o que acha? — disse, arrancando uma risada triste de Capitu.

Talvez fosse mesmo o momento de deixar aquele apartamento.

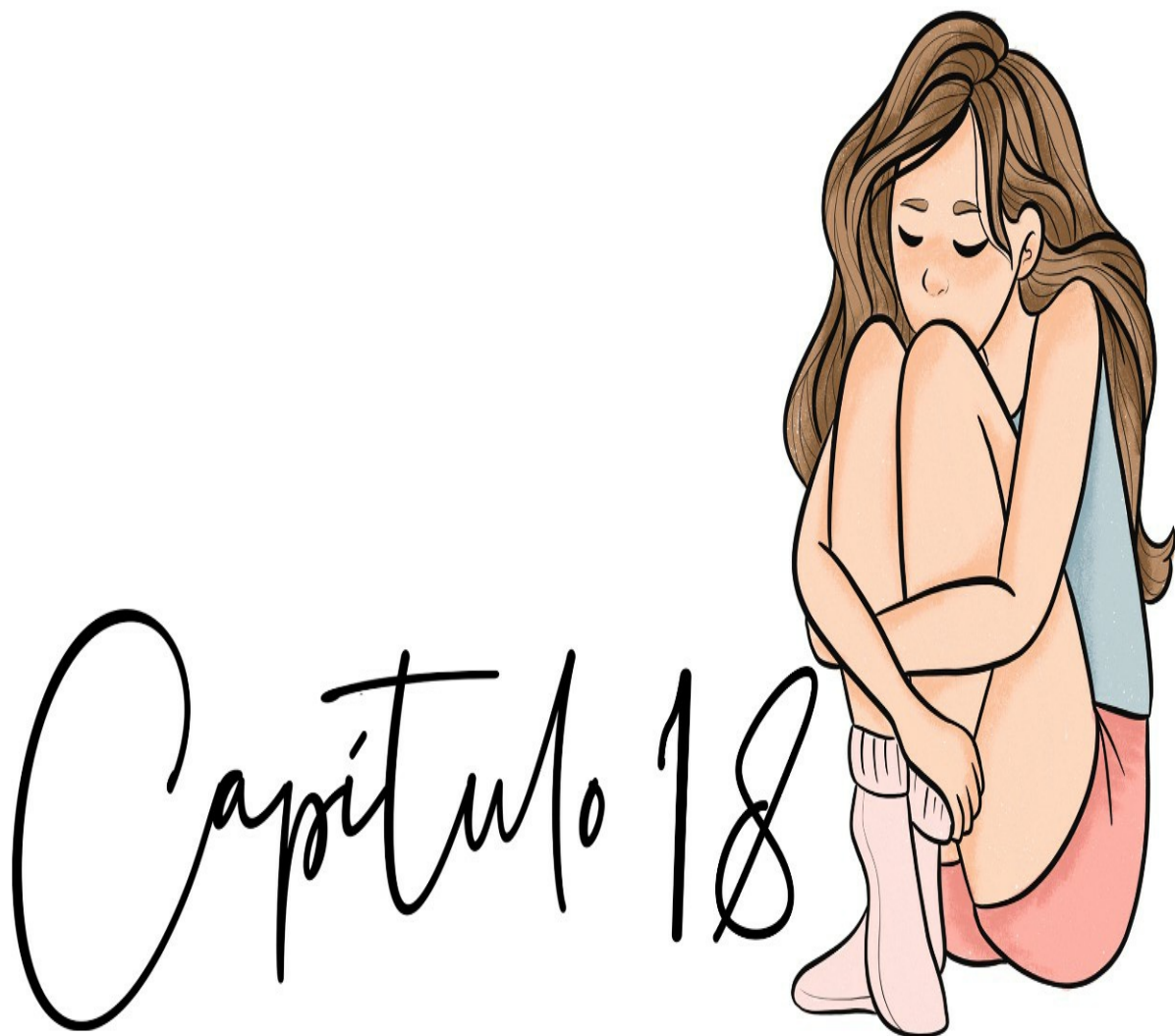
O lugar que um dia representou tanto para ela, agora só parecia armazenar lembranças ruins, promessas vazias e dor. Sim, não queria viver em meio àquelas lembranças, se pudesse, as apagaria de sua mente. A noite de ontem tinha sido o suficiente para ver que o que sentia não era amor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tinha demorado a aceitar o que estava à sua frente o tempo todo, mas agora entendia e não queria mais sofrer nem se entregar a promessas vazias. Não desejava tanta confusão dentro de seu coração. Queria paz e buscaria por ela, lutaria para ter o mínimo de amor próprio, se colocar acima de todos e parar de viver e fazer dos outros o centro do seu mundo.

Estava na hora de seguir em frente!

PERIGOSAS ACHERON



“Quebre as correntes, se livre das cordas e se liberte...”

Ah, a liberdade... O doce gosto de se livrar das correntes e romper as barreiras do seu próprio coração. De começar, enfim, a escrever a sua

própria história, tomar as rédeas do seu destino e tentar encontrar seu próprio caminho.



Tiberius estava preocupado com Capitu. Tinha achado estranho o fato da moça não aparecer ao café naquela manhã, de não ter atendido suas ligações nem mesmo mensagens, já que naqueles dias o contato entre os dois tornou-se algo constante.

Estava naquele momento em seu consultório, sem conseguir se concentrar em nada. Seus pensamentos e sentidos estavam todos em Capitu, perguntando-se se tinha feito algo errado na noite passada. Algo estava acontecendo, ele só não sabia o quê.

Pensou na noite anterior, em busca de algo que pudesse ter servido de gatilho para ela, mas não achou nada. O que teria acontecido? Não sabia,

mas iria descobrir. Pegou seu celular e ligou para Carol, que atendeu no quarto toque.

— Tiberius? — A voz feminina estava um tanto rouca.

— Sim, Carol, sou eu. Bom, me desculpe incomodar, mas eu queria saber de Capitu. Tentei falar com ela depois que deixei o café e não consegui, isso me preocupou um pouco.

A moça suspirou do outro lado.

— Ah, não é nada demais. Ela deve estar em sala de aula agora. Acredita que pela manhã ela acabou por dormir demais e perdeu a hora? — desconversou a mulher, plantando dúvidas em Tiberius. — Depois que você saiu do café mais cedo, fiquei preocupada e dei um pulinho lá. Ela estava dormindo ainda, teve insônia à noite.

Como ela teria insônia tomando aqueles remédios?

— Tem certeza de que está tudo bem?

— Claro que sim! Com certeza ela te retornará à noite, não se preocupe. Além de ter perdido a hora, Capitu ainda teve de fazer o plano de aula. Hoje foi corrido, segunda, sabe como é...

Ela estava se explicando demais, mas Tiberius não insistiu.

— Certo, irei aguardar então. Obrigada, Carol e até mais.

— Até, e não se preocupe, está tudo bem.

Talvez estivesse mesmo se preocupando à toa... Negou com a cabeça e procurou se concentrar nos documentos à sua frente, tentando se convencer de que ela estava bem.



No apartamento de Capitu, Carol terminava de desligar o celular, envergonhada por mentir descaradamente. Mas o que podia fazer? Diria a ele que a mulher de quem gostava e se preocupava tanto tinha dormido com outro após jantar com ele? E que depois disso entrou em crise? Não, não podia fazer isso, Tiberius não merecia.

Guardou o celular no bolso da calça e voltou
PERIGOSAS ACHERON

para a sala, encontrando Capitu sentada no sofá, na mesma posição que a deixara há pouco. Pernas juntas aos seios, braços abraçando aos joelhos, o corpo movendo-se lentamente para a frente e para trás e os olhos presos na TV.

— Era Tiberius. Queria saber de você.

Capitu não a olhou, apenas abaixou a cabeça, lembrando do exato momento em que queria que fosse Tiberius no lugar de Lucas ao seu lado na cama.

— Eu disse que você estava bem, mas tinha se atrasado pela manhã e que ligaria mais tarde.

— Não precisava mentir, Carolina. Podia ter dito a verdade — disse baixinho.

— Não achei necessário. — E não achava mesmo. Queria que a prima pudesse encontrar alguém. Um homem que realmente se importasse, que gostasse dela e achava que esse alguém era Tiberius. — Sabe que ele gosta de você, não sabe? Não é possível que ainda tenha percebido, Capitu.

— Não viaja, Carolina! Um homem como ele não perderia tempo com alguém como eu.

Carol teve vontade de pegar Capitu e balançá-
PERIGOSAS ACHERON

la pelos ombros, tentando fazer com que enxergasse a verdade. Pensou em falar sobre o dia em que Tiberius tinha passado a noite velando seu sono, mas desistiu. A prima teria de descobrir isso por si mesma, Capitu precisaria percorrer aquele caminho unicamente sozinha.

— Bom, não adianta mais, eu já disse e não pode desmentir. Agora vá tomar um banho pra irmos procurar alguns imóveis.

— Hoje não, Carol. Não é o momento.

— E quando vai ser? Olhe ao redor, Capitu, você está presa no meio de todas essas lembranças. Ainda está ligada a ele, mesmo tendo dado um basta nisso ontem.

Era verdade, aquele lugar estava cheio de memórias, fotos que a faziam lembrar-se de Lucas a cada minuto. Percebeu que Carol tinha razão, não lhe faria bem continuar ali entre tantas lembranças. Tinha de agir, se obrigar a seguir em frente, a buscar outro caminho que não fosse ligado ao passado. Tinha se apegado àquele homem e àquele relacionamento como se fossem botes salva-vidas, como se dependesse deles para sobreviver. Colocou todo o peso do passado, suas frustrações em cima

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

daquela relação e foi isso que a levou até ali. Estava na hora de se desligar de vez e gritar por socorro!



Nos dias que se seguiram, Tiberius notou a distância que Capitu colocou entre ambos e teve medo de, em algum momento, ter dito ou feito algo que a incomodasse.

Ela vinha respondendo suas mensagens, trocavam algumas palavras por dia e só. Capitu havia até mesmo diminuído sua ida ao café e Tiberius não entendia o porquê.

Nas poucas vezes em que a viu, notou o esforço que ela fazia para manter uma conversa. Foram dias ruins para ele, até perguntar a Capitu o porquê de tal comportamento. Mas não obteve uma resposta pertinente, ela deu apenas algumas desculpas, inventou que a temporada de provas estava se aproximando e que estava à procura de

PERIGOSAS ACHERON

um apartamento para se mudar, por isso a falta de tempo e ânimo.

Aquilo não o satisfazia, sabia que ela estava mentindo e escondendo algo, pois nem ao menos olhava em seus olhos. Foram dias em que a incerteza apertou seu peito, mas, com jeito e paciência, as coisas pareciam estar voltando ao normal. Começou a ver novamente aquele pequeno sorriso de canto e os olhos dela aos poucos voltavam a brilhar.

Foi nesses mesmos dias que Tiberius compreendeu também quão difícil era amar alguém em segredo e quão terrível era ver essa mesma pessoa sofrendo por alguém que não a merecia. Por vezes, teve vontade de pegar aquela mulher e guardá-la em uma redoma de vidro, onde nada, nem ninguém a pudesse machucar. Viu, dia após dia, Capitu sofrer com os efeitos da doença e procurava ajudá-la a todo custo. Tentava, nem que fosse por poucos segundos, fazê-la sorrir. Tinha criado uma relação de confiança com ela, de amizade, companheirismo e ela o via como um confidente, um ombro amigo. Tiberius gostava disso, pois, de algum modo, estava provendo algum

PERIGOSAS NACIONAIS

consolo a ela e as coisas, enfim, tinham voltado ao normal.

Sabia que a síndrome de limítrofe não era fácil, mais que ninguém ele sabia, pois lidava com ela praticamente todos os dias. Tinha visto pacientes estáveis ao menos por uma média de tempo, tinha assistido alguns surtos em casos graves, tinha pacientes que conseguiam em alguns momentos controlar os sentimentos e, através de uma rotina, se manter a salvo. Mas também tinha perdido pacientes para a doença. Não só uma, mas várias vezes, por isso seu sentimento de proteção em relação àquela pequena mulher só crescia a cada novo dia.



Depois daquela noite com Lucas, Capitu realmente tinha ido em busca de ajuda e começava a aceitar o que tinha se passava, o porquê de tanto sofrer mesmo depois de ter dado um fim ao

PERIGOSAS ACHERON

relacionamento com Lucas.

Entendera que não era amor e sim, uma dependência que criara por seu ex-noivo. Era como se Lucas fosse o seu estepe, como se a carregasse nos ombros. Deu a ele a missão de suprir o buraco negro que a consumiu e ele, logicamente, falhou. Agora entendia que ninguém podia preencher aquele vazio a não ser ela mesma.

Com isso, Capitu estava tentando, principalmente, ocupar a mente com o trabalho, as provas e isso a estava ajudando. Ela tentava todo dia seguir o conselho da psicóloga e desapegar da imagem do casal em sua vida e a pensar em si, em seu próprio bem-estar.

Enfim, tinha começado a se abrir nas suas sessões com a psicóloga e revelado as mais profundas feridas que habitavam seu coração. Não foi fácil, mas, pela primeira vez, sentiu a necessidade de ir até o fim e expor o que mais lhe feria. Ainda sentia o peso da traição ao colocar a cabeça no travesseiro e pensava no que podia ter sido e não foi.

À noite era pior, quando se encontrava sozinha em seu apartamento, mesmo após se livrar dos

PERIGOSAS ACHERON

objetos que mexiam com seu coração, a tristeza a assolava. Tentava não usar a válvula de escape, não pensar no falso alívio que a lâmina lhe trazia, mas era tão difícil...

Ao menos agora entendia uma coisa: Lucas não merecia o seu amor, não merecia aquele sofrimento que ela dedicava a ele, e era por isso que lutava dia após dia para levantar da cama e expulsar seus demônios e pensamentos destrutivos. Não era fácil, mas dizia a si mesma que estava tentando, que pela primeira vez lutava unicamente por si mesma e estava conseguindo.

Era difícil, mais que difícil na verdade, mas tinha apoio. Carol estava ali, sempre ao seu lado, sempre lhe dando força, tentando tirá-la do abismo que queria tragá-la. Também havia Tiberius que, mesmo após ela ter se fechado, negando-se contar a ele o que estava acontecendo, continuava se mostrando um ótimo amigo, sempre disponível quando ela precisava, compreensivo e atencioso. Adorava-o cada dia mais, mesmo não conseguindo demonstrar direito e amava poder conversar com ele, a confiança que tinha em se abrir com ele, o jeito divertido e respeitoso com que sempre a

tratava. Era mais do que podia querer.

Naquele momento, estava no apartamento, arrumando algumas caixas e pensando exatamente nele. Ia se mudar naquele dia, seria para um apartamento no mesmo prédio, na verdade, no mesmo andar, apenas um pouco menor que o seu. Agora seria apenas ela, não receberia visitas, portanto, só precisaria de um quarto.

No início, ficou em dúvida sobre o apartamento, pois mesmo sendo pequeno, ainda era caro para ela. Mas ao fazer suas contas, viu que, caso se mudasse para longe da escola, gastaria muito com condução, o que no fim, compensava continuar no mesmo prédio e mudar apenas de apartamento. Talvez precisasse pegar mais algumas turmas, veria isso para ontem. Se fosse preciso, poderia dar aulas pela manhã e à noite. Talvez aulas particulares... Era uma opção. Daria um jeito.

O novo apartamento tinha uma cozinha americana conjugada com a sala, um quarto, banheiro, área de serviço e uma pequena sacada. Era simples, pequeno, mas conseguiria deixá-lo aconchegante, ideal para si.

Estava mesmo pronta para deixar as
PERIGOSAS ACHERON

lembranças para trás, enterrar o passado e viver o presente, planejando seu futuro.

Terminou de empacotar os utensílios da cozinha, deixando as caixas organizadas por nomes — assim ficaria mais fácil de achar o que precisava. Voltou ao quarto, colocando o que tinha deixado em cima da cama dentro de uma caixa pequena, apenas produtos de beleza, nada mais. Alguém bateu à porta naquele instante, fazendo-a deixar a arrumação, e ir até a porta, surpreendendo-se ao abri-la.

— Foi aqui que pediram um carregador, moça?

Ela sorriu, Tiberius era único.

— O que faz aqui? — perguntou, divertida, vendo-o levantar as sobrancelhas.

— Onde está sua educação, moça? Bom dia, Tiberius, pode entrar, fique à vontade, obrigada por vir me ajudar... — debochou, arrancando uma risada nervosa dela.

— Bom dia Tiberius, pode entrar, fique à vontade e obrigada por sua alma caridosa vir até aqui me ajudar. Digo mais, o que seria de mim sem

você? — disse, dando espaço para que ele entrasse.

— Bem melhor. A propósito, bom dia, Capitu.

Passou por ela, deixando um beijo em sua bochecha e entrando no apartamento.

— Não precisava dispor de seu tempo pra me ajudar, sabia?

— Sabia sim, mas como você mesma disse, tenho uma alma caridosa e aqui estou. — Ele olhou ao redor, vendo tudo já empacotado. — Você é o quê? Uma máquina de arrumação? Achei que passaríamos o dia empacotando tudo.

Ela fez um gesto de desdém com a mão, indo em direção à cozinha e ele a seguiu.

— Não tinha muito o que fazer ultimamente e vinha arrumando por etapas. Coloquei as últimas coisas na caixa agora há pouco. Quer café?

— Vou aceitar.

Ela pegou um copo de extrato de tomate que tinha deixado em cima do balcão e colocou à sua frente.

— As xícaras estão todas guardadas, espero que não se importe.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sem problemas. Já limpou o outro apartamento?

— Na verdade não, estava indo pra lá agora mesmo. O porteiro arrumou dois rapazes para desmontar e carregar o que precisar. Eles virão à tarde, então deixei a limpeza pra agora.

— Bom, já que não posso ajudar a empacotar nada, devo lhe dizer que sou ótimo com faxina!

— Não me diga! Tem algo que você não faça?

— Ah moça, tenho muitas facetas, deixe-me lembrá-la disso.

Ela tinha certeza de que ao menos uma faceta ele tinha: a de fazê-la sorrir.

Capitu logo percebeu que ele dizia a verdade sobre faxina ao vê-lo levantar as pernas da calça e tirar os sapatos antes de saírem para o novo apartamento.

— Cristo! Há quanto tempo não vem ninguém aqui?

Tiberius se surpreendeu ao entrar no apartamento, afinal tinha ouvido maravilhas sobre o lugar e o quanto ele ficaria perfeito após uma

PERIGOSAS ACHERON

rápida limpeza. Limpeza? O lugar precisava era de uma reforma.

— O síndico me disse que estava ok com a pintura e até está, em compensação a limpeza...

Ela enrugou o nariz, e Tiberius adorava quando ela fazia aquele gesto, parecia um coelhinho.

— Hum... Uma boa dose de água e sabão pode resolver... — disse, não queria tirar a animação da moça.

— Espero que meu companheiro esteja bem-disposto hoje, pois vou usá-lo bastante, como já deve ter percebido...

Ele adorava quando ela era extrovertida e bem-humorada. Ele amava cada nuance dela, mas aquele humor era seu favorito e vê-la assim o deixava igualmente feliz.

— Então mãos à obra e deixe de enrolação.

Começaram com a limpeza, entre uma provocação e outra. O tempo pareceu passar mais rápido com ele ali, fazendo-a rir a cada novo instante. E Capitu pediu a Deus, naquele momento, que a ajudasse a conservar aquela amizade, que não

PERIGOSAS ACHERON

permitisse que um dia Tiberius se distanciasse dela. Parada ali na cozinha enquanto o observava esfregar o chão com vontade, percebeu que tinha realmente se apegado a Tiberius.

Voltou a pegar o rodo e puxar a água com sabão da minúscula cozinha. Um sentimento novo e estranho apossando-se de seu coração. Algo amedrontador e libertador ao mesmo tempo. Não entendia, não ainda, mas entenderia em breve...

Após cuidarem do apartamento e dar um novo ar ao lugar que não cheirava mais a mofo, Tiberius decidiu que era hora de fazer uma pausa para comerem. Pediram o almoço, que não demorou tanto a chegar e sentaram no chão. Por instantes permaneceram calados, perdidos em seus próprios pensamentos, enquanto comiam.

Ela o observou por um instante. O homem parecia tão simples, largado no chão recém limpo, com as pernas da calça molhadas, a camisa suada demonstrando seu recente esforço e alguns fios de cabelo caindo pela face, marcada por uma barba cheia e bem aparada.

— Sempre morou aqui, T.?

Ele parou com o garfo a meio caminho da boca e a encarou.

— Não, morava em uma cidade próxima, no interior. Vim para o Rio quando comecei a cursar a faculdade.

— Veio de família simples, então?

— Hum, sim e não... Meu pai era médico, cirurgião geral na cidade próxima a que morávamos. A família dele tinha algumas posses, não sei bem. — Capitu sentiu um pouco de mágoa na voz dele. — Minha mãe era de família humilde, na verdade ela trabalhava na cozinha do hospital quando meu pai a conheceu. Aparentemente, a família dele não aceitou tão bem assim o relacionamento, mas aí, minha mãe engravidou de mim e, meu pai se casou com ela sem ligar para as negativas da família.

— Então não manteve relação com a família de seu pai?

— Bom, ao que parece, eu e minha irmã, assim como minha mãe, éramos considerados a escória do mundo. Acabamos perdendo o contato de vez após a morte de meu pai e minha mãe se

PERIGOSAS NACIONAIS

mudou pra uma cidade ainda menor — disse, colocando a comida na boca,

A história aguçou a curiosidade de Capitu, que continuou fazendo perguntas.

— Sua mãe se casou outra vez?

— Não, depois de meu pai, minha mãe não quis se casar novamente. Ela nos criou sozinha, como pôde. Acho que fez um bom trabalho no fim das contas.

— E o que aconteceu com sua mãe? — perguntou, receosa, se lembrava de ele dizer que tinha perdido toda a família.

— Minha mãe faleceu após a morte de Letícia. Um ano depois.

— Eu sinto muito...

Lembrava-se que ele tinha falado da morte da irmã e não imaginara que a mãe dele também tinha partido.

— Tá tudo bem, não me causa desconforto falar.

— Posso perguntar do que morreu?

Ele a olhou, não sabia se deveria dizer aquilo.

PERIGOSAS ACHERON

Pigarreou e optou pela sinceridade, sempre optaria...

— Minha mãe infelizmente se entregou à depressão. Ela não conseguiu lidar com a falta que Let lhe fazia. Minha irmã era a menina dos olhos dela, a menina dos olhos de todos nós. — Ele parecia ter voltado no tempo com o pensamento, o olhar tinha mudado drasticamente. — Eu tentei. Cheguei a quase perder a bolsa na faculdade por faltar demais, tentando ajudá-la, tirá-la do quarto...

Capitu arregalou os olhos, fitando-o com pena.

— Ela se foi... vinte dias após o aniversário de um ano da morte de minha irmã.

— Tiberius, eu sinto muito, me desculpe por perguntar... — Algo ali a fez pensar em si mesma e Carolina, que passou por tudo aquilo ao seu lado...

Capitu ficou imóvel. Deixou a cabeça cair sobre o ombro de Tiberius, e levou a mão até a dele, segurando com firmeza. De repente, a comida já não estava mais tão boa assim.

— Depois disso, a cirurgia geral não tinha mais tanta beleza aos meus olhos. Já o cérebro e o comportamento humano... Eu queria ajudar o

PERIGOSAS NACIONAIS

máximo de pessoas que eu pudesse, queria não, quero. Quero fazer por alguém o que não consegui fazer por elas.

— Alguém já te disse que é um ser humano incrível?

Ela o fez rir sem jeito com o elogio, mas nada disse.

Ficaram em silêncio por mais um tempo até ele se levantar e ela, sob protestos, fez o mesmo. Não demorou para os dois rapazes da montagem chegarem para o trabalho e pôr as mãos à obra.

À tarde, quando já tinha tirado tudo do velho apartamento e estalado no novo, ambos estavam cansados, principalmente ela. O esforço físico a tinha deixado morta, queria apenas um banho e cama. Seria capaz de dormir por dias se deixassem.

— Preciso de um banho, urgente.

— Precisa mesmo! — respondeu ele, parecendo falar sério e enrugando o nariz.

— Já foi mais cavalheiro, Tiberius!

— Sempre sou e, como agora a senhorita irá tomar banho, irei para casa, pois também preciso de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um — disse, olhando-a.

— Não vou devolver o insulto, se é isso que está esperando, doutor.

— Deveria — disse, indo em direção à porta.
— Ah, eu estava pensando, como não fiz nenhuma viagem nesse tempo que estive de férias, estava querendo programar alguma coisa rápida para o próximo feriado do mês que vem...

Ela o olhou. Como assim viagem?

— Sério? Disse que não iria viajar tão cedo...

— Não ia mesmo, mas, pensei que seria uma boa ideia. É uma data de que não gosto muito — falou e tinha algo em mente.

— Hum... vai passar muitos dias?

— Não sei bem, pensei em três ou quatro dias. Apenas espairecer um pouco.

Ela sentiria falta dele nesses poucos dias

— Isso é ótimo, pensa em ir para onde?

— Não pensei nos pormenores, espero decidir ainda. Isso, se minha acompanhante aceitar meu convite.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acompanhante? Ele disse acompanhante? Quando ele começou a namorar que ela não ficou sabendo?

Vendo a cara de surpresa dela, Tiberius completou:

— É você, Capitu, estou convidando você! — disse, com expectativa. Seria bem persuasivo, caso fosse necessário. Jogaria sujo, se fosse preciso, pois estava apostando suas fichas nessa viagem.

— Eu? Não, não teria como.

— Como não? Será no feriado! Cairá numa sexta e se estenderá até a segunda.

— Sim, mas, é uma viagem e eu... eu...

— Não tem desculpas, moça, se quiser negar meu convite terá de dizer a verdade.

Ele era maluco só podia ser. Não se faz um convite desses assim, de uma hora para outra. Não mesmo...

Ficaram ambos parados, enquanto ele a assistia torcer as mãos, colocar o cabelo atrás da orelha e fazer um biquinho. Ela sempre fazia isso quando estava em dúvida, ou apreensiva e nem ao

PERIGOSAS ACHERON

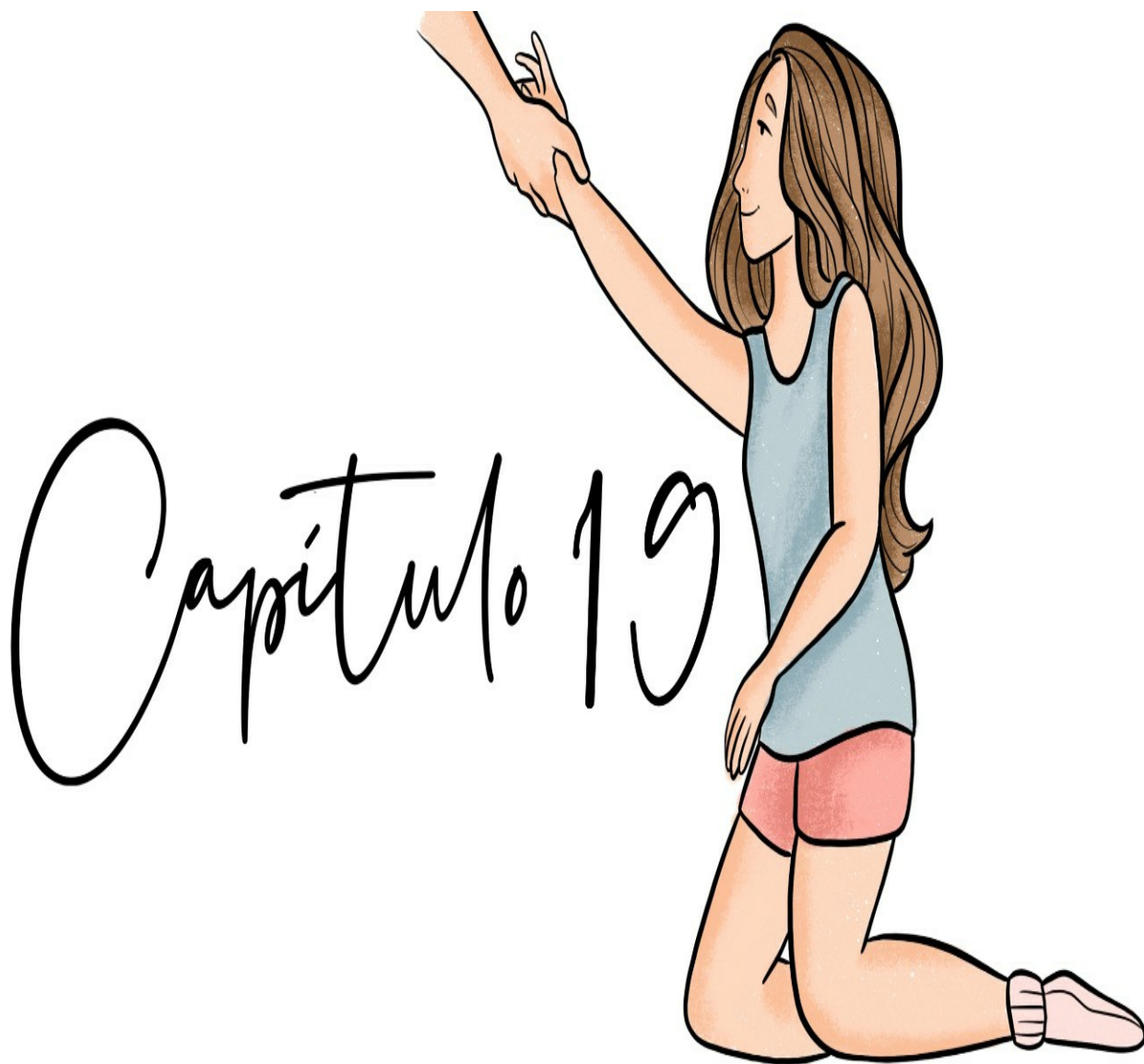
menos percebia como era linda apenas com aquele gesto sem importância, mas que para ele, era mais do que charmoso.

Capitu procurou formas de negar, mas por que não? Seria uma boa ideia... Ela iria, conheceria outros lugares, poderia distrair a cabeça, espairecer e esquecer... Sim, precisava esquecer um pouco o que tinha passado nos últimos dias e ainda teria a companhia de Tiberius... Era mesmo uma boa ideia.

— E então?

— Eu não tenho mesmo uma desculpa pra não ir. — Fez um muxoxo teatral. — Serei obrigada a aceitar seu convite.

Ele sorriu, sentindo um contentamento sem tamanho invadi-lo naquele momento. Tinha planos para a viagem, queria ter memórias inesquecíveis com ela e claro... conquistá-la.



***“Dizem que o caminho certo é cuidar, amar,
dedicar-se a quem de fato é importante para nós e
esperar o momento certo para declarar todo o
nosso amor...”***

PERIGOSAS NACIONAIS

Ah, a incerteza do amor... Depois que passamos por momentos difíceis e decepções ao nos doarmos para alguém, a impressão que temos é que as marcas deixadas jamais serão apagadas. O medo, as inseguranças e incertezas estão marcados em nosso coração partido e em nossa mente, e se desprender das algemas que seguraram nossas mãos pode ser incrivelmente difícil e por vezes, impossível.



Capitu estava em sua cama com o olhar fixo na mala, já toda arrumada e aberta ao seu lado na cama. Naquele momento, se perguntava se realmente iria viajar com Tiberius... Ela queria, queria muito. Sentia até mesmo um frio na barriga em antecipação e nem sabia o porquê de tamanha ansiedade. Tentava se convencer de que era por conhecer Angra e não pela companhia que teria por longos três dias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vai levar essa saída, Cá? Já está levando três, mas pode precisar dessa também. Se bem que, se as coisas derem certo como rezo pra darem, vocês não sairão do quarto, se é que me entende — disse Carol rindo e recebendo um travesseiro no rosto.

— Para com isso, Carol, que coisa chata. De onde tira tantos pensamentos pervertidos?

A loira fitou Capitu com expressão séria e se aproximou da cama, sentando-se ao lado da prima.

— Cá, presta atenção...

— Não começa, Carolina — cortou, ameaçando se levantar, mas sendo segurada pelo braço e obrigada a se manter sentada.

— Já viu como ele te olha, Cá? Já notou como os olhos dele brilham quando você chega perto? — disse, prendendo o riso.

Capitu apenas negou.

— Somos amigos, Carol, só isso.

Essa era uma frase que vinha repetindo bastante nos últimos dias, até mesmo para si própria e não estava tão convicta assim de sua fala,

PERIGOSAS ACHERON

pois, por mais que negasse, tinha começado a ver o homem com outros olhos. Apesar dos medos e incertezas rondando sua mente, ela começara a notar a pessoa maravilhosa ao seu lado e não apenas como um amigo... Por mais que, naquele mês, tenha tentando acalmar seu coração quanto àquela viagem, não tivera êxito nisso e, a cada dia que o feriado se aproximava, o nervosismo apenas crescia.

— Se dê uma chance, Capitu. Se ele quiser entrar, deixe que entre e não me refiro só à sua vagina, me refiro aqui. — Tocou o lado esquerdo do peito da prima. — Pare de dizer que é loucura, pare de se menosprezar. Você é maravilhosa, e digo isso em todos os sentidos. Você merece ser feliz com alguém que te ame — disse, fitando-a.

Capitu abaixou os olhos e encarou as próprias mãos em seu colo. Não, um homem como Tiberius nunca estaria interessado nela. Sem falar que ela acabara de sair de um relacionamento, não queria outro alguém. Tinha medo de fazer tudo de novo, de meter os pés pelas mãos, de se apegar demais e amar sozinha. Mas, principalmente, tinha medo do abandono.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aproveita, garota. Pare de pensar demais e só viva, Cá. Faça o que tiver vontade e seja feliz.

Ela tentaria, mas não acreditava que sua felicidade estava nos braços de outro, pois não queria entregar tal preciosidade nas mãos de homem algum. O medo de sofrer era muito maior que a vontade de amar.

Naquele instante, o celular informou uma mensagem. Tiberius tinha acabado de chegar e estava esperando-a na entrada do prédio. Ela se levantou e fechou a mala. Agora não tinha mais volta, iria mesmo e tentaria apenas aproveitar o momento de uma forma que não fosse no quarto com Tiberius, como Carol tanto frisou. Afinal, para ela, era inconcebível acreditar na paixão que a prima criara entre eles.



Lá embaixo, estava um Tiberius um tanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nervoso, esperando sentado dentro do carro. Recriminou-se por horas a fio, pois parecia um adolescente virgem, ansioso e apaixonado pela primeira vez. Olhava para a entrada do prédio constantemente, esperando a mulher sair e nada de ela aparecer ou responder sua mensagem. Teria ela desistido? Tomara que não.

Nos últimos dias, Tiberius tinha assistido de camarote o crescimento de Capitu. Como, aos poucos, ela ia se livrando de cada amarra que a prendia ao passado, a Lucas. Não negaria que sentiu medo de que isso não acontecesse, temia que Lucas não saísse de seu coração, ou que ela não quisesse se livrar de tais sentimentos. Mas, após meses, enfim, ela parecia estar.

Sabia que ela tinha feito grandes progressos na terapia, tinha, enfim, se aberto e aquilo era realmente ótimo. Os dias que transcorreram desde a mudança de apartamento a ajudaram e ele sentia-se cada vez mais próximo a ela, mais próximo à mulher que tanto amava. É claro, era ciente de que crises ocorreriam, afinal, a doença não sumiria, ela persistiria por uma vida, mas Capitu a venceria e ele estaria com ela, disposto a ajudar no que

PERIGOSAS ACHERON

precisasse caso ela permitisse.

Tinha feito toda uma programação, preparado cada detalhe e, com a ajuda da própria Capitu, escolhido o lugar onde se hospedariam. Não iriam longe, como prometeu, seriam apenas quatro dias, então, decidiram ir para Angra Dos Reis, que ficava a algumas horas de distância. Um paraíso à parte que, incrivelmente, nenhum dos dois conhecia.

Quando, enfim, a viu saindo do prédio, o homem suspirou de alívio. Se fosse sincero, diria que seu corpo até mesmo relaxou ao vê-la caminhando em direção ao seu carro, arrastando uma mala preta de rodinhas e vestindo um short jeans, camiseta branca e sandálias de dedo.

Ao vê-la, ele saiu do carro, a fim de colocar a bagagem que ela trazia no porta-malas.

— Bom dia, Tiberius! — cumprimentou-o, deixando um beijo em seu rosto.

— Bom dia, Capitu. É apenas essa mala? — Estranhou, geralmente mulheres levavam mais coisas...

— Sim, só essa. São só quatro dias, Tiberius, não preciso levar todo o meu guarda roupa. —

Entregou a mala a ele, que logo colocou junto com a sua própria bagagem.

— Preparada?

Ela apenas confirmou, mantendo um sorriso tímido nos lábios.

Aqueles lábios... Ele mudou o foco de sua atenção, indo em direção à porta do passageiro e abrindo-a para que Capitu pudesse entrar. Assim que ela se sentou, Tiberius deu a volta e se acomodou atrás do volante, colocando o cinto e saindo em seguida. Agora podia se acalmar, ela estava ali... Muito calada, diga-se de passagem.

— Algum problema?

— Não, por quê?

— Está calada demais, moça.

— Hum... só um pouco cansada, não dormi bem essa noite. — Não era de todo mentira, não tinha dormido bem mesmo.

Mas o motivo da insônia se devia à ansiedade e ao sonho que tivera. Tinha sonhado com Tiberius e, no sonho, ele fazia loucuras com a língua em seu corpo, falando obscenidades em seu ouvido com

PERIGOSAS NACIONAIS

aquela voz que ela tanto gostava... Tais pensamentos a fizeram corar e olhar pela janela do carro, a fim de se manter a salvo de tais lembranças. Tinha acordado naquela noite esbaforida, cheia de desejo e excitação, tudo destinado a ele. Tinha sido uma loucura, uma loucura bem-vinda diria ela se fosse sincera consigo.

— Aproveita a viagem e dorme um pouco, temos tempo de sobra para isso — disse, prestativo.

— Que espécie de copiloto eu seria se entrasse aqui e pegasse no sono? Isso não se faz, Tiberius. Ficarei acordada junto com você, te fazendo companhia — disse, com convicção.

— Como quiser...

Tiberius conectou o celular ao som do carro, deixando a voz de Bruno Mars invadir o ambiente, junto com a batida da música pop. Gostava daquele tipo de música, mas tinha certa predileção por clássicos da MPB.

Com bom humor, viu Capitu entrar em um sono profundo ao seu lado, logo após colocar o carro na rodovia, fazendo-o rir sozinho.

PERIGOSAS ACHERON

— Copiloto? Sei...



Duas horas e meia depois, Tiberius começava a ver indícios de que estavam chegando ao seu destino. Preferiu não se hospedar em um hotel na cidade. Achou que seria mais cômodo e romântico, caso alugassem um chalé à beira-mar. Pelo o que conhecia dela, Capitu iria gostar muito do lugar, afinal, não era todo dia que eles podiam acordar com o sol a banhar o mar à frente deles, dando a sensação bem-vinda de um novo dia, um recomeço.

Olhou o relógio e ficou feliz ao se dar conta de que achou veriam o pôr do sol da praia. Virou à direita na via, seguindo o GPS e pegou uma estrada estreita, rumo ao lugar onde ficariam. Naquele momento, Capitu despertou, olhando ao redor, sonolenta, tentando se situar.

— Olá, bela adormecida! — disse ele, vendo-a

PERIGOSAS NACIONAIS

bocejar e esfregar o rosto.

— Dormi muito? Onde estamos?

— Estamos a poucos quilômetros do nosso destino.

Ela se assustou, arregalando os olhos.

— Meu Deus, você viajou praticamente sozinho. Sinto muito por isso, Tiberius! — disse, sentindo o rosto esquentar. Tinha mesmo apagado.

Estava naquele momento atribuindo a culpa por ter desmaiado durante a viagem ao sonho erótico que tivera naquela noite, impedindo-a de dormir depois de acordar, tendo um orgasmo delicioso. Ela ficou relembrando cada minuto daquele momento íntimo pelo resto da madrugada.

— Sem problemas, precisava descansar já que não dormiu muito bem à noite.

Ah, se ele soubesse o que roubara seu sono...

— E ali está!

Ele chamou sua atenção e Capitu olhou à frente, vendo o que parecia ser uma casa ou uma pousada, não saberia dizer ao certo daquela distância.

PERIGOSAS ACHERON

— Não vamos ficar na cidade?

— A cidade está a poucos quilômetros daqui, iremos conhecer amanhã, caso queira. Achei que aqui seria melhor e mais confortável, sem falar que eles têm ótimos passeios de barco e trilhas para os hóspedes. E o mar é logo ali.

Ela nada disse, olhando a sua volta.

Cada vez que o carro adentrava mais a pequena estrada, uma casa grande em tons azuis ficava mais nítida na frente de ambos. Parecia uma pousada perdida em meio à uma grande chácara, rodeada por grandes árvores, que deixavam a visão do ambiente ainda mais bonita e chamativa. Tiberius observava com atenção cada reação que ela tinha ao que via e se viu com um sorriso no rosto pela aprovação estampado no rosto da moça.

Parou o carro no estacionamento aberto da pousada e ajudou Capitu a sair, indo até a recepção do lugar. Um senhor na faixa dos quarenta anos os atendeu gentilmente, fazendo o cadastro do chalé e entregando-lhe as chaves.

— Vocês irão gostar daqui, é tranquilo e perfeito pra quem quer fugir da cidade grande —

disse, saindo até a área de lazer, para guiá-los aos chalés.

O senhor, que se disse chamar Fábio, os levou por uma pequena estradinha ladeada por plantas, esclarecendo os horários de refeições e os passeios que o lugar oferecia. Conforme iam andando, Capitu ficava cada vez mais encantada com cada detalhe.

O vento que soprava em seu rosto era uma delícia, e a luz fraca do sol, entrando entre as árvores, era algo reconfortante para o corpo. Assim que os chalés ficaram visíveis, ela pôde ver também o mar ao longe, aquela imensidão azul se abrindo à sua frente. Sentiu o peito se alegrar por estar ali, uma felicidade quase infantil. Involuntariamente, abriu um enorme sorriso, chamando a atenção de Tiberius ao agarrar o braço dele.

— Obrigada pelo o convite, Tiberius! — sussurrou

Quem tinha vontade de agradecer era ele, mas nada disse, apenas sorriu em concordância. Ah, se ela soubesse o que ele sentia e o que estava disposto a fazer para conquistá-la...

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim que chegaram à porta do pequeno chalé, ambos se encantaram tanto pela localidade do lugar, como pela simplicidade e beleza. O pequeno chalé parecia uma casa de boneca em tamanho e perfeição, ao lado de outros do mesmo modelo, diferenciando-se apenas pela cor. Ao entrarem, se depararam com uma pequena sala e cozinha conjugada, tendo uma televisão em um painel na parede, três espreguiçadeiras e na cozinha alguns utensílios domésticos.

Ao lado direito, havia três portas, que levavam aos dois quartos e ao banheiro. As acomodações eram simples, com uma cama de casal cada, uma poltrona e uma cômoda de madeira ao lado do leito.

— Aqui é um ótimo lugar para um casal jovem como vocês passar o fim de semana. Irão gostar muito, sem falar da privacidade que oferecemos aos hospede — disse, contente, parecendo orgulhoso do ambiente que oferecia.

— Não somos um casal, somos apenas amigos — disse Tiberius por fim, notando o desconforto no rosto de Capitu.

— Sei, sei, vocês jovens... Bom, eu vou indo. Qualquer coisa, é só chamar.

PERIGOSAS ACHERON

— Claro, obrigada. — Tiberius respondeu, seguindo o homem até a saída, ficando ali parado na pequena área da frente por alguns instantes.

— Tiberius! Corre aqui, precisa ver isso! — Capitu gritou de dentro do chalé, sobressaltando-o.

Voltou para dentro, apressado, não a vendo na sala e seguiu para a porta aberta ao fundo da pequena cozinha, encontrando-a parada ao lado de um *deck*, de costas para ele. Tiberius observou como o sol refletia na pele de Capitu, fazendo-a parecer uma ninfa em contraste com o lugar, que realmente era magnífico, com a praia bem abaixo dos seus pés.

— Vamos lá? Deus, é lindo!

— Claro, vamos sim. Mas primeiro, vou colocar as malas no quarto.

— Sim, é verdade.

— Você fica com o primeiro quarto e eu com o segundo. Quer trocar de roupa antes de irmos até a praia?

— Hum, acho que vou colocar um biquíni, talvez um mergulho caia muito bem, não é? — Sorriu ao passar por ele e pegar sua mala, entrando

PERIGOSAS ACHERON

no quarto e fechando a porta atrás de si.

Ele fez o mesmo, deixando a mala sobre a cômoda de madeira ao lado da cama. Esperou por alguns instantes e quando ouviu a porta ao lado se abrir, saiu do quarto, vendo Capitu vestindo o que deveria ser uma saída de banho. Tiberius a observou enquanto ela, despercebida, colocava a parte da frente no lugar, segurando as alças da peça branca transparente com a outra mão.

— Pode amarrar aqui pra mim?

— Claro — respondeu ele, enfim, desviando o olhar do corpo dela e aproximando-se de suas costas, substituindo as mãos pequenas pelas suas.

Pensou que aquela peça deveria ser proibida de se usar. A coisa transparente que a cobria, mal escondia o corpo dela ou o minúsculo biquíni que estava embaixo e, depois de molhada... Ele não queria nem pensar.

Prometeu se segurar, não avançar o sinal, fazer as coisas certas. Mas naquele momento, estava difícil, pois mesmo sem perceber, ela estava lhe despertando sensações bem intensas. O desejo cru vindo tomava seus pensamentos e ele fechou os

olhos, aproveitando que ela não poderia vê-lo para tentar se concentrar em algo que não fosse o corpo dela seminu, quente e receptivo à sua frente, fazendo sua ereção acordar dentro da cueca.

Aquele final de semana seria uma tortura...



“Permita-se ser levado pelo amor, pois esse é o único sentimento capaz de alimentar a alma e o coração.”

PERIGOSAS NACIONAIS

Pode o amor curar? Pode ele sanar todas as feridas da alma e apagar qualquer lembrança ruim? Claro que pode. Esse sentimento é algo tão puro, tão mágico e sincero, que tem o poder da cura. Mas para isso é necessário que o indivíduo se permita amar, aceite tal sentimento como um presente divino, como a dádiva mais preciosa existente na terra. Pois se tal preciosidade é vista como uma arma que irá lhe machucar, você jamais conseguirá viver a plenitude desse sentimento e menos ainda sua libertação.



Capitu e Tiberius tinham aproveitado cada pedacinho daquele paraíso particular. Tinham explorado algumas trilhas, passeios de barco e principalmente, a praia. Conheceram os pontos turísticos da cidade e fizeram mergulho. Aproveitaram tudo, principalmente, a companhia um do outro.

PERIGOSAS ACHERON

Naquele momento, estavam deitados em uma grande rede no *deck* do chalé, vendo o sol sumir no horizonte. Capitu mantinha a cabeça descansando sobre o peito de Tiberius, sentindo um pequeno carinho em suas costas, aproveitando o último pôr do sol que veriam ali.

Ela não queria deixar aquele refúgio. Tinha se sentido tão bem ali, em paz e queria que esse sentimento se perpetuasse. O chalé era encantador, a praia era paradisíaca, mas ela sabia que aquele bom-humor se devia a Tiberius.

A relação dos dois tinha se estreitado ainda mais naqueles dias. Capitu quis conhecer mais dele e viu suas várias facetas, gostando de todas, sem exceção. E agora, depois de passar tanto tempo com ele, depois de dividir tantos momentos lindos, ela não queria mais voltar para o seu apartamento solitário. Queria ficar ali, juntinho dele.

— O que foi? — ele perguntou, notando que ela estava quieta demais.

Só aí, após ouvir a voz de Tiberius, é que Capitu se deu conta de que estava com os olhos fixos nele, como se o estudasse, e notou ter um sorriso bobo nos lábios.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada, estava só pensando. Acho que não quero ir embora...

Ele a afastou com cuidado de cima de seu peito e se levantou, estendendo uma mão para ela, que o olhou em expectativa e dúvida.

— Vem, vamos fazer uma despedida em grande estilo desse paraíso! — disse, com um sorriso zombeteiro nos lábios.

— Pra onde vamos? — perguntou, antevendo qual surpresa ele tinha preparado naquele dia.

— É surpresa, moça. Não seja curiosa...

Ele a puxou pela mão, guiando-a até a escada que dava acesso ao pequeno caminho íngreme que os levaria à praia. Naquele horário, o sol já se punha e a lua cheia começava a brindar o mar, tornando a vista mágica. Tiberius segurou a mão dela, e seguiram assim por alguns metros pela areia branquinha, até avistarem uma manta vermelha cobrindo o chão e, ao seu lado, uma cesta de piquenique improvisada.

— Não me diga que teremos um piquenique à luz da lua!

— Moça esperta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele parecia esconder algo por trás daquele sorriso e ela estava adorando tudo aquilo.

Assim que chegaram mais próximo à manta estendida sobre a areia, Capitu soltou-lhe a mão e correu em direção ao mar, até o limite que as ondas vinham de encontro aos seus pés. O mar de um azul escuro, agitado, formava pequenas bolhas nas ondas, fazendo cócegas em seus pés descalços. Olhou o horizonte negro à sua frente, o céu estrelado, a lua refletindo no mar e quis, a todo custo, eternizar aquele momento, gravá-lo em sua memória.

Suspirou e se virou, vendo Tiberius em pé ainda próximo à cesta, olhando-a de um jeito indecifrável e provocando-lhe um arrepio em sua espinha.

Tiberius não conseguia parar de olhá-la. Capitu era como uma droga viciante e sua imagem, cheiro e sorriso o inebriavam e turvavam sua razão. Ah como a queria, como amava cada pequeno detalhe e peculiaridade só dela! E aquele final de semana só tinha feito esse sentimento crescer.

Ele caminhou em sua direção, se sentou na manta e Tiberius a imitou.

PERIGOSAS ACHERON

— Aqui é perfeito, não é? — perguntou Capitu, olhando o mar à sua frente.

— Sim, é — disse, pegando-lhe a mão e levando-a aos lábios, deixando um beijo suave em seu dorso. — Espero que não se importe. Tive de improvisar, por isso irá parecer mais um café da manhã que um jantar.

Ela sorriu ao ouvi-lo.

— Está perfeito desse jeito, Tiberius, e eu estou morrendo de fome! — exclamou, enquanto o via tirar algumas badejas com frutas, pães e queijos. E surpresa, notou também duas taças e uma garrafa de vinho na cesta ao lado. — Vamos comemorar alguma coisa?

— Não. Como eu disse, é só uma despedida em grande estilo e não se preocupe quanto ao vinho, a porcentagem de álcool é mínima.

Ele se preocupou até mesmo com esse detalhe, Capitu percebeu.

— Hum... estou começando a gostar disso.

Tiberius ficou ali, observando-a enquanto comiam. Não tinha muita fome, mas a acompanharia naquela lambança que havia

PERIGOSAS ACHERON

preparado. Era um ato romântico, e além de tudo, queria que ela tivesse boas lembranças do lugar, queria, como disse mais cedo, fechar a viagem com chave de ouro e nada melhor do que uma noite na praia olhando as estrelas. Preparou tudo para agradá-la, para ver aquele sorriso.

Após comerem, a ouviu suspirar, colocando as sobras de volta na cesta.

— Estava tudo delicioso, obrigada!

Tiberius apenas a observou enquanto ela se deitava sobre a manta, notando o quanto ficava linda com a luz da lua banhando seu rosto e corpo. Aos olhos dele, não tinha ninguém mais bela que Capitu, não tinha ninguém capaz de despertar nele sentimentos tão intensos.

— A lua está tão bonita hoje!

Tiberius assentiu, mas a verdade é que só tinha olhos para ela.

— Está mesmo linda...

Capitu o encarou, notando, talvez pela primeira vez, o olhar de admiração, carinho e amor direcionado a ela. Sentiu-se querida, importante para alguém e um pequeno arrepio gostoso

percorreu seu corpo desde a base de sua coluna até a nuca. Era a primeira vez que se sentia assim perto dele e aquela sensação a confundiu.

Aquela proximidade era perigosa, ele sabia. Assim como sabia que não deveria avançar nenhum sinal. Mas foi inevitável se controlar quando focou a atenção nos lábios vermelhos e convidativos da moça. Nem mesmo um monge seguraria o impulso de beijá-los e, dessa vez, Tiberius não se conteve. Com o polegar, o homem tocou o rosto feminino e, quando Capitu fechou os olhos e suspirou, ele colou seus lábios aos dela delicadamente.

A princípio, o contato foi suave, carinhoso, ele queria apenas sentir o sabor daqueles lábios, mas o desejo contido por tantos meses finalmente escapou e o beijo se tornou uma explosão de sensualidade.

Capitu sentiu, com o coração aos saltos, a proximidade do corpo dele, o contato com seus lábios e a língua dele explorando sua boca. A mão do rapaz subiu até sua nuca e o beijo antes calmo, se tornou mais sedento, intenso e gostoso.

Tiberius explorava a boca da moça com a língua, sentindo a maciez de seus lábios e o gosto doce e chegou a gemer com o contato há tanto

PERIGOSAS ACHERON

esperado. Entregou-se àquele momento, mesmo sua mente pedindo que tivesse prudência. Ele sabia que deveria se afastar, mas a distância não era mais uma opção. Era impossível se arrepender do que estava fazendo quando sentia a entrega dela. Era difícil ser sensato quando sentia o mesmo desejo emanando dela, um sentimento avassalador, único que jamais havia sentido.

E ele estava certo, havia entrega em Capitu. Havia também um desejo que Capitu não desconhecia e que a fez ansiar por aquele beijo e por cada toque que recebia dele. Sentiu o beijo terminar com um leve roçar de lábios e deixou escapar um gemido de protesto.

Capitu demorou a abrir os olhos e a intensidade que enxergou naquele olhar, fez seu coração tremer, saltar no peito. Naquela íris amendoada, estava desejo, querer e talvez amor — mas, esse último, ela achou que era uma ilusão, um anseio do seu coração carente e não deu importância.

Num impulso, talvez motivado pela taça de vinho, ela o empurrou levemente e se pôs sobre o corpo masculino, enquanto Tiberius olhava cada

movimento seu com adoração e, dessa vez, foi ela que o beijou.

Ah, ele deveria parar, deveria contar o que sentia para ela, mas era incapaz de controlar o desejo crescente. A lascívia já tinha tomado conta dos dois, envolvendo-os em uma nuvem da mais pura luxúria, completamente entregues ao momento.

Tiberius a virou, colocando-a de costas sobre a manta, sem interromper o beijo. Suas mãos tinham vida própria e passeava pelo corpo de Capitu, explorando, procurando reconhecimento. Ele sugou a língua macia e a sentiu gemer, o gemido morrendo em sua boca. Ah, ele estava se segurando, mas todo e qualquer pensamento coerente se foi naquele momento.

Ali, deitados sobre a manta, os dois eram apenas um homem e uma mulher que queriam e precisavam provar o corpo um do outro. Famintos por contato, amor e prazer...

Ele sentiu as mãos dela entrarem por baixo de sua camisa, tentando tirá-la, e se afastou brevemente para se livrar da peça rosa. Voltou a beijar-lhe os lábios, não se demorando, espalhando

PERIGOSAS ACHERON

beijos por sua bochecha, indo de encontro a sua orelha e se deliciando com os gemidos que deixavam os lábios da mulher que amava.

Percorreu com a mão a extensão do corpo feminino e parou sobre as pernas nuas, no limite da barra fina do vestido levemente rodado. Tiberius não queria fazer algo de que se arrependesse ou a magoasse e, naquele instante, a olhou, buscando sua confirmação. Encontrou esmeraldas brilhantes fitando-lhe em um rosto afogueado com respiração acelerada, e um aceno foi o suficiente.

Afastou-se apenas para tirar-lhe o vestido branco de alças finas e a visão que teve lhe tirou parcialmente o ar. Teve de parar, ainda de joelhos e admirar o corpo deitado na manta.

— Você é linda, Capitu. Quero gravar essa imagem em minha memória para sempre...

— Ah, Tiberius... — sussurrou, vendo seu olhar de admiração e sentindo-se poderosa. Nunca tinha experimentado aquela sensação e a experiência foi sublime.

O corpo curvilíneo e a luz da lua a faziam parecer uma fada em meio ao aveludado vermelho

da manta e ele queria endeusar aquela mulher, queria provar cada pequeno pedacinho de sua pele e assim o fez. Ainda de joelhos, agora apenas vestindo a bermuda de linho, Tiberius pegou uma de suas pernas e levou à boca, beijando-lhe a panturrilha, subindo os lábios pela extensão da perna direita. Entre beijos molhados e mordidas, a pele dela se arrepiou com o contato áspero de sua barba, fazendo-o sorrir pelo efeito que sabia que causaria a ela.

Notou o corpo de Capitu se contorcer e retesar, quando alcançou a parte interna de sua coxa e sua boca salivou com o desejo de provar seu sabor mais íntimo. Deu uma leve mordida na pele macia e leitosa e subiu a boca em uma trilha de beijos molhados até o sexo já encharcado, ainda coberto por uma fina calcinha de renda branca. Inspirou o cheiro da moça, o que lhe tirou a razão. Tiberius mordiscou a carne sensível ainda sobre o tecido da peça íntima, sentindo-o encharcado com a excitação que provocara nela e, com ambas as mãos, tirou a pequena calcinha vagarosamente, descartando-a junto ao vestido.

O sexo encharcado, coberto por poucos pelos,

clamava por seu toque e ele pôs o polegar sobre o ponto sensível e vermelho entre as pequenas dobras, vendo-a fechar os olhos e gemer alto, entregue a cada sensação que lhe causava, cravando os dedos na manta embaixo de si. Voltou a beijá-la, deixando seus dedos passearem por cada dobra de sua vulva, explorando ora em seu clitóris, hora introduzindo o dedo na entrada escorregadia. Beijou-a ardentemente, sedento como um lobo que há muito não bebia, querendo cada vez mais.

Desceu seus lábios pelo pescoço macio e convidativo, até chegar aos seios pequenos, redondos de bicos rosados e os abocanhou, primeiro um, depois o outro, sem nunca desviar os olhos do rosto corado. Fazê-la gemer e se contorcer de prazer era sua nova missão de vida.

Capitu estava se deliciando com cada sensação e mergulhava de cabeça no prazer que sentia. Contorcia-se, enquanto Tiberius lambia o seio, mordiscando o mamilo entumecido e, com os dedos, massageava com maestria o clitóris inchado de prazer e desejo. Sentiu quando os beijos molhados em direção ao seu ventre e abriu os olhos, encontrando a íris de chocolate. Enfiou as

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos nos cabelos grossos e macios, segurando-os com certa força, tamanho o prazer que sentia.

Ele chegou ao seu sexo e o abocanhou avidamente e o mundo pareceu se despedaçar ao seu redor. Ela tinha perdido o chão e se contorcia, gemendo com loucura, completamente fora de si, quase chegando ao ápice do prazer. Sentiu a língua de Tiberius invadi-la e não se segurou, impulsionando o quadril para frente, querendo mais, sedenta por tudo que ele poderia lhe dar. Aquilo estava sendo muito melhor que em seu sonho erótico!

— Tiberius, eu vou... isso... ah, eu vou... — Não conseguiu terminar a frase.

Quando o orgasmo a atingiu, levou seu corpo à uma explosão única do prazer mais pecaminoso, libidinoso, voraz. Capitu se deliciou e aproveitou cada espasmo, cada tremor e gemeu, gritando o nome do homem responsável por aquela experiência indescritível.

Ele não parou.

Tiberius bebeu cada gota do prazer que escorria por sua vulva e voltou a fazer círculos com

PERIGOSAS ACHERON

a língua sobre seu clitóris sensível, sem lhe dar chance para recuperar o controle de seu corpo.

Capitu não imaginou ser possível se recuperar de um orgasmo tão rápido, mas estava pronta outra vez, gemendo e pedindo por mais, com pequenos tremores subindo por todo seu corpo. Quando achou que iria explodir novamente, Tiberius parou, fazendo agora o caminho inverso e indo até os lábios dela, sentindo-a mole nos braços do homem.

— Sinta como seu sabor é doce e viciante, moça... — disse, com olhos predatórios vidrados em Capitu.

Ele a beijou, fazendo-a sentir seu próprio sabor e a excitação daquele ato a fez esquecer a frustração por Tiberius ter interrompido o que estava lhe dando tanto prazer. Sentiu quando ele separou mais suas pernas, afastando-se brevemente e tirando as próprias roupas. Escorou-se em seus cotovelos e encarou com admiração o membro ereto do homem ajoelhado entre suas pernas, completamente nu, demorando-se na ereção com veias grossas em toda sua extensão. Foi impossível não salivar com aquela visão.

Tiberius voltou a beijá-la, roçando o membro

PERIGOSAS ACHERON

em sua entrada molhada e quente. Capitu gemeu com o contato em sua carne sensível, excitada e gritou de prazer, quando ele começou a penetrá-la, sentindo seu membro grosso forçando e pedindo passagem, enquanto ela se agarrava a ele, dando atrito a seus corpos suados e famintos. Seus gemidos cada vez mais altos morriam na boca dele em um beijo quente, delicioso e o medo de serem pegos ali não existia. Estavam presos em sua própria bolha de prazer, luxúria e queriam cada vez mais se perder um no outro.

Tiberius se movimentava ritmicamente, levando-a junto consigo em uma dança deliciosamente lenta. Estocava vagarosamente, enquanto a ouvia pedir por mais. Sorriu e, então, se virou, colocando-se de costas sobre a manta bagunçada, deixando-a sentada sobre seu membro, querendo assistir ao rosto de Capitu contorcido de prazer. Ela sorriu em resposta, e ele levou as mãos aos seus quadris, ajudando-a a se movimentar, impulsionou o quadril e estocou fundo, rápido, gemendo todo o seu prazer próximo ao ouvido dela que se mantinha com o tronco parcialmente sobre ele. Estava perto e queria levá-la consigo, queria que chegassem ao ápice juntos e senti-la gozar em

PERIGOSAS ACHERON

seu membro. Levou a mão ao ponto latejante entre as pernas dela e o massageou, assistindo com satisfação, à mulher jogar a cabeça para trás e chamar seu nome, parecendo perdida, pronta para se entregar ao prazer mais uma vez.

— Goze pra mim, moça. Deixe-me vê-la se contorcer de prazer, enquanto estoco duro em sua carne.

Ah, aquela voz e aquele comando foram a perdição de Capitu.

Tiberius a sentiu se contrair ao redor de seu membro, no momento em que Capitu cravava as unhas em seu peito e aumentava o ritmo da cavalgada, e ele se entregou ao gozo, levando-a consigo em uma nuvem de prazer onde mais nada existia.

O mundo deles parou por minutos, horas — não saberiam dizer —, enquanto seus corpos sofriam espasmos do orgasmo intenso que degustaram juntos.

Ainda montada sobre ele, Capitu se deixou cair exausta em seu peito e Tiberius a abraçou. Queria-a daquela forma, junto de si, para nunca

mais soltá-la. Sentia o suor escorrer e o peito arder por causa das unhas dela, e a satisfação o tomou por completo.

Capitu sentia os tremores do corpo se acalmarem aos poucos, devolvendo-lhe o controle de suas pernas ainda bambas. Ficou agarrada a ele, sentindo o leve carinho dos dedos de Tiberius em seus cabelos e o cheiro característico dele preenche-la.

Foi naquele momento, quando seu coração, mente e corpo estavam totalmente entregues e vulneráveis nas mãos dele, que aquela voz soou em sua cabeça — a mesma voz que insistia em lembrá-la de sua insignificância para o mundo, que conhecia muito bem. As dúvidas a tomaram, e ela se viu incapaz de respirar, presa ao abraço carinhoso dele.

Ele irá quebrar seu coração, reduzi-lo a pó. Você não o merece e não o fará feliz, sabe bem disso. Nunca foi suficiente para ninguém...

O que ela tinha acabado de fazer? Perguntou-se e a constatação jogou água fria, congelante em sua cara, trazendo-a de volta à realidade, e fazendo-a sentir o corpo esfriar em meio os braços fortes de PERIGOSAS ACHERON

Tiberius. Ah, como fora idiota...

Seguindo um impulso incompreensível, Capitu se afastou, saindo de cima dele e quebrando o contato dos corpos ainda nus, ao mesmo tempo em que se sentava na manta, incapaz de acreditar e processar o que tinha acontecido. Antes, se deixou levar puramente por desejo, mas agora, com a cabeça livre de tal sentimento....

O coração batia descompensado, querendo sair pela boca, sua pele estava arrepiada, a respiração acelerada, as pernas trêmulas. Deus do céu, o que estava acontecendo com ela, o que tinham acabado de fazer?

Não, não, não! Era Tiberius ali, não era para ter acontecido, não era para terem estragado tudo.

Tiberius também se sentou, aturdido pela rapidez com que ela o empurrou e saiu de seu abraço. Fitou as costas da mulher à sua frente, tentando buscar a razão, a mesma que o avisou para parar e não avançar o sinal.

Arrependeu-se por não ter falado primeiro de seus sentimentos e passado segurança à mulher, dizendo que ele a queria ao seu lado. Tentou tocá-

la, mais foi impelido quando Capitu se levantou de súbito, pegando a roupa no chão de qualquer jeito e vestindo-a com uma rapidez espantosa, sem sequer olhá-lo.

— Eu, eu preciso ir...

Ah, aquelas palavras o atingiram com a força de um saco de concreto arremessado do vigésimo andar de um edifício, esmagando seu coração e trazendo temor à sua alma.

— Capitu, não vá assim, me deixe explicar, vamos conversar... Por favor, me espere — pediu, levantando apressado e buscando as próprias roupas.

Ela não lhe deu ouvidos, virando-se de costas e correndo de volta para o chalé.

Continuou a olhá-la já longe, e a constatação de que fugia dele físgou seu coração como um anzol pontiagudo.

Capítulo 21



“O medo de se entregar e ser feliz pode afugentar até mesmo o amor mais puro. “

Não há muito a fazer quando, em seu peito,

você alimenta o medo, a autocomiseração e a ilusão de que não merece ser feliz. Não há o que fazer quando você não é capaz de abrir seu coração para um novo amor ou até mesmo uma nova vida. E não há saída, quando você mesmo consegue convencer o mundo ao seu redor de sua própria incapacidade de se entregar, amar e ser amado.



Tiberius ficou nervoso e frustrado ao vê-la se afastar. Passou as mãos pelos cabelos, tentando recuperar o controle, pôr a cabeça no lugar. O que fizeram talvez a tivesse deixado confusa, mas não era possível que Capitu não desconfiasse do que ele sentia, que não notasse o quanto a queria.

Mas, apesar da clareza dos seus sentimentos, Tiberius devia ter se controlado. Ele sabia que aquele momento poderia ser confuso para Capitu e, mesmo assim, seguiu em frente e agora tinha

PERIGOSAS ACHERON

colocado em risco todo o progresso que havia feito com ela.

Irritado, ele perdeu a paciência, chutando a garrafa de vinho para longe de si e caminhando a passos rápidos atrás dela, enquanto vestia a camisa.

Falaria com Capitu e explicaria de uma vez que ela era a mulher que, ao longo dos meses, preencheria seu coração, povoara seus sonhos e que ansiara pelo dia em que a teria em seus braços, como acabou de acontecer.

Entrou no chalé a procura de Capitu e viu que a porta do quarto dela estava fechada. Caminhou até o batente e bateu, forçando a maçaneta em seguida e percebendo a porta trancada. Aquilo só podia ser brincadeira.

— Capitu, abra a porta e vamos conversar. — Ele não obteve resposta. — Cá, eu preciso explicar que ...

— Não tem nada a explicar. — A voz dela abafada o cortou. — E por favor, Tiberius, me deixe sozinha.

— Não pode fazer isso, é claro que temos o que conversar, mais que isso na verdade. Me deixe

entrar, por favor, fale comigo — pediu, encostando a testa na madeira fria. — Por favor, Capitu, me deixe entrar.

— Não quero ouvir nada agora, por favor... Amanhã conversamos, só me deixe sozinha, Tiberius... Eu só preciso ficar sozinha.

Ele nada poderia fazer quanto ao que acabara de ouvir a não ser lhe dar tempo.

Ficou em pé, encostado na porta, o silêncio devorando-o por dentro, corroendo suas entranhas. Ainda levou a mão à madeira para bater mais uma vez, tentar de novo, mas a deixou cair rente ao corpo. Ela lhe pediu tempo e ele daria, só não sabia como acalmaria seu coração naquela noite.

Capitu sentiu a apreensão na voz masculina ao pedir que o ouvisse, mas ela não queria. Estava confusa com a intensidade de sentimentos comprimindo seu peito.

Estava tudo perfeito, por que ele tinha que beijá-la? E por que ela retribuiu aquele beijo e foi além? Não, ela não podia lidar com aquilo, não agora. Não era o que queria, estava perfeito como estavam, apenas bons amigos. Em sua cabeça, não

PERIGOSAS NACIONAIS

entrava a ideia de que ele poderia sentir alguma coisa por ela, pois não se considera suficiente para ele, ou para qualquer outro homem.

Sabia de suas limitações e seria obrigada a conviver com elas. Não queria condenar ninguém a isso, era um fardo pesado demais e ela achava que ninguém conseguiria suportá-lo, por isso preferia ficar sozinha. Não queria ser abandonada outra vez, por isso se resguardava.

Mas algo gritava em sua mente que estava errada, ao mesmo tempo que ouvia aquela voz outra vez, insistindo que ela não era digna de amor.

Deitou-se na cama, encolhendo-se em posição fetal após se livrar das roupas e tomar banho, sentindo o peso de cada pensamento e sentimentos sobre si. Era uma bagunça... ela própria reconhecia.



Capitu não conseguiu dormir naquela noite e

PERIGOSAS ACHERON

viu o amanhecer sentada na cama, ao lado de sua mala já pronta, criando coragem para sair do quarto e vê-lo. Estava ainda mais confusa. A noite em claro em nada a tinha ajudado com isso e ali, em seu corpo, Tiberius tinha deixado sua marca, tornando impossível esquecê-lo. Podia sentir até mesmo sua pele queimar, sedenta por cada toque dele, o prazer... A noite tinha sido ótima, mas ela temia que Tiberius a considerasse apenas um brinquedo, como Lucas fizera.

Para Tiberius, a noite não foi muito diferente. Também não dormiu quase nada e se torturou com a culpa que esmagava seu peito. Estava sentado na pequena área em frente ao charmoso chalé naquela manhã, ansioso para falar com ela e tentar remediar o estrago que fizera.

Olhou sua bolsa ao lado de onde estava sentado, já com tudo pronto. Imaginava que Capitu não gostaria de esperar até depois do meio dia, como haviam planejado, por isso, tinha se adiantado e encerrado a reserva na pousada. Ela ainda não tinha saído do quarto e aquilo começava a preocupá-lo. Perguntou-se o que aquela noite significaria para ela e temeu que, de alguma forma,

aquele evento pudesse fazê-la regredir no tratamento da doença. Ela estava indo tão bem, esforçando-se tanto e ele não queria de forma alguma ser a causa de uma crise ou recaída.

Ele só queria amá-la, mas agora estava com medo de tê-la prejudicado.

Ouviu a porta do quarto dela se abrir, e, quando olhou naquela direção, Capitu estava saindo, arrastando sua mala, como ele havia imaginado.

— Bom dia! — disse ela, tentando parecer normal e falhando miseravelmente, pois nem ao menos conseguia olhar no rosto do homem.

— Bom dia, Capitu. Imaginei que não fosse tomar café da manhã junto com os outros hóspedes, então preparei um prato para você.

Ouvir aquelas palavras dele a deixou aliviada. Queria ir embora, mas tinha receio de que Tiberius quisesse ficar até depois do meio dia para fazerem um último passeio na cidade. Viu-o se levantar e se aproximar, fitando-a, mas ela não sustentou o seu olhar.

— Vou colocar as malas no carro, te espero lá

— disse, parecendo incomodado, tomando a mala de sua mão e saindo em direção ao carro.

Olhou em cima do pequeno balcão que servia de mesa e se aproximou do café da manhã que ele se preocupou em trazer para ela. Tinha pães e queijo, tudo o que gostava, Tiberius realmente a conhecia bem. Pegou um pão doce pequeno, servindo-se de café e comendo ali mesmo, ainda de pé próximo ao balcão. Não sabia se conversariam, mas sentia seu coração se apertar em antecipação.

Sabia que a amizade dos dois estava ameaçada, nunca mais seria a mesma e pior, sentia que seu coração queria irremediavelmente apagar a noite de ontem — por mais deliciosa que tivesse sido. Tinha adorado estar nos braços dele, mas não queria que aquele rompante momentâneo estragasse a relação deles.

Terminou de comer, deixou o copo sobre a pia e saiu, levando apenas a pequena bolsa de lado. Ao longe, o viu e aproveitou esse momento para estudá-lo. Estava encostado no carro ao lado da porta do carona, vestindo uma calça preta rasgada acima do joelho, tênis e camisa vermelha, mantendo a cabeça baixa, fitando os pés em uma

postura derrotada, séria, que ela ainda não tinha visto.

Viu quando ele notou que se aproximava e aprumou o corpo, abrindo a porta em seguida para que ela se acomodasse.

— Obrigada — praticamente sussurrou ao passar por ele, sentando-se na poltrona do carro. Estava nervosa, o coração aos saltos.

Tiberius deu a volta pela traseira do carro e sentou ao volante, ligando o automóvel, o ar fresco pelo ar condicionado invadindo o ambiente. Parou e a olhou fixamente. Precisava falar com Capitu, e seria melhor antes de pegarem a estrada, não aguentaria uma viagem naquele clima.

— Sobre ontem, Capitu...

Ele até tentou, mas Capitu o parou, virando-se parcialmente em sua direção e começou a falar, atropelando as palavras:

— Vamos deixar as coisas como estão, Tiberius. Somos adultos, podemos lidar com isso. A viagem foi maravilhosa, e eu agradeço de verdade pelo convite. O que aconteceu ontem foi por causa do clima, o lugar, o vinho. Tudo era

propício a romance e nos deixamos levar... acho que foi isso.

— Olha Capitu, não sei o que acha que aconteceu, mas não foi pelo momento, foi...

— Não precisamos fazer tempestade em um copo de água e nem relembrar aquele momento constrangedor. Vamos apenas deixar como está, sim? — Ela estava se saindo um completo desastre.

Espera! Ela disse constrangedor? De fato, a emenda estava saindo muito pior que o soneto. Talvez não fosse o momento certo, mas daí a constrangedor... Bom, não foi constrangedor para ele, pelo contrário, o que tiveram aqueceu seu coração e alma. Tudo foi... doce, incomum, precioso para ele e agora, ali estava Capitu, diminuindo o que havia acontecido.

— Somos amigos, saí de um relacionamento há pouco e ontem à noite foi um erro. Não precisamos dar tanta importância assim ou... podemos até mesmo dar um tempo... — Não queria, mas talvez fosse preciso se afastar dele.

— Dar um tempo? — perguntou, tentando entender o que jorrava da boca dela. Sentiu vontade

de sacudi-la pelos ombros. Que diabos ela estava falando?

— Sim, eu acho que seria melhor dar um tempo para colocarmos a cabeça no lugar.

— Certo, moça. Vamos pegar a estrada, parece que vai chover — ele a interrompeu, dessa vez, tinha entendido bem.

Foi como ele previa no fim das contas. Suas ações apressadas prejudicaram a relação deles e agora Capitu queria distância. Tinha avançado o sinal e perdido até mesmo o posto de amigo.

Mas talvez ela tivesse razão. Ele sempre soube que o coração dela pertencia a Lucas e tinha chegado a hora de parar de insistir e tentar arrumar sua vida sem pô-la no centro de suas prioridades. Ele sempre a apoiaria e tentaria ajudá-la com a doença, mas tinha que pensar em si e tentar recobrar seu autocontrole.

Aquilo foi uma má ideia, desde o início. Errou ao ficar ao lado dela naquele hospital, ao bater em Lucas, ao cercá-la com sua amizade, ao deixar que o sentimento dentro de si tomasse proporções tão esmagadoras.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas agora estava na hora de acertar. Talvez aquele tempo fosse mesmo necessário para os dois.



Três horas depois, Tiberius estava estacionando em frente ao prédio de Capitu enquanto ela dormia profundamente. Ele apenas tocou seu braço de leve e ela acordou. Tiberius não perdeu tempo, saiu do carro, indo até o porta-malas e pegando a mala da moça, enquanto ela, sonolenta, abria a porta do carro.

— Bom, está entregue, moça.

— Não quer subir? — Estava tentando ser educada, tentando manter as coisas como eram, pensando que talvez tenha exagerado em pedir um tempo. Uma pena...

— Melhor não. Fomos mesmo longe demais ontem à noite, sem falar que você nem ao menos consegue olhar para mim, Capitu.

PERIGOSAS ACHERON

Ela o encarou, pela primeira vez de verdade naquele dia. Tiberius se aproximou dela, segurando seu rosto entre suas mãos, sustentando o seu olhar.

— Você é uma pessoa especial, Capitu. É linda, meiga, delicada, um ser humano incrível e único, não deixe que digam nunca o contrário. Não deixe que a convençam de que não é capaz. Você é perfeita, moça, acredite em mim! — disse, querendo que ela se visse, como ele a via.

Tiberius se aproximou, deixando um beijo em sua testa de forma carinhosa e em seguida, roçou levemente os lábios sobre os dela em um carinho gostoso de se sentir.

Capitu sentiu o peito apertar, pois aquilo parecia uma despedida, não uma despedida qualquer entre amigos ou até mesmo de quem daria um tempo, não. Mas uma despedida final, um adeus. Ela queria mesmo aquilo?

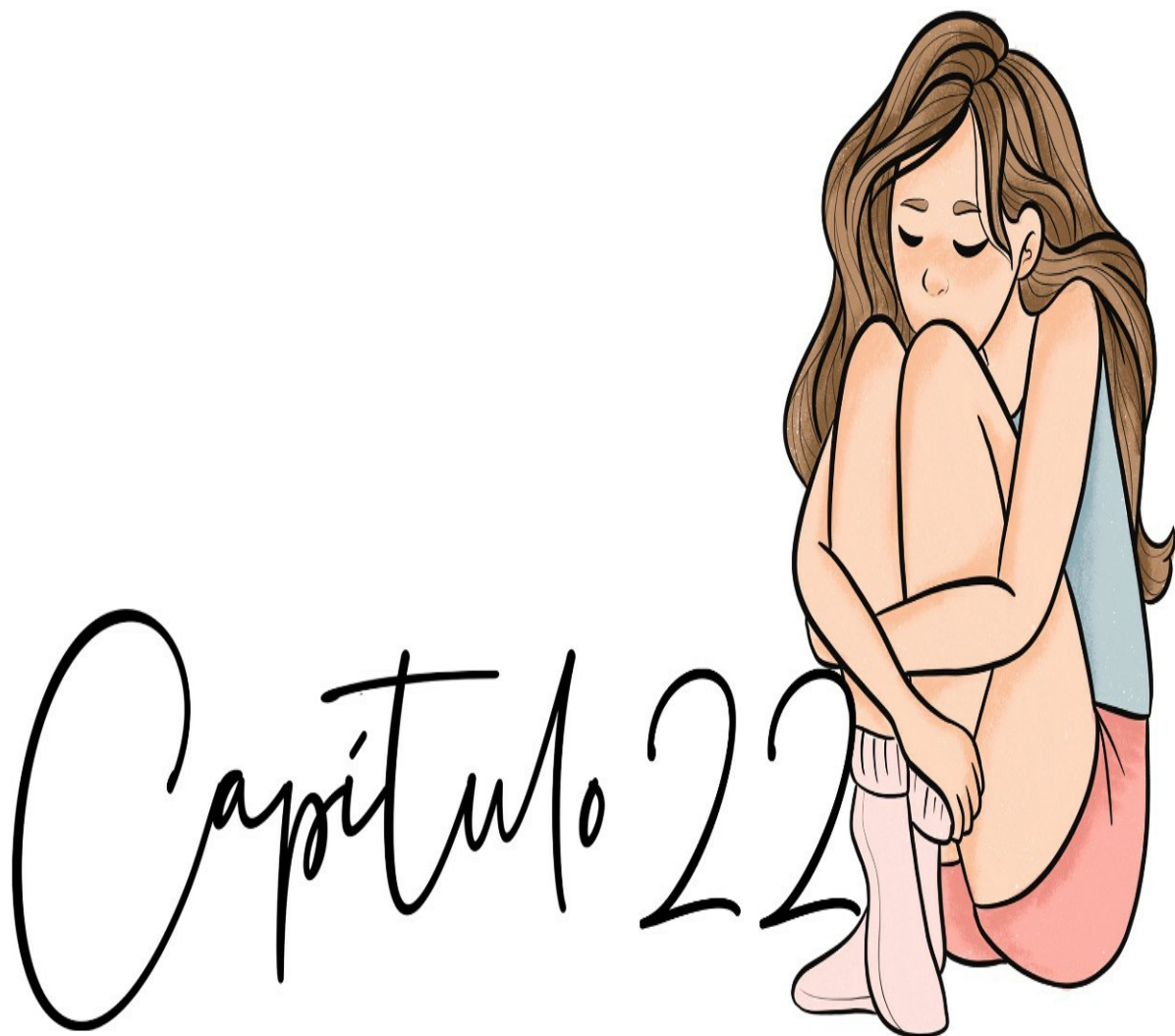
Por um minuto achou que sim, mas então, por que sentia como se seu coração estivesse sendo arrancado do peito quando o viu lhe dar as costas, entrar no carro e ir embora? Por que parecia que seu coração sangrava e se apertava no peito, dando a impressão que acabara de perder alguém mais que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

precioso, mais que um amigo...

PERIGOSAS ACHERON



***“Como deixar ir quem se ama? Como dizer
ao seu coração que o melhor a fazer é esquecer,
quando tudo o que quer é ter esse alguém
entregue em seus braços?”***

Desistir também pode ser uma prova de amor. Saber quando algo já está perdido a ponto de se retirar, é fundamental, mesmo quando algo dentro de si, ainda grita para que continue a lutar, para que não desista do amor. Mas é sábio pular do navio antes que ele afunde, o difícil é convencer seu coração a ser racional e congelar o amor pulsando em seu âmago, deixando para traz uma tripulação de recordações.



Era mesmo uma despedida, estava dizendo adeus a Capitu e ao sentimento que o quebrava por dentro, o esmagando com força. Tinha ido de um final de semana perfeito, para um completo desastre.

Antes de estacionar seu carro em frente ao prédio de Capitu, Tiberius ainda pensou em argumentar, tentar mais uma vez conversar, mas por fim, acabou desistindo e acalmando seu

PERIGOSAS ACHERON

coração que, naquele instante, gritava para que ele colocasse para fora todo o amor que estava guardado.

Chegou em sua casa minutos depois e olhou ao redor, vendo que estar sozinho já não era tão bom assim, percebendo que a solidão agora o incomodava. Sentia falta de algo que nunca tivera e essa saudade o machucava.

Foi direto para o quarto, deixando a mala no chão próximo à porta. Sentou-se na cama e pescou o celular em seu bolso, desbloqueando a tela e abrindo a galeria de fotos. Tinha agora, em mãos, um arsenal de fotos tiradas de Capitu na praia, no chalé, na piscina, em todos os lugares que estiveram em Angra. Hora ela despercebida, hora fazendo pose, rindo ou fazendo careta para a câmera que ele apontava. Parou em uma foto que lhe chamou a atenção em especial, essa, foi ela mesma quem tirou enquanto estavam deitados na rede no deck, antes do fatídico episódio que os levou até ali, antes do desastre eminente. Capitu sorria e parecia feliz, enquanto ele a olhava com um sorriso bobo e apaixonado. Sentiu o peito querer explodir ao apertar o botão para excluir

todas as fotos, desistindo na confirmação e jogando o aparelho de qualquer jeito sobre a cama.

Levantou-se contrariado e desceu as escadas, indo direto para a biblioteca, talvez o lugar o ajudasse a se acalmar. Entrou na sala onde guardava o que considerava serem seus maiores tesouros e sentou na cadeira de escritório, colocando os cotovelos sobre a mesa e descansando a cabeça entre as mãos, ficando assim por um longo tempo, apenas pensando em Capitu e em como tudo tivera deslizado pelo ralo.

Recostou-se na cadeira acolchoada, pegando um livro que estava sobre a mesa. Era *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, cuja protagonista tinha o mesmo nome de sua amada. Aquele livro não saía de sua mesa, pois trazia à sua mente lembranças de uma pessoa em especial. Era sua irmã, que adorava o livro e o autor em questão, devorando todas as obras ainda muito jovem.

O livro em suas mãos era de Letícia, Tiberius o guardou como recordação. Assim como ele, Letícia era uma leitora ávida, mas nem a leitura foi capaz de salvá-la, protegendo-a do mundo de tristeza em que vivia. Segurou o exemplar entre as

mãos e, do livro, caiu um pequeno pedaço de papel. Tiberius o pegou, sabendo o que era e como sempre fazia em momentos como aquele, abriu o papel bem dobrado, olhando o zelo da letra cursivas e o leu talvez pela milionésima vez.

Oi Tb, tudo bem, meu bombom?

Ele riu, como sempre fazia ao ler a primeira frase escrita por ela. Podia ouvir até mesmo a voz risonha, espalhafatosa, bem-vinda aos seus ouvidos.

Sei que está chateado, magoado e triste comigo, mas também sei que, se existe alguém capaz de me entender, esse alguém é você. Sabe, irmão, eu quebrei nossa regra e me apaixonei, me deixei levar pelo coração, imaginando que iria viver o doce gosto do amor... Mas não vivi e o que experimentei não alimentou minh'alma, como eu tanto esperava.

Mas isso já não importa, não é? A verdade é que em meu peito arde o mais puro dos desesperos

e não sei mais como aplacá-lo... Eu tentei e sei que acreditarás em mim, mas minha força se esgotou, TB. Eu caí e o amor que experimentei, como já dizia Machado, foi apenas o egoísmo duplicado, e me machuquei mais que poderia suportar. Achei que ao experimentar o doce gosto do amor, me livraria do medo, da sensação de impotência, de não ser ninguém, de não ter um lugar no mundo, mas não foi bem assim. O amor amargou minha boca, minha vida ainda mais e me fez perecer.

Não quero que sofras por mim, encontrarei meu acalento na morte, ela será meu refúgio e fugirei da tirania do mundo, do egoísmo do amor e da tristeza que jaz em minh'alma quebrada. Ah, irmão, meu doce irmão, o desespero é grande demais, os demônios vivem em mim, não me deixam dormir, comer e nem viver e eu não sei mais o que fazer. Não posso me livrar deles pois parece que tomaram conta de tudo em mim, são parte do que sou.

Não fiques triste, pois, para onde irei, estarei livre da dor... ou assim espero... assim diz a voz em minha cabeça...

Sobre mamãe, diga que a amo como nunca

amei outro ser e continue a fazer o que sempre fez, que foi cuidar de nós. Sei do futuro brilhante que o espera, do homem íntegro que mamãe criou com orgulho e que, um dia, fará história e será o melhor médico do Rio de Janeiro. Tenho fé em você TB, não me decepcione e não me odeie por não me despedir. Jamais conseguiria ir se olhasse em seus olhos, se visse o amor que tanto dedicou a mim. Por favor, me entenda, irmão. Aqui, deixo-te minhas lágrimas, minha dor, meu consolo e meu amor, pois estarei para sempre contigo, onde quer que estejas.

Da sua pequena, Let. Eu te amo, meu bombom...

Não me odeie...

A lágrima escorreu ganhando sua face e a dor da saudade apertou seu peito mais uma vez, como sempre acontecia quando lia aquele pedaço de papel. As palavras de Letícia tinham o poder de esmagá-lo! Era estarrecedor, pois ainda não acreditava que sua Let fora a mesma que escreveu aquela carta de despedida em desespero e que, na

calada da noite sozinha em seu quarto, se enforcou...

Doía-lhe, lhe doía os ossos por não ter percebido nada, por não ter ajudado sua única irmã... e isso, ele jamais poderia superar. Tiberius não a odiava, de forma alguma, mas a tristeza, a saudade, a dor, ele não era capaz de controlar. Olhou novamente o papel velho em suas mãos, vendo-o marcado por gotas de lágrimas e o guardou dentro do livro novamente, como quem guardava um tesouro. Sim, ela era mesmo seu tesouro, considerava-a sua melhor parte e a perdera.

Enquanto se perdia em lembranças de uma infância e adolescência feliz ao lado de sua irmã, ele não conseguiu impedir de comparar Letícia e Capitu e toda o sofrimento que elas tinham enfrentado por causa de um amor mal correspondido. Fechou os olhos, tentando limpar a mente, se controlar para não sair pela porta e ir ao encontro dela, implorando por uma chance para falar o que sentia.

Nada parecia adiantar e, para piorar, lembranças do momento íntimo que tiveram vieram a sua cabeça. Irritou-se e se levantou, subindo para

o quarto em busca de um banho. Precisava descansar da noite mal dormida, amanhã seria outro dia...



Na segunda bem cedo, ele já estava acordado e pronto para o trabalho. Foi para o hospital após resgatar Tita no *petshop* e deixá-la instalada em casa e, pelo resto do dia, tentou, a muito custo se concentrar no trabalho, sendo a única coisa capaz de manter-lhe o foco. Não foi ao café naquela manhã, pois se queria mesmo manter distância, tê-la tão próxima não o ajudaria em nada, por isso, abriu mão da cafeteria. Manteve a cabeça mergulhada em seus pacientes e algo parecia trabalhar em seu favor, já que sua agenda estava lotada.

Terminou o dia sentindo-se cansado e, quando enfim parou, não pôde impedir os pensamentos de viajar de encontro à moça e quis saber como ela

PERIGOSAS ACHERON

estava. Tiberius tinha desistido de alimentar o amor por Capitu, mas não de se preocupar com ela. E por isso, se mantinha inquieto, sentado em sua sala, preocupado com as consequências do que tinham feito. Pensou em ligar para Carolina, perguntar por Capitu, mas ponderou que seria melhor não o fazer, pois não sabia o que a moça dissera à prima. Olhou o celular sobre a mesa e seus dedos coçaram para mandar-lhe uma mensagem. Só queria saber se estava bem, pois não abria mão da preocupação e carinho que sentia por ela.

Pensou que podia ligar apenas para perguntar como passou o dia, mas logo esse pensamento caiu por terra, pois queria respeitar o tempo que a mulher lhe pediu. Além do mais, esse tempo lhe serviria para acalmar os próprios sentimentos e o amor que nutriu por ela. Depois, poderiam, quem sabe, voltar a serem amigos, mas por hora, queria a todo custo acalmar seu coração — uma tarefa quase impossível após a forma que amou e venerou o corpo de Capitu na praia.

Lembrou-se da consulta semanal que ela mantinha nas segundas com a psicóloga e não se conteve ao pensar em ligar para Daniele e

perguntar se Capitu tinha ido à consulta naquele dia. Sim, podia parecer falta de ética profissional, na verdade era, mas não pôde se controlar.

— Oi, Daniela, aqui é o Tiberius, como vai?
— disse assim que ela atendeu.

— Estou bem e o senhor, como vai doutor?

— Sem o senhor ou o doutor, por favor, e vou bem, obrigada. — Deu uma pausa, tentando ter um gancho para começar aquela conversa.

— Como queira e a que devo a honra? — disse a voz feminina cordial e delicada, como era de costume. — Quer saber o andamento de algum paciente? — perguntou.

Quando era necessário, ele fazia indicações de psicólogos aos seus pacientes e era comum procurar saber como estavam os casos mais complicados, por isso deu graças a Deus por ela entrar naquele assunto, sentindo-se mal por usar seu trabalho como desculpa para saber se Capitu estava bem.

— Sim, quero. Gostaria de saber se Capitu Moreira está indo às consultas semanais...

— Sim, está sim. Hoje mesmo tivemos uma
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sessão. — Quase suspirou de alívio. — Estamos progredindo bem, apesar de ela não se abrir completamente ainda. Mas Capitu é uma das pacientes que tenho fé que chegaremos ao Q da questão. Acredito que ela conseguirá se entender e melhorar sua qualidade de vida.

— Claro, claro, fico feliz em saber...

— Achei que ela era paciente da doutora Marta.

Ele quase engasgou, era péssimo em mentir e inventar desculpas.

— Na verdade, seu primeiro contato foi comigo, mas sim, hoje ela é paciente de Marta, mas eu quis saber como estava indo.

— Muito atencioso de sua parte, doutor, e fique tranquilo, estamos indo bem. — Ela parecia admirada e ele sentiu vergonha de si, sendo invasivo daquela forma e prometeu nunca mais fazer algo assim.

— Bom, era isso. Obrigada pela informação e atenção, Daniele.

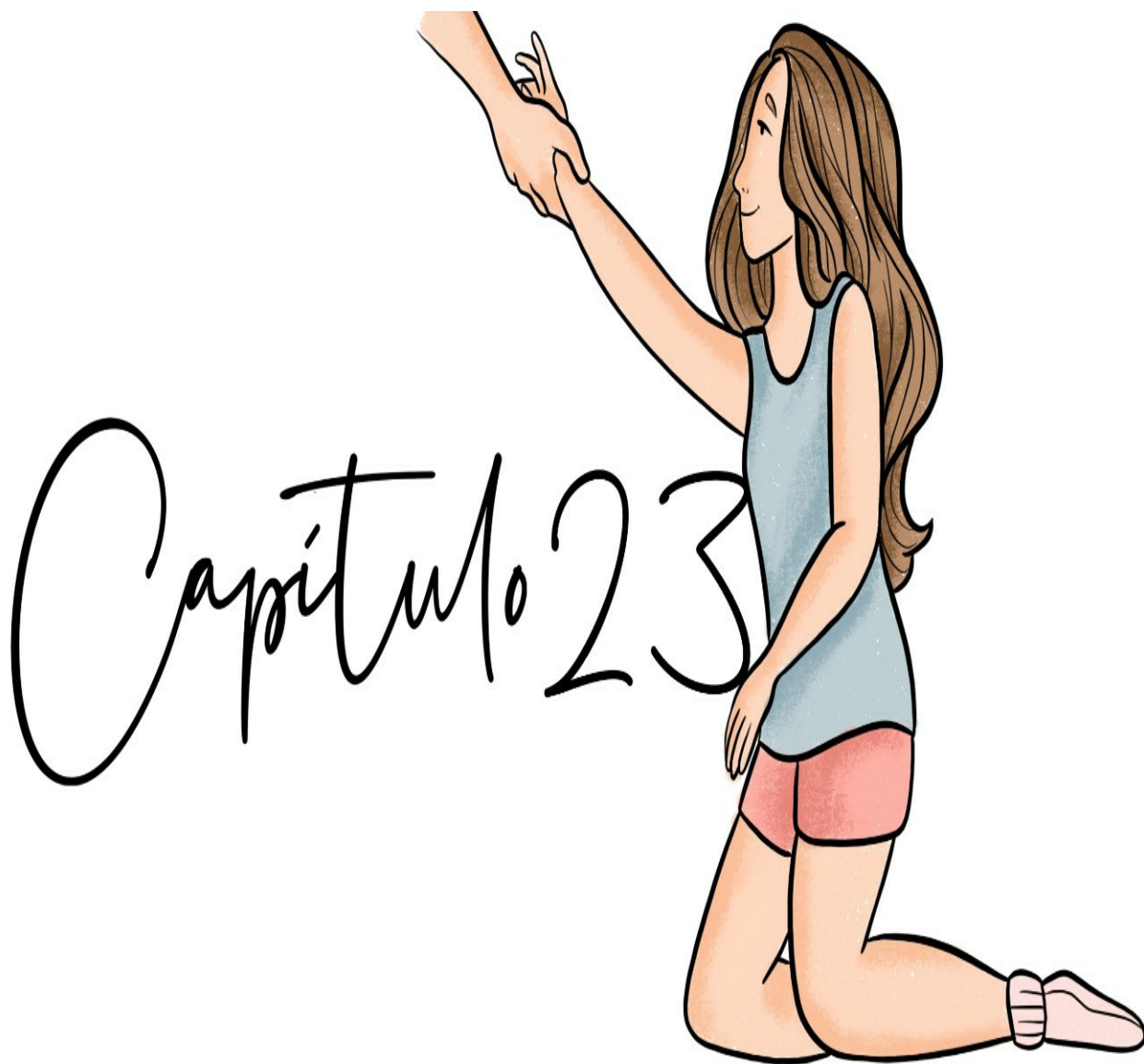
— De nada, sempre que precisar é só ligar.

PERIGOSAS ACHERON

Ele jogou o celular sobre a mesa após desligar e levou as mãos aos cabelos. Aquela era a segunda vez que quebrava suas próprias regras e pela mesma pessoa. Apesar disso, se tranquilizou com relação a Capitu, apesar de, em seu peito, queimar a dor de tê-la perdido.

Ficou sentado, fitando a parede branca do outro lado da sala por horas a fio, pensando em cada momento que tiveram, em suas risadas, seus trejeitos, seu medo de andar de barco em alto-mar e de como se agarrou a ele durante aquele passeio, da confiança que lhe dedicara. Por mais que tentasse, não conseguia se desprender dos sentimentos, dos pensamentos e era doloroso pensar que a teve em seus braços, que a amou loucamente, só para perdê-lo no minuto seguinte.

Ele tentava se convencer de que estava no controle, mas era só fechar os olhos que Capitu voltava à sua mente...



“Certa vez, ouvi que o pior cego é aquele que não quer ver... Tal ditado popular se encaixa como uma luva em nossa história.”

Em algum momento, a venda é tirada dos seus

olhos. Nada, absolutamente nada, perdurará para sempre, nem mesmo a cegueira, seja ela por obra do destino ou simplesmente por não querer enxergar o que está bem à frente dos seus olhos, Só esperamos que, quando a venda cair, não seja tarde demais.



Três dias havia se passado, três dias que tinham voltado e Capitu ainda não tivera notícias de Tiberius, nem o encontrara no café naquela manhã, quando, enfim, tomara coragem de sair de casa. Foi a primeira vez, desde que se conheceram, que ele não estava lá, tomando seu sagrado café e, segundo Jane, Tiberius também não tinha aparecido nos últimos três dias. Com essa notícia, Capitu suspirou, perdendo até mesmo a fome e sentindo o peito apertar.

Nos dias em que passou reclusa em casa, indo apenas para o trabalho, não tinha conseguido parar

PERIGOSAS ACHERON

de pensar no momento íntimo que tiveram, não parava de se lembrar dos dias que passaram juntos. A verdade é que sentia sua falta, até mesmo das suas mensagens diárias de *bom dia*. Seu coração estava apertadinho e tinha deixado de negar que aqueles sentimentos eram mais que só amizade.

Levantou-se e entrou no café à procura de Carol. Sentia-se estranha, algo novo estava comprimindo-a, algo que não sentiu nem mesmo por Lucas. Deu duas batidinhas na porta do pequeno escritório e entrou, encontrando a loira com um tipo de planilha nas mãos e óculos de leitura no rosto fino.

Quando a viu, Carol se levantou com uma expressão alegre e foi em sua direção, dando-lhe um abraço apertado. Estava com saudades.

— Ei, garota, quando voltou? A viagem deve ter sido boa mesmo, decidiram até mesmo esticar... Ah, agora senta aqui e me conta tudo, quero saber até os mínimos detalhes como: tamanho, espessura, tudo... — Ela arrastou Capitu e a fez se sentar na cadeira em frente à mesa, puxando outra cadeira para si. — Tiberius está lá fora? Não vi vocês chegarem. Já tomaram café? Claro que já

tomaram... Agora anda, conta, Cá, como foi tudo? Vocês enfim saíram da zona do zagueiro? Vocês transaram, Capitu? — perguntou de uma vez, sem pausas para respirar vendo a expressão nervosa tomar o rosto da mulher à sua frente.

— Calma, Carol, são perguntas demais!

Só aí, Carol percebeu que Capitu não parecia alguém que acabou de voltar de Angra e menos ainda alguém que tivera um final de semana quente.

— Por que essa cara, hã? Não vai me dizer que não deu certo... — perguntou, vendo Capitu abaixar o olhar.

— Foi tudo maravilhoso, Tiberius foi perfeito, Carol, perfeito mesmo...

— Então...

— O lugar que ele reservou era lindo, os passeios, a praia, tudo. Ele planejou tudo nos mínimos detalhes. Tivemos até um piquenique à luz da lua...

— Aí que sonho...E qual o problema, Cá? Ele não compareceu na hora H?

Deus do céu! A mulher só pensava neles

transando?

— Carol, pelo amor de Deus! — repreendeu a prima, abaixando o olhar e decidindo contar. — Não, claro que não foi isso. E se quer tanto saber, sim, nós transamos, foi na praia depois do piquenique à luz da lua e eu surtei e saí quase correndo de volta para o chalé, quando tudo acabou. Foi isso! — derramou de uma vez sua frustração, vendo a mulher à sua frente abrir a boca sem nada a dizer. — Eu não esperava, éramos apenas amigos e, de uma hora pra outra, o clima mudou, tudo parecia mais quente, mais úmido, mais... febril e foi quando ele me beijou! E o beijo? Carol o beijo foi perfeito, como aqueles que a gente lê nos livros, onde o homem começa calmo, explorando e depois, a gente sente o tsunami no estômago, porque vamos convir, borboletas é que não foram e aí... — Parou para respirar e suspirou audivelmente.

— Aí?

— Foi tudo maravilhoso. Aconteceu e ele foi atencioso, amoroso cuidadoso comigo. Aquele homem me fez sentir prazeres que... e eu, bom eu...

— Você surtou — disse pasma, jogando-se no
PERIGOSAS ACHERON

encosto da cadeira.

— Isso! Eu tive medo do dia seguinte e de estarmos estragando algo que já era bom... Aí Carol, eu não sei. A verdade é que, no fundo, eu não acredito que ele quereria um relacionamento e eu não sou alguém para uma noite, eu me apaixonaria, eu sei disso. E no outro dia...

— No outro dia...

— Ele quis conversar e eu não deixei. Chamei o momento lindo que tivemos de constrangedor, Carol. Eu disse a ele que éramos adultos e que devíamos deixar as coisas como estavam, falei até em tempo!

Ela estava parecendo desesperada aos olhos atentos de Carolina, desespera e confusa.

— E ele? — A expectativa da loira era genuína.

— Ele aceitou, simplesmente aceitou, não que eu esperasse algo diferente dele, eu só... — Parou de falar, olhando para nada em especial, tomando fôlego. — E viemos embora antes do horário que havíamos combinado. Não falamos no assunto até chegarmos em frente ao prédio, não falamos nada.

Deus como eu fui idiota... Ele apenas se despediu, dizendo que eu nem conseguia olhá-lo, e eu não conseguia mesmo, e então, ele se foi. Mas não foi uma despedida comum, foi como um adeus ou algo assim...

Terminou o relato corrido, mordendo o canto da unha, com o rosto contorcido em confusão, pois, durante todo o tempo que passou sozinha, em momento algum conseguiu decidir se o que tinha feito era certo, pelo contrário.

— E não se falaram mais desde ontem?

— Isso foi há quatro dias, Carol!

— Vocês voltaram há quatro dias?

— Sim, e desculpa não ter avisado, eu queria ficar sozinha e pensar no que aconteceu.

Ambas permaneceram em silêncio, Carol não sabia o que dizer. Tinha apenas vontade de bater o enfeite de mesa na cabeça de Capitu e abrir os olhos da prima. Não era possível que fosse tão cega assim.

— Sinto falta dele. Das conversas, das risadas, sinto falta até mesmo do som rouco e delicado de sua voz. Eu sou uma contradição!

— É sim! — disse firme, atraindo a atenção de Capitu. — Não imagino o que ele deve ter sentido quando você disse a ele que o que tiveram foi constrangedor. Eu mesma estou com vontade de socar a sua cara, Capitu. Como pôde dizer isso?

Capitu se assustou com as palavras da loira.

— Ah, Carol, não começa você também, não sabe o quanto estou arrependida. Mas ele, mais que qualquer um, sabe de minha condição e do quanto seria difícil um relacionamento entre nós. Ele me viu tentar cometer suicídio, sabe mais que ninguém o que carrego aqui dentro, ele não ia querer alguém com tanta carga, com tanto peso assim. Isso se houvesse a chance de um relacionamento entre nós.

— Isso não é você quem decide. E só você mesmo pra ser cega e não notar o que aquele homem sente por você. — Carol tinha prometido a si mesma não interferir, mas, naquele momento, estava difícil cumprir se manter calada. — O que mais admiro nele é exatamente isso. Mesmo sabendo disso tudo e vendo toda a sua fragilidade, ele te quis e se apaixonou por você.

— Você me ouviu? — perguntou Capitu, contrariada.

— Sim, mas sei o que é um olhar apaixonado quando vejo um, Capitu. Era como ele te olhava, só você não percebeu. Tiberius esperou, te ajudou, esteve com você em todos os momentos. Nunca disse nada sobre seu relacionamento e sua obsessão por Lucas e estava esperando que você esquecesse aquele traste e visse o que ele sentia, como a tratava. Só que agora, depois dessa viagem, talvez ele tenha percebido que é uma batalha perdida... Constrangedor? Ah, Capitu, faça-me o favor!

Capitu a olhou em desespero.

— Não é isso!

— Não?

— Eu não sei... um homem como ele...

— Não termina. Eu odeio quando faz isso, odeio quando se menospreza, Capitu. Você é linda, uma pessoa dedicada, maravilhosa e precisa aprender a enxergar isso.

— Sabe como é difícil manter um relacionamento com um Borderline, Carol? Sabe como é difícil para o outro? Eu não quero isso pra ninguém, não quero mais a sensação de ser um peso, não quero me sentir pior do que me sinto

todos os dias. E, de jeito nenhum, quero arrastar uma pessoa como Tiberius para isso junto comigo.

— Isso não cabe a você!

— Claro que cabe. Sem falar que eu posso simplesmente estar fazendo uma tempestade em copo d'água, inventando sentimentos onde não tem.

Carol já estava perdendo a paciência e percebeu que Lucas tinham feito um bom trabalho, tinha que admitir. Todos eles haviam minado a pouca autoestima que a prima tinha e Lucas tinha terminado o trabalho que o pai, a mãe e a tia não tinham conseguido fazer.

— Deveria procurar por ele, sei lá, tentar se entender. Você mesma disse que sente falta dele.

— Sinto, sinto muito. Parece que abriu um buraco negro aqui dentro e quando me lembro de como ele se despediu... — disse, em cólicas, torcendo as mãos.

— Deveria ter deixado rolar, deixar que ele falasse, curtir o momento lindo que ele preparou. Não tem como tentar adivinhar as coisas, Cá. Como pode ter certeza de que se apaixonaria por ele, se nem tentou dar uma chance? — ela disse, olhando a

prima, que desviou o rosto.

— Porque eu já me apaixonei — falou, sentindo uma lágrima descer por seu rosto. — Não tem como não se apaixonar por um homem como ele. Tudo aconteceu tão devagar, tão natural e eu tentei dizer a mim mesma que era só amizade, mas não é, e percebi isso no momento em que suas palavras de despedida me alcançaram.

— Ah, Capitu — lamentou, não tinha muito a dizer. Foi uma pena a prima perceber esse sentimento quando já era tarde demais.

— Eu já estou indo, Carol. Tenho consulta com a psiquiatra daqui a quarenta minutos — falou, levantando-se.

— E como está indo?

— Bem, eu acho.

— Ah, Cá, pensa no que conversamos, por favor. Tiberius não faria nada que a magoasse e já que descobriu esse sentimento todo aí dentro de você, deveria se dar uma chance.

Capitu apenas confirmou, deixando o local em seguida, o medo do que estava sentindo gritando dentro do seu peito.



— *Entendo... como tínhamos falado antes, você percebeu que o que sentiu por Lucas não foi amor e sim necessidade de se apoiar em alguém, Capitu?*

— *Sim, e quando cheguei a essa conclusão, senti um tipo de alívio que eu nem saberia explicar. Mas...*

— *Com ele é diferente?*

— *Sim, é, afinal somos amigos e as coisas foram tão... naturais. O tempo todo eu achei que era só amizade e me pergunto se não estava tentando camuflar meus sentimentos. — Parou de falar, pensando se diria ou não a frase a seguir. — Ninguém tem sonhos eróticos com alguém que não se sinta atraída, não é?*

A psicóloga anotou algo após essa fala, voltando a fitar o rosto corado de Capitu.

— *O que posso dizer é que precisa se entender, Capitu e estamos aqui pra te ajudar nesse processo. Digo isso por causa do que sente sobre os últimos acontecimentos com relação a esse amigo. Talvez essa confusão seja porque você não consegue, ou não quer admitir que os seus sentimentos não têm nada a ver com amizade. Ou talvez, você tenha medo de colocar alguém no lugar de Lucas, medo de sofrer outra vez. Ser amada por alguém não é algo que você possa escolher, Capitu. E não há nada de errado em pensar em relacionamentos futuros, em viver um novo amor, em ser feliz. Claro, não precisa de alguém para isso, digo, para ser feliz, só não é justo privar-se de ter um relacionamento saudável apenas por medo do que já viveu.*

Capitu estava relembrando cada palavra dita pela psicóloga, enquanto olhava, pela janela de sua sala, as pessoas passarem lá fora. Aquele beijo, todas aquelas sensações, não podiam ser algo sem sentido. Só que, ao mesmo tempo que esse pensamento a assaltava, o medo também a tomava, quase sufocando-a.

O medo de errar, de sofrer, de estar enganada.

Talvez ela estivesse se martirizando e, no fim, Tiberius não sentisse nada por ela. Podia ter sido apenas um impulso do momento, e só. Sentia a cabeça fervilhar com tantas dúvidas. Desistiu de ficar ali e foi para o quarto, deveria tentar dormir e, por fim, esquecer aqueles pensamentos. Amanhã seria um novo dia e talvez, ela conseguisse aplacar seu coração e a falta que sentia dele...

Deitou-se e, depois de horas revirando-se na cama entre cochilos rápidos, percebeu que o plano de dormir e esquecer Tiberius não sairia bem como planejado, já que sempre acabava sonhando com ele.

Quando o dia chegou, se levantou e saiu do quarto, notando que tinha perdido a hora e que, se não corresse, perderia a consulta com a doutora Marta.

Não demorou a se aprontar e sair de casa. Chamou um táxi e foi direto para o hospital, o mesmo que Tiberius trabalhava e isso fez seu coração saltitar em seu peito. Estava ansiosa, talvez pudesse vê-lo... não, melhor não, nem mesmo saberia o que dizer ou se portar quando o visse. Sentia vergonha pela forma que se comportou, por

ter dito a ele que aquele momento tão intenso e perfeito que passaram na praia tinha sido constrangedor. Será que ela o tinha magoado? Não poderia dizer, mas sentia que o homem que a deixou em casa, não era o mesmo que a pegara para ir viajar.

Entrou no hospital e subiu diretamente para a ala psiquiátrica. Ao menos não tinha chegado atrasada.

— Bom dia! Tenho uma consulta marcada com a doutora Marta — disse para a moça morena, vestida elegantemente com seu uniforme branco, sentada atrás do balcão.

— Capitu Moreira?

— Sim, isso mesmo.

— Pode se sentar senhora, em alguns minutos será chamada.

Ela confirmou e foi até o fundo da sala, sentando-se em uma das cadeiras pretas estofadas.

Observou a ampla e bem organizada recepção, vendo, do lado oposto de onde estava, duas portas de madeira e acreditava que uma delas era a sala de Tiberius. Será que ele estaria ali dentro? E ela

PERIGOSAS ACHERON

queria que estivesse? Estava preparada para vê-lo? Eram tantas perguntas...

Uma movimentação na porta da recepção chamou sua atenção e ela se virou na direção do som.

— Ah, você vai me agradecer! Quem melhor que eu para te deixar a par de tudo que acontece por aqui? Só perco para Pedro.

Ela ouviu uma voz feminina risonha e, em seguida, viu uma mulher morena de longos cabelos pretos e estatura média passava pela porta.

— Não há dúvidas disso, Isa, e tenho certeza que esse prazer seria melhor atribuído a você, que adora uma fofoca!

Ela conhecia bem aquela voz masculina e brincalhona, assim como o homem alto, vestindo roupa branca e jaleco que passou pela porta, logo depois de sua acompanhante.

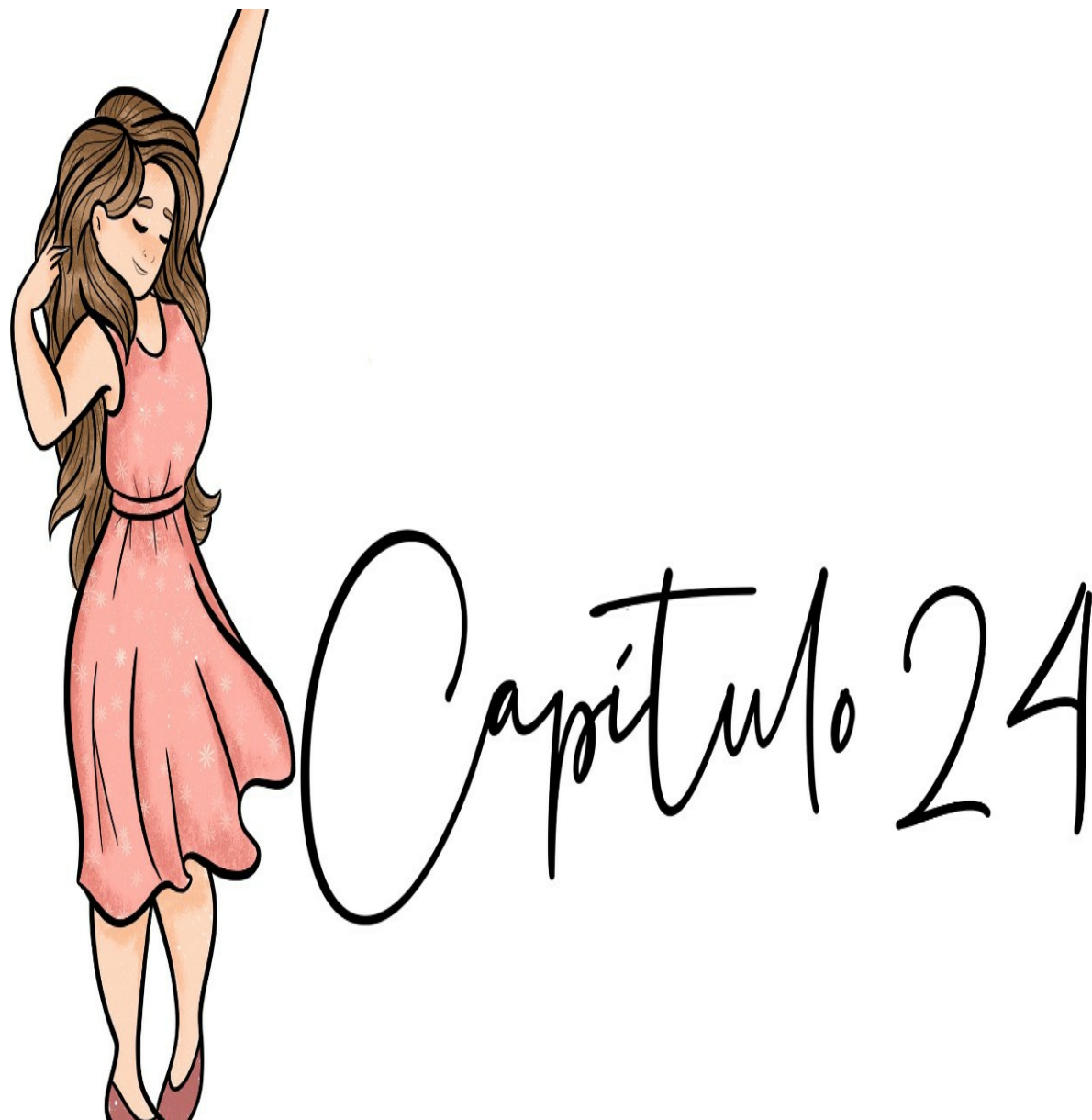
— Bom dia, Andreia! — Tiberius cumprimentou a recepcionista sem notar Capitu, sentada a poucos metros. — Algum paciente para o primeiro horário? — perguntou, mas a moça ao seu lado não deu tempo para que a recepcionista

respondesse.

— Não, Tiberius e sabe por que eu sei disso? Porque você não vai fugir de mim, reservei a sua primeira hora estritamente e apenas para mim, meu caro e, também para o seu prazer!

Ele sorriu abertamente para a moça ao seu lado, um sorriso só dele e Capitu sentiu o coração falhar uma batida.

Não conseguia tirar os olhos dele e da mulher que tinha o braço atrelado ao seu. Foi quando ele se virou para ir em direção à sua sala e estancou no lugar, ao ver os olhos verdes curiosos e tímidos fitando-o e Capitu viu a surpresa do reconhecimento na expressão do homem.



“Os altos e baixos da vida podem nos dar várias lições. Uma delas é que não adianta lutar contra o destino, o que houver de estar em seu caminho, estará, sem que precise realinhar sua rota.”

PERIGOSAS NACIONAIS

Por diversas vezes, tentamos nadar contra a correnteza da vida, levá-la para outro rumo, outra rota, pegar um caminho diferente e, às vezes, até mesmo mais longo... Balela, bobagem nossa. No destino, não se manda. O rio sempre seguirá o seu curso, os caminhos no fim sempre se encontram e o rumo, bem, o destino nos dirá qual seguir no momento certo. Tenha fé.



Tiberius não a esperava ali. Ficou, por instantes, apenas observando o rosto assustado de Capitu, que dessa vez, não fez menção de quebrar o contato entre eles. Até que se desvencilhou do braço de Isabela e se aproximou de onde ela permanecia sentada, intercalando em olhar entre ele e Isabela.

— Oi, Capitu, tudo bem? — disse encontrando a voz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo e você?

Capitu se levantou, mas dessa vez Tiberius não a cumprimentou com um beijo afetuoso no rosto como sempre fazia e ela percebeu o quanto sentiu falta até mesmo disso.

— Estou bem, também.

Aquele, sim, foi um momento constrangedor para ambos, pois nenhum dos dois parecia saber o que dizer, ficaram apenas se encarando no meio da recepção.

E *bem* não seria a palavra que usaria para descrever seu estado de espírito. Depois de se segurar por longos cinco dias para não entrar em contato, ele percebia que seus sentimentos continuavam acordados, mesmo que ela lhe tivesse passado uma mensagem clara.

— Ah, então essa é a Capitu?

Ouviram a voz estridente de Isabela, enquanto se aproximava dos dois e apoiava um braço no ombro de Tiberius, tirando-os da bolha que haviam criado em volta de ambos, e Capitu se perguntou se Tiberius teria falado sobre ela com a mulher de riso enigmático, que a olhava com interesse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, essa é Capitu, Isabela, e Capitu, essa é Isabela, uma amiga e colega de trabalho.

A mulher morena, pendurada no homem à sua frente, pegou Capitu em um rápido abraço, deixando-lhe beijinhos no rosto, com um sorriso de orelha a orelha.

— É um prazer te conhecer, Capitu. Ouvi falar muito de você, muito mesmo! — disse Isabela, com um sorrisinho torto e provocativo nos lábios.

— Também foi um prazer te conhecer...

— Consulta com Marta? —perguntou Tiberius, tentando impedir que Isabela falasse mais alguma besteira, era típico dela.

— Sim, sim e...

— Bem, eu tenho que entrar. Foi bom vê-la, Capitu. — Não queria parecer tão estranho e formal, mas não tinha muito o que dizer.

Acenou brevemente em despedida, vendo Capitu confirmar com um aceno, dando um fraco sorriso decepcionado de despedida para a moça ao lado dele e Isabela ir até ela, deixar mais um beijo em sua bochecha antes de segui-lo para sua sala.

PERIGOSAS ACHERON

O encontro mexeu com ele de forma inexplicável e percebeu que não tivera o controle que imaginava começar a ter, pois o amor que sentia em seu peito não podia ser controlado, e se achava um tolo naquele instante.

Tiberius entrou na sala, deixou a pasta em cima da mesa e vestiu o jaleco que trazia em seu braço, sob o olhar atento de Isabela. Fingiu não a notar e pegou seu bloco de notas e caneta, sentando-se na poltrona de couro preto em frente à Isabela, que estava largada no divã, olhando-o com um sorrisinho zombeteiro.

— Não vai dizer nada? — ela lhe perguntou sem perder o bom humor, que era sua marca registrada.

— Dizer o quê, Isa? — disse, mantendo os olhos fixos na ficha em sua mão.

— Capitu? Você foi um desastre lá fora, se quer mesmo saber!

Ele não queria! E já estava arrependido de ter falado com Isabela sobre a moça.

Há dois dias havia se deixado levar por ela e Pedro a um barzinho, mesmo não tendo humor para

aquela interação. Bom, ele não era acostumado a beber em demasia e, após algumas taças de vinho, acabou soltando a língua mais que gostaria e, de quebra, ganhou uma dor de cabeça horrível no dia seguinte.

— Não quero e não vou falar sobre ela com você! — advertiu, olhando a tela do celular em suas mãos.

— Deveria... Você é mais divertido bêbado, sabia?

— Eu não estava bêbado, Isa.

— Apenas mais solto, ok. Mas bem que podia ter sido melhor lá fora, Tiberius. Sério? Foi bom te ver? Hum...

— Eu poderia dizer o quê? Me diga você então — falou, deixando de disfarçar seu mal-estar.

— Senti sua falta. Bebi todas pensando no que me disse. Você feriu meu ego. Como foram os últimos dias sem mim? Sentiu minha falta também? Pois eu morri sentindo a sua... — falou, gargalhando em seguida da cara que ele fez.

— Você é patética, Isabela e está gastando o seu tempo falando de mim. Deveríamos estar

PERIGOSAS ACHERON

falando de você e do fato de ter quebrado o nosso acordo...

— Ah meu caro, percebi que o seu problema é bem mais sério que o meu, acredite. — Ele não respondeu. — Aquele olhar não é de alguém arrependida por ter te beijado.

Tiberius por fim desistiu, ela não ia parar de especular sua vida.

— Não que você saiba muito sobre isso, Isa.

— *Touché*, mas eu nunca disse que queria sentir algo assim por alguém, e falando dessa forma, você até me fere, sabia? Sem falar que foi você mesmo que me convenceu de que tenho compulsão desenfreada por sexo, o que a meu ver, não é algo ruim. E não quebrei nosso acordo, senhor terapeuta, foi só um oralzinho sem vergonha que nem foi tão bom assim, acabei fingindo um orgasmo ... — disse, com o riso solto, fazendo-o negar. — Deveria deixar de lado essa coisa de distância. Talvez ela só não esperasse o beijo, o sexo bom, mas isso não quer dizer que deveria se afastar, pelo contrário. Já deu o primeiro passo, é só ir adiante.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Admiro sua facilidade de mudar de assunto, e sobre mim e Capitu, as coisas ficaram estranhas, Isa. Capitu mal conseguiu me olhar depois que chegamos e deu a entender que queria distância, que se arrependeu do que fizemos. Acha mesmo que ela conseguiria levar adiante uma amizade, ou melhor, que eu conseguiria levar essa amizade sem...

— Querer tocá-la? Beijá-la e dizer o quanto a ama? Você é certinho demais, esse é o problema. Me admira ser bom no sexo!

— E você é louca! Não sei como te aguento.

— Sou a metade da sua laranja aqui, admita. Diria até que sou a voz da sua razão.

Ele riu. Era bom sorrir novamente, mesmo que sua mente não estivesse ali, e sim na mulher na sala ao lado.

— Se você é a voz da minha razão Isa, tenho pena de mim!

PERIGOSAS ACHERON



Capitu não demorou tanto a sair de sua consulta quanto pensou. Após conversar e relatar como se sentiu nos últimos dias e falar como estava sua adaptação com a medicação para Marta, saiu da sala levando uma receita para mais medicamentos.

Ao pôr os pés fora da sala, sentiu seu coração querer sair pela boca de tanta apreensão, receando vê-lo outra vez. Mas não o viu e foi inevitável não ficar desapontada, o peito pesado como se tivesse perdido algo, ou melhor, um homem de valor inestimável. E havia algo mais, parecia... ciúmes? Ela podia não admitir naquele momento, mas sim, estava se corroendo de ciúmes da mulher que se mostrou tão íntima do homem que ocupava seus pensamentos e sonhos ultimamente.

O que a mulher havia dito mesmo? Ah, sim, que a consulta seria para o prazer de Tiberius. O que aquilo queria dizer? Ela se sentia culpada pela distância que tomaram e, principalmente, pelo olhar

PERIGOSAS ACHERON

sem vida que ele lhe deu. Entendeu, então, o que Carol queria dizer ao se referir ao modo como Tiberius a olhava. Agora, isso era perceptível e sentiu falta até mesmo do que não tinha notado antes.

Levou as mãos ao rosto e o pensamento de que talvez tivesse estragado tudo fez seu coração doer e o ar lhe faltar. Aquele era um sentimento novo: a constatação de que talvez tivesse o amor e admiração de alguém e que não precisara mudar nada em si mesma para conquistar aquilo. Com Tiberius, Capitu era apenas ela mesma, cheia de defeitos e imperfeições...

Talvez estivesse inventando, vendo coisas onde não havia, imaginando sentimentos. E foi inevitável não querer saber mais sobre a mulher que estava dentro da sala com ele. Era mesmo só uma amiga? Eles também eram e olha onde foram parar... Tinha tantas dúvidas, ainda mais do que antes. Ambos pareceram tão íntimos ao adentrarem a sala, era perceptível o carinho entre os dois, e lembrou que Tiberius nunca falou de nenhuma amiga, colega ou nada do tipo. Ele tinha falado de um ou dois amigos, mas era só. Aquilo era

agoniante, pois o ciúme estava lhe corroendo a alma.

Ao passar pela recepção, até tentou, mas não conseguiu deixar de perguntar:

— O doutor Tiberius... ele está com paciente?

— Não sabia ao certo porque fez aquela pergunta, ela bateria à porta dele caso estivesse sozinho? Não saberia dizer.

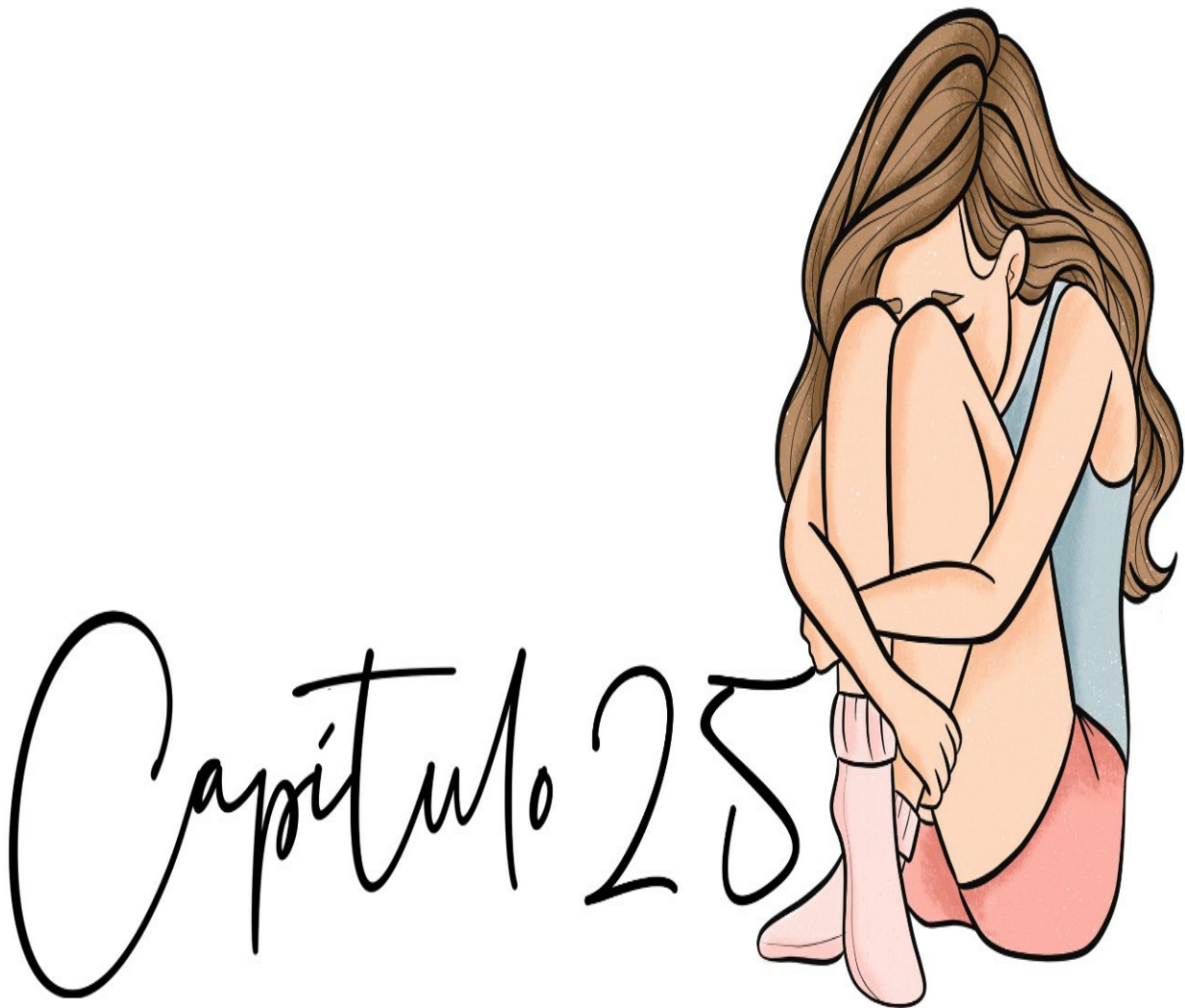
— Ele ainda está com a doutora Isabela. Quer deixar algum recado? — disse a recepcionista, de forma prestativa.

— Não, obrigada.

— Por nada e bom dia.

— Bom dia...

Capitu deixou a recepção, voltando ao térreo do hospital. Estava incrivelmente inquieta, afoita, ansiosa e arrependida, sentindo a incerteza e ciúmes que o amor podia despertar.



“É uma surpresa de se deparar com o amor à sua frente, um amor que você já se convencera a deixar para trás, a seguir em frente, refazer seu caminho...”

Já diziam que o passado não morre, não fica exatamente onde deveria estar, sendo deixado para trás. Ele está aqui, vivo em suas lembranças e pensamentos, fazendo sentimentos vívidos brotarem em seu peito. Sendo assim, é mesmo passado? Essas lembranças não estariam sendo de alguma forma o seu presente? Não estariam mais vivas que nunca em seu coração? Reflita...



O dia de Tiberius tinha corrido como sempre, sem maiores surpresas, apenas um paciente de última hora. Acabado seu horário no consultório, pegou suas coisas e foi em direção ao elevador, sentindo-se esgotado mentalmente, talvez estivesse na hora de ir ao terapeuta.

Era comum, em sua profissão, absorver parte do que ouvia de seus pacientes, seus problemas e traumas e, por vezes, aquilo pesava sobre seus ombros, deixando-o sobrecarregado e era sábio

PERIGOSAS ACHERON

aliviar toda a carga acumulada.

Pescou o celular no bolso da calça e olhou a tela, sentindo o impulso de mandar uma mensagem para Capitu, saber como tinha sido a consulta, se estava tudo bem. Mas não o fez, manteria a distância pedida por ela, mesmo que fosse ainda mais difícil cumprir a promessa após o reencontro. Estava se sentindo frustrado, e talvez Isa tivesse razão, tinha sido péssimo.

Mais que isso, queria, de fato, estar arrependido do que aconteceu em Angra, mas não estava... Na verdade, se tivesse outra chance, não faria nada diferente. Respirou fundo, dando partida no carro e saindo em seguida em direção à via que daria acesso à sua casa.

O trânsito do horário de pico acabou com o seu humor. Chegando em casa, jogou a bolsa em cima do sofá e subiu até seu quarto. Percebeu o quanto estava deplorável, pois a casa que antes era o seu refúgio, não o acolhia mais.

Foi até o banheiro, despiu-se e entrou embaixo do chuveiro. Precisava esfriar a cabeça, ter paz e esquecer aquele sentimento que o queria esmagar. Não vinha dormindo e nem comendo direito,

PERIGOSAS ACHERON

tampouco se exercitava, e seu corpo começava a sentir os resultados da sua negligência.

Demorou mais que o esperado no banho e saiu com a toalha enrolada em sua cintura, o cabelo pingando água por suas costas. Olhou para janela, notando a chuva fina que já começava a cair. Tirou a toalha da cintura e passou a enxugar o cabelo, enquanto ia em direção ao *closet*, pegar uma roupa.

Mas antes que pudesse vestir o *short*, ouviu a campainha tocar. Voltou a enrolar a toalha na cintura e desceu as escadas apressado, não querendo deixar o inesperado visitante na chuva.

Saiu pela entrada principal, ficando sobre o sobradinho em frente à porta, e acionou o controle do portão. Ficou surpreso e o peito aqueceu ao ver quem estava ali, com os braços em volta do corpo, enquanto a chuva escorria por suas roupas.

— Meu Deus! Entre, Capitu — disse, com certo espanto.

Capitu passou pelo portão com rapidez e ele a recebeu com certo espanto, conduzindo-a para dentro.

O que ela estaria fazendo ali?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpe vir sem avisar, eu tentei ligar, mas não consegui. Não imaginei que ia chover. — Só nesse momento ela percebeu a nudez de Tiberius e a visão era perfeita aos seus olhos cobiçosos.

— Você está ensopada. Vem, vou pegar uma toalha e depois conversamos. Acho que terá que trocar de roupa também, vou ver se acho algo pra você vestir — disse, com uma mão na cintura, ponderando do que ela precisaria.

— Não precisa, Tiberius, estou bem assim.

Ele a viu corar, desviando o olhar para qualquer lugar que não fosse seu peito forte e exposto.

— Não vamos correr o risco de vê-la com um resfriado. Vem!

Ele não esperou resposta e a segurou pela mão, guiando-a escada acima, até o quarto de hóspedes.

— Pode me esperar aqui, vou colocar uma roupa e trago algo seco pra você vestir. Tem toalhas limpas no armário do banheiro, fique à vontade.

PERIGOSAS ACHERON

O homem a deixou sozinha após falar que ela deveria tomar um banho quente.

— Eu não deveria ter vindo... Idiota, idiota! — recriminou-se, enquanto se livrava das roupas encharcadas.

A verdade é que, após chegar em casa naquela manhã, Capitu não conseguiu se desligar da imagem de Tiberius e da mulher tão íntima, agarrada a ele. Estava com ciúmes, agora conseguia admitir e não queria mais a distância que ela mesma havia imposto.

Passou o resto do dia com os pensamentos culpados preenchendo-a, dando vazão ao arrependimento de ter fugido de Tiberius, e pior, ter pedido um tempo. Um tempo do quê? Da amizade? Ela fizera mesmo uma tempestade no copo de água, como tinha dito a ele para não fazer. Tinha agido mal com ele, um homem que em nenhum momento mereceu ser repelido, que sempre esteve ao seu alcance, preocupando-se e cuidando dela com tamanho carinho. Sim, agora os pensamentos, enfim, tinham clareado, e queria esclarecer tudo, conversar, entender se havia sentimentos, tentar reaver o que tinham antes, ou melhor, tentar outra

coisa... Ela queria muito que Carol tivesse razão e foi por isso que, em um momento de puro impulso, pegou sua bolsa e foi a procura dele, sem conseguir aguentar mais a distância. Foi preciso sentir o medo de perdê-lo para poder enxergar com clareza.

Tentou voltar ao momento e fez o que ele havia aconselhado. Tomou um rápido banho quente e ficou sentada na cama, enxugando os cabelos com uma pequena toalha de rosto. Tiberius não demorou a voltar, e ela o pegou observando-a com admiração, e percebeu como ele ficou sem jeito em seguida.

— Eu trouxe uma camisa pra você, peguei a maior que tenho — disse, entregando a peça verde à moça, ainda confuso sobre o motivo dela estar ali.

— Obrigada, Tiberius.

— Eu vou estar lá embaixo, te esperando.

Assim que falou, ele não demorou a se virar, fechando a porta atrás de si, sem lhe dar tempo de dizer ‘mais nada.

E agora? Duvidava ser capaz de dizer o motivo de sua visita, de falar o que tinha até mesmo ensaiado em frente ao espelho. Suspirou, não se

sentindo mais tão resignada assim, colocando a camisa que ele lhe entregou. Era de fato grande, indo até o meio de suas coxas e serviria. Notou o cheiro dele impregnado na camisa e não se conteve em levar o pano até o nariz e aspirar fundo.

Deixou a toalha no banheiro e saiu do quarto, passando os dedos nos cabelos, tentando mantê-los no lugar. Desceu as escadas à procura dele, caminhando devagar, sentindo o chão frio em seus pés, até ouvir algo metálico bater e percebeu que o som vinha da cozinha.

Encontrou-o de costas para si, vestindo um short de moletom cinza e camisa regata vermelha, os cabelos molhados soltos, roçando-lhe os ombros. Ficou na soleira da porta observando, enquanto o via cortar alguns legumes. Permaneceu calada, pois queria aproveitar aquele momento apenas para observá-lo. Como sentia saudades dele e sabia que, dependendo do que dissessem um ao outro, poderia não mais vê-lo. E percebeu o quanto aquele pensamento apertava seu coração, que parecia perfurado por pequenas adagas pontiagudas.

— O que está fazendo? — perguntou, aproximando-se de onde ele estava, fazendo-o notar

PERIGOSAS NACIONAIS

sua presença.

— Pensei em fazer uma sopa, gosta?

Ela sorriu.

— Amo, na verdade. Posso te ajudar com alguma coisa?

— Não precisa, moça, já estou quase terminando aqui. Agora é só esperar o cozimento — disse, com a presunção de um bom chef de cozinha.

— Quer dizer que não era enganação, suas habilidades culinárias são mesmo extensas — brincou, ou pelo menos tentou.

— Tenho muitas habilidades, ainda irei te mostrar todas.

Ela esperava mesmo que sim, que tivessem tempo para que ele lhe mostrasse não só suas habilidades, mas também seu coração.

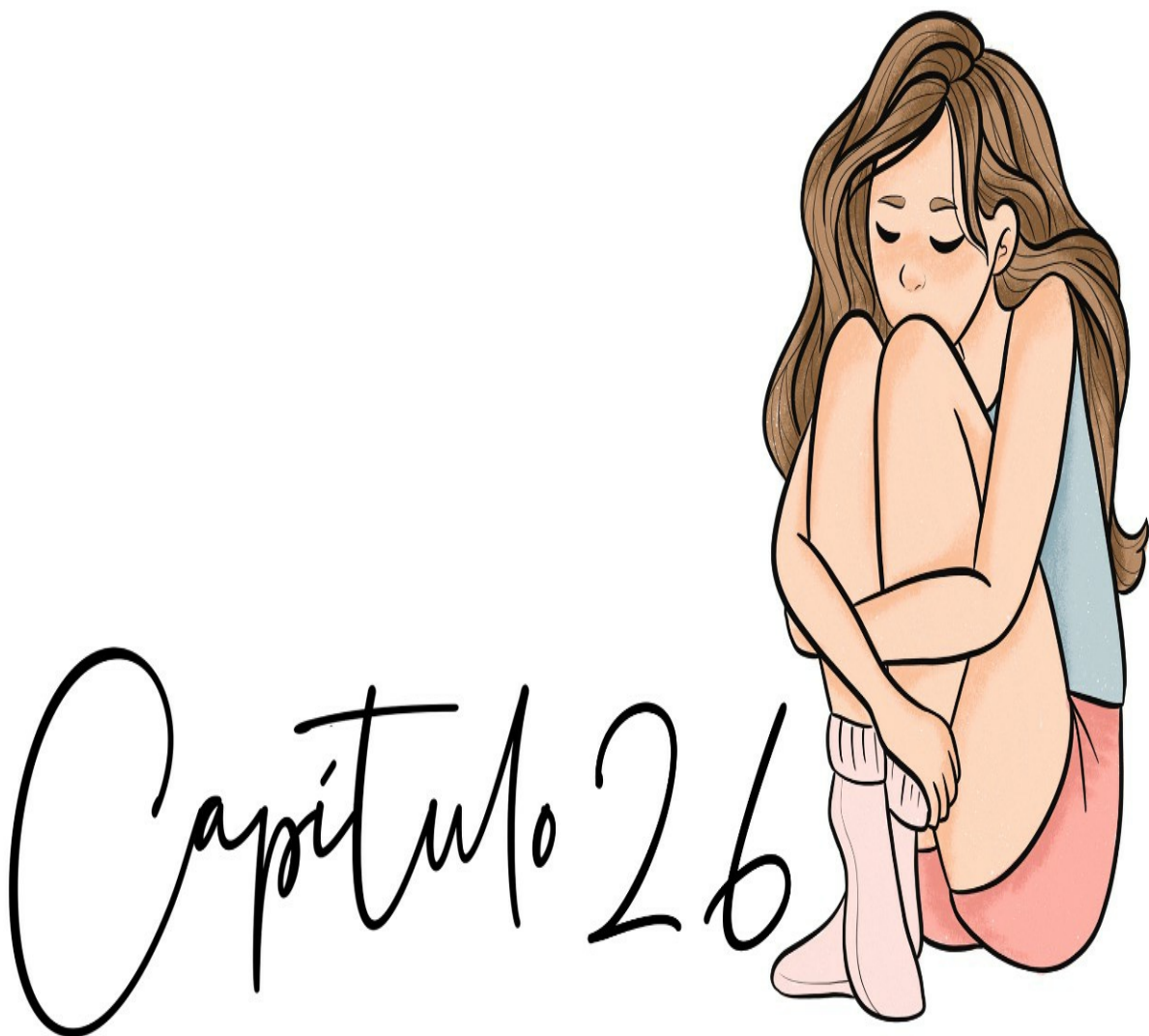
Mantiveram-se em um silêncio confortável por um tempo, enquanto ele adicionava legumes cortados à panela no fogão. Ela apenas observava, tendo gosto por vê-lo assim novamente, tão à vontade. Tiberius terminou o que estava fazendo e

PERIGOSAS ACHERON

se virou para ela, secando as mãos em um papel toalha, enquanto a fitava. Capitu não desviou o olhar e ele não pôde decifrar o que se passava por trás daqueles olhos.

Respirando fundo, ela decidiu ir direto ao ponto.

— O que significou tudo o que fizemos naquela noite na praia, Tiberius? O que quis dizer com tudo aquilo? O que sente por mim?



“A incerteza do amor...”

*Muitos diriam que esse sentimento nem existe.
Algo como: o amor é apenas um sentimento criado*

por mentes carentes de afeto. Bom, isso eu não poderia afirmar, já que sou uma tiete inveterada de tal sentimento. Mas posso dizer que o amor te deixa mais leve, como se flutuasse em sua própria atmosfera e pode te fazer enxergar a beleza no que há de mais feio, quebrar paradigmas, mover o mundo e trazer uma nova aurora ao seu coração. Apenas aceite esse amor, aceite ser amado.



Tiberius encarava os olhos de Capitu, cheios de expectativa. O que ela queria com aquela pergunta? Foi ela mesma quem pediu para que esquecesse tudo aquilo e ele, bom, tinha tentado fazer exatamente o que a mulher havia pedido. Mas era impossível esquecer o gosto dos lábios dela, a suavidade da sua pele, a doçura do seu sexo...

Aquelas sensações estavam impregnadas nele e foi difícil se controlar para não correr para Capitu, para respeitar o tempo de que os dois

PERIGOSAS ACHERON

precisavam. Agora, ali estava ela, fazendo-lhe uma pergunta que ele não sabia se deveria responder.

— Por que isso agora, Capitu? — perguntou, pois sentia estar sendo avaliado.

E ela teria mesmo uma resposta para aquilo? Poderia mesmo dizer o que tinha sentido ao vê-lo mais cedo e que não aguentava mais aquela distância? Capitu estava ali, já tinha dado o passo inicial e não iria se acovardar logo agora. Aproximou-se de onde ele estava parado, encostado próximo à pia e ficou à sua frente, olhando em seus olhos.

— Eu senti sua falta. Sei que eu disse que poderíamos esquecer, que seria melhor darmos um tempo e que... enfim, eu pedi que você se afastasse, sei disso. Eu estava confusa com o que tinha acontecido, não esperava algo assim, que nós... O problema é que mesmo eu sabendo que pedi para você se afastar, não consegui esquecer o que aconteceu — disse, sendo sincera. — Preciso saber, até mesmo pra conseguir amenizar o que estou sentindo. Só me diz o que sente por mim, pois o que você despertou em meu coração está me sufocando! — falou, em uma única explosão,

reunindo toda a coragem existente em si e pedindo, intimamente, para que ele dissesse que não tinha sido algo leviano e que a queria.

Tiberius não esperava por aquilo, nunca poderia supor que ela chegaria à sua casa, pedindo aquele tipo de explicação. Aquela era a chance que tanto queria, pois estava mesmo na hora de falar, colocar para fora o que estava em seu íntimo, dar um ponto final àquela situação e deixar ela decidir o que fazer, se o aceitaria ou não.

— Eu me apaixonei por você, Capitu! — Foi direto, não tinha motivos para não ser. Viu a moça arregalar os olhos, abrindo a boca em O. — Acho que me apaixonei por você antes mesmo de conversarmos, moça. Me apaixonei pela mulher de jeito tímido que chegava ao café sempre no mesmo horário, acompanhada de um livro, e não pude controlar o sentimento que você fez crescer aqui dentro — disse, colocando a mão dela em seu peito, sobre seu coração.

Ela não sabia o que responder, apenas fitou seu rosto que, naquele momento, lhe passava uma verdade crua. Ele se apaixonou mesmo por ela? Como? Ela ainda tinha dúvidas, mas, naquele

instante, se deixou levar pelo impulso, pela vontade que sentia, o desejo que a consumia desde o momento em que se deu conta que o queria.

Ficou na ponta dos pés, aproximando seu rosto do de Tiberius e tocou seu nariz no dele, fazendo um pequeno carinho, vendo-o fechar os olhos, absorvendo aquele contato.

Capitu queria senti-lo, experimentá-lo com calma. Colou, então, seu corpo ao dele selando seus lábios, levando as mãos até o pescoço do rapaz e entrelaçando-as ali, trazendo-o para mais perto. Agora que estava com ele, que teve coragem suficiente de perguntar sobre o que sentia por ela, Capitu queria ir até o fim, ter mais daquele primeiro beijo, mais de Tiberius outra vez. Queria saciar o desejo crescente em seu coração e alma. Era um sentimento forte demais, como se estivesse ligada intimamente a ele.

Ah e como Tiberius sentira falta daquele perfume suave, natural, só dela. Na verdade, sentiu falta até mesmo do som doce do seu sorriso, ouvi-lo era um tipo de necessidade. Tiberius não sabia ao certo onde aquilo os levaria, mas não pararia para perguntar, mesmo sabendo que era exatamente

isso que deveria fazer. Ela tinha dito que sentia sua falta, certo? E era isso o que importava naquele instante.

Levou as mãos à cintura dela, trazendo-a para si e invadindo sua boca com a língua. Ele explorou a maciez dos seus lábios, invadindo, investindo, a fim de matar a saudade que sentiu após ter certeza de que a havia perdido.

Capitu sentiu as pernas estremecerem, o coração acelerar como louco e a respiração lhe faltar. Um misto de euforia tomou conta dela e Capitu queria mais, muito mais, tudo que ele estivesse disposto a dar-lhe. Em um impulso cuidadoso dele, foi afastada para trás, e andaram juntos, chegando próximo à mesa de vidro, onde ele a sentou, colando seu corpo ao dela.

Aquele beijo que começou calmo, como um tipo de reconhecimento, agora era algo sedento, selvagem. As mãos de ambos tomaram vida própria em um carinho leve e provocativo, presas no prazer da saudade e desejo. Ele a olhou, deixando pequenos beijos por seu rosto, enquanto fechava os olhos, com a testa encostada no alto de seu nariz.

Capitu abriu os olhos, o fitou e não pode fazer
PERIGOSAS ACHERON

outra coisa, a não ser abrir um sorriso tímido, que Tiberius adorou.

— O que vamos fazer com isso? — perguntou, sentindo o coração saltitar de contentamento e temor.

— Vou prendê-la a mim e não deixarei que se afaste. Sem enganos ou desculpas dessa vez, Capitu. Quero você, a quero por completo, pois aprendi a amar cada pequena parte de sua personalidade, cada sorriso, cada nuance. Não imagina como foi difícil me segurar todos esses dias para não bater na sua porta e pedir que me dissesse que aquele pedido de distância tinha sido um engano. Eu não a deixarei ir outra vez.

Aquela sinceridade, aquele olhar aquecido, fez seu coração saltar dentro do peito, e um beijo doce, leve foi deixado em seus lábios.

— E agora, vou terminar de fazer o nosso jantar, pois preciso alimentá-la para o que pretendo fazer com você.

— Sopa não é jantar, Tiberius!

— Eu não sei de onde você é, mas de onde venho, sopa é janta, moça!

Ali, presa naquele olhar, Capitu soube que era tarde demais para ter medo e percebeu o quanto aquela distância maltratou seu coração. Deu-se conta de como era fácil sorrir quando estavam juntos e se apaixonar por cada face que Tiberius lhe mostrava. Ah, nunca se cansaria de admirá-lo.

Ele fez o que dissera e se pôs a cozinhar, entre uma conversa e outra. Capitu se manteve sentada sobre a mesa, de pernas cruzadas, enquanto via Tiberius terminar o *jantar*, entre uma carícia e outra e o riso solto. Após a sopa ficar pronta, ela se ofereceu para arrumar a mesa, e começaram a comer.

Vez ou outra, trocavam um olhar enquanto Tiberius tentava segurar o impulso de tocá-la ao vê-la tão linda vestindo apenas sua camisa. Após comerem, contra seus protestos, Capitu lavou a louça, enquanto ele a ajudava enxugando tudo.

Capitu aproximou-se de Tiberius após terminar sua tarefa, enxugando as mãos na toalha que ele segurava, sentindo o peito descer e subir com rapidez e o rosto esquentar em antecipação.

— Eu disse que sopa não era janta, Tiberius e ainda estou faminta. — Aquele jogo, dois poderiam

PERIGOSAS ACHERON

jogar.

— Sêrio? E o que quer comer agora, moça? Irei alimentá-la com o que quiser... — disse, deixando suas mãos caírem sobre a cintura dela, adorando tudo aquilo. Se daria certo, não sabia, mas estava disposto a pagar para ver.

— Você, eu quero você.

Bom, tem limites para tudo na vida e naquele momento, Capitu acabara de mandar o dele para as cucuias.

O homem não esperou mais nada. Ele a queria como nunca quisera mulher alguma, pois aquela à sua frente tinha todo o poder sobre ele. Pior, tinha todo o seu coração oficialmente a partir daquele momento. Queria que Capitu soubesse o que carregava em seu íntimo, o quanto se importava com ela.

Ele a beijou, possessivo, como se pegasse algo que há muito lhe pertencia. Tiberius faria essa noite ser especial para ela, queria fazê-la sentir-se amada, única, desejada, a mulher mais linda do mundo, pois era exatamente assim que a via.

Capitu sentiu toda a intensidade daquele

PERIGOSAS NACIONAIS

momento, abraçando-o com firmeza, trazendo-o para mais perto de si. Sentiu-o se afastar, deixando pequenos beijos em sua boca e gemeu frustrada, querendo mais contato.

— Eu a quero, Capitu, a quero como um louco, mas respeito o seu tempo. Tem certeza de que quer isso, que confia em mim?

O desejo se espalhava pelo corpo, mas não queria que acontecesse como na praia, que ela sentisse insegurança e fugisse, fechando-se em uma concha, afastando-o.

— Tenho, quero você por completo, Tiberius.

Ele a trouxe para si, levantando-a em seus braços, sentindo suas pernas se entrelaçarem em volta de sua cintura e os lábios procurarem os seus com sofreguidão. Tinha saído do inferno e ido direto ao paraíso, era assim que se sentia ao tê-la entregue em seus braços. Subiu as escadas com Capitu atrelada a ele e, ao chegarem à porta do quarto, a abriu e entraram, sem nunca quebrar o contato.

Tiberius a colocou sobre a cama e se afastou por um instante, contemplando a imagem da

PERIGOSAS ACHERON

mulher à sua frente. O rosto corado, o peito arfante, os cabelos espalhados pela cama, ela era a imagem da tentação, sua própria e única tentação. Pôs-se sobre ela, voltando a colar seus lábios e a beijá-la com devoção. Afastou-se apenas ao sentir Capitu puxando sua camisa para cima e a ajudou a se livrar da peça. Ajoelhou-se sobre a cama, segurando a barra da camisa verde que cobria o corpo feminino, subindo a peça aos poucos, revelando vagarosamente o corpo e admirando-o com volúpia.

Seu olhar foi de imediato para as inúmeras cicatrizes no alto da coxa, na perna direita. Cicatrizes que à luz da lua, na praia, não tinha visto e seu coração apertou-se, por imaginar seus momentos de desespero e quis, mais que tudo, venerá-la.

Capitu sentiu vergonha, vontade de voltar a se cobrir perante o olhar intenso que analisava suas marcas, mas antes que pudesse fazer qualquer movimento, Tiberius levou o polegar até suas cicatrizes, acariciando-as, causando-lhe arrepios por seu corpo, sem nunca deixar seu olhar.

— Não sinta vergonha de mim, moça. Não há nada em você que eu não queira, não há nada que

eu não ame em você — disse com ardor, beijando-a em seguida.

Foi impossível Capitu não se emocionar. Não estava despindo apenas suas vestes para ele, despia também sua alma, deixando que Tiberius entrasse e lhe tirasse todo e qualquer constrangimento de estar se expondo para ele. Naquelas palavras, Capitu sentiu a confiança de estar não apenas sendo amada, mas sim venerada e essa sensação era mágica.

Tiberius voltou a subir a peça devagar, surpreendendo-se por Capitu estar sem calcinha, um sorriso brincou em seu rosto, ao encontrá-la nua.

— A minha estava encharcada — disse em tom provocativo, sobre o escrutínio dele.

Tiberius levou uma mão à parte interior de sua perna, subindo desde o joelho, até seu núcleo pulsante. Explorou a carne avermelhada e succulenta, passando os dedos por entre as dobras, explorando e sentindo o tesão aumentar em seu corpo, vendo-a gemer. Queria possuí-la, queria muito, mas acima de tudo, queria adorar aquele corpo com loucura e desejo. Queria prová-la, sentir

PERIGOSAS ACHERON

seu gosto novamente e todos os mistérios que escondia.

Cobriu seu corpo e voltou a beijá-la, descendo beijos molhados por seu pescoço, indo de encontro aos seus seios. Viu os mamilos rosados, entumecidos e abocanhou o primeiro, sugando com vigor, ouvindo-a gemer e sentindo as mãos dela voarem para seus cabelos. Os sons que fazia eram um incentivo para que ele continuasse a extrair mais prazer de sua amada.

Levou os dedos novamente ao sexo encharcado, colocando um dedo em seu interior e a sentiu se contorcer embaixo de seu corpo. Chupou um mamilo após o outro até descer, aos poucos, dando beijos e pequenas mordidas por seu ventre, indo de encontro ao seu núcleo.

— Tiberius... — Ela tentou pará-lo, mas já era tarde. — Deus do céu... — gemeu entre dentes quando sentiu a língua áspera lhe provar, sugar e morder seu clitóris.

Ela já não tinha o controle de seu corpo, se contorcia sobre a língua habilidosa dele, que queria levá-la ao limite do abismo. Tentou se controlar, prender seus instintos de gritar, mas não conseguiu,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

principalmente quando o orgasmo a tomou, parecendo estilhaçar todo o seu corpo. Ele não parou, continuou chupando, sugando querendo até a última gota do líquido que lhe escorria, cada espasmo morrendo aos poucos.

Capitu sentia as pernas tremerem, sem forças, aquele alívio pós orgasmo tomando seu corpo, uma sensação deliciosa de sacio.

Tiberius se pôs de pé e ela abriu os olhos para saber aonde ele estava indo. Apoiou-se em seus cotovelos, fitando-o, não queria perder nada daquele delicioso espetáculo. Um sorriso sensual tomou as feições do homem e o desejo voltou a tomá-la e esperou com expectativa, enquanto as mãos dele iam ao cós do *short* de moletom e o abaixava junto com a cueca boxer expondo o corpo forte, deixando sua ereção saltar livre para fora. Ele era magnífico nu.

Tiberius voltou para o lado dela na cama, trazendo um preservativo e, antes que a beijasse, a olhou com devassidão, desejo e luxúria.

— Você é uma iguaria, moça, não me cansarei nunca do seu sabor...

PERIGOSAS ACHERON

Ela corou e ele sorriu com isso, achando-a ainda mais perfeita naquele instante.

O homem beijou-a, excitando-a para recebê-lo, acariciando e sentindo-a ainda mais molhada. Brincou com os dedos em sua entrada, livre de preocupações dessa vez, ouvindo pequenos gemidos de prazer, enquanto ele sugava seu pescoço, intercalando com seu seio e boca.

Capitu estava perdida em uma nuvem de tesão novamente, sentindo-se nublada com cada nova sensação que a invadia e, pouco a pouco, ele começou a penetrá-la.

— Quero lhe dar prazer, quero todo o seu prazer, Capitu. Mas, caso a machuque, me fale e eu paro.

Ela mal o ouvia, queria senti-lo todo dentro de si e logo!

Impulsionou o quadril para ir de encontro a ele, mexendo-se em sincronia, conforme o sentia afundar dentro de si. Começaram uma dança deliciosa, excitante, sentindo os corpos suados e sedentos por mais. A chuva fina caia lá fora enquanto, ali dentro, os dois queimavam em pura

paixão e loucura. Tiberius se pôs de joelhos, elevando uma das pernas de Capitu sobre o ombro e penetrando-a com vigor, mais fundo, enquanto a estimulava com os dedos.

Ela se perdia nas estocadas firmes que a levavam ao limite da insanidade, querendo se entregar à loucura de sensações que tomando seu baixo ventre.

— Mais, eu quero mais, Tiberius. — Não se importou em pedir, em querer tudo que pudesse ter.

Tiberius queria controle, não queria machucá-la, mas se perdeu naquele momento único e quente de pura paixão. Não se segurou, penetrando-a fundo, o quanto pudesse ir, sentindo sua própria liberação se aproximar, quase levando-o ao ápice. Olhou-a, suada, corada, arfando, murmurando palavras e gemidos ininteligíveis e quis se perder junto a ela.

— Goze para mim, Capitu.

E aquilo bastou para ela se desmanchar em seus braços, gritando enlouquecida por aquele prazer abrasador.

O mundo ao seu redor parecia se quebrar, se

estilhaçar, levando-a a um paraíso distante, sendo amparada por braços fortes enquanto seu corpo se acalmava. Ela o beijou carinhosa, com amor e o olhou quando o corpo já se recuperava de cada espasmo. O sentimento que enxergou ali fez seu corpo aquecer, o peito inflar com um tipo de contentamento único.

Tiberius deixou um beijo na ponta de seu nariz e sorriu, rolando para o lado e trazendo-a para seus braços.

Capitu se aninhou ao peito do homem ao seu lado, entrelaçando as pernas nas suas e abraçando-o, enquanto sentia uma mão acariciar seu cabelo e a respiração quente em seu rosto. Ficou apenas contemplando aquele momento, o silêncio, aproveitando aquela sensação. Sentia-se plena, segura e por que não, amada?

Como nunca sentiu antes...

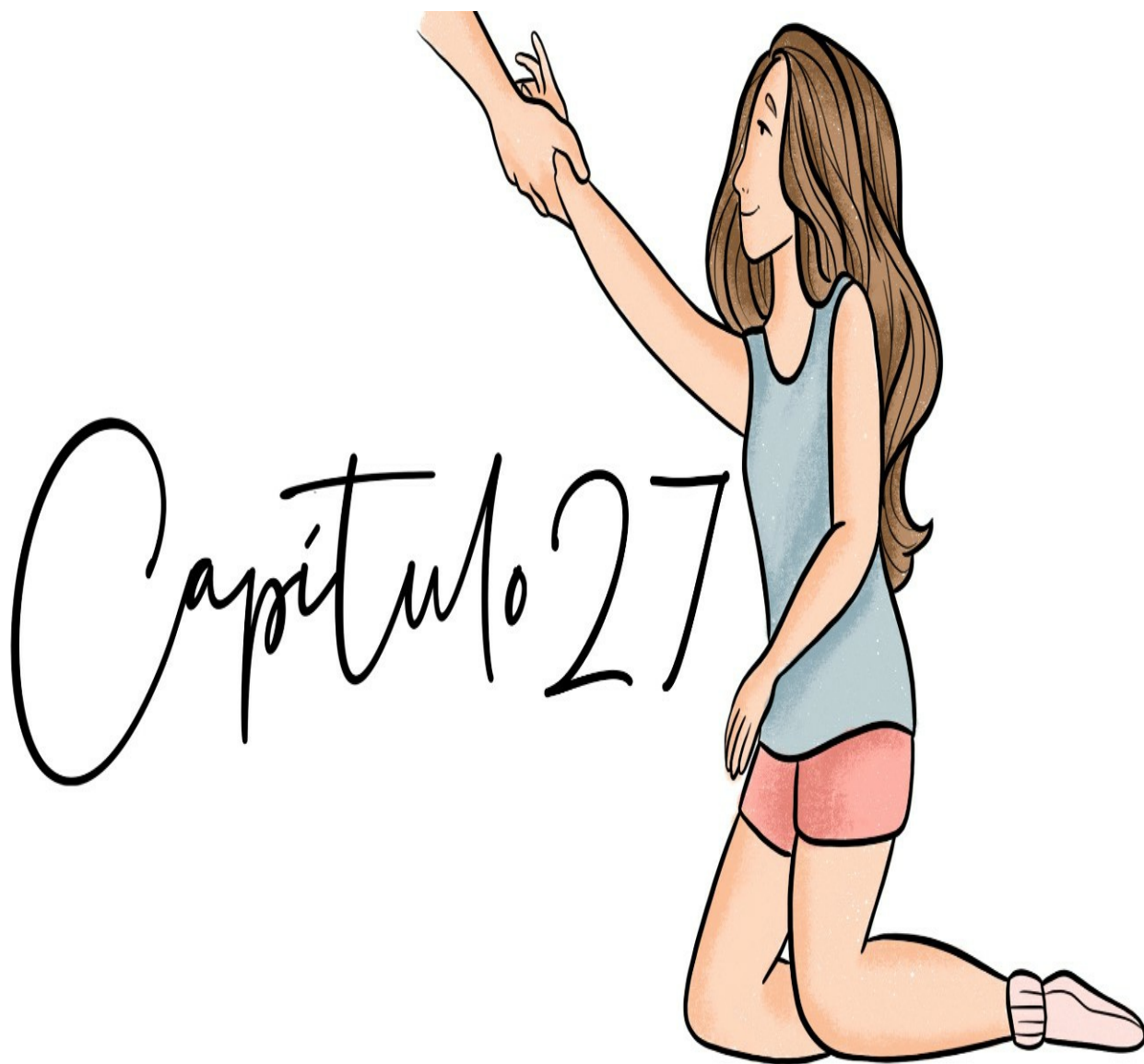
— Durma meu amor, cuidarei de você — ele sussurrou em seu ouvido, levando a mão ao abajur e apagando a única luz do quarto.

Capitu chegou a suspirar com tantos sentimentos em seu âmago, brigando entre si, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

dessa vez, nenhum deles era ruim, nenhum deles lhe trazia temor, pelo contrário...

PERIGOSAS ACHERON



***“Eis que o amor é capaz de acalmar uma
alma atormentada...”***

*Quando, enfim, estiver pronto para abrir
novamente o coração e amar, é porque esse*

sentimento já faz morada em seu peito. Você só não percebera ainda e, junto com essa constatação, virá também a sensação de liberdade que só o amor lhe trará e, quando tal sentimento for retribuído com plenitude e abundância, saberá que é hora de se entregar sem medos, arrependimentos ou anseios...



Capitu acordou naquela manhã, sentindo falta do calor e do aconchego dos braços que passaram a noite inteira ao redor de seu corpo, aquecendo-a, protegendo-a e passando-lhe uma segurança nunca sentida até então. Sentou na cama, olhando o lugar ao seu redor, contemplando o espaço masculino, só dele.

O quarto de tom neutro e paredes lisas tinha apenas um quadro na parede oposta. Era sóbrio e com poucos móveis, o suficiente para ser compacto e útil. A cama grande tomava conta de boa parte do

PERIGOSAS ACHERON

espaço, tendo apenas um criado mudo, embutido na cabeceira planejada, com um abajur sobre o móvel. À frente, havia uma pequena porta que imaginou ser um closet, já que ao lado direito, ficava o banheiro.

Sentiu algo roçar sua perna enquanto examinava o quarto e se assustou, pulando em seguida e ouvindo um miado baixinho. Era Tita, mais uma vez, invadindo o espaço alheio. Capitu sorriu, pescou a camisa dele, que estava dobrada sobre o criado mudo e se vestiu. Pegou o bichano em seu colo, que logo se aconchegou, arrastando a cabecinha peluda no braço de Capitu, a fim de mais carinho.

— Cadê seu dono, *hein*? — Manteve Tita em seus braços e caminhou até a janela, parando próximo ao vidro, observando a fina chuva que ainda caía lá fora.

Não gostava de chuva e aquela foi a primeira vez que um temporal não lhe causou medo ou qualquer sensação ruim. Traumas, sempre seus traumas. Suspirou, com olhos fixos lá fora, lembrando do dia que sua mãe foi embora, deixando-a para trás sem nenhum remorso,

enquanto ela se encolhia, assustada com o temporal que parecia querer engoli-la e pedia baixinho que a mãe voltasse e a protegesse dos trovões e dos monstros que rondavam sua mente.

Balançou a cabeça, sentindo a visão nublada, enquanto gentilmente fazia carinho na cabeça da gata. Em todos aqueles anos, sua mãe não voltou, não a procurou ou quis qualquer contato. Capitu chegou a pesquisar sobre a mãe certa vez, tentando encontrá-la. Procurou com afinco, até que a achou, descobrindo que a mulher havia se casado outra vez e tido mais dois filhos, uma menina e um menino. Chorou naquele dia, em frente à tela do computador, vendo as fotos da família em uma rede social. Fotos dos filhos de Darla, que parecia radiante ao lado daquelas crianças.

Descobriu também que a mãe não estava longe, pelo contrário, moravam na mesma cidade. Foi depois daquele dia de descobertas dolorosas, que Capitu desistiu de querer contato e enfiou em sua cabeça, de uma vez por todas, que Darla não se arrependeu do que tinha feito. Lembrava-se de a mulher dizer repetidas vezes que se arrependia da vida que levava, do casamento, da filha que tivera e

não seria Capitu a relembra-la de tudo aquilo. Só queria que a mulher que a deixou um dia entendesse que ela não teve culpa de nada, menos ainda de ter nascido...

Notou a movimentação na porta do quarto, e aquilo varreu para longe os pensamentos deprimentes. Virou-se e deu de cara com Tiberius, carregando uma bandeja, com um sorriso genuíno em seu rosto e vestindo apenas uma bermuda.

— Já acordada? — Depositou a bandeja de madeira sobre a cama e aproximando-se de onde ela estava. — Achei que teria a sorte de encontrá-la nua, ainda na cama — disse com um sorriso maroto.

Capitu colocou Tina no chão e foi para os braços dele.

— Se soubesse das suas intenções, eu teria permanecido na cama. É uma proposta tentadora, doutor delícia — disse, vendo-o levantar uma sobrancelha.

— Taí, gostei. — Deu de ombros se referindo ao apelido e beijando-a.

— Não sabia? É assim que te chamam lá no

PERIGOSAS NACIONAIS

café...

— Sério?

— Humrum e agora, posso comprovar que é verdade... Mas já adianto que serei a única a ter certeza disso — disse, arrancando uma gargalhada gostosa dele.

— Ciúmes, pequena?

O sorriso provocativo continuava em sua boca enquanto a provocava com seus lábios, roçando sua orelha.

— Hum, também não precisa tanto, Tiberius e não sou tão pequena assim. — Ah, ele precisava, pois eram ciúmes, muito ciúmes. Estava agora mesmo procurando um jeito de perguntar a ele sobre a mulher que tinha visto no escritório.

— Vem, ciumentinha, preparei o café da manhã. — Ela olhou a bandeja sobre a cama e sorriu. — Espero que goste.

— Com tantos dotes, não precisa nem mesmo ir ao café todas as manhãs tomar seu dejejum — disse, sentando na cama, olhando a bandeja com pães, frutas e torradas à sua frente.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não ia pelo café, Capitu.

Ela o olhou, a boca abrindo-se enquanto tentava entender o que ele dizia. Quer dizer, Capitu tinha entendido bem, só não conseguia acreditar.

— Eu ia pra te ver — ele completou, sentando ao lado dela, deixando-a sem palavras.

— Por que nunca falou nada, digo, nunca falou comigo? — Ela pegou uma torrada com geleia de morango que ele lhe oferecia, mordendo-a em seguida, esperando sua resposta.

— Você tinha uma aliança no dedo, moça.

Ela nada disse, tirando os olhos dos dele e pegando um copo de suco que estava sobre a bandeja.

Pela primeira vez, a mulher se viu arrependida por ter usado aquela aliança por três longos anos de noivado. Pensou em como perdeu tempo, não porque pensava exclusivamente em Tiberius, não isso, mas por ela mesma. Anulou-se tanto por Lucas e se prendera a ele, deixando de viver sua própria vida, espelhando somente nele sua felicidade e pior, por escolha exclusiva dela. Em compensação, a liberdade que sentia naquele

PERIGOSAS NACIONAIS

momento com Tiberius era sem precedentes ou comparações.

— Não vai comer? — perguntou, tentando mudar o foco da conversa. Não queria pensar em Lucas naquele momento.

— Não, já comi, não se preocupe.

Ela assentiu e algumas dúvidas invadiram sua mente. O que aconteceria agora? Como levariam aquilo a diante? Pois não tinha mais dúvidas que o queria.

— O que foi, por que essa ruga aqui? — perguntou, tocando a pele entre suas sobrancelhas.

— Nada — tentou tranquilizá-lo.

— Sabe que pode me falar ou perguntar qualquer coisa, não sabe? Não quero dúvidas entre nós, Capitu, não quero nada entre nós. O que quiser falar comigo, diga abertamente, pode ser qualquer coisa... — Ele era capaz de acabar com todo medo ou receio que ela tivesse com essas simples palavras.

— Eu não sei Tiberius... quer dizer... o que faremos a partir de agora?

PERIGOSAS ACHERON

— Do que tem medo, moça?

Abandono. Ela quis dizer, gritar, mas segurou a língua.

— Você melhor que ninguém sabe o que tenho e como isso pode interferir. Quer dizer, se nós... — Estava confusa e não sabia como falar, se expressar, sem se sentir idiota.

Tiberius se aproximou mais dela e tirou o copo de suco de suas mãos, colocando-o de volta na bandeja, fitando, com a intensidade de um predador, aquelas duas esmeraldas que tanto amava. Com carinho, segurou o rosto dela entre as mãos e começou a beijar seus olhos, rosto e nariz, em seguida, parou em sua boca e roçou seus lábios, até aprofundar o beijo.

O homem a beijou com calma, sentindo o sabor que era só dela. Ah, agora aquele era seu sabor favorito. Desde que provou daqueles lábios, queria-os sempre, mas primeiro precisava fazê-la acreditar e confiar no que diria a seguir.

— Primeiro — disse, não parando o carinho em seu rosto, passeando a boca em rápidos beijos por toda sua extensão, indo até sua orelha e

mordiscando o lóbulo, arrancando um suspiro de contentamento dos lábios rosados. — Primeiro, moça, sei exatamente o que tem e isso não me impede de querê-la ainda mais. Me apaixonei por você, Capitu, como é. Com todas as suas qualidades, seu coração generoso, medos e defeitos também. Aprendi a gostar, apenas em observá-la. Apenas por vê-la enrugar o nariz quando tem dúvidas, apertar a pontinha dele quando te falta paciência com algum personagem na leitura e até mesmo o jeito nervoso com que coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha quando algo não te agrada.

Ele se afastou, pegando um pequeno maço de cabelo dela e colocando ele mesmo atrás de sua orelha.

— Isso mesmo, moça, sou apaixonado por você e toda e qualquer dúvida nunca será suficiente para que eu me afaste. Agora que a tenho entre meus braços, quero só amá-la.

— Ah, Tiberius...

Ele sabia mesmo como deixá-la sem palavras, sabia como encher seu coração de rejúbilo, fazê-la se sentir segura... Experimentar esses sentimentos

PERIGOSAS ACHERON

com tanta plenitude a assustava de alguma forma, pois, por mais que tentasse, os medos e as inseguranças não iam embora, mas queria acreditar no que ele lhe dizia.

—Tenho um convite pra te fazer — disse, deixando um beijo no ombro dela, subindo o carinho pela extensão de seu pescoço.

— Que seria...

— Um casamento. Um amigo irá se casar na semana que vem, e quero que vá comigo.

Ela sorriu.

— Claro, vou adorar te acompanhar... É aquele médico? O bonitão que me atendeu?

— Não, é o primo dele. Cursamos a faculdade juntos, o considero da família, e por isso quero estar com ele quando se casar. Só me falta companhia — disse, continuando com as carícias agora em sua orelha, sentindo o corpo dela amolecer com cada mordida.

— Não falta mais, vou com você, adoro casamentos — disse e ponderou um pouco sobre o que diria a seguir. — Hum... a moça que estava em seu consultório ontem... — Tomou coragem de

PERIGOSAS ACHERON

perguntar, sentindo receio, o coração apertado com a cena dos dois entrando juntos na recepção do hospital.

— Isa? O que tem?

— São só amigos? — perguntou, tentando soar despretensiosa, rezando para que ele dissesse que sim.

— Sim, só amigos — disse sem titubear e por mais que ela tentasse disfarçar, Tiberius desconfiou das dúvidas que a rondavam ao vê-la desviar os olhos dos seus. — Pergunte o que quiser, Capitu, confie em mim.

— São amigos há muito tempo? — Tentou controlar a insegurança que a assaltava, mas falhou miseravelmente.

— Mais do que eu gostaria. — Ela sentiu a diversão na voz dele ao falar da mulher. — Isabella é a caçula do grupo, chegou depois, quando já estávamos fazendo residência e grudou em nós. Isa é uma mulher e amiga incrível, só meio maluquinha às vezes, vai perceber isso com o tempo, depois que conhecê-la melhor. Irá gostar dela.

— Por que... e por que demoraram tanto

ontem trancados em seu consultório? — falou de uma vez, sentindo alívio em externar seus pensamentos e ele sorriu, o que ela não entendeu.

— Ora moça, está me saindo muito ciumenta... — disse, sem perder a diversão, levando um pequeno soco no ombro — Passamos tanto tempo no consultório, pois, além de suas consultas comigo serem regulares, Isabella me deixou maluco, me lembrando o quanto fui péssimo ao te encontrar na recepção e de como estava errado em te dar espaço, manter distância — terminou sua fala colocando novamente uma mecha de cabelo atrás da orelha de uma Capitu pensativa, acariciando sua face logo em seguida.

— Falou de mim pra ela?

— Falei, disse a ela o quanto estava me fazendo falta e não sabe como me arrependo. Isa não me deu sossego, me dizendo todo o tempo o quanto sou certinho demais para ir atrás de você.

— Ele a viu enrolar a barra da camisa em seus dedos, sem jeito e nervosa. Levou a mão ao queixo dela e a fez encará-lo. — Não tem outra mulher, Capitu, não tenho espaço pra qualquer outra a não ser você. Ocupou cada pedacinho de mim, moça.

PERIGOSAS NACIONAIS

Me estragou para o resto do mundo — disse a mais pura das verdades, o mesmo que queria ter dito há dias.

Capitu não pôde deixar de sorrir ao vislumbrar a sinceridade em seu olhar e acreditou nele, e qualquer dúvida sumiu quando recebeu um beijo lento e apaixonado de Tiberius.

— Agora, moça, toma banho comigo? — disse, fitando-a. — Preciso ir trabalhar.

— Ai, céus, é verdade e eu tenho que ir pra casa preparar meu plano de aula.

— Calma, ainda temos tempo, podemos até brincar um pouco durante o banho. — Sorriu com malícia para ela que, em resposta, enrugou o nariz.

— Que pervertido, senhor Tiberius...

— Ah, minha pequena, você ainda não viu nada — disse, levantando e trazendo-a para junto de si, indo ambos para o banheiro.

Ah... e aquele, foi o banho mais quente que ela já tomara...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



“Confiança, sem ela, seu barco tende a afundar em mar aberto.”

Às vezes, optamos pela omissão, por achar que ela não é, de certa forma, uma mentira.

Engana-se. Em alguns momentos, a omissão torna-se um peso muito maior, peso esse que relacionamento algum pode sustentar. Na vida, para construir algo que seja realmente concreto com um outro alguém, a confiança é primordial. Se não a tem, quer dizer que não está pronto para amar, não de verdade. Portanto, livre-se de tudo o que ainda segura seu coração, das inseguranças e se entregue...



Na semana que se seguiu, ambos conheceram mais um do outro e se completaram. Cada uma das nuances e camadas ia sendo retirada, deixando-os, face a face com o outro e, a cada novo dia, ambos se apaixonavam mais.

Mas tamanha intensidade trazia medo a Capitu, que tentava se convencer de que o que sentia, não era amor, não ainda. Sim, apesar de estarem bem, ela não queria amar tão facilmente,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

queria controlar o turbilhão que crescia dentro de si, se convencer de que era paixão, pura e simples. Queria acreditar que o sentimento era apenas um deslumbramento por estar com outro homem, descobrir novos prazeres, sem falar na relação de amizade que mantinham. Não queria estragar tudo gostando demais, amando demais e sufocando-o. Estava, mais uma vez, no limite das emoções.

O problema na equação é que, ao tentar negar seus sentimentos, Capitu acabava se sufocando, sem ao menos perceber. Queria dar tempo ao tempo, sem grandes expectativas, sem esperar demais e sem se entregar completamente, afinal, mesmo Tiberius dizendo que a queria e que estava apaixonado por ela, não tinham um compromisso, não falaram em namoro e isso foi deixando-a com ainda mais dúvidas. Era bom, estava bom assim, e não teria expectativas. Não daria espaço para cometer o mesmo erro que com Lucas.

Terminou de colocar os brincos com uma pequena pérola branca no centro e se olhou no espelho, percebendo o rosto corado, conferindo-lhe certo ar de vivacidade. Sorriu para si mesma, estava feliz. O vestido longo, de cor pastel, ressaltava seus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos juntamente com o cabelo preso em um coque elegante, no alto da cabeça. Estava mesmo bem, sentia-se bem, disse a si mesma, notando outra presença no quarto. Virou-se e o encontrou encostado à porta, observando-a com aquele olhar de admiração que ela aprendeu a amar. Não, amar não, a gostar...

— Você está perfeita e eu sou um homem de sorte, sabia? — disse, com a voz rouca, aproximando-se dela e enlaçando sua cintura.

Tiberius estava bonito e diferente, vestindo um terno de duas peças preto, camisa branca e uma gravata azul marinho. Era o dia do casamento para o qual a tinha convidado e estavam em cima da hora.

— Você também está lindo — elogiou.

Capitu imaginava ser o único ser de sorte naquele quarto, pois vivia a suspirar e, se fosse sincera, diria que era exclusivamente por tê-lo em sua vida e por ele sempre fazer de tudo para que ela estivesse contente, sempre respeitando seu tempo. Ganhou um rápido beijo no canto da boca e um cheiro demorado no pescoço, antes que ele se afastasse.

PERIGOSAS ACHERON

— Já está pronta? Podemos ir? Pedro acabou de me mandar uma mensagem, parece que o noivo está impaciente. Não que eu ache que a noiva irá fugir, já que o filho da mãe enfiou duas crianças nela — disse divertido, vendo uma ruga se formar em meio as sobrancelhas de Capitu.

— A noiva está grávida?

— Sim, acho que de uns seis meses, se não me engano.

— E por que não casaram antes?

— Não estavam se entendendo muito bem — disse e sorriu. — Mas se acertaram e serão felizes, tenho certeza, apesar do início conturbado e da gravidez não planejada.

— Não acho que isso seja algo que se possa planejar, Tiberius. Vai me dizer que pretende planejar minuciosamente seus filhos, isso, se quiser filhos, claro...

— Não, não quero filhos, quer dizer, não agora. E sim, filhos podem ser algo esperado, meu bem, devem ser, na verdade. — Parou de falar um instante a olhando. — Gosto de planejamentos, moça. Você é que tem me bagunçado todo, desde

que a conheci.

— E isso é ruim? — perguntou, quando já estavam próximos à porta e ele parou, segurando seu rosto entre as mãos.

— Não, de maneira nenhuma, é o melhor que já me aconteceu, moça. — Ela não pôde deixar de sorrir. — E sou muito feliz por ter você bagunçando meus planos. Agora temos mesmo de ir — disse por fim, deixando um beijo em sua boca e limpando em seguida o batom que ficara em seus lábios.

— Dá pra perceber o quanto gosta de cumprir planejamentos. Está aí, todo inquieto, só por achar que vamos chegar atrasados. Acalme-se, noivas atrasam, chegaremos a tempo.

— Eu não acho que chegaremos, moça. Vamos nos atrasar, infelizmente.

Ela não retrucou, mas suas palavras ficaram em sua cabeça. *Gosto de planejamentos...* Bom, ela era o avesso disso, era o completo oposto, pois nada saía como o esperado, não tinha muito controle de suas próprias emoções e, às vezes, nem de suas ações...



A igreja era pequena, com poucos convidados, mas estava impecavelmente arrumada para o casamento. Capitu viu, com um sorriso no rosto, Tiberius interagir com o noivo e o padrinho parados em frente ao altar, o segundo sendo o médico que a atendera no hospital. Divertiu-se vendo o noivo, um homem alto e loiro, vestido impecavelmente em um *smoking* preto, parecendo estar nervoso e prestes a ir, ele mesmo, em busca da noiva. Com isso, ele arrancava algumas gargalhadas de Pedro e Tiberius, que estavam mesmo empenhados em enlouquecer o pobre homem. Grandes amigos... pensou ela.

Poucos minutos depois, anunciaram a entrada da noiva, causando certa comoção na igreja. Não tinha como Capitu ver com clareza, mas achou-a linda, radiante, mesmo com a barriga imensa. Olhou o noivo naquele instante e teve um

vislumbre da felicidade que aquele casal teria, pois o sorriso do homem mal cabia em seu rosto, tamanha euforia e felicidade. Ah, o momento era mesmo lindo como todos diziam e quando viu a noiva tentar segurar as lágrimas para não desabar em choro, pôde ver o amor entre ambos e, em seu peito, sentiu que queria aquilo para si... Olhou o homem ao seu lado, sentindo o coração aquecer com tal pensamento, o vislumbre de um futuro juntos.

A cerimônia transcorreu com tranquilidade, belíssima e, ao final, teve a velha tradição de jogar arroz na cabeça dos noivos — ela adorava casamentos. A recepção não foi diferente e, após conversar com algumas pessoas, pôde conhecer os noivos e até dançar. Mas agora, ao final da festa, Capitu se encontrava cansada e com as sandálias machucando seus pés.

— Já quer ir?

— Podemos? — perguntou, deixando transparecer o alívio em sua voz.

— O que você quiser, a festa já está no fim.

— Então vamos, minhas sandálias estão me

matando. — Fez uma careta e ele riu.

— Vamos. Não quer tirar logo as sandálias?

— Claro que não, tiro no carro.

Ele confirmou com um aceno e logo se levantaram.

Tiberius procurou por Pedro com o olhar e não o encontrou, então, decidiu sair de fininho, abraçado à Capitu. Saíram rindo, enquanto ela protestava pelo fato de ele querer levá-la nos braços, já que estava quase mancando. A felicidade reluzia em seus rostos quando alcançaram a saída, um espelho do momento em que viviam. Um momento que poderia não durar tanto assim...

— Que coincidência, Capitu!

Ouviram uma voz grossa e viraram-se, dando de cara com Lucas.

Capitu sentiu o sangue gelar, pouco a pouco, e, com certo desespero, analisou o homem à sua frente, que mantinha um sorrisinho cínico nos lábios — sua marca registrada. Ele a mediu dos pés à cabeça descaradamente e mudou o olhar para Tiberius em seguida.

— Boa noite ao casal, como estão? — perguntou, fingindo cordialidade.

Uma cordialidade que Tiberius não retribuiu, fechando o punho e apertando a mão gelada de Capitu na sua, sem nem se dar conta do ato. A animosidade tomando conta dele.

O que aquele pedaço de merda fazia ali, afinal?

— Como vai? — Foi em um tom seco, com a voz grossa carregada, que Tiberius o cumprimentou.

— Vou muito bem e você, Capitu?

A mulher estava gelada e sem reação. Não pelo reencontro em si, mas por medo.

— Vou bem, obrigada. Vamos, Tiberius? — disse, olhando-o em súplica.

O homem a fitou e vê-la naquele estado por conta do encontro com seu ex-noivo o incomodou sem precedentes, fazendo algo murchar dentro dele.

Mas Tiberius não teve tempo de responder antes de Lucas voltar a falar:

— Mas já? Não conheço os noivos, vim

acompanhando Ana que veio representando seu pai, mas ainda é cedo para irem embora. Poderíamos beber alguma coisa, o que acham?

O homem só podia estar de brincadeira!

— Não, obrigada, já estávamos de saída. Até mais — Tiberius encerrou a conversa pronto para ir embora, mas foi parado pela voz zombeteira de Lucas, atrás de si.

— E, Cá! — Lucas a chamou. — Precisamos repetir o que fizemos dias atrás, foi maravilhoso...

O sorriso cínico brincava em seus lábios e ele parecia se divertir com o pavor que tomou o rosto da mulher à sua frente.

— Vamos, Tiberius — disse por fim parecendo angustiada, puxando a mão do homem, que não entendeu a parte final da conversa, mas não gostou nada do que ouviu.

Capitu sentiu os pelos do braço do homem ao seu lado se eriçarem e a tensão emanar do corpo de Tiberius. Ele não se pronunciou, caminhou ao lado de Capitu até o carro, abriu a porta do carona e esperou que ela se acomodasse na poltrona de couro. Às últimas palavras de Lucas estavam

mexendo com Tiberius, isso ele não podia negar.

Repetir o que fizeram dias atrás? E que diabos fizeram?

O homem se pôs em seu lugar e a olhou brevemente, percebendo sua mudança da água para o vinho. Agora estava amuada no banco ao seu lado, olhando a rua lá fora, com os braços cruzados em frente ao corpo. A forma como se manteve ao seu lado durante o trajeto, lhe dava a entender que Capitu ainda amava Lucas, pois era nítido que o encontro mexeu com ela... E contra um fantasma, Tiberius sabia que não podia competir. Era isso que Lucas representava em suas vidas e relacionamento, um tipo de fantasma.

Precisamos repetir o que fizemos dias atrás...

A frase dava voltas em sua cabeça, enquanto tentava esmagar o volante com as mãos. Guardou para si a apreensão que uma simples fala lhe trouxe e prendeu a atenção no trânsito, esperava que ela dissesse algo, explicasse aquela frase, desmentisse, qualquer coisa. Só precisava que Capitu dissesse alguma coisa. Teve dúvidas se seguiriam com o combinado de passarem a noite em sua casa, ainda sim, pegou o caminho para lá. Minutos depois, ele

PERIGOSAS ACHERON

estacionou em frente ao portão, acionou o controle e, quando fez menção de entrar, Capitu segurou seu braço.

— Eu acho melhor me levar para casa, Tiberius.

Ele a fitou sério, incrédulo do que ouvia.

— Vou fazer uma pergunta simples, Capitu, e espero obter sua sinceridade.

Ela estava em pânico. Não queria mentir, não podia mentir para ele, mas tinha um medo descomunal do que a verdade poderia fazer. Pois sim, tinha mentido ou melhor, omitido uma coisa muito importante.

— Ainda sente alguma coisa por seu ex-noivo? Ainda o ama, Capitu?

Ah, ele odiava fazer esse papel, odiava inclusive a insegurança esmagando seu peito, mas não importava aquele sentimento, Tiberius queria a verdade. Sempre fora verdadeiro e sincero com Capitu desde o início e esperava reciprocidade. Para seu alívio, a resposta à sua pergunta veio rápida.

— Não, claro que não. Que pergunta é essa

PERIGOSAS ACHERON

agora?

— Acha que não tenho motivos para perguntar? Olhe para o seu estado e me diga, Capitu. — Ele tinha motivos e ela sabia disso, sabia que tinha razão. — Diga a verdade, é só isso que peço.

Capitu se limitou apenas a sair do carro, cruzando os braços frente ao corpo como se pudesse se proteger das emoções que sentia, do medo e insegurança e o esperou na porta de entrada, sentindo calafrios tomarem conta de si. Tiberius colocou o carro na garagem e ficou poucos segundos dentro do veículo, até que saiu e se aproximou de onde ela estava, abrindo a porta para que entrassem.

— Não tem nada pra me falar? — perguntou, mas não teve resposta. — Bom, então acho que terei que perguntar. O que ele quis dizer com: precisamos repetir o que fizemos dias atrás, Capitu? — Ele precisava saber, entender.

Tiberius ainda não tinha sentido ciúmes, menos ainda naquelas proporções e isso o desestabilizava, enquanto a olhava de costas para si em meio a sua sala, abraçando o próprio corpo.

— Há quase três meses, nós nos encontramos.
— Capitu começou a falar e ali estava ele, parado, ouvindo-a, querendo não escutar o que vinha a seguir. — Foi quando naquela vez que você me levou pra jantar. Quando voltei para casa, ainda no outro apartamento, Lucas estava lá. Eu ainda não tinha me desprendido dele completamente, ainda achava que o amava e deixei acontecer — disse e parou, respirando fundo antes de continuar. — Foi naquela noite que eu descobri que o que sentia não era amor, acho que na verdade nunca o amei...

Capitu queria fugir dali, dos olhos dele. Não queria ao menos olhá-lo, tinha vergonha e queria apenas correr e se fechar em sua concha.

— A crise que teve em que se fechou por quase quinze dias...

— Foi, foi por isso. Eu ia contar, mas Carol atendeu o celular aquele dia e... depois senti vergonha e ela já tinha arrumado uma desculpa. Não sabe o quanto a sensação de sujeira me perseguiu por dias ... eu... — Não terminou de falar e sentiu uma mão apertar seu ombro com delicadeza, virando-a para olhá-lo. — Eu não amo Lucas, não sinto mais nada por ele. Minha reação

foi por medo de que acontecesse exatamente isso e que você entendesse de outra forma, pensasse que...

Tiberius tomou o rosto dela entre as mãos, e depositou um beijo nos olhos suplicantes de Capitu, impedindo que ela continuasse a falar. O homem acreditava no que ela dizia e estava contente por Capitu não ter escolhido se fechar e ter preferido se abrir com ele, despindo seu coração.

Deixou beijos por todo o rosto dela, chegando à boca, deixando um carinho suave e uma pequena mordida no lábio inferior, sentindo o corpo dela relaxar sob suas mãos e aproximar-se mais dele, enlaçando-o pelo pescoço e escondendo o rosto em seu peito.

— Eu sei que não temos um compromisso — disse controlando a vontade de chorar, e ele se afastou alguns centímetros, voltando a segurar seu rosto. — Mas não faria nada que o magoasse e não mentiria pra alguém que sempre foi tão sincero comigo, como você foi desde o início. Eu nunca mentirei pra você, Tiberius.

Ele ouviu tudo e a ideia que passou por sua cabeça, ao se encontrarem com Lucas há poucos minutos, não mais existia. Mas, na frase que acabou

PERIGOSAS ACHERON

de ouvir, tinha uma coisa que chamou em especial sua atenção.

— Como assim não temos um compromisso, moça? — Olhou-a em expectativa.

— Só ouviu essa parte do que falei?

— Não, mas foi essa que me alarmou.

O homem arrancou dela um sorriso tímido, em meio ao semblante triste. E quando Capitu o olhou, ele percebeu seu erro. Não a pedira em namoro, sequer falaram sobre qualquer outro compromisso. Mas já estava na hora de mudar aquela situação, pois falhou em não presumir isso antes.

— Quer namorar comigo, moça? — Tiberius a fez arregalar os olhos.

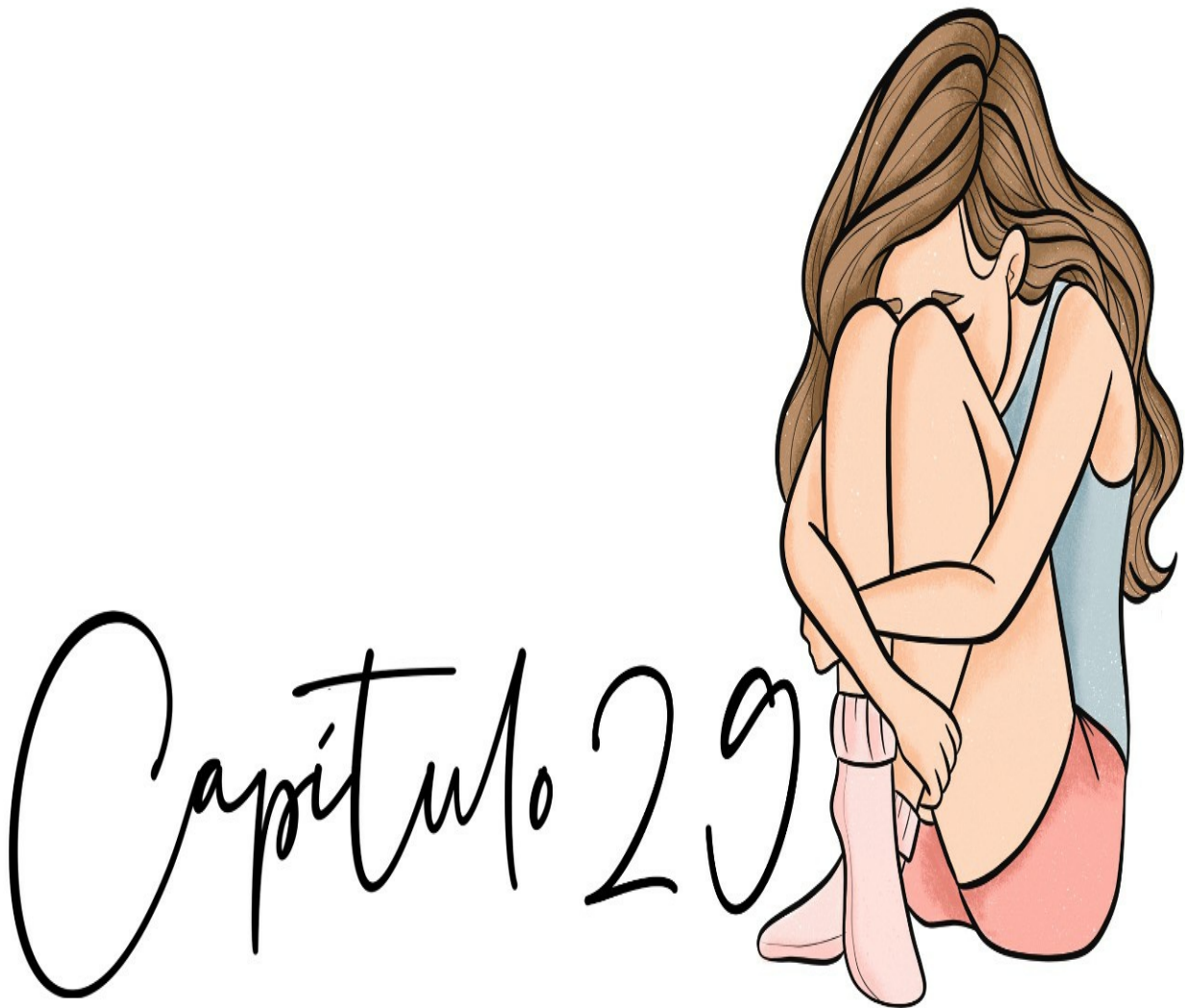
Capitu não esperava tal pedido, não, não mesmo. Ela queria? Claro que queria. Com ele, Capitu queria tudo. Com Tiberius, tinha a segurança de se jogar em qualquer desafio, ultrapassar qualquer barreira, pois com ele não se sentia sendo carregada por alguém, não era empurrada ou pressionada. Não, Tiberius apenas a incentivava a levantar, estava ao lado dela, aparando-a e limpando seus machucados caso

caísse, mas nunca tomando a frente e era isso que Capitu queria: ele e o sentimento de liberdade que descobrira recentemente.

— Sim, eu aceito.

Ele a tomou em seus braços, a beijou apaixonadamente e Capitu percebeu que nada poderia atrapalhar o amor que ela não queria admitir, mas que estava ali, crescendo e fazendo morada em seu coração. Tirando a erva daninha que foi deixada por Lucas e, no lugar, plantando grama verde e lindas flores... Nada era perfeito, mas, em meio a tantas falhas, no fim, só sobravam um homem e uma mulher e ambos bastavam um para o outro.

Ah, como ele a amava...



***“O amor verdadeiro é lindo, puro, delicado e
pode acalmar uma alma atormentada pelas
dúvidas e incertezas...”***

PERIGOSAS NACIONAIS

O mundo seria mais fácil se nós, seres mortais, o simplificasse. Criamos a cultura do dificultoso, de sempre escolher o caminho mais difícil, levando em conta regras sem sentido, dogmas que, muitas vezes, nem sabemos quem os inventou e, por vezes, nos perdemos, somos engolidos por tubarões que, nada mais são, do que frutos de nossa própria imaginação corroída pelo dia-a-dia, pelo cotidiano. Simplifique seu dia, sua vida, ame mais, se entregue mais, viva mais e seja apenas... feliz, buscando aquele velho pote de ouro ao fim do arco-íris.



Naqueles poucos meses juntos, Capitu aprendeu que para um relacionamento ser saudável não era preciso preocupações ou vigilância. Não precisava de medos, mas, mesmo assim, havia uma insegurança em seu íntimo e Tiberius vinha tentando miná-la a cada novo dia.

PERIGOSAS ACHERON

Em dias que ela não amanhecia bem, Tiberius a deixava retomar o controle, não a pressionava, lhe dava tempo para se curar do que a afligia. E quando, enfim, ela voltava a se abrir, ele estava lá, pronto para um abraço, para lhe provar o que sempre lhe dissera: que se apaixonou até mesmo por suas camadas e imperfeições.

Ah, ele era maravilhoso e isso, Capitu pôde comprovar dia após dia com a convivência.

Ela estava irremediavelmente apaixonada e temia que estivesse indo rápido demais. Tinha medo de sofrer, se entregar por completo e não queria admitir que já era tarde demais para isso, que já o amava de alma e coração.

Os enamorados tinham passado aquela noite juntos, uma noite intensa em que se perderam em paixão, prazer, desejos e juras de amor não ditas. Agora, ela estava na janela de sua sala, esperando para vê-lo sair. Acostumou-se a fazer isso, sempre que passavam a noite em sua casa e ele se despedia para ir trabalhar, Capitu ficava na janela, vendo-o partir. Viu quando ele saiu do prédio e, antes de entrar no carro, Tiberius se virou e a olhou como sempre fazia, jogando um beijo, que ela fingiu

pegar no ar — como sempre — rindo em seguida ao vê-lo entrar no carro e sair.

Ele estava atrasado naquela manhã e por isso, não tomaram café da manhã juntos, como de costume. Capitu foi para o quarto e terminou de se arrumar, decidindo ir para a cafeteria em seguida.

Ao chegar ao lugar, não quis tomar seu café e foi ao encontro de Carolina. Bateu à porta do escritório e entrou, encontrando-a com os olhos na tela do computador. Sempre a encontrava lá, Carol era a cabeça daquele lugar e Márcio, seu marido, o coração e o sabor.

Capitu precisava conversar com alguém, externar algumas de suas inseguranças, e a loira era a voz de sua consciência.

— Oi!

— Ahlá, apareceu a margarida! — brincou, levantando-se e beijando o rosto da prima. — Tudo bem, Cá?

— Tudo sim, e você?

— Tudo ótimo, maravilhoso! — disse com um sorriso ofuscante.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu Deus! Sua alegria é contagiante, o que aconteceu? — perguntou, sendo pega em um abraço apertado pela prima.

— O café tá indo de vento em popa, Cá, muito mais do que esperávamos, neste primeiro semestre. — A mulher estava mesmo feliz, mal contendo a euforia. — Acabei de fazer as contas e, começamos a ver lucro de verdade. Posso, enfim, esfregar na cara de mamãe que ela estava errada, desde o início.

Capitu sorriu realmente contente por Carolina. No início do relacionamento da prima, a tia de Capitu os infernizou, dizendo que não permitiria que a filha se envolvesse com um pobre morto de fome, pois não tinha a criado para isso. A reprovação de dona Joana não mudou o amor que Carol sentia por Márcio e, mesmo a contragosto, se casaram, não dando a mínima para a opinião de toda a família. Foi ainda pior quando o casal decidiu vender o pequeno apartamento de Márcio para montarem a cafeteria, que tinha se tornado o sonho de ambos. Dona Joana não se importou em derramar suas pragas em cima dos dois e era bom ver o quanto estava errada e que a amargura que a

PERIGOSAS ACHERON

cercava não conseguiu atingir o casamento afetuoso de Carolina.

— Por falar nela, tem visto sua mãe? — perguntou.

Apesar da senhora que a criou não se importar a mínima com ela, Capitu sempre perguntava da tia a Carol e lhe fazia visitas, que vinham ficando cada vez mais distantes, pela quantidade de reclamações que recebia da velha senhora. Desde que descobriu a doença, ainda não tinha ido vê-la, porque temia ir fazer uma visita e sair de lá pior do que entrara. Já bastava o último contato telefônico, em que a tia tinha insistido que tudo aquilo que estava acontecendo com Capitu era falta de Deus em sua vida.

— Bem, mas você a conhece. Como sempre reclamando de tudo e de todos, mas está bem. Irei vê-la amanhã, pode ir comigo e ver a cara que ela vai fazer quando eu der a boa nova.

Carol sorriu, e Capitu apenas confirmou, gostaria de ver isso.

— Agora me conta, quero novidades! — Carol falou, esquecendo-se da mãe.

— Não começa, Carolina.

— Olha, Capitu, eu me segurei até agora, mas quero saber, não me negue isso. Por favor, vai, me diz como ele é...

— Eu não entendo como minha vida íntima com Tiberius pode te interessar de algum jeito, Carolina — disse com diversão, provocando a loira que a olhou interrogativa. — Deus do céu, você quer mesmo saber?

— Claro que quero saber, anda, desembucha — disse com um sorriso, vendo Capitu se dar por vencida, após dias de insistência.

— Ele é... como eu posso dizer... Deus do céu, Carol, ele é maravilhoso — disse por fim, suspirando como uma adolescente por sua primeira paixão. — Tiberius é único, eu nunca imaginei que pudesse ser tão bom estar intimamente com alguém como é estar com ele. Ele é carinhoso, amoroso, delicado. Não é apenas sexo, entende? E é sempre diferente... — disse, suspirando novamente ao final da frase, fazendo Carolina abrir um sorriso faceiro em sua direção.

— Senhor... você o ama... Ai meu Deus!

Capitu arregalou os olhos para aquela constatação. Não, ela não o...

E naquele momento, após descrever com tanto entusiasmo seu relacionamento recente, se deu conta de que sim, estava irremediavelmente apaixonada por Tiberius e sentia que dessa vez era diferente. Algo puro e livre de qualquer espera, era apenas... amor. O homem apenas a queria, exatamente como ela era. Não era preciso fazer o mínimo esforço para que a quisesse, para que a amasse. Pensou, por um instante, na falta que sentia dele quando não estavam juntos, da saudade sem tamanho — diferente da necessidade, que agora sabia ser o que sentiu antes. Com Tiberius, ela era apenas... Capitu e suas inúmeras facetas. Percebeu, então, que tinha se livrado de parte de suas máscaras e podia, enfim, ser ela mesma.

E Capitu não se deu conta apenas do amor presente em seu coração, não. Deu-se conta de que mudou, de que já não havia tantas camadas a serem desmembradas e que não sentia mais o peso do mundo em suas costas.

— Eu, eu...

— Ah, Cá. Como eu quis isso pra você, como

PERIGOSAS ACHERON

eu quis te ver assim, feliz, sem ter de fingir ser alguém diferente para agradar pessoas que nem ao menos te mereciam.

— É tão cedo ainda Carol, eu não posso me entregar assim, não posso amar em tão pouco tempo.

— Capitu, isso não é escolha sua, não planejamos amar. Já parou pra pensar que esse sentimento pode não ter tão pouco tempo assim? Que pode ter nascido muito antes, quando você ainda achava que gostava de Lucas? Já o conhece há tempos e, talvez por estar presa a outra pessoa não percebeu, mas agora... já é tarde. Você o amou antes mesmo de querer se entregar. — Capitu gemeu, escondendo o rosto entre as mãos. — Ele já disse as três palavrinhas mágicas, Cá?

— Não, não disse...

— E você? Claro que não disse, nem tinha se dado conta disso ainda, ou se deu, tentou negar pra si mesma.

Carol tinha razão. Capitu sabia, só não queria admitir que era amor, porque, se não admitisse tal sentimento, poderia continuar a se enganar, sem

sentir medo do amanhã.

— Eu tenho medo, Carol, muito medo. Medo de ele não suportar... tem dias que é tão difícil, Carolina. Dias que mesmo eu querendo estar com ele, eu não consigo, pois só quero ficar trancada, sozinha, sem ver ninguém. Não é algo que eu possa controlar! Tiberius é um homem impossível de não amar e... eu não quero sofrer.

— E ele, Cá? O que ele diz quando você se afasta?

— Nada. Ele me dá o meu espaço, mesmo estando ali ao meu lado, ao meu alcance. Ele respeita o meu tempo e cuida de mim.

— Então do que tem medo?

— Que ele se canse e que aconteça o mesmo que houve com Lucas. Tenho medo de amá-lo demais, e esse sentimento se transformar em obsessão. Não quero estragar tudo!

— Você não estragou nada com Lucas, Capitu. Simplesmente não existia amor ou cuidado da parte dele. Não pode pensar assim, não pode tentar prever o futuro, Capitu. Precisa viver...

— Eu tento, tento mesmo, mas isso é algo que

PERIGOSAS ACHERON

foge de mim, Carol... Eu não consigo administrar meus sentimentos, não consigo dosá-los — disse, cansada.

— E as medicações têm ajudado com a ansiedade?

— Eu não estou tomando esses dias...

Carol a olhou de cara feia, pronta para lhe dar uma bela bronca e Capitu se apressou em se explicar:

— As medicações estavam me dando efeitos colaterais. Tive enjoos terríveis, tonturas e engordei mesmo estando sem comer... Essa semana irei à psiquiatra, conversar com ela sobre isso, pra que me passe outros remédios. Não é nem por conta do peso, parece que todos interferem nisso, são as tonturas e enjoos que estavam demais.

— E passou? — perguntou a loira, pensativa.

— Ah sim, diminuíram muito, eu não aguentava mais, mas passaram, graças a Deus. Às vezes, sinto alguma coisa, mas Tiberius falou que é por conta da medicação que ainda está em meu sistema.

— Entendi... e que dia vai ver isso?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Seria amanhã, mas estou sem tempo. Marquei pra depois de amanhã.

— Menos mal, logo isso passa.

Ela não respondeu, perdendo-se em pensamentos, digerindo tudo o que sentia. Sim, ela o amava e, ao mesmo tempo que uma alegria brotava em seu peito ao pensar nisso, a incerteza também aparecia, querendo engolir aquela felicidade recém-descoberta.

— Vamos sair hoje, ele me convidou para jantarmos fora, em comemoração aos dois meses juntos... — voltou a falar, instantes depois.

— Uau... e o que vai vestir? Tem aquele vestido vermelho que você comprou para o natal e nunca usou...

Capitu sorriu, e aí estava sua prima e melhor amiga...

O mundo poderia estar caindo lá fora, mas ela sempre estaria assim, com um sorriso no rosto, disposta a ajudar Capitu a encontrar um vestido para um encontro.

PERIGOSAS ACHERON



À noite, Capitu estava pronta, quando Tiberius avisou que a estava esperando em frente ao prédio. A mulher deu uma última olhada no espelho, vendo o vestido vermelho justo, que terminava acima dos joelhos, delineando suas curvas mais cheias pelo peso recente e terminou de passar o rímel nos cílios. As sandálias de cor salmão, fechavam o visual, deixando-a mais elegante.

Deixou o apartamento, desceu as escadas e suspirou ao colocar o pé na calçada e vislumbrar o homem parado próximo ao carro, com as mãos enfiadas na calça esporte fino de cor azul, vestindo uma camisa social branca apertada aos bíceps, com as mangas levantadas até os cotovelos e o cabelo amarrado em um coque baixo.

Ele sorriu quando a viu e o simples gesto a fez suspirar de contentamento. Aproximou-se, enlaçou-lhe o pescoço, e sem dizer nada, subiu os lábios aos dele, em um beijo íntimo, saudoso, que os deixou

PERIGOSAS ACHERON

sem fôlego.

— Hum, qual o motivo dessa recepção?

— Saudades, só isso.

Tiberius gostou do que ouviu e lhe deu mais um beijo casto nos lábios, abrindo a porta do carro para que Capitu entrasse. Em seguida, deu a volta no veículo e se pôs atrás do volante, saindo em seguida.

— Como foi seu dia, moça? — perguntou, com bom humor, enquanto ela o olhava e contemplava a constatação de que o amava.

Não era só paixão, não era só carinho, era mesmo amor.

— Muito bem. Dei uma aula muito divertida hoje, com direito à paródia e tudo mais e você?

— Nada demais, apenas contei as horas para estar contigo — respondeu, com um sorriso torto, levando a mão até a parte exposta da perna de Capitu, provocando-lhe arrepios.

— Não comece... — advertiu, mal contendo a excitação em sua voz.

— O quê? Não fiz nada demais, moça! Não

PERIGOSAS NACIONAIS

preciso das duas mãos para dirigir e não privaria minha namorada de receber um carinho... — Falando isso, a mão grande subiu pela parte interna da perna da mulher, indo de encontro à sua intimidade. — Hum... tão quente... — disse, entredentes, enquanto Capitu se deixou levar pelo arrepio de excitação que subiu por todo o corpo.

A mulher gemeu em resposta e Tiberius não a poupou, colocando um dedo por dentro da calcinha de renda branca, tocando-a intimamente. Capitu mordeu o lábio inferior, sentindo os dedos masculinos e grossos brincarem com sua entrada e seu clitóris, em uma carícia deliciosa e libidinosa. Aquilo parecia errado, pecaminosamente delicioso e ela estava se perdendo apenas com aquela simples carícia, feita em círculos sobre seu ponto mais sensível.

A mulher abriu um pouco mais suas pernas para ele, dando mais espaço para a mão dele, enquanto o homem mantinha a atenção presa ao trânsito e não parecia entregar sua perversão, a não ser pelo sorrisinho sacana que mantinha em seu rosto, enquanto se deliciava, ouvindo os gemidos baixinhos que deixavam os lábios de Capitu.

PERIGOSAS ACHERON

— Tiberius... — ela advertiu, contorcendo-se de prazer, segurando-se nas laterais da poltrona...

— Relaxe, amor e goze para mim...

Ah, aquela voz, com aquele comando, foi sua perdição. Ele tinha dois dedos em um vai e vem gostoso dentro dela, enquanto com a palma de sua mão esfregava-lhe o clitóris.

— Aí, eu vou... não para... Tiberius!

Ele voltou a circular o dedo em seu clitóris e aquilo bastou para ela jogar a cabeça para trás, revirar os olhos e se entregar, chamando o nome dele entre gemidos entrecortados e livres de qualquer pudor. As carícias continuaram até o corpo da mulher ficar mole sobre o estofado de couro preto, esbaforida sem nenhum esforço.

Capitu voltou a abrir os olhos lentamente e viu o sorriso largo e convencido de Tiberius. Observou quando, perversamente, Tiberius levou os dedos melados com seu gozo aos lábios, chupando-os, deliciando-se em sentir o gosto de sua intimidade.

— O seu sabor é o melhor e mais doce que já provei, moça.

Ela estava corada, ofegante, mole após o
PERIGOSAS ACHERON

orgasmo e nem ao menos tinha percebido que já estavam em frente ao restaurante.

— Vamos?

— Você não presta, seu pervertido — ela disse, arrancando-lhe uma gargalhada alta e gostosa de se ouvir.

— Me ofenderia se soubesse que não gosta da minha perversão, moça. Mas nada posso fazer, amo lhe dar prazer e vê-la corada, excitada e gritando meu nome, enquanto sinto seu gozo escorrer por sua boceta succulenta. Uma pena não ter sido minha boca, no lugar dos meus dedos...

Ela engoliu em seco, vendo o sorriso do homem aumentar perante sua reação. Estava excitada de novo e mudou seu foco para a pequena bolsa que trazia em seu colo, pegando o batom de cor vermelha, no mesmo tom do vestido e passando-o, enquanto sentia os olhos dele queimarem-na. Depois, levou as mãos por baixo do vestido até a calcinha encharcada com sua excitação a tirou, sob a supervisão dos olhos de Tiberius.

— Não tem mais com usar a peça — disse,

fingindo descontentamento com o fato.

— Fique sem... Vai garantir que eu permaneça de pau duro o resto da noite, sem falar que não irá mais precisar dela. — Ah, ele iria enlouquecê-la.

Tiberius pegou a calcinha de suas mãos e colocou em seu bolso. Em seguida, saiu do carro e abriu a porta para que ela também saísse.

O restaurante era o mesmo que tinham ido há meses atrás. Foi uma escolha de Tiberius, pois tinha lembranças ótimas do primeiro jantar de ambos e achava perfeito para a comemoração de dois meses de namoro. Para Capitu não era diferente, e ela se esforçou para que as lembranças do final daquela mesma noite não permearem seus pensamentos.

— O que foi? Não gostou? Podemos ir para outro...

— Não, está perfeito, obrigada. Vou ao banheiro, enquanto você vai pra nossa mesa.

Ele assentiu e Capitu deixou-lhe um selinho nos lábios, indo em direção ao banheiro, tentando ter completo controle sobre as pernas ainda bambas. Entrou na cabine, se limpou, lavou as

mãos e saiu do lavabo, procurando o lugar onde ele havia se sentado. Encontrou-o no fundo do salão, em uma mesa reservada das demais e foi em sua direção, sentando-se à sua frente.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou, solícito. — Me acompanha em uma taça de vinho?

— Claro, não estou tomando os remédios. — Deu de ombros.

Logo depois, fizeram o pedido e, entre conversas, carícias, sorrisos e olhares significativos, as horas passaram voando. Em um dado momento, ela quase o fez engasgar e cuspir o vinho na toalha branca quando, sem aviso prévio, tirou a sandália e levou o pé ao membro do rapaz, coberto pelo tecido da calça.

— Puta que pariu... — grunhiu baixo, fazendo-a sorrir pelo xingamento de baixo calão.

— O que foi, doutor delícia? Algum problema aí embaixo? — perguntou, sentindo o membro dele se avolumar embaixo do seu pé, que o pressionava, fazendo o homem fechar os olhos ao tentar manter o controle.

— Moça, é melhor parar ou não vou esperar

chegarmos em casa! — advertiu, sendo salvo quando o garçom se aproximou da mesa, trazendo a sobremesa. O homem quase suspirou de alívio quando, sorrindo de forma angelical, Capitu retirou o pé do membro já ereto.

— Salvo pelo gongo, doutor delícia.

Ele nada dissera, tentando controlar a ereção avolumada em suas calças.

Por um instante, enquanto comiam o *tiramisù*, Capitu deixou o olhar vagar pelo lugar e o prendeu em um casal no canto esquerdo do bonito restaurante. O casal que observava permaneceu calado após o homem de meia idade fazer o pedido para ele e a esposa, e Capitu suspirou, chamando a atenção de Tiberius ao falar:

— Deve ser triste... Será que já enjoaram um do outro? — Ele a olhou sem entender. — Aquele casal ali, deve ter tempo que estão juntos, nem ao menos parecem ter assunto entre si. Ele até fez o pedido pra ela... me parece triste.

Tiberius prestou atenção no casal em questão. Ambos pareciam já estarem próximos aos cinquenta anos e notou também a mão do homem

sobre a mesa, segurando a mão da mulher morena de cabelos curtos, enquanto ela tomava um gole do vinho tinto em sua taça e ele tinha a atenção presa no celular em sua mão.

— Ou... — disse, chamando a atenção de Capitu. — Já estão juntos há muito tempo e com tão o amor consolidado, que apenas a presença um do outro é suficiente, um acalento e se completam com o silêncio. Não precisam falar, talvez, se comuniquem apenas com o olhar e ele já a conhece tanto, a ponto de saber seus gostos e fazer ele mesmo o pedido para ambos. Estão aqui apenas porque querem uma boa refeição e contemplar a presença um do outro, nada mais. Gestos, olhares... valem mais que palavras, moça. — Terminou seu relato e se virou para ela novamente, que o estudava com atenção e olhos marejados.

Poderia parecer uma bobagem sem tamanho aquela conversa e mais bobagem ainda, o fato de o que ele lhe dissera ter tocado fundo em seu coração, mas tocou. E pela primeira vez, não foi inibida ao observar as pessoas, ao tentar imaginar suas vidas... Olhou-o no fundo dos olhos e deixou que as palavras gritadas no fundo do seu coração,

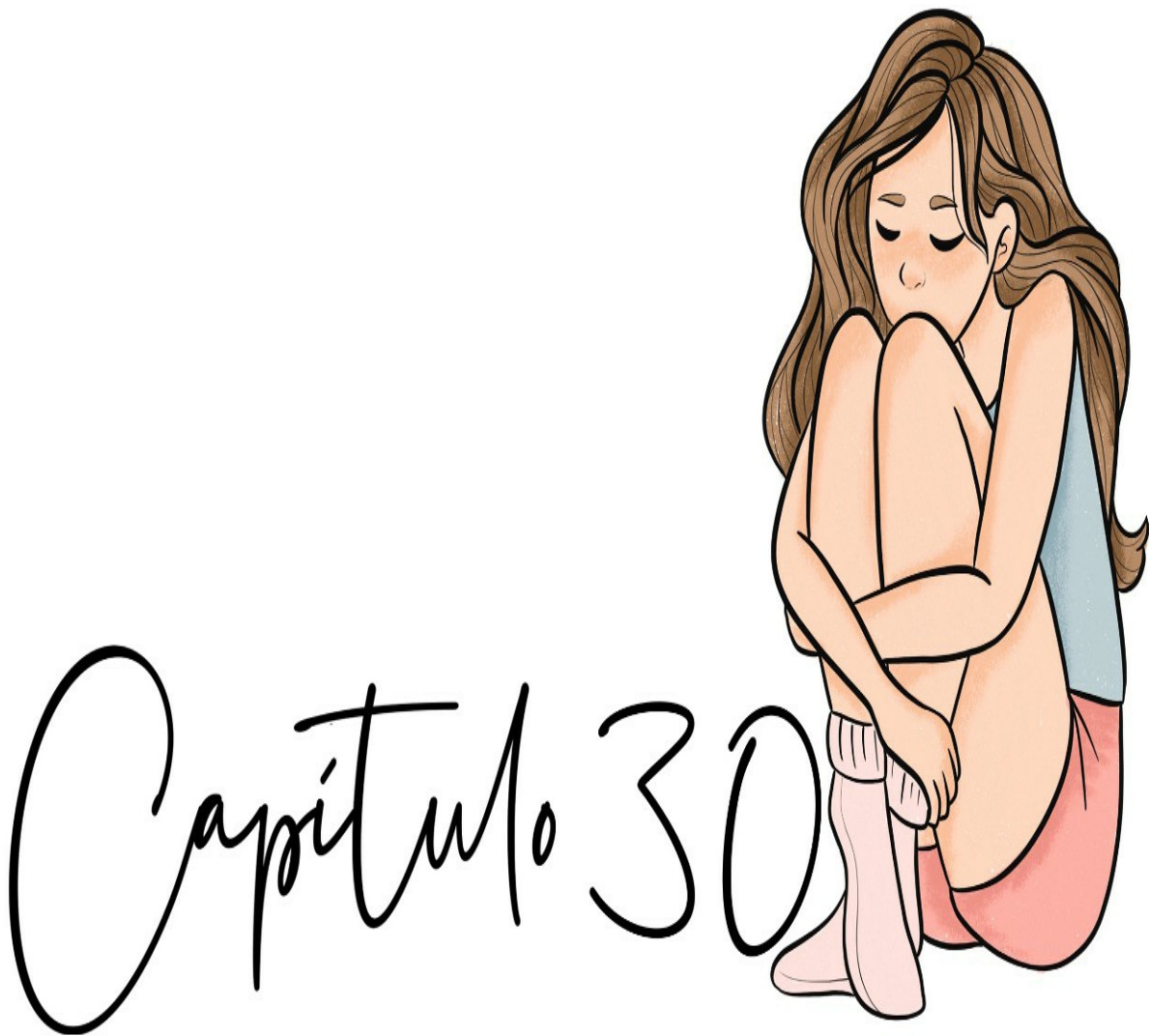
explodissem em seus lábios para o homem que tanto admirava...

— Eu te amo, Tiberius.

Ah, e aquelas palavras bateram em cheio no coração apaixonado do homem, fazendo seus olhos se arregalarem. Ela o amava? Pegou a mão dela, a levando-a até seus lábios, deixando um beijo demorado ali, sorrindo ao contemplar os olhos esmeraldas marejados que o encaravam com paixão.

— Eu também a amo, Capitu, amo muito...

É, caro leitor... Ah, o amor...



***“As dificuldades sempre virão e só cabe a
você lidar com cada uma delas!”***

*Feridas, quanto tempo demora para serem
curadas? Quanto tempo até que não sinta mais*

dor? Se estivesse me referindo às feridas físicas, saberíamos que, mais cedo ou mais tarde, elas se curariam, mas é claro que não me refiro a elas. Falo de feridas que não vemos, que não sabemos como curá-las, invisíveis até mesmo por quem as tem, e que, mesmo assim, se fazem presente em sua alma e coração, torturando-o pouco a pouco...



A noite fora maravilhosa desde o começo. O jantar foi perfeito e ouvir Capitu dizer com o rosto transbordando emoção que o amava, deixou-o com o coração a saltitar de alegria, contentamento e amor. Por vezes, naqueles meses juntos, sentiu vontade de dizer a ela as três palavras mágicas que gritavam em seu íntimo, mas se limitou em tentar mostrar isso a sua amada apenas em ações, pois não queria que Capitu se sentisse impelida por sua declaração a lhe jurar amor, não queria que ela dissesse sentir tal sentimento, sem ter certeza, sem

realmente estar livre.

Sim, Tiberius a amava e aqueles dias juntos, superando cada pequeno obstáculo e unidos não importando o momento, só havia fortalecido esse sentimento. Seu coração passou a bater forte apenas por uma única pessoa: Capitu. O homem faria tudo que estivesse ao seu alcance, apenas para ver os olhos dela brilharem de alegria. Disse a ela, certa vez, que gostava de planejamentos, e isso era a mais pura verdade, mas no atual momento de sua vida, não poderia ser mais feliz, mesmo abrindo mão do controle do dia-a-dia.

Os conflitos os rondavam e continuaria assim por toda a vida, é claro. Sabia pelo que Capitu passou e passava, mas, ao contrário de antes, ela não se fechava mais e desnudava-se dia após dia para ele. Abriu-se por completo, expondo seus demônios e medos mais profundos, confiando e, mais que nunca, Tiberius era grato por isso e feliz em ajudá-la, de alguma forma, mas sem se sobrepor.

A expressão pisar em ovos fazia todo sentido quando se tratava de uma pessoa com a síndrome de limítrofe e ele considerava que ambos estavam

PERIGOSAS NACIONAIS

indo bem. Não se iludia, achando que as dificuldades não viriam, não, isso não. Mas ele estaria ali para isso, para estar logo atrás para levantá-la, se ela caísse.

Naquela noite, após voltarem do restaurante e, apesar da entrega que sentiu em Capitu quando tomou seu corpo com devassidão, Tiberius não conseguiu dormir após vê-la correr para o banheiro e vomitar todo o jantar. Não era mais por conta dos remédios e se preocupou com a saúde da mulher, sentindo uma sensação de tinha algo errado rondando os dois. Recostou-se mais à poltrona da sala, deixando a cabeça cair sobre o encosto, vendo o dia amanhecer lá fora. Tinha passado parte da noite ouvindo os gemidinhos de Capitu em um sono inquieto, tendo-a em seus braços e não conseguiu mais ficar na cama. Resolveu levantar-se, pois se continuasse deitado, acabaria acordando-a. Sentado sozinho e com o silêncio do amanhecer ao seu redor, sentiu, por um breve momento, o sono tomá-lo pouco a pouco...

PERIGOSAS ACHERON



Capitu acordou sentindo falta do corpo quente ao qual dormiu aconchegada ontem à noite. Levantou-se, segurando-se à beirada da cama por causa da tontura que a atingiu e, depois de alguns segundos parada, saiu do quarto, procurando por ele, enrolada em seu robe. Encontrou-o cochilando, sentado na cadeira próxima à janela e sentiu o coração se apertar com a imagem. O que ele fazia ali? Por que não estava com ela na cama?

Aproximou-se e tocou seu ombro, assustando-o, vendo o homem esfregar o rosto, tentando se situar.

— O que faz aqui? Dormiu aqui fora?

Capitu estava chateada e ele percebeu.

— Bom dia, amor. Não, eu fiquei na cama com você, dormi um pouco e perdi o sono quando acordei para ir ao banheiro. Para não te acordar fiquei aqui fora, foi isso.

Ela o olhou ainda em dúvida, o medo preenchendo seu corpo. Medo de talvez ter dito cedo demais que o amava e tê-lo assustado.

Tiberius segurou sua mão e a trouxe para frente de si, abraçando sua cintura e encostando a testa em sua barriga, sentindo o cansaço de uma noite insone. Ela levou as mãos à cabeça dele e fez um leve carinho, arrumando alguns fios bagunçados. Adorava a maciez dos fios grossos e pesados.

— Acho que tem de se arrumar pra ir trabalhar, doutor.

Ele suspirou, o dia seria cheio.

— Sim, tenho de ir para casa.

— Nem precisa. Tem uma muda de roupa sua que ficou aqui há alguns dias. Eu as lavei e está passadinha no guarda-roupas.

Tiberius sorriu e deixou um beijo em sua barriga, por cima do tecido atoalhado.

— Obrigada, moça. Sentiu algum mal-estar ao levantar? — Ela negou com a cabeça, não queria preocupá-lo. — Vou marcar sua consulta para amanhã, estou preocupado com esses enjoos.

Podemos ver até um gastro, o que acha?

— Sim, podemos sim, não aguento mais os enjoos, ainda mais por não saber o motivo — disse, ficando ambos em silêncio por alguns instantes. Ela achou por bem externar seus pensamentos e perguntou: — Estamos bem, não estamos?

— Com toda certeza estamos mais que bem, meu amor — disse, levantando-se e mantendo-a entre seus braços. — Toma banho comigo?

— Não, hoje você não vai me enrolar. Preciso pegar uma carona com você até o café, prometi ajudar Carol com algumas compras e ir com ela almoçar com minha tia. Se tomarmos banho, vamos nos atrasar.

— Tem certeza de que quer mesmo ir? Digo, almoçar com sua tia.

— Tenho... de qualquer jeito, é minha família e Carol estará comigo.

Deu de ombros e ele tocou a ruga em seu nariz.

— Só me prometa que não vai absorver qualquer coisa que ela te diga, moça. Não precisa aceitar nenhum rótulo que sua tia lhe der, sabe

PERIGOSAS ACHERON

disso, não é?

— Eu já estou acostumada, não se preocupe. Qualquer coisa eu grito e você vai me salvar. Iria deixa-la feliz saber que meu namorado é um médico bonito... — disse sorrindo, tentando acalmá-lo.

— Certo! Só acho uma pena que não queira tomar banho comigo, então... Vou tomar banho, sozinho, triste e abandonado... Mas caso mude de ideia, fique à vontade. — Sorriu convidativo, dando-lhe uma piscadela, fazendo-a rir.

Quando via aquele sorriso lindo em resposta ao seu, sentia o coração até mesmo falhar uma batida tamanho era o contentamento e o amor que a preenchia.

Tiberius deixou um beijo nos lábios de Capitu e foi para o banho. A moça ainda ficou observando a porta por onde ele passou e, naquele minuto, a vontade de estar com ele embaixo do chuveiro, fez suas pernas ganharem vida própria e não demorou a decidir se juntar a ele no banho.

Entrou no quarto ouvindo a água do chuveiro começar a cair e se esgueirou pela porta antes

fechada, apreciando a visão que teve ao contemplá-lo de costas para si, completamente nu, sentindo o sexo latejar em resposta. Tirou o roupão, pendurou-o no suporte e abriu o box, fazendo-o notar sua presença.

— Acho que não resisti.

Deu de ombros, soltando um gritinho fino de surpresa quando Tiberius a puxou para si, molhando-a e tomando sua boca com voracidade e pressa.

Queria-a novamente, como se não tivesse tido o suficiente naquela noite. Queria tudo, seu sabor, seus gemidos, seu gozo... Ah, ele jamais se cansaria de estar com ela, de irem juntos ao ápice do prazer, pois Capitu tinha o poder de levá-lo ao paraíso ainda em terra, em vida.

Segurou ambas as nádegas da mulher de corpo quente colado ao seu e a levantou, fazendo com que enroscasse as pernas em torno de si. Saiu do box com ela atrelada a seu corpo e a depositou sobre a pequena bancada de mármore da pia.

Capitu gemeu com o contato gelado em sua bunda e sentiu o membro ereto roçar sua entrada

PERIGOSAS NACIONAIS

em toda sua extensão, em um vai e vem gostoso, testando, excitando-a, enlouquecendo-a sem nunca a penetrar.

Tiberius adorava provocá-la, adorava como o impelia a afundar em seu interior, trazendo o quadril delicado para si, e queria levá-la a loucura. Cobriu primeiro um dos seios com lábios habilidosos e depois o outro, enquanto com a mão beliscava os mamilos sensíveis, sem nunca, deixar seus olhos. Amava a expressão de desejo em seu rosto corado, o modo como agarrava seus cabelos com força e os gemidos baixos que saiam dos lábios finos e delicados. Na verdade, fazia um tempo que Tiberius tinha chegado à conclusão de que amava absolutamente tudo naquela mulher. Ela era seu vício, seu amor e sua maior fraqueza.

O homem a penetrou vagorosamente e ela interrompeu o beijo, jogando a cabeça para trás, gemendo alto enquanto sentia o membro grosso e rijo pedir passagem, alargando-a e lhe dando prazer. Abriu-se mais para ele e a visão de seu sexo escorregadio e depilado o fez salivar. Tiberius estocou algumas vezes, se deliciando com a imagem dela, ouvindo-a gemer, os seios subindo e

PERIGOSAS ACHERON

descendo em uma respiração acelerada o levavam ao limite. Saiu de dentro dela, levando um joelho ao chão e abocanhando a intimidade encharcada, quase com brutalidade.

Adorava o sabor doce, levemente salgado e cítrico que extraia dela e, mais ainda, adorava lhe dar prazer. Sentiu as mãos de Capitu puxar seus cabelos com mais força, incentivando-o. Passou a língua em toda a extensão do sexo feminino, mordiscando os lábios finos e sensíveis, lambendo em seguida. Tiberius a queria exatamente assim, ensandecida de prazer. Levou a mão ao membro em um vai e vem lento enquanto a estimulava com a língua sem nunca deixar de admirar o rosto bonito e afogueado.

— Tiberius... Ai meu... — Ela estava no limite, ele sabia.

Deixou de chupá-la, levantando-se e agarrando o quadril voluptuoso com ambas as mãos, estocando de uma única vez, duro, possessivo, fazendo Capitu arquejar e se agarrar a ele, quando o orgasmo a atingiu em cheio.

A visão que teve ao deslumbrar o corpo nu de Capitu, exposto para ele sem pudores levou sua

PERIGOSAS ACHERON

sanidade e o prazer em penetrá-la, ouvindo seus gritos de prazer, foi o suficiente para chegar ao ápice, alcançando o gozo junto a ela, perdendo-se em gemidos e beijos molhados. Ela largou-se mole em seus braços fortes, encostando a cabeça em seu ombro, sendo bem amparada por ele, ainda empalada em seu membro, ganhando beijos carinhosos em sua nuca e orelha.

— Você está me acostumando tão mal... — disse, sentindo uma leve mordida em seu pescoço.

— E vou continuar fazendo isso. Agora, vamos tomar um banho ou iremos nos atrasar.

Era verdade, se atrasariam e ela se lembrou do porquê de não querer tomar banho junto com ele. Nunca conseguiam apenas tomar banho... E apesar do atraso, Capitu tinha um sorriso brincalhão, feliz e satisfeito no rosto. É, eles estavam mesmo bem, e quis muito que não tivesse estragado tudo com seu rompante ao se declarar.



Capitu chegou ao *Fumaça na Xícara* em cima da hora combinada para irem visitar sua tia e pretendia antes tomar seu café da manhã com Carolina, mesmo estando sem fome. Procurou pela prima, sendo informada que a mulher estava na cozinha com Márcio. Encaminhou-se até lá, praticamente saltitando, sentindo-se realmente feliz naquele dia, leve e saciada.

— Bom dia, bom dia! — disse ao adentrar a cozinha movimentada, chamando atenção.

Encontrou Carol em pé encostada na parede oposta, segurando uma xícara de café e Márcio, olhando uma torta com *chantilly* sobre a mesa de confeitoiro. A cozinha pequena, de cor branca, bem equipada estava cheia, vozes ecoavam e o cheiro delicioso de bolo e massa exalavam pelo lugar.

— Ah e aí está a minha mestra em paladar. — Márcio suavizou o semblante ao olhá-la. — Vem

aqui, Capitu, prove e me diga o que acha, pois minha esposa não consegue distinguir sabores.

Capitu sorriu, vendo Carol revirar os olhos para o marido e se aproximou do homem de estatura média e cabelos cacheados atrás da grande mesa, vestido com um avental impecavelmente branco. Ele tirou uma pequena fatia do que lhe parecia uma torta de morango e colocou ele mesmo uma garfada em sua boca. A mulher sentiu a massa derreter em sua língua, o sabor de... ela não saberia dizer, o doce era divino...

Capitu até mesmo gemeu com o sabor doce, leve e cítrico, mas ao mesmo tempo em que a massa ia se desmanchando em sua boca e cada nuance de sabor se espalhando por sua língua, ela sentiu o estômago embrulhar e o vômito subir à garganta. Levou ambas as mãos à boca, disparando em direção ao banheiro dos funcionários próximo à cozinha e, antes mesmo de chegar ao sanitário, se desmanchou, se dobrando ao meio e vomitando ainda no chão de cerâmica branca, com espasmos tomando conta de seu corpo.

— Deus, Capitu! — Carol exclamou assustada, ao adentrar o pequeno banheiro. — O

que foi isso??

— Eu não sei... — disse, parando em seguida para vomitar mais uma vez. — Senti ontem também e achei que era o vinho... Não sei o que pode ser.

Passou a mão na boca e foi até a pia, lavando todo o rosto, sentindo o suor frio escorrer por seu corpo e os olhos marejarem pelo esforço. Lavou, gargarejou água e endireitou a postura, virando-se para Carol.

— Isso não é normal e você disse que já parou de tomar os remédios, Cá.

— Sei que não é. Talvez seja o anticoncepcional....

A palavra anticoncepcional acendeu uma luz na cabeça de Carolina, que a olhou longamente, pensativa.

— Meu Deus, você está grávida?

Aquela pergunta causou um frio no corpo de Capitu e ela negou com uma rapidez espantosa.

— Não, eu não estou. Troquei de medicação meses atrás e não falhei nenhuma vez. Não tem

PERIGOSAS NACIONAIS

como eu estar grávida, Carol — disse, tentando parecer confiante, mas não estava.

— Fica aqui, me espera tá? Eu já volto.

— Aonde vai?

Não teve resposta, a loira saiu quase correndo do banheiro, deixando-a sozinha.

Capitu olhou a bagunça que tinha feito no chão do banheiro, e pegou um rodo disponível ali dentro, um balde e se pôs a limpar o que tinha sujado. Demorou cerca de dez minutos, nos quais esperava inquieta por Carol, criando um milhão de explicações para os enjoos, menos a de estar realmente grávida. Não demorou para uma Carolina ofegante e vermelha entrar no banheiro com uma sacola pequena nas mãos.

— Você veio correndo?

— Vim, agora toma. É um exame de farmácia, vamos tirar a prova dos nove.

— Não precisa disso, Carol, eu não estou grávida!

— Então faz o teste. Eu trouxe dois, pra não haver dúvidas. Anda, Capitu, faz. Se não está

PERIGOSAS ACHERON

mesmo grávida, tudo bem, é só fazer.

Capitu olhou a pequena sacola, amedrontada, não queria fazer o teste, pois, caso aquele exame desse positivo, ela não saberia como agir. Com as mãos trêmulas, o coração querendo sair pela boca e a respiração faltando-lhe, Capitu pegou o pacote que Carol lhe estendia.

— Tudo bem, eu faço, só sai que eu faço.

Viu a prima revirar os olhos para seu pedido, mas não contestou e saiu, fechando a porta em seguida.

Capitu não saberia dizer quanto tempo passou observando a sacola em suas mãos, faltando-lhe coragem para realmente fazer o teste. Tirou o caixinha rosa e se pôs a ler as instruções com atenção. Após terminar e saber o que deveria fazer, se sentou no sanitário e fez xixi no bendito potinho transparente, colocando os dois palitinhos brancos dentro do pequeno recipiente e esperando cinco minutos que mais lhe pareciam horas.

Batia o pé no chão com impaciência, e fechou os olhos pedindo baixinho:

Por favor que não dê positivo, por favor que

não dê positivo, por favor Deus...

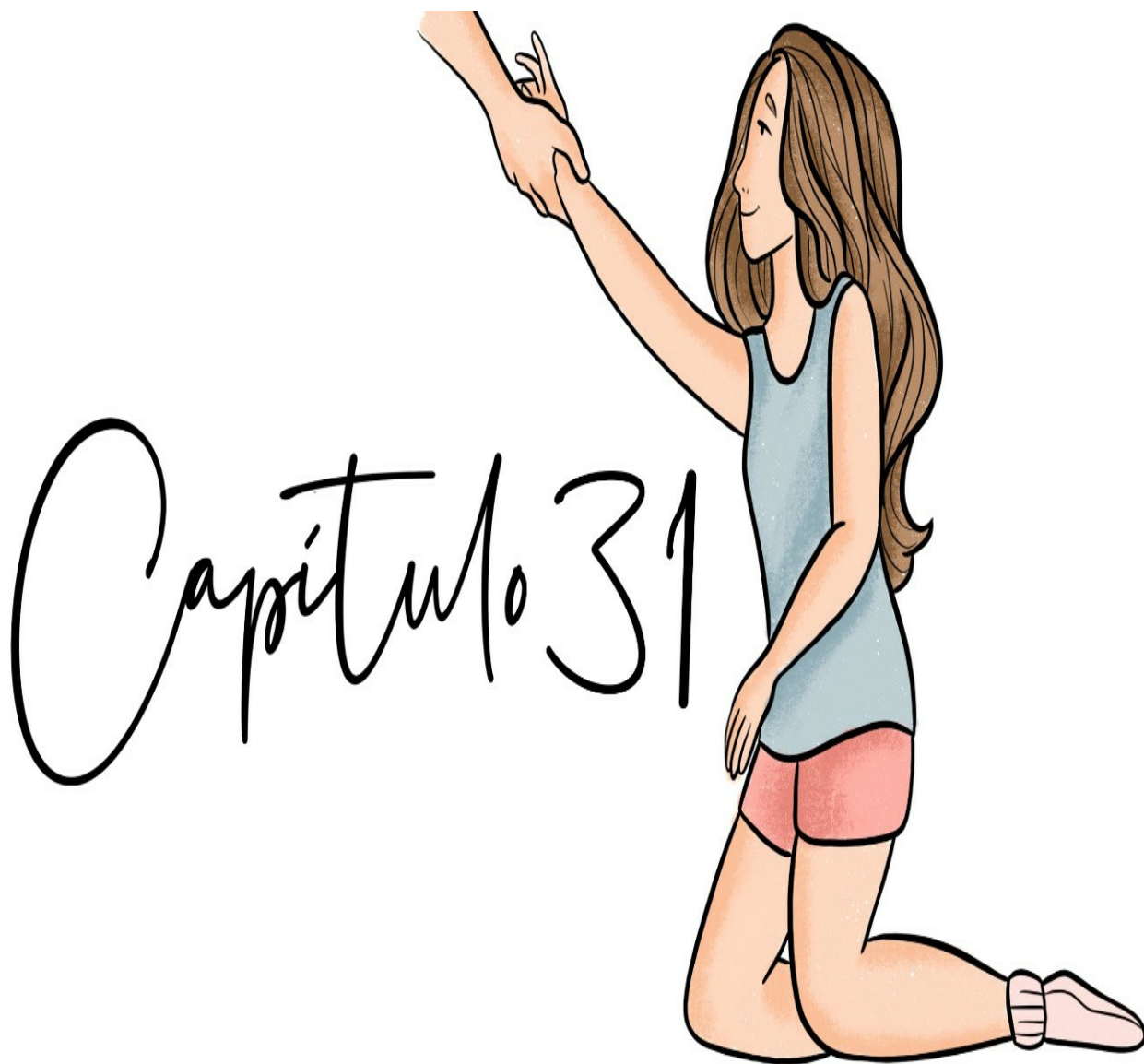
Abriu os olhos e encarou os pequenos palitinhos, sentindo um calafrio lhe subir a espinha. Estava trêmula, suando em bicas e amedrontada. Não, estava desesperada e foi então que lembrou o que ele lhe dissera dias atrás...

Não, não quero filhos, quer dizer, não agora e sim, filhos podem ser algo planejado, meu bem, devem ser, na verdade.

E quando teve coragem de olhar o temido teste, já sentindo a umidade das lágrimas tomarem sua visão, o fôlego sumiu.

— Grávida...

E por um momento o medo da dúvida de quantos meses estava lhe assaltou, levou-a a um desespero profundo de poder estar carregando um filho daquele que mais a fez sofrer...



“Não vá por este caminho. Simplifique e opte sempre pela sinceridade...”

O ser humano tende a tentar vislumbrar o futuro, se preparar para cada situação e, mediante

isso, é sempre levado ao erro. Não se prevê o futuro, pois ele sempre será incerto e estará um passo à sua frente, e tenha em mente que não se conserta o que ainda não aconteceu. Deixe fluir, deixe a vida achar seu rumo, seu prumo, solte o freio apenas uma vez e aposte em si. Nem sempre o muro à sua frente é feito de pedra e concreto e, só após atravessá-lo, poderá encontrar um refúgio.



Tiberius terminou suas consultas da manhã e, enquanto esperava o próximo paciente, ligou para Capitu, a fim de saber como tinha sido a visita à casa da cobra, que ela tinha por tia. Preocupava-se, pois aquela senhora conseguia deixá-la com o humor péssimo apenas com uma ligação. Estranhou Capitu não ter atendido e deixou uma mensagem. Esperou que ela respondesse e a espera se estendeu pelo dia inteiro, pois apesar de visualizar suas tentativas de contato, ela não lhe respondeu. Então,

decidiu avisar sobre a ida ao barzinho com os colegas de trabalho. Tentaria ligar novamente mais tarde, pensando que, naquele momento, ela poderia estar ocupada.

Moça, irei passar com o pessoal do trabalho em um barzinho, não demoro e caso queira, irei buscá-la para se juntar a nós. Como foi seu dia? Passou mal com enjoos novamente?

Te amo!

Escreveu a mensagem rapidamente e enviou, esperando alguns minutos para que lhe respondesse, mas a mensagem nem ao menos foi entregue.

Tiberius tinha combinado de última hora aquele *happy hour* com os colegas de trabalho e não a havia avisado antes, nem combinado de se verem naquela noite. Desistiu de esperar uma resposta e saiu à procura de Pedro.

Enquanto esteve no bar, Tiberius passou todo o tempo à espera de uma resposta de Capitu, que não veio. Uma leve preocupação o tomou, tanto

pela visita que sabia que ela faria naquele dia, quanto pelo mal-estar que vinha sentindo. Após uma taça de vinho e de jogar conversa fora com os amigos, decidiu que era hora de ir embora. Já fora do bar e dentro do carro, ligou mais uma vez para ela e, dessa vez, Capitu atendeu no último toque, transmitindo-lhe alívio de imediato.

— Oi...

— Oi, amor, está tudo bem? Tentei ligar pra você, mandei mensagem e não consegui falar contigo.

— Tudo bem sim... — Não, não estava bem, aquela voz não era de alguém que estava bem e ele sabia.

— E por que essa vozinha tristonha, esteve chorando? — perguntou e a ouviu fungar. — O que aconteceu, Capitu? Estou indo aí.

— Não! — Ela quase gritou em seus ouvidos, paralisando-o com a chave na ignição do carro. — Hoje estamos fazendo uma noite de meninas, eu e Carol. Estamos assistindo *Como eu era Antes de Você*. Por isso minha voz chorosa, sabe que sempre choro nesse filme. Não aconteceu nada, foi só um

dia cheio. — Isso era verdade, ela empapava de lágrimas algumas de suas camisas quando assistiam a filmes tristes. — Não aconteceu nada.

— Tem certeza?

— Sim, não se preocupe. — O desânimo transbordava em sua voz e aquilo em nada o agradou.

— Como quiser, então. Marquei sua consulta para amanhã pela manhã, te passo os horários por mensagem. Boa noite, amor.

— Boa noite, meu amor — disse, desligando em seguida.

A voz mansa já não tinha a entonação carinhosa costumeira, a mesma que enchia o coração do homem sempre que se falavam. Não houve um beijo de boa noite ou nada do tipo.

E o que era dessa vez? Suspirou desanimado...

Uma noite mal dormida, um dia ruim e tudo o que ele queria era tê-la em seus braços. Tinha dado a ela o poder de acalmá-lo, mas isso não seria possível naquele dia.

Foi para casa, mesmo sabendo que havia algo

errado. Não podia fazer nada se ela não lhe dessa abertura. Capitu levaria o tempo dela e quando quisesse conversar, falaria. Tinha sido assim nos últimos dias e foi pensando nisso que ele tentou se tranquilizar. Olhou o celular em sua mão, sentindo vontade de ligar para Carol e perguntar se estava mesmo tudo bem, se tinha acontecido algo. Não faria, porém, mesmo tendo medo de que Capitu retrocedesse no tratamento e recorresse ao autoflagelo. Sabia que isso era a ruína para muitos, um caminho sem volta.

Chegou em casa e, apesar de inquieto, após um banho, se deitou e o cansaço o tomou, levando-o para um sono tranquilo. Sonhou com uma menininha de olhos incrivelmente verdes e cabelos castanhos por toda uma noite e, nesse sonho, ele era pai...



No dia seguinte, não houve resposta às
PERIGOSAS ACHERON

ligações, recebeu apenas uma breve mensagem com o texto:

Eu estou bem, só preciso de tempo!

Aquela mensagem em nada o convenceu, e ele soube que tinha algo muito errado e que o choro da noite passada em nada tinha a ver com *Will Traynor* e sua escolha na vida. Chegou a se perguntar se isso tinha a ver com a bendita visita à tia — só podia ser, afinal, estavam bem. Tiberius então esperou, já que em poucas horas Capitu tinha consultas a fazer e assim poderia acalmar sua preocupação, mas as horas passaram e ela não apareceu.

Em nenhuma daquelas crises, Capitu se fechou tanto a ponto de não o atender, de não dizer o que a estava afligindo e ele precisou se segurar para não a procurar, reprimir o impulso de tê-la em seus braços e abrigá-la, contentando-se com sua cama fria e o quarto, antes visto como seu refúgio particular, agora silencioso e sem vida.

Ao contrário da noite passada, ele não conseguiu dormir. Rolou por horas e horas e, quando o sono, enfim, o pegou já era de manhã e logo teve de acordar para trabalhar. Estava exausto,

PERIGOSAS ACHERON

preocupado, inquieto. De novo, não obteve resposta e decidiu que era hora de ter notícias. Ligou, então, para Carol após chegar ao consultório que o atendeu com alegria, a voz fina parecendo radiante aos seus ouvidos.

— Bom dia, doutor delícia.

Ela o fez rir.

— Bom dia, Carolina, como vai?

— Bem e vocês? Ah, temos que comemorar, em... — disse ela em tom animado.

— Hum, comemorar o quê? — perguntou, sem entender o que a loira queria dizer e ouvindo-a pigarrear. — Temos uma comemoração a fazer e eu não fiquei sabendo?

— Hum... desculpa, Tiberius, acabei me confundindo aqui — disse, e sua preocupação com Capitu, não o deixou notar os detalhes.

— Sei... Viu Capitu hoje?

—Não, não, tentei marcar alguma coisa ontem com vocês e ela me disse que estavam em sua casa e que não queriam sair. Achei que...

Nem ouviu o resto da frase e sentiu o sangue

gelar com o que acabara de ouvir.

— Falou com ela hoje? — atropelou-a com as palavras.

— Sim, brevemente. Por quê?

— Por nada, Carol, por nada. Bom, eu liguei pra ... — Pensou no que iria falar, mas não encontrou nenhuma desculpa aceitável. — Eu tenho que desligar Carolina, meu paciente acabou de chegar, depois nos falamos...

— Tudo bem, bom trabalho, Tiberius.

Ele desligou o celular e deixou o peso do corpo cair sobre o encosto da cadeira. Capitu tinha mentido para ele e Tiberius não entendia o porquê daquilo, nem da distância descabida. Algo não batia naquela situação. Não acreditava que, em todo aquele tempo, Capitu não tivesse o mínimo de confiança nele, que precisasse mentir e se afastar daquela forma quando estava com problemas. Não queria muito, apenas que, como das outras vezes, ela lhe dissesse qual era o problema para que ele pudesse tentar ajudá-la.

Voltou a trabalhar, tentando ocupar a mente com algo que não fosse Capitu e a mentira recém

descoberta, mas nada fora suficiente.

Ao final do dia, tomou um rápido banho ainda no hospital e, diferente de outras vezes, ele foi direto para o prédio de Capitu. Tinha saído do consultório tarde por um problema com um paciente e, naquele horário, sabia que ela estaria em casa. Estacionou em frente ao prédio e entrou, acenando para o porteiro, que lhe sorriu em cumprimento.

Subiu as escadas, pulando de dois em dois degraus, sentindo o sangue correr mais lento por suas veias, enquanto os degraus pareciam ter dobrado de tamanho. Parou em frente à porta de madeira, tentando recuperar o fôlego, respirando fundo e tocou a campainha:

Uma

Duas

Três vezes...

Não foi atendido. Insistiu, agora batendo na porta e ouviu quando ela respondeu um *já vai*, em voz baixa e impaciente. Esperou com o nervosismo crescendo, tentando adivinhar o que poderia tê-la deixado assim, a cabeça cheia de suposições.

PERIGOSAS NACIONAIS

A porta se abriu e uma Capitu de olheiras arroxeadas, nariz irritado e olhos vermelhos apareceu. Ela não sorriu ao vê-lo, seus olhos não brilharam e sua expressão não era convidativa, o que fez o coração do homem afundar ainda mais no peito. Entreolharam-se por segundos que pareceram horas e ele, minuciosamente, a estudou, reconhecendo que ela não estava nada bem.

— O que faz aqui, Tiberius? — Foi a pergunta que pulou da boca dela em tom acusatório, fazendo-o parecer um intruso. Não era sua intenção e estava surpresa, pois, apesar do passar dos dias, ainda estava desesperada e não sabia o que fazer, como agir.

— Podemos conversar, Capitu? Posso ao menos entrar?

Os olhos dela se encheram de lágrimas não derramadas e nada disse, apenas deu passagem para que ele entrasse.

— O que aconteceu? — Foi direto ao ponto, fechando a porta atrás de si.

— Nada. Queria só um tempo pra pensar, só isso. — Aquelas palavras...

PERIGOSAS ACHERON

— Pensar em?

— Em nós.

Ela se virou de costas para ele, tentando em vão disfarçar as lágrimas em seus olhos. Não sabia como contar.

— Pode me dizer o que tem a pensar? Quer compartilhar o que está te afligindo? — Tentou fingir uma calma que nem de longe sentia.

— Ah, Tiberius...

— Fiquei preocupado, Capitu. Não quero que me dê satisfações do que faz ou deixa de fazer, não é isso, mas gostaria que fosse mais clara, que pudesse me contar o que te aflige, dizer se está bem. Se acha que nosso relacionamento é algo que precise ser repensado, sabe que pode me dizer, sabe que não precisa ter medo de me falar o que quer que esteja em sua cabeça, muito menos mentir. — Sempre fora sincero com ela, em cada minuto usou da verdade e queria que ela pudesse fazer o mesmo. Estavam bem e não entendia o que mudou em pouco tempo, pois, ao vê-la, percebeu que era ele quem a afligia. — Sei que não estive com Carol. Só quero saber o que está te incomodando, meu

amor — disse por fim.

Ao olhá-lo e ver o rosto preocupado com olhos fixos nela, Capitu não suportou mais segurar as lágrimas e as deixou ir. Elas desceram livres, assim como os soluços que arrebentaram seu peito em um desespero descomunal e não importava o que fizesse, não conseguia parar de chorar, de sentir medo de dizer-lhe a verdade.

Tiberius viu, com horror, Capitu se dobrar ao meio e chorar, se derramar à sua frente e quando tentou tocá-la, a mulher se afastou, não permitindo que lhe desse consolo, ferindo-o com aquele gesto.

— Respire, Capitu, só respire e, pelo amor de Deus, me diga o que aconteceu, me fale o que posso fazer — suplicou.

— Eu estou... estou grávida — disse baixinho, mas ele a ouviu.

Mais soluços irromperam em seu peito, enquanto via o homem, à sua frente, arregalar os grandes olhos chocolate em espanto, fitando-a completamente paralisado...

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



***“A descoberta de que nada no mundo é capaz
de superar o amor...”***

*Desespero, palavra que nos remete às piores
das aflições, um sentimento que nos leva a agir por*

PERIGOSAS NACIONAIS

impulso, a cogitar e compor situações hipotéticas e acreditar nelas. Muitas vezes, seria mais fácil se tentássemos entender, enfrentar nossos problemas antes de fugir e nos esconder do nosso bicho papão imaginário...



Tiberius permanecia imóvel, sentindo os membros paralisados enquanto fitava com espanto o rosto choroso de Capitu, descendo o olhar vagarosamente para sua barriga, onde estava sendo gerado um bebê...

— Tem um bebê aí? — perguntou o óbvio, estando sem palavras, e teria sido cômico, se não fosse trágico.

O homem não se encontrava em condições de manter pensamentos coerentes e foi inevitável não sentir o peito aquecer, sentindo algo que não conseguiria expressar em palavras, um sentimento

PERIGOSAS ACHERON

que estava inflando seu coração de tamanho.

— Nós teremos um bebê, Capitu?

Capitu não sabia o que enxergava nos olhos dele, mas em todos aqueles dias, ela teve medo de que não aceitasse aquela gravidez. Nunca tinham falado em filhos, bom, apenas uma vez e, na ocasião, ele dissera que filhos poderiam e deveriam ser planejados, que não os queria tão cedo, algo bem diferente do que estava acontecendo... Aquilo a havia corroído desde que soubera que, em seu ventre, crescia um pequeno ser humano, um filho seu e de Tiberius, o resultado da equação do amor de ambos.

No dia em que descobriu, teve medo também de que aquela criança não fosse de Tiberius, que o destino estivesse lhe pregando uma peça, que estivesse grávida do homem que passara a abominar. Chorou nos braços de Carol naquela manhã, que não hesitou em acompanhá-la à sua médica no dia seguinte, após ouvir de Capitu suas maiores dúvidas e temores. E ela não saberia dizer o que sentiu ao ouvir de sua ginecologista que estava grávida de dez semanas. Um alívio que não durou muito ao lembrar das palavras de Tiberius.

Medos... os seus demônios sempre a perseguirem-na.

Seu temor era que, de alguma forma, Tiberius não quisesse aquela gravidez, afinal eles estavam juntos há poucos meses e ele gostava de planejar tudo. Tentou, a todo custo, postergar aquele momento, pois achava que, se ele a rejeitasse, ou não quisesse seu filho, não aguentaria e sucumbiria. Levou as mãos ao ventre, vendo-o com olhos presos em sua barriga, ainda sem se mover. Mas ali também via o começo de um sorriso.

— Sim, tem uma criança sua aqui. — Fungou, tentando controlar as lágrimas que escorriam.

Em um minuto, Tiberius estava em frente a ela, cobrando-lhe sinceridade e, no outro, braços fortes a rodeavam e ninguém poderia dizer o tamanho do alívio que ela sentiu quando recebeu o calor daquele abraço.

Afundou o rosto no peito do homem que amava, seu refúgio favorito, e deixou o dique de lágrimas se romper, deixando que ele tirasse parte do peso de seus ombros. Não era só por medo do fim do relacionamento que estava chorando, não, aquele não era seu maior medo, chorava

PERIGOSAS ACHERON

principalmente por aquela criança em seu ventre, por estar ciente de sua doença, dos riscos e limitações. Aquela foi sua maior preocupação nas últimas horas e criou um tipo de avalanche crescente dentro de si.

Nunca quis colocar ninguém na bagunça que era sua vida e agora tinha uma criança em jogo. Passara o dia anterior lendo sobre mães com o mesmo transtorno que o seu, passou horas em frente ao computador remoendo e absorvendo relatos, histórias trágicas, personalidades incontrolláveis, filhos marcados por uma convivência instável e tudo aquilo só piorou seu estado de espírito.

Era fato que tinha a doença, que não tinha controle e era fato, que podia ser um fardo para aquela criança que, ao crescer, poderia viver em função de uma mãe instável, de seus problemas e medos. Sabia que sua carga genética poderia transmitir aquele fardo para o seu filho, não queria isso, mas não podia fazer mais nada.

Ah, viveu uma montanha russa de emoções naqueles poucos dias, subiu e desceu vezes a fio, ora temendo a maternidade, ora temendo o

abandono e rejeição. Não sabia mais o que pensar, estava cansada, exausta e extravasou, agarrada a ele.

Tiberius afastou o rosto dela de seu peito e, entre lágrimas salgadas, beijou a extensão de seu rosto com carinho, como amava fazer, até chegar aos lábios da moça em seus braços, sentindo o doce gosto do reconhecimento. Terminou o beijo com um selinho terno e, quando a fitou, foi como ver seus mesmos sentimentos descobertos à sua frente.

— Você está me fazendo o homem mais feliz desse mundo, Capitu — disse e a beijou brevemente. Uma, duas, três vezes, fazendo-a sorrir em meio às lágrimas. — E como, como aconteceu? Digo, nós tínhamos nos cuidado...

— Tínhamos, mas estava tendo efeitos colaterais com a medicação que eu tomava antes e, quando a troquei, não me atentei para isso... — disse, fitando o chão.

— Tá tudo bem com você? Com ele? Que dia descobriu? — bombardeou-a, enquanto mantinha um sorriso bobo nos lábios.

— Estamos bem... Você quer mesmo essa

criança, então?

Aquela pergunta lhe soou estranho e foi só aí que se deu conta do que estava acontecendo.

— Foi por isso que estava me evitando, que mentiu pra mim?

Seu tom de voz trouxe vergonha a ela e, naquele instante, o medo de que, em algum momento, Tiberius não quisesse aquele bebê, lhe pareceu idiota em demasia.

— Capitu, pelo amor de Deus! É claro que quero essa criança, é claro que quero viver isso com você. Eu te amo, moça, não se deu conta disso ainda? Eu te amo, Capitu e agora, mesmo ainda tão pequeno, amo também o nosso bebê. Não tenha dúvidas disso nunca.

— Ah, Tiberius...

Ele buscou seus lábios novamente, querendo passar a ela, através daquele beijo apaixonado de gratidão, toda a segurança e alegria que aquela notícia lhe trouxera, abraçando-a em seguida.

Pai... ele seria pai. Seria um bom pai? Não saberia dizer, mas faria tudo para ser o melhor para aquela criança e também para a mulher que tanto

PERIGOSAS ACHERON

amava.

— Eu tive medo, medo de tantas coisas. Não só de contar... pois a cada minuto eu quis ir atrás de você... — disse, com o queixo encostado em seu peito, fitando-o. — Mas saber que estava grávida me fez ter medo que... Sem falar que o que essa criança pode esperar de mim, Tiberius? Eu não sei e me assustei com o que encontrei em relatos na internet, em histórias de mães que, apesar de quererem, não conseguiam ser mães... Eu não quero cometer os mesmos erros, eu não quero ser um fardo. — Chorou, fazendo-o entender toda a confusão que a assolava e ver que não era dele que ela tinha fugiu aqueles dias, mas de si mesma, enquanto tentava se entender. — Não entenda mau, eu quero o nosso bebê, quero muito, mas o medo do amanhã me corrói, me engole. Você sabe como é difícil e... Ah, eu não quero fazer meu filho sofrer, não quero!

Mãos carinhosas seguraram sua face, fazendo-a olhar o rosto sereno e bonito e ele disse:

— Eu não quero muito, moça. Quero apenas você e agora quero também o nosso bebê, que será o mais amado desse mundo, pode ter certeza. Não

podemos tentar prever o futuro, meu amor, não tem como saber se seremos bons pais ou não, mas iremos amá-lo, essa é a única certeza que podemos ter. Todos temos nossas limitações, uns mais, outros menos, mas tenho certeza de que, apesar disso, você será uma mãe maravilhosa, que dará o seu melhor para o nosso filho e sempre estaremos juntos pra o que tivermos de enfrentar. Não digo que não terá dias ruins, meu amor, mas estarei contigo, assumirei com você uma vida a três e tentaremos sempre fazer o melhor!

O silêncio tomou conta da pequena sala do apartamento de Capitu, o tempo pareceu parar nos instantes que se olhavam em completa adoração e amor. Sim, ele tinha as palavras certas para acalmar seu coração e se recriminou pelos dias em que sofreu sem nenhuma necessidade, por uma covardia que não pôde evitar.

— Me desculpe por fugir... — Ficou nas pontas dos pés e o beijou, o alívio tomando seu corpo e tirando o peso de dias de desespero e incertezas.

Talvez tivesse sofrido em vão e ele tinha razão mais uma vez. Não podia prever o futuro, apenas

viver o presente. Ela não tinha certeza se conseguiria ser uma boa mãe, não tinha certeza se conseguiria controlar seus demônios, mas, por aquela criança, ela tentaria, daria o melhor de si por aquele pequeno ser. Daria ao seu bebê o que não teve na infância e tinha a plena certeza de que não poderia ter escolhido um pai melhor para seu filho e se regozijava disso.

Sentiu então, um toque singelo em seu ventre, a mão grande tocando-a com delicadeza, enquanto os olhos dele procuravam os seus e sorria como criança, sem se importar com mais nada, deixando a felicidade transbordar. Viu Tiberius se sentar no sofá e levantar a blusa do baby-doll que vestia, olhando fixamente para sua barriga com veneração. Levou as mãos aos seus cabelos, alisando-o com carinho e o viu encostar a cabeça em sua barriga, como se quisesse escutar algo, fazendo-a rir bobamente.

— Sabe que não vai escutar nada aí, não é?

— Quieta, está atrapalhando o nosso momento aqui, moça — disse, fazendo-a gargalhar em meio as lágrimas, com sua seriedade. — Oi sementinha, aqui é o papai... — Ela não pôde impedir que novas

lágrimas viessem aos seus olhos ao vê-lo conversar amorosamente com seu ventre. — Sim, essa voz que acabou de nos atrapalhar é a mamãe, sim você tem razão, ela fala demais — disse e a olhou, parecendo em dúvida — Com quantos meses estamos?

— Dois e meio.

Ele arqueou as sobrancelhas e ela sorriu.

— Em Angra? Sério? — perguntou, só então se dando conta de que eles não tinham usado preservativo.

— Sim, me fez uma criança logo de primeira, doutor fertilidade — disse e não conseguia parar de chorar, vendo-o voltar a encostar a cabeça em seu ventre, ficando quieto por alguns instantes.

— Você ouviu? Seu pai é certo e agora sua mãe não pode mais fugir de mim. Ela não sabe ainda, mas foi tudo um plano do papai pra prendê-la de vez, mas não conte a ela... — disse sussurrando, como se confidenciasse um segredo.

Capitu não pôde deixar de suspirar de contentamento com aquele momento íntimo e perfeito. E quando o homem a encarou, ela

vislumbrou o amor em seus olhos.

— Agora vem aqui, moça. Eu a quero em meus braços pra ter a certeza de que está tudo bem outra vez.

Não foi preciso um segundo convite e Capitu se aconchegou em seu colo, que parecia do tamanho exato para ela, para lhe dar amor, conforto, proteção e, naqueles olhos que a fitavam, pôde ver mais. Capitu via paixão, cuidado e adoração, aquele homem a amava e, naquele momento, sentiu que nada poderia separá-los, pois ele a queria exatamente como o queria. Amava-o e era nítida a felicidade que transbordava em seu sorriso.

Naquele memento, ela se forçou a se convencer de que ficariam bem. Que faria de tudo pelo bem-estar daquele ser, que ela já amava. Daria sua vida por aquela semente, que fora gerada em meio a tanto amor e cuidado. Tentaria de tudo e tinha fé que conseguiria ser mãe. Sentiu-se feliz e queria que estivesse mesmo tudo bem.

Capitu o beijou, um beijo íntimo cheio de desejo e paixão, e Tiberius a envolveu ainda mais em seus braços, apertando-a contra seu corpo.

Sentiu a mulher se afastar o mínimo, apenas para montar em seu colo, passando uma perna de cada lado e levando as mãos aos botões de sua camisa com rapidez e agilidade, enquanto mantinham um beijo faminto.

O homem sentiu o corpo esquentar com a fricção que Capitu fazia sobre seu membro que, naquele momento, começava a inchar, preso dentro da calça. Ela tinha fome, fome dele percebeu, assim como a que sentiu dela naqueles três dias de distância descabida.

— Eu te quero. Faça amor comigo, Tiberius.

Ele lhe daria qualquer coisa que pedisse e já não tinha escolha, era completamente dela.

Tiberius levou a mão à sua intimidade por dentro do fino *short* e apalpou o sexo feminino já molhado, transparecendo a necessidade de tê-lo. Sorriu e vislumbrou Capitu levantando-se e levando as mãos à barra da blusa, tirando-a lentamente expondo os seios redondos rosados, os olhos fixos nos seus. O homem assistiu com adoração a mulher à sua frente ficar nua para ele, o desejo crescendo, o corpo pegando fogo com uma ereção dolorida.

Capitu se aproximou, e nua, se agachou à sua frente e levou as mãos ao cinto da calça de Tiberius. Tinha pressa, estava faminta e dessa vez, era ela que queria prová-lo. Viu-o se levantar e tirar as próprias roupas, deixando saltar a ereção poderosa em frente ao seu rosto, enquanto continuava a olhá-la, dando-lhe a mão para que se levantasse, mas ela não o fez.

A mulher salivou e levou a mão ao membro duro e grande, admirando o tamanho e as veias grossas que o envolviam. Levou a boca à cabeça polpuda e rosada, passando a língua na gota transparente de excitação que dali nascia. Capitu sorriu perante os olhos do homem, perdendo qualquer pudor ou vergonha e o abocanhou com vontade, colocando tudo o que podia engolir. Sentiu mãos segurarem em seus cabelos, e um gemido rouco escapou pela garganta de Tiberius, o que a incentivou a sugá-lo mais.

Capitu continuou seu intuito, sentindo-se uma mulher poderosa ao vislumbrar o rosto cheio de prazer do homem que a olhava, inebriado. Tirou o membro rijo de sua boca molhada e levou-a à glândula, passando a língua em toda sua extensão

com um sorriso faceiro e provocativo em seus lábios.

— Moça... — chamou, em uma voz grossa, antes que ela o envolvesse novamente com a boca úmida e quente, que o estava levando a limite do prazer.

Tentou não se mover, mas era impossível. Estocou então em sua boca, enquanto a via se esforçar para engoli-lo ao máximo, os olhos enchendo-se de água pelo esforço. O desejo o pegou com brusquidão e quis estar dentro dela. Tirou-lhe o membro da boca e a segurou pelos ombros, trazendo-a para si em um beijo cheio de amor e veneração. Segurou-a e a levou até próximo à mesa de jantar, com a boca na sua, deliciando-se com o sabor que tanto amava. Colocou-a sentada na mesa e estocou duro em sua intimidade úmida e convidativa.

— Diga que é minha, moça... — rugiu, possessivo, como se aquela promessa o assegurasse de que ela não mais fugiria ou se esconderia.

— Sua, só sua... — sussurrou, sendo invadida por um misto de contentamento e prazer.

PERIGOSAS NACIONAIS

Capitu gemeu alto ao senti-lo todo dentro de si e se desprendeu do beijo, deitando-se sobre a mesa, dando-lhe uma visão privilegiada e abraçando o quadril masculino com as pernas, trazendo-o para mais perto, como se fosse possível.

A visão dele nu sobre si, estocando com rapidez em sua carne era uma de suas favoritas e se deixou levar pelas sensações que a arrebatavam, sentindo ondas de um orgasmo eminente trazendo-lhe espasmos pelo corpo suado. Suas mãos foram de encontro aos braços masculinos, e as unhas cravaram em sua pele, como se pudesse se segurar, prolongar o prazer arrebatador que a tomava. Deixou-se ir, cair no mais delicioso dos abismos, envolvida no fogo da paixão.

Ouviu um gemido rouco de prazer e soube que, assim como ela, Tiberius também tinha alcançado sua libertação... Sentiu o corpo flutuar, leve, saciada. Abriu os olhos instantes depois, vendo-o ofegante, com mãos espalmadas sobre o móvel, fitando-a, com um sorriso sensual. Ah, ela adorava aqueles lábios... Sim, aquele era o homem de sua vida, ela sabia e deixou seu coração falar por si...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu te amo, Tiberius — disse, vendo-o suspirar com suas palavras.

— Eu também te amo, moça, te amo com tudo de mim!

E ela acreditava, sempre acreditaria...

— Me prometa que não fugirá mais de mim, moça. Prometa que, quando seu coração palpitar com dúvidas, irá compartilhar seus temores comigo e que iremos, juntos, achar uma solução.

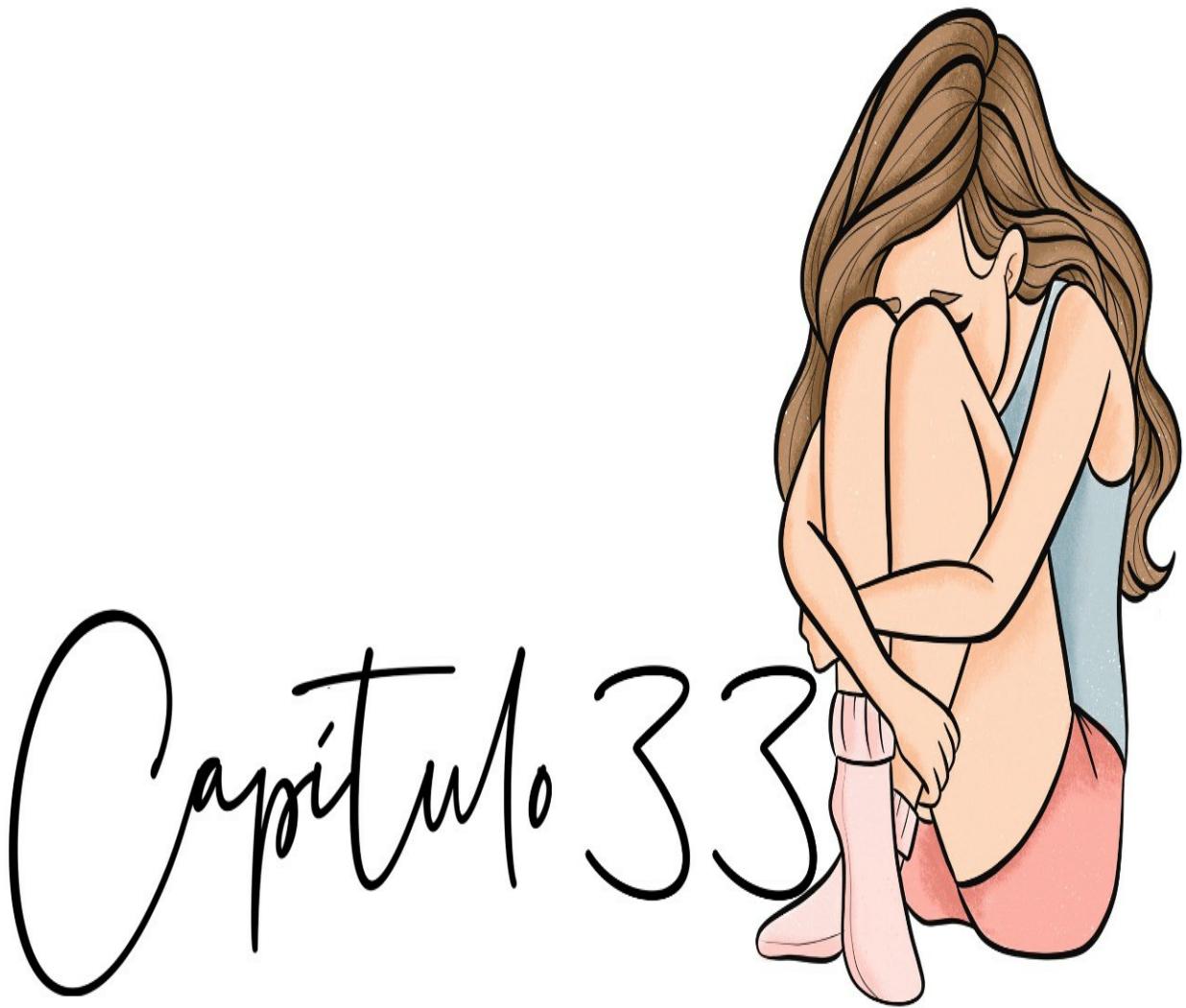
Ela não precisava pensar para responder, convicta:

— Prometo, não irei mais fugir...

Tiberius a puxou de encontro ao seu peito e a abraçou apertado, sentindo a alegria da mais nova constatação, sentindo que era capaz de tudo por aquela mulher e o seu pequeno bebê, que ainda crescia protegido no ventre de sua amada...

Sim, ele se sentia o homem mais feliz do mundo.

PERIGOSAS ACHERON



“Ah, caro leitor... sentir o doce gosto da liberdade traz à sua alma a certeza da mais pura felicidade.”

É cedo para amar? E tem mesmo tempo certo

para isso acontecer? Não, não tem e quando o ser humano entender que, em nosso mundo, na vida real, o amor não escolhe quem amar, seremos enfim, livres de todas as convenções que nos prendem ao fardo infeliz que é a sociedade... Apenas ame, se ame acima de tudo, e destile amor até mesmo em seus passos...



Capitu acordou sonolenta, mesmo já passando das nove da manhã. Passou a mão sobre a cama, ainda de olhos fechados e não encontrou seu objeto de desejo matinal deitado ao seu lado, como era de costume desde que estavam juntos. Abriu os olhos preguiçosamente, acostumando com a luz entrando pela janela e se sentou na cama, com o lençol sobre o corpo nu, levando as mãos ao ventre.

— Tiberius!

Não obteve resposta e se levantou, colocando

o roupão e saindo do quarto. Desceu as escadas em busca do namorado, alisando a barriga de quase sete meses e sentiu um leve chute. Sorriu, seu bebê também parecia não ter acordado direito ainda.

— Tiberius, você tá aí?

Tiberius não estava e ela logo encontrou um bilhete sobre a mesa da cozinha, em que ele dizia que teve de ir até o consultório com urgência naquele domingo.

Capitu não queria, mas não pôde impedir que um arrepio de medo a percorresse, pois não pôde negar a semelhança daquele recado com os que Lucas lhe deixava aos finais de semana. Foi impossível não lembrar.

Não, Tiberius não faria isso, ele não era Lucas, não se parecia em nada com ele. Não, estava tendo uma ideia errada, trazendo sofrimento a si mesma. Recriminou-se, tentando não ir por este caminho. Odiava se sentir assim, detestava aquelas conjecturas, as inseguranças sem nenhum sentido que vez ou outra a tomavam. Eles estavam felizes, aquela alegria não podia ser coisa apenas da cabeça dela, ele a amava e lhe dizia isso todos os dias, não apenas com palavras, mas também com ações e

PERIGOSAS ACHERON

gestos de amor.

Apesar de manter o apartamento, Capitu praticamente morava com Tiberius na casa dele. Tinham até mesmo começado a decorar o quarto da bebê, que agora sabiam que seria uma menininha. O pai babão não estava se aguentando de felicidade e havia praticamente decorado todo o quarto com o tema *Alice nos país das maravilhas*, não importando o quanto ela dissesse que ainda estava cedo para isso.

Foi em uma de suas arrumações, que Capitu lhe disse ter vontade de pôr o nome de Letícia em sua bebê, em homenagem àquela que ele tanto amou e de quem sentia falta. Naquele dia, ela viu os olhos do homem que amava marejarem tamanha emoção.

Certa vez, encontrou na biblioteca uma carta dobrada e guardada dentro de um livro e começou a lê-la, achando se tratar de alguma anotação. Terminou a leitura com olhos transbordando em lágrimas e não foi capaz de imaginar a dor que Tiberius sentiu ao ver as poucas letras de despedida que a irmã lhe deixara. Doeu e nem podia imaginar o quanto ele sofria com a perda e a saudade. Não

PERIGOSAS NACIONAIS

lhe disse nada sobre ter encontrado a carta, mas sentiu vontade, necessidade de homenagear a moça que Tiberius descreveu com tanta paixão, dizendo que tinha sido a joia da família, uma moça doce que, quando criança, destilava alegria onde quer que fosse. Viu emoção e gratidão nos olhos chocolates quando contou a ele seu desejo. Ele amou e adorou seu corpo naquele dia de forma única, ali mesmo, no chão do quarto. Sim, estavam felizes e não tinha por que ter aqueles pensamentos desconcertantes.

A mulher levou a mão à barriga e a alisou, olhando o bilhete em suas mãos, voltando ao momento. Tiberius ainda não havia tido nenhuma emergência em finais de semanas desde que estavam juntos, mas ele era médico e é claro que poderia ter emergências em qualquer dia da semana.

Tentou acalmar aquelas ideias estapafúrdias de sua mente e decidiu fazer o que ele falara no bilhete, que terminava dizendo para que fosse tomar café com Carol, que havia ligado mais cedo, ansiosa por vê-la.

Subiu de volta ao quarto, tentando não pensar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que, em algum lugar daquela cidade, Tiberius a estava traindo. Não pôde evitar, Lucas tinha deixado marcas profundas e a doença não a ajudava a controlar suas emoções. Ao menos conversar com Carol a distrairia, ou assim esperava. Tomou um banho rápido, escolheu um vestidinho leve, dos muitos que ele a fizera comprar na gravidez, e pegou sua bolsa, saindo após deixar os potes de Tita cheios de ração e água.

Andou devagar pela rua, aproveitando que o dia estava fresco, até avistar a cafeteria e, de longe, pôde ver a loira em pé, em frente ao lugar, olhando na sua direção. Carol acenou com certo desespero e parecia não se aguentar, vindo ao encontro de Capitu, quando a prima já estava próxima dela.

— Ah, você demorou.

— Grávidas dormem muito, sabia? — disse risonha, esquecendo, por segundos, os medos recentes em sua cabeça.

Capitu tinha razão, grávidas dormiam muito. Ela, por exemplo, dormia até mesmo sentada enquanto almoçava. Queria dormir nos piores momentos e tinha que se controlar para não capotar em qualquer lugar.

PERIGOSAS ACHERON

— Ao menos chegou. Vem, vamos alimentar minha sobrinha.

— Vamos sim, mas quero algo leve, amanheci meio enjoada hoje.

— Ah, como eu amo essa sua fase. Você ficou mais radiante após a gravidez. E feliz também.

— Agora tenho mais um motivo para levantar da cama todos os dias e lutar, Carolzinha. Tenho o meu bebê e o homem que amo ao meu lado e tenho tentado, mesmo contra as expectativas, controlar o turbilhão dentro de mim — disse com convicção e viu a prima sorrir enigmática, passando o braço pelo seu e arrastando-a, parecendo animada além do comum naquela manhã.

— Senta aqui que vou lá dentro fazer seu pedido e já volto.

— Não estou com tanta fome, Carolina, posso esperar por Jane. Senta aqui comigo.

— Ah não, tenho que ir lá buscar ou vai demorar demais. Estamos com menos pessoal hoje, volto em um minuto.

Capitu se sentou na mesa ao final da fileira que se estendia à frente do *Fumaça na Xícara* e,
PERIGOSAS ACHERON

como de costume, tirou um livro de sua bolsa, *O Morro dos Ventos Uivantes* de Emily Bronte foi o escolhido da vez. Abriu o livro na página que parou na noite passada e começou a leitura. Estranhou a demora da prima, mas continuou lendo em voz alta para o seu bebê.

— Senhorita Capitu? — Ouviu uma voz rouca e levantou os olhos, vendo um rapaz vestindo um uniforme vermelho de uma floricultura, estendendo um buquê de begônias de cor rosa na direção dela. — As flores são para a senhorita.

— Pra mim? Tem certeza? — perguntou e viu o jovem rapaz concordar com um aceno.

Pegou-as, sem ter tempo de perguntar nada mais ao rapaz, que lhe virou as costas e saiu em seguida. O gesto chamou a atenção de algumas pessoas ali e Capitu olhou o grande buquê em suas mãos, à procura de um cartão. Encontrou-a, perdido em meio às flores, com uma única frase escrita.

Não poderia ser em um local diferente. Eu a amo, moça!

Riu, perguntando-se o que significava tudo aquilo. Já tinha recebido flores dele, principalmente

em datas comemorativas, acompanhadas de um poema ou a passagem romântica de algum livro que ele sabia que adorava. E cada vez, ele a surpreendia de forma diferente.

Suspirou audivelmente, as dúvidas dissipando-se naquele instante. Sentiu-se até mesmo uma boba por suas desconfianças recentes, pois, àquela altura, era ciente de que ele tentara, dia após dia, demonstrar o que sentia por ela, preocupando-se em fazê-la se enxergar como ele a via.

Aqueles meses juntos, Capitu não diria que tinham sido fáceis, tampouco que tiveram um relacionamento perfeito ou comum, mas via o crescimento de ambos, principalmente o dela. Tiberius parecia entendê-la mais que qualquer um, ajudando-a sem nunca se impor. Tinha se acostumado a tê-lo e aprendido o que era ser amada, bem vista e querida por alguém, por isso tinha também aprendido a se amar, pois ficara ciente de que sem o amor-próprio, não poderia amar ninguém saudavelmente. Sim, ela aprendera muitas coisas nos últimos dias.

Passou a mão na barriga, sentindo a criança chutar e voltou a rir. Ali, protegida pelo ventre

materno, tinha o que lhe dera forças e vontade de levantar em dias difíceis, pois, juntamente com seu estado, vieram também os hormônios da gravidez, Havia dias que era mais difícil, queria apenas se trancar no quarto, se encolher e chorar, pelo o que ela nem sabia. Era uma tristeza que não fazia sentindo, mas que a assolava em dias nublados. Dias que, por mais que tentasse, não conseguia se controlar e se agarrava ao seu bebê e à mão estendida do homem que amava, para conseguir se levantar e continuar tentando. Eram seu bebê e o amor de Tiberius que a ajudavam a ter forças, vontade de prosseguir e esquecer certos hábitos, ou ao menos tentar.

A tentativa de suicídio agora era apenas uma lembrança distante, dolorosa e os cortes, apenas cicatrizes físicas esquecidas em sua pele. E continuaria assim se Deus permitisse, pois já não estava e não se sentia sozinha.

Enquanto permanecia ali sentada, divagando, sentiu a presença de alguém se aproximar. Viu o mesmo rapaz de antes, mas dessa vez ele trazia rosas brancas. Nada disse ao estar frente a ela, apenas lhe estendeu o buquê, que ela pegou sem

controlar o sorriso nos lábios. Não perdeu tempo e procurou logo o cartão.

Você apareceu em um dia ensolarado de verão e, apenas com seu jeito tímido e um enrugamento de lábios, fez com que eu me apaixonasse e que nunca mais a esquecesse.

PS: Você é minha melhor bagunça e eu a amo com todo o meu coração!

Ah, e lá estava ele, fazendo seu coração palpitar e uma lágrima escorrer apenas com aquelas poucas palavras e as flores. Estava chorando por tudo e não teve tempo de limpar o rosto, quando outro buquê lhe foi entregue. Agora eram tulipas amarelas e o cartão dizia:

Olhe para mim!

Ele vinha em direção à mesa em que estava sentada, com uma pequena orquídea em um vasinho branco nas mãos e um sorriso amoroso nos lábios, sua marca registrada. Capitu teve vontade de se levantar e correr para ele, mas duvidava que suas pernas a sustentariam. O choro já molhava seu rosto em abundância, pois jamais imaginaria algo como aquilo. Sentia-se presa em um de seus

romances perfeitos, a personagem principal, e ali na sua frente, estava ele, o homem quem considerava seu príncipe encantado, que a conquistou, que a amou.

Tiberius sem dizer nada, entregou a Capitu o vaso, contendo uma única flor lilás, com um pequeno cartão dourado preso em suas pétalas. Capitu o pegou e, ao abrir, levou a mão aos lábios, vendo-o contornar a mesa e se ajoelhar ao lado da cadeira.

Só podia ser um sonho e, se fosse, ela não queria acordar jamais. Voltou os olhos ao papel em suas mãos trêmulas, deixando um soluço escapar, vendo o pedido escrito em uma letra cursiva e bem-feita:

Quer se casar comigo, moça?

— É agora que você responde, meu amor. Está me deixando com medo e meio envergonhado aqui — disse ele, vendo a pobre mulher se engasgar com as lágrimas. — Pode parecer cedo, mas a amo como nunca amei ninguém e a quero para sempre ao meu lado como amiga, amante, esposa, mãe dos meus filhos e minha eterna namorada, pois não imagino uma vida sem você ao meu lado. E então,

PERIGOSAS ACHERON

Capitu, você aceita se casar comigo e me fazer o homem mais feliz desse mundo? — disse, por fim, vendo a mulher tentar controlar o turbilhão de emoções transparecendo em cada poro de seu rosto.

Capitu nem precisaria pensar para lhe dar a resposta que queimava seu coração, gravada no mais profundo de sua alma.

— Sim, mil vezes sim — disse, o contentamento transbordando por seu corpo e alma.

Ela viu, com pura emoção que lhe tirou o fôlego, Tiberius pegar o pequeno anel de prata com uma pedra transparente e pequena no centro, e colocar em seu dedo anelar, gorduchinho pelo inchaço da gravidez. E então, Capitu se jogou em seus braços, enlaçando-o pelo pescoço e beijando-lhe a boca, mostrando todo o seu amor naquele beijo. Olhou-o em seguida, passando a mão pelo rosto do homem que tanto amava, que tanto se doou para ela e tinha certeza de que ele era mesmo um príncipe encantado.

— Seremos felizes, não seremos? — perguntou, querendo a certeza de um amanhã, de dias felizes.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Essa certeza eu não posso te dar, meu amor. Mas posso prometer que irei trabalhar dia após dia para lhe fazer a mulher mais feliz e amada desse mundo, você e a nossa pequena Let...

Ah, aquelas palavras... Poderiam não ser felizes todos os dias, pois a vida real não era perfeita. Haverá crises, momentos de solidão e desespero, mas nada no mundo o afastaria do seu amor ou o faria não se doar àquela mulher que conquistou seu coração.

Sim, as provações viriam, mas Tiberius estaria disposto a ultrapassar cada uma delas, se fosse ao lado de Capitu e da família que formariam dali em diante. Estando sempre por perto, segurando-a quando caísse, ajudando-a a levantar e amando-a, até quando a odiasse. Pois assim, era a vida real...

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

“O efeito do amor...”

O amor... sentimento puro e desenfreado que arromba a porta do seu coração e entra sem pedir permissão, sem convite e que, algumas vezes, vira sua vida de cabeça para baixo. Ele te traz
PERIGOSAS ACHERON

perspectivas diferentes, esperanças, novos caminhos, uma luz e te leva a sentir o gosto doce da liberdade. Sim, o amor pode fazer tudo isso, pode curar e quebrar correntes. Claro que me refiro a um amor verdadeiro, capaz de salvar até mesmo uma alma perdida e não a sentimentos deturpados que o ser humano tende a confundir com amor. Não, o amor não é egoísta, não é louco, não é doentio. O amor é o mais lindo e puro dos sentimentos, e você se sentir algo diferente disso, ah, meu caro, é porque não é amor!

Devem se perguntar por que, durante todo o livro, estou sempre dando ênfase a esse sentimento em especial, talvez me tornando até mesmo repetitiva em minhas falas, mas a resposta é bem simples. É porque eu, essa reles autora que vos fala, acredito cegamente que só o amor será capaz de curar a hipocrisia do MUNDO e lhe mostrar a verdadeira liberdade...



Naquele momento, o homem trajando um terno preto, bem alinhado ao corpo, esperava ansioso no altar improvisado que haviam preparado no salão em que aconteceria a recepção após o casamento. Tinham optado por algo simples, já que não tinham muitos familiares ou amigos. Tiberius estava de pé, movendo o corpo impaciente e trocando o peso de uma perna para outra, sem nunca se aquietar, mostrando certo desespero em esperar pela noiva, que, pelas suas contas, estava vinte minutos atrasada. Ok, noivas se atrasavam, ele sabia, mas não conseguia se manter calmo.

Estava mesmo se casando com a mulher que amava, que o tinha conquistado sem esforço, a mãe de sua filha, que era tudo para ele. O casal estava próximo aos nove meses de gestação, faltava pouco mais de três semanas para isso, e ambos estavam ansiosos para terem a pequena Letícia em seus braços.

Após o lindo pedido de casamento, pensaram que poderiam esperar o bebê nascer para se casarem, mas não tinha motivo para isso e ele queria oficializar logo a união, queria tê-la logo

como esposa, por isso não se apegou a detalhes e convenções.

— Se continuar assim, vai afundar o piso.

Ouviu Pedro dizer às suas costas e a risada de Augusto. Ambos eram suas testemunhas.

— Vocês não valem nada... — disse baixo, sem se dar ao trabalho de olhá-los.

— Hora, não seja ingrato, me fez até mesmo colocar a porcaria de um terno mais uma vez, Tiberius. Viu os sacrifícios que faço por vocês?

Tiberius o olhou por cima do ombro.

— Preferia o quê? Botas e chapéu?

— Provavelmente, amigo...

Tiberius revirou os olhos, tinha certeza de que sim.

— Não acham que ela está demorando demais? Já são vinte minutos de atraso! — Estava mesmo impaciente e não se importava em demonstrar isso.

— Minha mulher atrasou trinta... trinta minutos e vocês dois quase me fizeram ir buscá-la.

— Os três riram. — Mas aquiete, Capitu logo

estará chegando. — O amigo tentou tranquilizá-lo, mas sem sucesso.

Ele olhou para a porta e depois deixou seu olhar vagar pelo lugar. Nas cadeiras bem ornamentadas dispostas no salão, estavam apenas a família de Capitu, alguns colegas de trabalho e amigos. Cerca de cinquenta pessoas que, após a breve cerimônia, iriam aproveitar a recepção ali mesmo em um cômodo anexo ao que estavam. Não quiseram o casamento em uma igreja, apenas uma cerimônia cívica, com um juiz de paz que já estava ali.

Uma movimentação chamou sua atenção para a porta e prendeu então os olhos na entrada do lugar, enfeitada com rosas brancas. A música soou e ele nem ao menos ouviu. Os olhos estavam fixos na mulher que passava pela porta naquele mesmo instante. Tiberius sorriu, sorriso que refletia o mais puro dos contentamentos, que transmitia amor, cuidado e orgulho. O peito aqueceu, o coração passou a bater mais rápido, bobear mais sangue...

Ah, ele estava feliz ao vislumbrar a linda mulher passando pelo tapete vermelho, com os olhos presos nos seus, o que em nada diminuiu seu

nervosismo. Ela estava linda, usando um vestido de caimento leve, branco, que ia até pouco acima dos joelhos, combinando perfeitamente com a sandália prata de salto médio. Os cabelos soltos caíam em cascata por sobre seus ombros, o rosto tinha uma leve maquiagem e a barriga proeminente mostrava a gravidez do filho gerado com tanto amor.

Talvez devesse esperar que Márcio a trouxesse até ele. Sim, deveria, mas não o faria. Saiu de seu posto, ouvindo um pigarrear atrás de si e foi até Capitu, que já estava a meio caminho do altar. Chegou frente a ela e deixou seu olhar prender aos olhos incrivelmente verdes que, desde o primeiro momento, conquistaram-no.

— Sabe que tem que me esperar no altar, não é? — disse Capitu, entre sorrisos.

— Eu sei, mas não me aguentei. — Beijou sua testa e deu-lhe o braço, vendo-a se desprender de Márcio e agarrar o seu.

— Cuide bem dela.

— Cuidarei. — E cuidaria, assim como a amaria e protegeria pelo resto de suas vidas.

Andaram juntos até estarem frente ao juiz de

paz e Capitu sentia a emoção daquele momento transbordar dentro de si, a ansiedade dando lugar a felicidade de estar com o homem que amava, de conseguir deixar o passado para trás, seguir em frente. A certeza de um amanhã feliz ela não tinha, mas isso não importava, estava com ele, estava com o pai de sua filha e o homem que lhe jurava amor todos os dias, de várias formas diferentes e isso bastava.

— Boa noite! — O juiz começou seu discurso, chamando a atenção dos noivos e dos presentes. — Estamos aqui hoje para celebrar o que há de melhor na vida: o amor, a confiança, a esperança e o companheirismo entre esse casal...

Capitu então o encarou, vendo-o com olhos fixos em seu rosto, os dois perdendo-se naquele olhar apaixonado... No mesmo minuto, ela viajou por aquele último ano em que estavam juntos, se lembrou desde o dia em que o conheceu até aquele exato momento. Lembrou-se de como a protegeu quando ainda nem o conhecia, de como quis tomar sua dor, de como a amou incondicionalmente...

Recordou os últimos meses em que moraram juntos, pelo cuidado que tinha com ela, de quando

ligava para saber se queria algo diferente para comer, de quando a amava dando tudo de si e das noites em que perdia horas conversando com o bebê em seu ventre, enchendo seu coração de contentamento e amor. Deixou-se levar por lembranças e sentimentos, sem ao menos ouvir o que o juiz à sua frente dizia.

— Assim sendo — o juiz proferiu ao final do discurso que nenhum dos dois parecia ouvir —, por favor, deem as mãos e vamos dar início aos votos de amor.

Capitu respirou fundo e se voltou para Tiberius, ficando frente a frente com ele, segurando a mão grande e quente entre as suas. Estava nervosa, suando, ansiosa, e seu bebê parecia sentir isso ao dar cambalhotas dentro de seu ventre, fazendo-a rir.

— Acho que sou eu, não é? — Começou ela, tentando não mostrar seu nervosismo. — Acho que o amei sem que me desse conta. Não, eu não acho, tenho certeza. Você é uma pessoa impossível de não amar, Tiberius e me vi irremediavelmente amando-o, apesar das dúvidas presentes em meu coração. É aquele que desejei para minha vida, que

permeava meus sonhos, tendo a voz de um anjo que lia para mim. Sim, eu sei que era você no hospital e passou a ser o meu anjo desde então. Eu o amo e prometo amá-lo a cada novo dia, a cada anoitecer e alvorecer, a cada crise, a cada choro, a cada momento de nossas vidas, pois o seu amor criou raízes em meu coração e me transformou de certa forma. Lutarei por nós e sempre tentarei dar o meu melhor para você e nossa filha, pois vocês são o melhor de mim. — Capitu terminou de falar, tendo as pernas bambas, assistindo de perto ao homem que tanto amava engolir em seco, emocionado.

— Fica difícil falar depois disso — disse embargado, arrancando algumas risadas dos demais. Pigarreou, começando seu discurso: — É moça, quando a vi naquele café, enrugando o nariz por causa da sua leitura, soube que não conseguiria mais tirar aquela linda mulher dos meus pensamentos. Já fazia parte de mim, sem que precisasse de um planejamento para isso. Acho que é assim que o amor age, não é? Passei a ir naquele lugar apenas para vê-la, para acalmar meu coração que, de alguma forma, já estava apaixonado por você. Eu seria mentiroso se dissesse que tentei controlar esse sentimento, e com o tempo, você só

PERIGOSAS ACHERON

o levou a crescer. Eu a amo, minha moça e prometo amá-la em todos os momentos, em todos os dias enquanto eu viver, enquanto meu coração bater. Você é a mulher da minha vida e não a deixarei escapar nunca mais, prometo honrá-la, respeitá-la enquanto eu viver.

Uma lágrima escapou dos olhos de Capitu. Não tinha como não chorar, não tinha como controlar a alegria crescente em seu íntimo. Emocionada, viu entregarem a ele a caixinha com as alianças e o juiz proferir mais algumas palavras que se perderam em meio à bolha de intensidade daquele momento, da certeza de dias cheios de amor...

— Capitu Moreira, eu te dou esta aliança como sinal de que escolhi você para ser minha esposa e minha melhor amiga. Receba-a e saiba que eu te amo — disse ele, repetindo as palavras que eram ditas pelo juiz e colocando, no dedo anelar gordinho pelo inchaço, a grossa aliança dourada.

— Tiberius Fonseca Lima, eu te dou esta aliança como sinal de que escolhi você para ser meu esposo e meu melhor amigo. Receba-a e saiba que eu te amo — proferiu em seguida e deslizou a

aliança no dedo masculino, tendo um bolo embargando sua garganta, a emoção a lhe corroer de alegria.

— O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta — disse o juiz, fazendo a citação da Bíblia, 1 Coríntios 13:4-7. — Tiberius e Capitu, ninguém além de vocês mesmos detêm o poder de proclamá-los esposo e esposa. Porém, vocês nos escolheram como anunciantes desta boa nova. E assim, tendo testemunhado sua troca de votos diante de todos que estão aqui hoje e, com base nesta certidão de casamento que vocês assinaram antes no cartório, é com grande alegria que declaro que vocês estão casados. O noivo pode beijar a noiva.

Tiberius sorriu antes de se aproximar de sua noiva — agora esposa — e tomá-la em seus braços, beijando os doces lábios femininos. Agora eram um só, marido e mulher e honraria aquele amor, trabalharia dia após dia para que isso acontecesse,

para merecê-la e amá-la com tudo de si. E em meio a turbilhões e batalhas perdidas, eles seriam felizes. Sem rótulos, sem expectativas, apenas um homem e mulher que tem dentro de si um amor incomensurável...



Um ano depois...

A mulher ainda dormia na cama, acordando assustada pela claridade que invadia o quarto naquela manhã de domingo. Olhou o relógio ao lado da cama e se assustou com o horário, levantando-se em busca dos chinelos para ver se a filha também estaria acordada, já que era hora de alimentá-la. Saiu correndo para o quarto do bebê e encontrou o berço vazio. Ouviu a voz grossa, vindo do andar de baixo, acompanhada de uma risada infantil gostosa, que ela conhecia bem e desceu as escadas, sorrindo.

A noite passada tinha sido cansativa para o casal, em especial para ela, que ainda estava amamentando. A menininha estava com os dentinhos nascendo e tivera febre na noite anterior, só se acalmando quando estava mamando no seio da mãe, que a ninava com carinho, sob o olhar atento e carinhoso do pai.

Encontrou pai e filha sentados no tapete do chão da sala, rodeados de brinquedos. Tiberius estava com o dorso nu, vestindo apenas uma bermuda jeans, a brincar com a filha que lhe sorria enquanto balançava um cachorrinho de pelúcia em frente ao seu rosto, proferindo palavras inteligíveis para Capitu, mas que Let parecia entender ao gargalhar com o pai, tendo Tita deitada preguiçosamente ao lado.

Ela suspirou de contentamento... e amor!

— Ei, já quer comer, amorzinho? — Tiberius perguntava amorosamente, como se fosse obter uma resposta, enquanto a garotinha de cabelos escuros e olhos verdes o olhava encantada. — Acho que passa da hora de comer e não vamos acordar a mamãe, certo? O papai fará a papa mais gostosa que você já comeu, a melhor de todas. Vamos

PERIGOSAS NACIONAIS

colocar a da mamãe no chinelo, você vai ver. Será de lamber os dedinhos. Que tal banana, maçã e um pouquinho de mel?

Ele era um pai perfeito e a pequena era apegada tanto a ele quanto à mãe.

Vislumbrou ali da escada sua família perfeita, que era seu alicerce, sua base, seu refúgio. Era por eles que levantava todos os dias, era por eles que enforcava seus demônios todas as manhãs, eram aquelas duas vidas que a fazia querer mais... E era por si, por ter aprendido a se amar, que queria estar cada dia melhor, cada vez mais aprendendo a controlar seus dragões, sufocar os sentimentos que queriam devorá-la. Era difícil, às vezes não conseguia, mas ninguém disse que seria fácil, ela sabia. Estava disposta a prosseguir, porque não estava mais sozinha, não estava mais abandonada, tinha quem amar, por quem batalhar, por quem seguir em frente e seguiria.... Dia após dia, vivendo um dia de cada vez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Esse é o nosso mundo, caro leitor, e por mais difícil que seja, não pense, em nenhum momento, que não irá superar. Acredite em você mesmo, tenha fé em Deus e em si. O mundo já é desacreditado demais na boa fé, não seja mais um em meio à multidão de cegos, surdos e mudos, não seja mais um *spectrum* vagando por aqui sem nada de bom a fazer, a doar. Seja a diferença que o mundo tanto precisa. Jamais perca as esperanças, pois ela sempre o impulsionará para o futuro e jamais desista do amor... Ele existe e pode ser sentindo na mínima ação possível, basta tirar a venda dos olhos e enxergar beleza no que há de mais feio aos seus olhos...

“Fim? Não, não é o fim, afinal, eles sempre permaneceram vivos em nossas memórias...”

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A todas as meninas, mulheres que sofreram e sofrem, dia após dia, com as doenças da alma, aquelas que não vemos, mas que nos destroem de dentro para fora. À todos, que conhecem a dor do abandono, a dor de um amor não correspondido, da ilusão quebrada, da traição. E, principalmente, a você que, mediante os problemas da vida, jamais desistiu do amor!

PERIGOSAS ACHERON

Playlist

U2- Stuck In A Moment you Can't Out of
A Great Big World & Christina Aguilera - Say
Something

Lulu Santos - Apenas Mais uma de Amor

Coldplay- The Scientist

PERIGOSAS NACIONAIS

Legião Urbana- Índios

The Cinematic Orchestra- To Build A Home

Coldplay- Yellow

Sleeping At last - Heart

The Story - Brandi Carlile

Sia - Thunderclouds

Legião Urbana - Filhos

Lady Gaga & Bradley Cooper – Shallow

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus por me proporcionar sabedoria, inspiração, saúde e força para chegar ao fim de mais uma história. Sem ele, nada seria possível. Agradeço também à minha família que me apoiou e teve paciência comigo nessa jornada, me dando apoio e suporte necessários, impulsionando-me a o melhor de mim e eu os amo por isso.

Ao meu Mr. Darcy particular e único, meu muito obrigada. Meu marido foi essencial nessa jornada curvilínea, sempre me sustentando nos

momentos ruins. Sempre me dando apoio e inspiração... Obrigada, meu amor, te amo.

Agradeço imensamente aos amigos que fiz durante essa longa caminhada. Não foi fácil, mas vocês foram imprescindíveis para mim, estejam certos disso. Quando iniciei Capitu, tive dúvidas se prosseguiria e então Camila Oliveira e Michelle Alves tiveram que me ouvir por dias, enquanto eu tentava desvendar o enredo que Capitu e Tiberius queriam me contar e por isso só tenho a agradecer.

Muito obrigada a Crys Prado, ficaria difícil sem você betando meus capítulos. Agradeço a Sthefane Lima, Gabriela Samesato e Jack A. F. que me aturaram por horas a fio, literalmente.

A Wânia Araújo, claro, não podia faltar. Confesso que tivemos noites insone, enquanto tentávamos organizar e revisar o livro a tempo para a data de lançamento. Não foi fácil, e eu agradeço sua paciência e amizade. Ela teve de me acalmar algumas vezes e me aturar. Esse lançamento não seria possível sem você. Super, super obrigada!

Obrigada a todas, vocês, sem dúvidas alguma, foram anjos que Deus me enviou, um suporte incrível. É, precisamos de ajuda e elas foram os PERIGOSAS ACHERON

meus anjinhos nessa jornada. Sem vocês, eu não teria chegado tão longe. Obrigada de todo o meu coração.

A minha prima, a quem tenho como filha, o meu mais sincero obrigado por todo apoio dedicado a mim. Milane me acompanhou nessa estrada desde o comecinho, entre erros e acertos — mais erros que acertos, admito —, mas ela foi fundamental na caminhada até aqui. E claro, não poderia deixar de citar minha leitora linda, Marília, uma pessoa especial que começou a me acompanhar ainda no meu primeiro livro que postei na plataforma Wattpad. Foi essa pessoa maravilhosa quem despertou em mim o bichinho literário para compor essa história em especial.

Sou imensamente grata a todos, principalmente a você leitor, que chegou até aqui comigo. Sem vocês, nada seria possível, estejam certos. São os responsáveis por me fazer buscar o meu melhor, minha fonte de inspiração. Espero que a obra tenha chegado ao seu coração, te emocionado e despertado as mais sinceras reações, assim como foi para mim ao criá-la. Me emocionei a cada novo passo, a cada folha escrita e foi isso o

PERIGOSAS NACIONAIS

que tentei passar a vocês: as mais lindas emoções.

Um beijo grade de luz a todos e até o próximo romance, que chegará em julho. Um grande abraço e até lá!

PERIGOSAS ACHERON

Próximo livro

Leia também um trecho do livro:

*“A vida é feita de escolhas, porém elas
cobram um preço.
E não importa qual é a sua opção.
Mais cedo ou mais tarde, a vida cobrará a
conta...”*

— Eu não tenho nada contra, Silvy, só acho que não consigo. Olhe bem para mim — falo para Silvy, minha tia postiça, como ela mesma faz questão de lembrar.

— Não seja boba, Cristine. Só preciso lhe passar algumas dicas, e essa sua cara de virgem fará o resto. O serviço é fácil, sem falar que ele irá te pagar uma nota preta para tirar a sua virgindade, e você precisa de dinheiro.

— Silvy! — repreendo-a, sentindo a bile subir a garganta.

— Abra os olhos, Cris! Se olhe no espelho! Você possui uma beleza exótica e tem que se aproveitar disso.

— Eu ainda não sei...

E não sabia mesmo. Eu era apenas uma menina magricela de cabelos claros sem graça e rosto quadrado, sem nenhum atrativo a não ser os olhos.

— Pelo amor de Deus! Eu garanto que Maurício é um homem rico, lindo e cheiroso. E ele

me prometeu que será gentil com você.

Bufo com a fala, como se isso importasse no fim das contas e ela continua:

— Eu sinto muito por isso Cris, sinto muito mesmo. Meu coração está apertado aqui, menina, mas essa é a saída mais rápida.

Apenas aceno, sabendo que ela tem razão...

Estamos no quarto de Silvy conversando, pois, depois de muito relutar, estou prestes a aceitar a coisa mais absurda que já cogitei fazer em minha vida.

— Eu sempre imaginei que seria diferente, sabe? — falo, como se estivesse desabafando comigo mesma, sentindo que estou perdendo algo especial. — Achei que seria com alguém que eu realmente amasse. Um namorado, algo assim!

— Ah, meu bem! Estes sonhos e quem você é neste momento não podem mais coexistir. Isso não faz mais parte de você. A vida te derrubou cedo demais, meu amor, e quando isto acontece, a gente não pode mais sonhar. Agora é a vida real, Cristine.

Sinto meus olhos encherem de lágrimas.

— Meu Deus! Há alguns dias, eu era só uma garota que tinha passado no vestibular de medicina... — Levanto-me, sentindo o desespero de dias atrás tomar posse de mim outra vez.

— Você tá precisando de dinheiro, ou não? — Ela parece enfim se cansar de me convencer a achar uma saída.

— Sabe que preciso disso mais do que qualquer coisa no mundo...

— Sendo assim, meu bem, posso te garantir que não conseguirá isso, trabalhando meio período na biblioteca! A não ser que você tenha um plano para assaltar um banco ou pretenda ganhar na *Megasena*, essa é a melhor saída. Se depois não quiser mais, tudo bem, é só parar — Seus olhos estão em mim, apreensivos e pesarosos.

Respiro fundo, tentando aceitar o que estou prestes a dizer:

— Tudo bem, irei fazer!

Silvy arregala os olhos, estalando a língua em concordância.

— Ótimo! Não precisa se preocupar com nada, ele irá saber exatamente o que fazer. Você só

PERIGOSAS ACHERON

precisa relaxar. Se você quiser desistir na hora, lembre-se de Cate!

— Certo — falo sem muita certeza, sentindo-me vazia.

— Agora temos que encontrar um nome de trabalho para você. Acredite: ter um nome de trabalho, ajuda muito! — fala e olha para cima, parecendo pensar em algo, e depois me fita

— Melhora essa cara, garota. Sexo não é ruim! Ainda mais quando se recebe um cheque gordo no final. E o seu, meu bem, será obeso! Acredite em mim.

É ridículo, eu sei. Mas que escolha eu tenho? Acredite, nenhuma.

— Agatha?! — falo rápido.

— Como é? — Ela me olha sem entender.

Silvy já é uma senhora na casa dos 50 anos, baixa e de cabelos vermelhos escuros — pintados, é claro. Eu a considero uma segunda mãe, pois a conheço e convivi com ela desde que nasci. Apesar da idade, ela aparenta ser mais jovem por ser vaidosa e sempre andar bem arrumada. Uma boa pessoa, apesar dos pesares.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O nome, quero Agatha — falo de novo e, dessa vez, com mais certeza.

— Certo! É você quem decide. Maurício virá te pegar às oito e faz questão de passar a noite toda com você. Fique tranquila, isso não é um bicho de sete cabeças, menina. — Ela afaga meus cabelos e sorrir, gentil. — Ele fará praticamente tudo e dirá o que quer de você. Vai gostar dele, tenho certeza!

Dou um suspiro cansado, não querendo acreditar nisso e com medo de estar cometendo um erro.

— Silvy, e se eu não conseguir? O que farei?

— Vai conseguir. Acredite em si mesma!

Respiro fundo, tentando ter a mesma fé, que ela aparenta ter em mim.

— Certo...

Não estava certa do que estava prestes a fazer, mas não me julguem por favor. Preciso muito da grana e se esse é o preço, eu pago. Preciso fazer escolhas a partir de agora, e elas não são nada ortodoxas, mas é preciso.

Depois dessa conversa, Silvy me ajudou a me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

arrumar e às 19:50h, estou pronta — e muito nervosa por sinal. Sentia minhas pernas tremerem e duvidava que elas me obedeceriam quando fosse a hora.

Tentei pensar que isso seria passageiro e que logo me livraria de toda aquela droga. Claro que eu ainda não sabia o que a vida me reservava, mas, posso lhe adiantar que não foi bem o que planejei. Eu achava que a maior desgraça da minha vida já havia passado. Doce ilusão, o meu tormento estava apenas começando!

PERIGOSAS ACHERON

Sobre a Autora

Gisele Rocha Costa, paraense, nascida na cidade de Rondon-PÁ em 30.07.1993, é casada e não tem filhos. Com um grande amor por sua família, acredita que este é o seu principal alicerce.

Seu pseudônimo nasceu do apelido que o avô a chamava, sempre com muito carinho, e por quem tem imensa admiração e amor. Ele é o responsável por forjar parte do seu caráter e tem esse homem íntegro como seu maior exemplo.

Costuma dizer que a escrita a completa, a faz viajar por lugares inimagináveis e, com ela, pretende espalhar amor, paixão, fé e emoções a quem puder alcançar...

Para conhecer mais trabalhos da autora, siga-a nas redes sociais:

Facebook: <https://www.facebook.com/gisa.r.costa>
<https://www.facebook.com/GisaRochaCosta/>
<https://www.facebook.com/groups/351169755509588>
[ref=share](#)

Instagram:
<https://www.instagram.com/p/BxCwLSXgQaM/?igshid=bh734enw6g5u>

Wattpad: <https://my.w.tt/0zSh5SmPKW>

Table of Contents

[Introdução](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Epílogo](#)

[Playlist](#)

[Agradecimentos](#)

[Próximo Livro](#)

[Sobre a Autora](#)